

O TESTE FINAL É O MAIS MORTAL



A  
FORMATURA

O TESTE 3

JOELLE CHARBONNEAU



# A FORMATURA

O TESTE 3

JOELLE CHARBONNEAU

*Tradução*  
Elisa Nazarian

**ÚNICA**  
editora

Diretora  
Rosely Boschini

Assistente Editorial  
Carolina Pereira da Rocha

Produtora Editorial  
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção  
Fábio Esteves

Tradução  
Elisa Nazarian

Preparação  
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação  
Osmane Garcia Filho

Revisão  
Vero Verbo Serviços Editoriais

Capa  
James Fraser

Adaptação de capa  
Eduardo Camargo

Impressão  
Rettec Gráfica

Produção do e-book  
Schäffer Editorial

**Única é um selo da Editora Gente.**

Título original: *Graduation day*

Copyright © 2014 by Joelle Charbonneau

Publicado por acordo com Houghton Mifflin Harcourt  
Publishing Company.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora  
Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>

E-mail: [gente@editoragente.com.br](mailto:gente@editoragente.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Shinyashiki, Eduardo

A formatura / Joelle Charbonneau ; tradução Elisa Nazarian. — 1. ed. — São Paulo :  
Única Editora, 2014. -- (Série o teste)

Título original: *Graduation day*

ISBN 978-85-67028-46-0

1. Ficção juvenil I. Título. II. Série.

14-09238

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

# SUMÁRIO

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21

*Para Margaret Raymo, por sua orientação e visão.  
Eu nunca poderia ter feito isto sem você.*

A FORMATURA

Uma batida na porta me faz dar um pulo. Minhas mãos tremem de exaustão, medo e tristeza, enquanto destranco a porta do meu apartamento na república e viro a maçaneta. Solto um suspiro de alívio quando vejo Raffé Jeffries. Embora a gente esteja cursando a mesma área, quase não temos mais nada em comum. Eu, vinda das colônias, tendo de sobreviver ao Teste para estar aqui. Ele, de Tosu City, onde estudantes que tenham relação com antigos graduandos são recebidos na universidade de braços abertos. Não somos amigos. Mesmo depois de ele ter me ajudado a me salvar ontem à noite, não sei se posso confiar nele, mas não tenho escolha.

Raffé parece despreocupado, mas posso notar o alerta em seus olhos quando entra na minha sala e fecha a porta.

— Cia, eles sabem.

Meus joelhos fraquejam, e agarro as costas de uma cadeira como apoio.

— Sabem o quê?

Que eu saí do campus? Que eu sei que a rebelião conduzida pelo homem que me ajudou durante o Teste não é aquilo em que rebeldes acreditam? Que logo os rebeldes vão desferir um ataque que os levará para a morte? Que Damone... Desvio meus pensamentos dessa pergunta.

— A professora Holt sabe que nós dois saímos do campus.

Seus olhos escuros encontram os meus.

— E Griffin começou a procurar Damone.

É claro que Griffin sairia à procura do amigo. Quando não o encontrar, vai alertar o coordenador da nossa república, a professora Holt. Ela vai se perguntar por que o estudante de Estudos Governamentais de Tosu City desapareceu. Será que o doutor Barnes e seus oficiais vão acreditar que a pressão pelo sucesso fez com que Damone fugisse? Ou vão dar início a uma busca e descobrir que ele está morto? O pânico começa a aumentar. Digo a mim mesma que não havia outra opção, mas será?

Balanço a cabeça. A não ser que meu futuro implique Redirecionamento ou coisa pior, tenho de evitar pensar no passado.

Não existem regras que digam que não podemos deixar o campus. Não posso ser punida só por isso. No entanto, se eles souberem o que vi...

Respiro fundo e pergunto:

— A professora Holt sabe quando saímos e se saímos juntos?

Meus dedos percorrem o símbolo do raio no bracelete de ouro e prata que envolve meu pulso, enquanto penso no rastreador que contém. Aquele que pensei ter inutilizado. No entanto, eu estava errada. Estava errada a respeito de tudo. Agora Michal está morto e...

— Não acho que alguém saiba quanto tempo ficamos fora. Ninguém viu a gente saindo, e não acho que alguém tenha visto quando a gente voltou pro campus. — Raffé passa a mão pelo cabelo escuro. — Mas Griffin me parou quando eu estava indo levar seu recado pro Tomas. Ele me perguntou se eu tinha visto Damone. Depois, quis saber aonde eu e você fomos hoje de manhã. Não sei como, mas ele sabia que a gente estava junto.

Não contei a Raffé sobre o rastreador no bracelete. Em parte eu tinha esperança de não ter de compartilhar meus segredos. Meu pai me preveniu, antes de eu vir pra Tosu City para o Teste, pra não confiar em ninguém, mas confiei. Agora tenho de confiar de novo. Por ter me ajudado, Raffé corre perigo.

Rapidamente, conto a Raffé sobre o que os braceletes escondem e sobre o transmissor que Tomas e eu projetamos pra bloquear o sinal e esconder movimentos do doutor Barnes. Em algum momento ontem à noite ou nesta manhã, porém, esse transmissor caiu do meu bolso. Quando e onde, não sei.

Raffé olha para o símbolo gravado no seu bracelete: uma mola no centro da balança de pratos da justiça.

— Eles estão monitorando nossos movimentos. — Não há surpresa. Não há revolta. Apenas um acenar com a cabeça antes de ele dizer: — Vamos ter de encontrar uma maneira melhor de bloquear o sinal, se não quisermos que eles observem cada movimento nosso, quando fizermos o que quer que você tenha planejado para depois.

O que eu tiver planejado...

Nesta semana a presidente Collindar vai assumir a Câmara de Debates do governo da Comunidade Unida, e pedir a seus membros que votem uma nova proposta. Uma que — caso aprovada — tirará a administração do Teste e da universidade do controle autônomo do doutor Barnes. Uma que o forçará a se reportar à presidente e permitirá que ela acabe com as práticas que mataram tanta gente que só queria ajudar suas colônias e seu país. No entanto, mesmo que eu goste de acreditar que a proposta vai passar e o Teste terá um fim, tudo o que descobri me diz que ela está condenada ao fracasso. Dizem que quando isso acontecer, os apoiadores do doutor Barnes vão convocar um voto de confiança para a presidente. Um voto que — se a presidente perder — definirá não apenas o fim do seu papel como líder, mas o começo de uma batalha que os rebeldes e a presidente não têm esperança de ganhar, uma vez que o doutor Barnes está a par dos seus planos. Na verdade, ele mesmo e seu assecla Symon Dean planejaram a própria rebelião. Só há pouco tempo eu soube de seu verdadeiro propósito; identificar, tomar o lugar e, por fim, destruir qualquer um que se oponha aos métodos de seleção do Teste. Está se aproximando rapidamente a hora em que o doutor Barnes permitirá que as atrocidades se intensifiquem e incentivará o conflito armado, para poder

esmagar a rebelião com a própria violência. Se o plano do doutor Barnes der certo, aqueles que tentam acabar com o Teste vão morrer — e meu irmão está entre eles.

Não posso ficar sentada e deixar que isso ocorra, mas não sei como evitar os acontecimentos que já estão se desencadeando. Pensei que soubesse. Pensei que tivesse encontrado uma maneira de ajudar, mas só piorei as coisas. Agora o doutor Barnes vai observar meus movimentos com mais atenção ainda do que antes. Gostaria de ter tempo pra avaliar as coisas. Meus irmãos sempre caçoavam de mim dizendo que eu levava horas pra tomar uma decisão, quando os outros levavam minutos, mas meu pai me ensinou que tudo o que é importante merece uma análise cuidadosa. As escolhas com que me deparo, agora, são as mais importantes da minha vida.

Estou assustada? Estou. Como a aluna mais nova da universidade, acho difícil acreditar que minhas ações possam mudar o curso da história do meu país. Que eu seja tão esperta a ponto de superar as ideias do doutor Barnes e de seus oficiais, e possa salvar vidas. No entanto, não existe outro jeito. As probabilidades são de que eu fracasse, mas mesmo assim preciso tentar.

— Neste momento, só planejei fazer minha lição e dormir um pouco. — Quando Raffé começa a protestar, digo: — Você também precisa dormir. — Seus ombros caídos me mostram que está tão cansado quanto eu. — Talvez se a gente estiver descansado, descubra um jeito de ajudar a impedir o que está pra acontecer.

Raffé concorda em silêncio.

— Mesmo assim, com tudo o que aconteceu, talvez seja melhor a gente ficar dentro da república pelo resto do dia. Tenho certeza de que a professora Holt vai ter alguém te espionando. Você precisa tomar cuidado.

Uma série de cliques abafados chama minha atenção. Depois novamente. Um. Dois. Três cliques fracos do botão de transmissão do Comunicador de Trânsito. O sinal que Zeen sugeriu que usássemos para indicar que um de nós precisava conversar. Ele deve ter encontrado um lugar onde seja seguro falar. Para mim, porém, não é. Não com Raffé aqui. Tenho sido forçada a confiar nele para muitas coisas, mas não vou fazê-lo neste caso. Não com a vida do meu irmão.

— Vejo você mais tarde, hoje — digo.

Raffé inclina a cabeça para o lado. Seus olhos se estreitam, quando os três cliques se repetem.

Fingindo não ouvir nada, vou até a porta e a abro.

— Tenho uma lição pra fazer.

Raffé olha em torno da pequena sala de estar. Meu coração assinala os segundos, enquanto ele espera que o clique recomece. Quando isso não acontece, ele sacode a cabeça e caminha até a porta:

— Estarei por perto, se você precisar de alguma coisa.

Quando a porta se fecha, passo a tranca e corro pro meu quarto. Meus dedos deslizam sob a beirada do colchão e se fecham em torno do aparelho que trouxe comigo da Colônia Cinco Lagos. Ele foi projetado pra se comunicar a distâncias inferiores a trinta quilômetros, com um aparelho que meu pai mantém no escritório. Aquele que Zeen deve estar segurando agora, enquanto espera que eu responda.

Toco no botão de comunicação três vezes para indicar que recebi o sinal.

— Cia, não posso te dizer como estou feliz por Michal finalmente ter te contado onde estou. Eu queria contatar você assim que cheguei a Tosu City, mas Michal disse que era melhor esperar. Você está bem?

O som da voz de Zeen me aquece. Na infância, sempre pude contar tudo a ele. De todos os meus irmãos, era ele quem eu procurava quando precisava de ajuda pra resolver um problema. Tinha certeza de que ele tinha uma resposta pra tudo. Espero que isso ainda seja verdade.

— Estou bem. — Por enquanto. — Mas...

— Ótimo. — Ouço Zeen suspirar. — Isso é ótimo, Cia. Sinto muito ter ficado tão bravo. Não deveria ter deixado você ir embora sem me despedir. Estava com inveja porque você conseguiu o que achei que queria. Eu não sabia...

Penso na mágoa que senti quando Zeen sumiu antes de eu partir para o Teste. De todos nós, ele é o mais passional. O mais fácil de chatear. O mais rápido a reagir quando suas emoções são provocadas, e o que bate com mais força quando alguém que ama é ferido ou levado embora. É por isso que entendo sua ausência quando minha família se despediu, e posso dizer honestamente:

— Tudo bem. Além disso, se você não tivesse se mandado, eu teria pedido permissão pra levar este Comunicador, e você teria negado. Eu não teria sobrevivido aos dois últimos meses sem ele.

— Você deveria ter me ouvido gritar quando vi seu bilhete. — Zeen ri. — Mamãe disse que era um baixo preço a pagar pela maneira como eu tinha me comportado, uma vez que poderia nunca mais ver você. Ela não queria que eu viesse, mas papai entendeu os meus motivos. Cia, estão acontecendo coisas por aqui. Coisas importantes. Não sei se o Michal te contou, mas essas pessoas vão acabar com o Teste. Os líderes daqui têm um plano que vai mudar tudo. É perigoso.

— Zeen...

Entretanto, Zeen não está escutando. Quando eu era pequena, Zeen costumava conversar comigo durante horas sobre coisas que eu não entendia, mas eu não me importava. Adorava ouvir sua voz e saber que ele entendia as coisas sobre as quais falava. No entanto, ele não entende agora.

— Zeen...

— E é complicado, e vai levar tempo demais pra eu te explicar. Não posso falar muito, ou alguém vai vir me procurar. Com tudo o que está acontecendo, eles demoram a confiar.

Mesmo com o aval de Michal. Acho que eles teriam me prendido no minuto em que entrei no acampamento se não fosse pelo...

— Zeen, pare! — Quando se faz silêncio, digo: — Michal está morto. — Minha garganta se fecha. As lágrimas ardem no fundo dos olhos. Dizer as palavras em voz alta as tornam muito verdadeiras. — Eu vi quando ele morreu.

— Cia, isso não pode ser verdade. — No entanto, a hesitação na voz de Zeen me diz que ele está abalado com o que disse. — Eu saberia se Michal morresse. Symon ou Ranetta teriam contado pra gente. — O tom tranquilizador de Zeen é o mesmo que ele usava quando eu era pequena e achava que havia monstros à espreita debaixo da cama. Agora, porém, não dá pra me acalmar com palavras delicadas. Sei que esses monstros são reais.

— Symon não contaria porque foi ele quem matou Michal.

Olho o relógio ao lado da minha cama. Passaram-se cinco minutos. Se Zeen estiver certo, logo virão a sua procura. Não quero que o ouçam conversando no Comunicador e pensem que ele é um espião. Tem coisa demais pra dizer. Muito pouco tempo pra dizer aqui. Tenho de decidir o que é importante agora, e o que pode esperar até conseguirmos outra hora pra conversar.

— Michal levou pro Symon a evidência que a presidente precisa pra influenciar a votação na Câmara de Debates e acabar com o Teste de maneira pacífica. Eu estava escondida lá perto. — Ainda posso ver a expressão do líder da rebelião ao levantar sua arma e disparar. Dois tiros. Depois Michal caiu no chão. — Ouvi Symon dizer que ele e o doutor Barnes criaram a rebelião pra controlar os que querem dar um fim ao Teste. A rebelião não é real.

— A rebelião é real, Cia. — Embora Zeen mantenha a voz baixa, posso ouvir a raiva, a revolta e a descrença fervendo sob a superfície. — Você não acha que eu saberia se não fosse? Essas pessoas estão prontas pra lutar em nome de uma mudança.

— Sei que estão. É isso que o doutor Barnes e o Symon querem que elas façam.

— Cia, isso não pode ser verdade. Eu conversei com a Ranetta e o Symon. Symon...

— Matou Michal. Você não pode confiar no Symon. — Não estou certa quanto a Ranetta. — Michal confiou e está morto. — Mais uma vez o pânico fermenta dentro de mim. Zeen tem de acreditar. — A função de Symon é garantir que os rebeldes fracassem. Se a presidente perder a votação da Câmara de Debates e os rebeldes atacarem, as equipes de proteção e segurança estarão aguardando o doutor Barnes e Symon. Eles dirão que é a única maneira de manter o resto da cidade a salvo. Se a gente não fizer alguma coisa, a rebelião vai fracassar. Mais pessoas vão morrer.

— Espere. Se você tiver razão... — Zeen respira fundo. Quando volta a falar, sua voz mal passa de um sussurro, mas cheia de convicção. — Você tem de dar o fora de Tosu City.

— Não posso. Tenho motivos. — O bracelete no meu pulso. Meus amigos que seriam deixados pra trás. Zeen, que está entre os rebeldes que o doutor Barnes pretende matar. Esta é a única coisa que sei consertar. — Zeen, você deveria ir embora. Tem um monte de prédios que quase não são usados no campus. Você poderia se esconder em um deles.

— Ninguém deve deixar o acampamento sem uma ordem direta do Symon ou da Ranetta.

Ranetta. Uma mulher que nunca encontrei ou vi. Quando Michal explicou a divisão na rebelião — uma facção que pressionava por uma solução pacífica, e outra que, impaciente com os adiamentos, propunha a guerra —, disse que Ranetta era líder desta última. Ela deve ter seguido os métodos de Symon por um tempo, como todos os rebeldes. Se se opuser a eles agora, poderia ser uma aliada? Se Zeen pudesse conversar com ela...

Não. Mesmo que Zeen seja inteligente, quando se envolve emocionalmente, muitas vezes reage sem pensar. Ele não faz parte da rebelião há tempo suficiente para entender a dinâmica e avaliar com eficiência quem é confiável. Quem é que sabe se alguém é? Michal pensava que Symon fosse confiável. Eu também. Além disso, Zeen não passou pelo Teste. Ele não sabe o que ele é, ou quanto ele é verdadeiramente terrível. Esta briga não é dele. Ele precisa cair fora.

— Você poderia escapar sem que eles te vejam.

O acampamento que os rebeldes estão usando era uma base da força aérea antes de ter sido atingida por um tornado. A destruição foi tão grande que o governo da Comunidade Unida abandonou qualquer esperança de revitalização da área. No entanto, embora a terra não seja saudável, nela cresceram árvores. Algumas plantas se desenvolveram. Se existe alguém que pode percorrer um cenário não revitalizado e se esconder daqueles que o perseguem, é meu irmão.

— Talvez. E talvez eu precise, se as coisas seguirem da maneira como você diz, mas ainda não. Estou aqui. Poderia conseguir saber algo de útil. As pessoas esperam que o cara novo faça perguntas. Só preciso ter em mente de que tipo de respostas precisamos. Se houver uma chance...

Espero que Zeen continue, mas só resta o silêncio. Meu coração dispara, enquanto olho o comunicador na minha mão. Zeen deve ter ouvido alguém se aproximando. Será que parou de falar a tempo, ou foi ouvido? Espero que me dê um sinal. Algo que me diga que está a salvo.

Os minutos escoam lentamente. Um. Cinco. Dez. O relógio caçoa de mim. Minha preocupação cresce a cada momento. Em silêncio, aperto o aparelho nas mãos e desejo que meu irmão esteja bem. O fato de eu ter levado aquelas gravações até Michal provocou sua morte. Não posso perder Zeen também. Se isso acontecer, será mais uma pessoa que morreu por causa dos meus atos. Em parte, quero ir encontrar Tomas. Ele estava comigo ontem à noite, quando avistei Zeen pela primeira vez no acampamento rebelde. Vai querer ajudar. Contudo, por mais que eu queira envolvê-lo nos meus braços e me apoiar nele, sei que pode fazer pouca coisa. Tanto ele quanto eu. Como alunos da universidade, quase não temos controle do mundo à nossa volta.

No entanto, existe alguém que deveria poder me ajudar. Michal podia não ter certeza de que ela fosse de confiança, mas não tenho escolha. Não mais. Zeen está participando de uma rebelião que está prestes a pegar em armas contra o doutor Barnes e seus asseclas. O Teste logo selecionará a próxima leva de candidatos. Mais de uma centena de estudantes poderia

mais uma vez ser pressionada para decisões que poderiam eliminar vidas, deles ou de outros. E se meu papel na morte de Damone for descoberto, não vou mais poder agir de maneira nenhuma. Estarei morta. O destino de inúmeras pessoas está em risco para que eu acredite que posso consertar o que foi quebrado. Não sou um dos líderes do país. A presidente é. Essa é a sua função. Não minha.

Tenho de convencê-la a ajudar.

Visto uma calça marrom que comprei depois de chegar a Tosu City, e uma túnica amarela justa, enfeitada com botões prateados. Limpo minhas botas confortáveis, mas gastas, para torná-las tão apresentáveis quanto possível. Na maioria dos dias, puxo meu cabelo num coque na nuca. Hoje me preocupo em escová-lo até que brilhe, antes de trançá-lo num estilo que meu pai lamentava me fazer parecer uma jovem mulher, em vez de uma menininha. Espero que ele esteja certo. Para que meu plano funcione, preciso que a presidente me veja como mais do que uma estudante da universidade. Ela precisa ver uma mulher.

Depois, faço uma bola compacta com as roupas ensanguentadas que estava usando ontem, e meto-a na minha sacola. Não tem como tirar o sangue de Damone dessas roupas. Embora eu raramente tenha pessoas no meu quarto, não quero correr o risco de que alguém veja essas peças. Preciso me livrar delas.

Enfio a mão sob o colchão e puxo uma pequena pistola que Raffè me deu. O peso em minhas mãos parece insignificante, comparado com o peso no meu peito. Usam-se armas em Cinco Lagos, aprendi a descarregar uma pistola quando era bem nova, e o pai de Daileen ensinou a gente a disparar uma pistola mais ou menos na mesma época em que aprendi a multiplicar e dividir. A função do meu pai exigia que morássemos perto do seu trabalho, o que significava morar perto da terra não revitalizada, onde vagavam lobos à procura de carne, e outras criaturas mutantes. Mais de uma vez, feri ou matei um animal preparado para atacar. Se essa arma, porém, for disparada não será em um animal à procura de comida. Depois de enfiar o Comunicador de Trânsito na minha sacola, passo a alça no ombro e saio pela porta, prestando atenção para deixá-la trancada.

Os corredores da república estão quietos. Cruzo com estudantes que conversam entre si num tom mais baixo do que o normal. Não há dúvida de que seja por causa do desaparecimento de Damone. Ao cruzar com os alunos na escada, tomo cuidado para baixar os olhos, para o caso de eles poderem ver a culpa estampada neles. A cada passo me pego esperando ouvir um clique do Comunicador de Trânsito, avisando-me que Zeen está bem.

Quando chego ao primeiro andar, forço-me a caminhar devagar, passos medidos até a porta da frente, de modo que ninguém possa perceber a ansiedade que sinto em relação ao silêncio de Zeen. A cada minuto que passa, tenho mais certeza de que algo terrível aconteceu com ele. Enquanto abro a porta, olho para trás para o caso de Raffè ter me visto descendo a escada e ter me seguido. Não há ninguém, então saio para o sol da tarde. Segundo meu relógio, ainda faltam duas horas até que o jantar seja servido. Se eu não voltar a tempo, minha ausência na hora da refeição será notada, mas não tenho escolha.

Endireito os ombros e contorno a república até o galpão dos veículos, tentando não olhar para o lugar onde eu e Raffé empurramos Damone por sobre a beira do desfiladeiro. Tirando minha bicicleta para fora, olho em torno procurando alguém que pudesse estar observando, depois passo a perna sobre o selim. Meus pés pressionam os pedais. A preocupação com meu irmão impele meu corpo para a frente, apesar do cansaço.

As rodas deslizam pela ponte que cobre a fenda de seis metros de largura que separa a república dos Estudos Governamentais do restante do campus. Só quando pego a rua que leva à biblioteca é que olho por cima do ombro. A essa distância não dá pra ter certeza, mas acho que avisto Griffin parado na ponte, olhando na escuridão do despenhadeiro abaixo. Apesar do meu desejo de encontrar Tomas e lhe pedir que se junte a mim nesta jornada, não faço isso. A última coisa que quero é atrair uma atenção indesejada sobre Tomas. Viro-me e começo a pedalar o mais depressa que posso, na esperança de encontrar ajuda para mim e meu irmão.

Passar sob o arco de metal trançado, tão parecido com o desenho da tira que agora circunda meu pulso, serve como um lembrete de que meu paradeiro está sendo monitorado. Os estudantes da universidade não estão proibidos de deixar o campus, mas, se me aventuro a ir muito longe, a professora Holt e o doutor Barnes com certeza vão questionar minha motivação. Por sorte, como estagiária no gabinete da presidente, tenho motivo para ir a meu destino.

Depois da passagem em arco, paro minha bike, tiro o Comunicador de Trânsito da sacola, e ligo o visor de navegação. Embora já tenha passado por estas ruas, ainda não tenho segurança para escolher o caminho mais adequado. Usando uma tira de tecido da minha roupa manchada, amarro o Comunicador de Trânsito ao guidão. Depois que ele fica seguro, aperto o botão de chamada uma vez. Duas vezes. Uma terceira vez. Nenhuma resposta. Engulo minha decepção e dirijo minhas rodas para o centro da cidade. Enquanto pedalo, visualizo o rosto de Zandri, Malachi, Ryme, Obidiah e Michal. Todos vieram pra Tosu City procurando ajudar o mundo. Todos estão mortos. Tenho de ajudar meu irmão a escapar da mesma sina. Só espero não chegar tarde demais.

**Mal noto os** arredores, enquanto ziguezagueio pela cidade, prestando atenção pra não deixar de olhar o visor do Comunicador. Enquanto pedalo, reflito sobre o que sei. A rejeição da presidente ao doutor Barnes é óbvia. Observei a antipatia mútua pessoalmente. Contudo, embora a presidente queira destituir o doutor Barnes do poder, ninguém sabe se ela vai alterar ou acabar com o processo de seleção da universidade. Os métodos do Teste são terríveis, mas têm obtido resultados. A água pura que bebemos e o número de colônias com terras revitalizadas provam que os líderes treinados pela universidade são experientes.

Dá para confiar na presidente para mudar o sistema quando este está produzindo esses resultados? Não sei. Enquanto o vento fustiga meu cabelo, percebo que, se quero tentar acabar com o Teste, vou ter de descobrir como.

Ruas residenciais dão lugar a ruas com construções maiores, conforme vou adentrando o centro da cidade. Flutuadores pessoais pairam acima, para aqueles que têm negócios que necessitam de atenção num domingo. Viro em outra rua e vejo as torrezinhas destacadas de pedra cinza, e o campanário do prédio que abriga o gabinete da presidente Anneline Collindar.

Guardo minha bicicleta no suporte ao lado da entrada e abro uma das grandes portas de madeira. Dois oficiais vestidos de macacão preto aproximam-se. Dois outros permanecem parados, de cada lado da porta em arco à nossa frente. A cor de suas roupas, suas braçadeiras brancas e as armas prateadas que trazem na lateral sinalizam sua função como oficiais da segurança. Somente aos oficiais da segurança é permitido carregar armas dentro de prédios governamentais.

A lei foi criada depois dos Sete Estágios da Guerra, quando as pessoas se reuniam para discutir a formação ou não de um novo governo central. Argumentos prós e contra um novo organismo governamental foram acirrados. Muitos acreditavam que o último presidente dos Estados Unidos, o presidente Dalton, e os líderes do outro mundo que detinham o poder que causou e avançou nos estágios da guerra deveriam ser culpados pela contaminação da terra e por tantas mortes e destruição. Outros argumentavam que um governo organizado ainda era essencial para que a esperança de revitalização fosse satisfeita. Todos os cidadãos podiam opinar nos debates, mas alguns acharam que as armas eram mais convincentes do que as palavras. Foi o disparo dessas armas pelos que se opunham a um novo governo que levou muitos a acreditar que a ilegalidade prevaleceria sem um governo. A primeira lei aprovada depois da votação para uma nova entidade governamental baniu todas as armas de fogo da

tribuna da Câmara de Debates. Dez anos depois, o banimento se expandiu para todos os edifícios governamentais.

Hoje, estou violando a lei. Para obedecer a ela, teria de entregar a arma que Raffe me deu, algo que não estou disposta a fazer. Não sei como a presidente vai reagir ao que preciso contar a ela. Tenho de estar preparada para o que quer que possa acontecer.

Mudando o peso da sacola no meu ombro, caminho até o oficial da segurança de ombros largos que fica atrás de uma mesinha preta. Dou meu nome e mostro meu bracelete. Quando ele confirma com a cabeça, endireito os ombros e passo pela entrada em arco que leva ao gabinete da presidente.

Como meu estágio começou há algumas semanas, aprendi que, embora alguns membros jovens e dedicados da equipe da presidente possam ser vistos trabalhando aos sábados e domingos, a própria presidente raramente anda pelos corredores nos dias designados para descanso pela Comunidade Unida. Com a presidente agendada para convocar um debate na segunda-feira, deduzo que haverá mais oficiais trabalhando. Não me decepciono. Os corredores que atravesso, para chegar ao gabinete da presidente no primeiro andar, fervilham de atividade. O ar estala de tensão, enquanto os oficiais se juntam em torno de mesas, falando com a voz apressada. Alguns me olham quando passo, mas a maioria está preocupada demais com os próprios afazeres para reparar em mim. Passo por um largo salão de reuniões, onde um cartaz exibe o organograma de debates da semana. SUPERVISÃO DA PROVA E DA UNIVERSIDADE está escrito em letras vermelhas, debaixo da data que marca daqui a dois dias.

Finalmente chego à grande porta de madeira branca do gabinete da presidente. A mesa à esquerda da porta está vazia. Ponho a mão no trinco e viro. Trancada. Uma batida confirma minha suspeita. O gabinete está vazio.

Refaço meus passos de volta para o saguão principal e subo a escada de ferro até o segundo andar. Semanas atrás, subi esta escada pela primeira vez, atrás de Michal. Tinha ficado espantada de vê-lo aqui. Ele tinha fingido não me conhecer, enquanto me levava para conhecer o prédio — um dos mais antigos de Tosu City. Depois de subir o último degrau, caminhei lentamente pelo corredor em direção a um conjunto de portas duplas, ladeadas por dois oficiais envoltos em roxo. Michal disse que as portas levavam aos aposentos particulares da presidente.

Desejando que ele estivesse ao meu lado agora, vou até os oficiais e digo:

— Tenho um recado para a presidente.

O oficial de cabelos escuros, à direita, franze o cenho:

— A presidente não está nas dependências. Você pode deixar a mensagem na mesa do andar de baixo, em frente ao gabinete dela. Um membro da equipe de alto escalão a receberá amanhã.

Reconheço as palavras pelo que significam: uma dispensa. Embora ser autorizada a entrar no prédio me dê o direito de andar pelos corredores, nenhum excesso de confiança consegue esconder meu rosto jovem ou minha pouca altura. Ambas as características me

configuram como uma estudante que não deveria ter nenhum motivo para mandar recados para a líder da Comunidade Unida.

— Tem de existir uma maneira de entregar uma mensagem para a presidente. — Uso o tom firme e calculado do meu pai quando conversava com o senhor Taubs sobre seu bode comer os novos brotos plantados próximo à sua fazenda.

— Existe — admite o homem grisalho, à esquerda.

Antes que ele possa me mandar embora, digo:

— Meu nome é Malencia Vale. Sou estagiária da presidente. A presidente Collindar me pediu há várias semanas que conversasse com ela sobre um assunto específico. Gostaria que alguém lhe dissesse que estou aqui, e estou pronta para discutir esse assunto agora.

— A presidente não aceita...

O oficial grisalho levanta uma mão, interrompendo as palavras irritadas de seu colega. Calmamente, diz:

— Vou passar o seu recado, e espero que seja tão importante quanto acredita. Se não for, você vai descobrir que seu erro de julgamento tem um custo. Está disposta a pagar esse preço?

Custo. Sei qual é o preço do doutor Barnes por um erro de julgamento. Será que a presidente exige o mesmo pagamento? Não trabalho neste gabinete há tempo suficiente para conhecer seus segredos, mas sei que Michal não confiava plenamente na presidente Collindar. Eu também não, mas basta pensar em Tomas e em todos aqueles, cuja vida poderia estar ameaçada, para saber que, não importa o preço, eu pagarei.

Um aceno de cabeça é o necessário para que o oficial grisalho desapareça por uma portinha à esquerda. Ao voltar, ele diz:

— Passei seu recado. É pra você esperar aqui.

Pelo quê, ele não diz. A presidente? Oficiais que consideraram meu pedido impróprio? Só tenho certeza de que meu pedido para falar com a presidente não passou despercebido. Oficiais mais novos, que vi trabalhando em salas lotadas nos andares superiores, sussurram entre si, ao descerem a escada em grupos de dois ou três. Embora finjam estar em algum tipo de tarefa, os olhares que me lançam revelam o verdadeiro propósito. Ouço um sussurro de que eles esperam que eu saiba o que estou fazendo.

Também espero. Quanto mais pessoas passam, mais tenho certeza de que a notícia do meu pedido de encontro se espalhou além do prédio. O trabalho de Michal no gabinete foi arrumado pelas conexões de Symon dentro do governo. Symon introduziu Michal aqui para ficar de olho na presidente e relatar seus planos, mas duvido de que Michal fosse o único informante designado para a tarefa.

Resistindo à vontade de andar, mantenho os olhos à frente e espero que o nervoso que sinto não transpareça no meu rosto. Depois do que parecem horas, uma mulher de cabelos escuros, num vermelho cerimonial aparece no alto da escada. Lança-me um olhar de avaliação, antes de estender uma nota para o oficial de cabelo grisalho. Ele a lê, assente, e vem até mim:

— Por aqui.

Ele me conduz para as portas duplas das dependências particulares da presidente. Abrindo as portas, recua e diz:

— Espere nesta sala. Eles virão te buscar quando for a hora.

Antes que eu possa perguntar quem são “eles”, o oficial me empurra delicadamente para uma pequena antecâmara. As portas atrás de mim se fecham. As luzes fracas e as paredes cinza dão a impressão de que a sala está à sombra. Uma porta muito branca se acha diretamente à minha frente. A maçaneta prateada brilha.

Surge uma lembrança. Seis portas brancas com maçanetas prateadas. Cinco marcadas com números pretos. A sexta é a saída. Esta porta lembra aquelas à minha frente, durante a terceira fase do Teste. Um teste projetado não apenas para avaliar nossas habilidades acadêmicas individuais, mas para examinar nossa habilidade em avaliar corretamente as forças e as fraquezas de nossos colegas de equipe.

— Malencia Vale. — Uma voz feminina emana de um pequeno autofalante na parede. — Você pode entrar agora.

Ponho a mão na maçaneta e respiro fundo. Durante o Teste tive de tomar uma decisão — passar pela porta e enfrentar a prova que estava do outro lado, ou sair sem ter tentado. Acreditar que meus colegas de equipe estavam trabalhando com o mesmo objetivo, ou pensar que alguém que deveria estar lutando pelo bem comum havia nos traído. Durante o Teste, fui para a saída. Hoje, giro a maçaneta e entro.

Não há ninguém ali.

A ampla sala está pintada de um amarelo solar. Em um lado há uma longa mesa preta. Do outro, um conjunto de cadeiras estofadas de azul, em frente a um fogo crepitante. À direita da lareira, há uma porta fechada.

Abro minha sacola, desligo o Comunicador de Trânsito e me acomodo em uma das cadeiras estofadas, quando a porta se abre. A presidente Collindar entra com imponência. Sua alta estatura e os cabelos pretos curtos e brilhantes chamam atenção, bem como sua jaqueta vermelha justa. Ela faz um sinal com a cabeça, reconhecendo minha presença, e se vira para conversar com alguém à porta, atrás dela.

— Já te dei todas as informações que tenho. Espero que esteja preparado.

— Pode confiar em mim — diz uma voz masculina.

Minha respiração para, quando um homem de cabelo grisalho entra na sala e me dá um amplo sorriso. O mesmo sorriso que vi nesta manhã, apenas um momento antes de ele puxar o gatilho e acabar com a vida de Michal. Um sorriso que pertence ao líder da rebelião: Symon Dean.

Conforme seu casaco se mexe, há um reflexo de metal. Ele tem uma arma. Muito provavelmente, a mesma que usou para matar Michal. Seus olhos encontram os meus, e sinto a atração deles, exatamente como senti quando nos encontramos antes. Nós nos vimos apenas duas vezes, durante a quarta fase do Teste, quando ele me deu comida e água. Ajuda fornecida

por ele para dar aos rebeldes uma sensação de vitória, para impedir que sentissem que poderiam sair mais vitoriosos acabando com o Teste por conta própria. No entanto, não é para eu ter essas lembranças. Qualquer sinal de reconhecimento será um sinal de que minhas lembranças do Teste voltaram.

O sangue lateja nos meus ouvidos. Engulo a raiva e o medo, e me forço a manter uma expressão de calmo interesse. Passam-se segundos, mas parece uma eternidade, até que a atenção de Symon se desvia de mim, e volta-se para a presidente.

— Tudo estará pronto, mas ainda acho que você deveria adiar o debate. — Tento não demonstrar surpresa perante as palavras de Symon, enquanto ele e a presidente se afastam na sala. — Ainda que o adiamento seja visto por muitos como um sinal de fraqueza, os dias a mais que ganhar nos dará uma chance de conseguir mais votos. Do jeito que está agora...

A presidente levanta a mão e sacode a cabeça.

— Já existem os que vacilam no seu apoio. Um adiamento poderia fazer com que mudassem de ideia. A não ser que você possa garantir que conseguirá achar o que preciso...

— Você sabe que uma garantia não é possível.

— O que significa que o debate vai continuar como planejado. De uma maneira ou de outra, no final da semana eu declararei a vitória.

— Então, há muito a ser discutido.

Symon solta um suspiro cansado, mas não acho que imagino o brilho de triunfo que vejo nos seus olhos. Sugerir que a presidente perderia poder político ao adiar sua proposta na Câmara de Debates foi sua maneira de eliminar qualquer pensamento que ela tivesse de fazer exatamente isso. Ele é esperto. Espero que ela o seja ainda mais.

A presidente Collindar faz um aceno com a cabeça.

— Vou te encontrar lá embaixo assim que acabar de discutir a experiência da minha estagiária da universidade. Pensei que ter uma estudante que refrescasse minha memória sobre o currículo ajudaria, considerando o tópico do debate desta semana. Não deve demorar.

Symon me lança mais um olhar, antes de assentir e desaparecer pela porta. Depois que ele se vai, a presidente Collindar se senta em uma cadeira à minha frente.

— Disse ao Symon e a outros membros da minha equipe que lhe pedi para se encontrar comigo neste fim de semana, depois de terminado o trabalho que lhe foi dado por seus professores. Achei que seria mais seguro pra você, se corresse a notícia de que estava aqui a meu chamado, em vez de por sua própria iniciativa. Há coisas acontecendo nesta semana que poderiam lhe dificultar ser vista como mais do que uma estagiária para mim e meu gabinete.

— Eu sei — digo.

Uma das sobancelhas da presidente se levanta, mas ela não fala nada, simplesmente espera que eu continue. Respiro fundo e endireito os ombros. A maneira de apresentar minha informação é tão importante quanto o que digo. Tenho de manter a calma, o controle. Este é o teste mais importante que já encarei até agora na vida. Tem coisa demais contida na resposta certa. Não posso falhar.

— Sei que sua equipe tem procurado uma prova tangível de que os métodos do doutor Barnes para o Teste e na condução da universidade vão além dos limites do aceitável. Disseram-me que, sem essa evidência, a votação para a destituição do doutor Barnes do controle será um fracasso.

A presidente Collindar recosta-se em sua cadeira. Seu cabelo escuro cintila contra o tecido azul claro, enquanto ela me analisa.

— Sua informação está certa. A razão de você estar aqui agora poderia mudar isso?

— Espero que sim. Embora não da maneira como acredito que a senhora acha.

— Respiro fundo e explico: — O oficial de Tosu City que me acompanhou da Colônia Cinco Lagos para o Teste começou a trabalhar para a senhora um pouco antes do início do meu estágio. Seu nome era Michal Gallen. — Vejo um lampejo de reconhecimento cruzar suas feições, enquanto o nome é registrado. — Michal me contou que foi transferido para este gabinete pela influência de um homem chamado Symon, que liderava o movimento para acabar com o doutor Barnes e seus métodos extremos. Fui informada de que, por causa da minha idade, é muito perigoso me envolver na rebelião contra o doutor Barnes. Tive pesadelos sobre minha experiência com o Teste. Não sabia se os flashbacks eram reais, mas eles me deixaram disposta a ajudar da maneira que pudesse. Sem o conhecimento de Symon, Michal me deu uma tarefa. Ele me pediu que ajudasse a encontrar a prova necessária para convencer a Câmara de Debates a votar pela saída do doutor Barnes do poder. Ontem, eu trouxe a Michal a evidência que a senhora andou procurando.

A presidente Collindar inclina-se para a frente.

Antes que ela me peça o que eu já não posso dar, digo:

— Michal levou a evidência pro Symon. — Seu sorriso vacila, enquanto ela desvia a atenção para a porta por onde Symon saiu. — Como Symon não sabia do meu envolvimento, Michal ficou na dúvida em me levar para o acampamento dos rebeldes. Eu insisti. E me escondi, enquanto Michal entregava a prova que teria posto um fim ao Teste. Então, eu vi quando Symon tirou uma arma e atirou nele. A evidência se foi. Michal está morto.

A presidente Collindar me observa. Sua expressão não traduz emoção. Meu coração golpeia o peito. Luto contra a vontade de me retorcer sob seu olhar. Quero lhe implorar que acredite em mim. Entretanto, percebo que ela está pesando minhas palavras, julgando meus motivos, minha honestidade.

Finalmente, ela diz:

— Você alega que Michal está morto. Pode provar?

— Não — admito. — Embora, talvez pudesse. Raffé estava lá. Se a presidente o convocasse aqui, seu relato poderia dar peso ao meu. — Mas não mencionei meu envolvimento. Fazer isso agora poderia fazê-la imaginar sobre no que mais eu não tinha sido clara. Talvez o mais importante, se a presidente Collindar não acreditar em mim, com certeza ela vai mencionar este encontro a Symon. O Redirecionamento não será improvável. Caso Raffé seja realmente confiável, não vou entrelaçar meu destino com o dele. No entanto,

percebo que há um fato que dará crédito às minhas palavras. — Michal não vai se apresentar no trabalho na segunda-feira, nem nos dias seguintes. — Fecho minhas mãos em punho, enquanto lágrimas cheias de tristeza e culpa ardem nos meus olhos e se alojam na minha garganta. — Sua ausência confirmará que estou dizendo a verdade, mas então será tarde demais.

— Tarde pra quê? — a presidente Collindar pergunta com calma, mas posso ver pela tensão em seu maxilar que ela fez a equação em sua cabeça. Se eu for digna de crédito, Michal está morto pelas mãos de alguém de quem ela é próxima. Alguém que ajudou a planejar essa votação e o ataque ao doutor Barnes, planejado para vir caso ela fracasse.

Ainda assim, respondo:

— Quando as pessoas tiverem certeza de que Michal desapareceu, a senhora já terá feito sua proposta na tribuna da Câmara de Debates. — A lei da Comunidade Unida determina que, depois que uma proposta é apresentada, e o debate sobre ela começa, a proposta não pode ser retirada. O debate tem de prosseguir, e é feita uma votação. A lei foi criada para garantir que todos os assuntos trazidos à tribuna de debates sejam cuidadosamente analisados. — Assim que a senhora fizer isso, porá em funcionamento os acontecimentos que Symon e o doutor Barnes arquitetaram. Eles querem que a votação fracasse e os rebeldes ataquem. No minuto em que isso acontecer, os defensores do doutor Barnes investirão contra eles. Removerão tanto a ameaça contra o Teste quanto a senhora do cargo, com essa única briga.

— E parecerá heroico fazer isso.

As palavras da presidente Collindar mal passam de um sussurro. Soam tão baixo que eu me pergunto se ouvi direito. Heroico é o último nome que daria ao plano do doutor Barnes de eliminar aqueles que se opõem a ele.

No entanto, agora que penso nisso, percebo que a presidente Collindar viu o que eu não vi. Por necessidade, os rebeldes andaram agindo em segredo. Sua causa é desconhecida para os cidadãos de Tosu, a não ser por uns poucos que podem ter sido recentemente enganados para pegar em armas. E mesmo que ela fosse revelada, a maioria dos cidadãos não conhece alguém que tenha sido escolhido para o Teste. Uma parte está relacionada com aqueles que sentam nas classes da universidade e se tornam líderes do país sem passar pelo Teste ou experimentar o Redirecionamento. Pouquíssimos comemorariam uma rebelião que muito provavelmente derramaria sangue inocente com um propósito que eles, em particular, não compreendem. Se o plano do doutor Barnes e de Symon der certo, os rebeldes serão mortos quase no ato, assim que a violência começar. Sem os rebeldes para falar em nome da própria causa, o doutor Barnes pode dizer que seu propósito era derrubar o governo da Comunidade Unida e destruir a missão de revitalizar o país. Seus defensores dirão que ele é um herói. A história sempre recompensou os vitoriosos.

A presidente Collindar se levanta e fica em frente à lareira.

— Symon está agindo com Jedidiah. — Sua voz é calma, controlada. No entanto, ouço a fina camada de tensão que recobre suas palavras. — Preparar uma rebelião contra si próprio é

algo inteligente. Permite que ele controle tanto aqueles que o seguem quanto aqueles que se opõem a ele. A força de Jedidiah sempre esteve na estratégia.

— A senhora acredita em mim? — pergunto. Surpresa e uma estranha sensação de paz fluem dentro de mim. Eu não apenas passei nessa prova, entreguei esse problema a alguém com o poder de impedir uma série de eventos trágicos. Zeen e eu podemos deixá-la tomar conta disto.

— Acredito em você, sim. — A presidente se vira de volta pra mim. — Você não pensou que eu acreditaria. E, no entanto, mesmo assim assumiu o risco de me trazer esta notícia. Mesmo antes de nos encontrarmos na Câmara de Debates, eu tinha ouvido falar que você era diferente dos seus colegas. Talvez porque as provas de Jedidiah não tenham sido feitas para recompensar aqueles que estão dispostos a se sacrificar. Pelo que sei, o sacrifício durante o Teste frequentemente resulta na eliminação de um candidato.

— Eliminação. — Uma palavra mais agradável do que “morte”.

— É raro que alguém como você tenha chegado tão longe — ela acrescenta.

Penso no Teste. Mais de vinte de nós passaram no quarto teste, e partiram para a avaliação final. O doutor Barnes poderia ter me eliminado então. Por que não fez isso?

A presidente Collindar volta a se sentar.

— Talvez você possa responder a algumas perguntas. Quantos dos rebeldes estão trabalhando com o doutor Barnes? Ranetta também se associou a Symon, ou está tão desprevenida quanto eu?

— Não sei. — Gostaria de saber. — Nunca vi, nem falei com Ranetta. — Uma coisa que agora me preocupa, considerando que meu irmão trabalha lado a lado com ela e com os outros rebeldes. — Symon mandou que alguns da sua equipe levassem o corpo de Michal embora. Eles não pareceram preocupados com sua morte. No entanto, tenho de acreditar que a maioria dos rebeldes quer ver o fim do Teste. — Michal não teria posto fé na rebelião se não fosse assim. Nem Zeen.

— Acredito que sim. Infelizmente, não posso ter certeza sobre quais rebeldes são confiáveis, e quais afirmariam estar do nosso lado para nos eliminar. E uma vez que você diz que o cargo de Michal neste gabinete foi arranjado, a maioria, se não toda a lealdade da minha equipe, também deve ser questionada. É impossível saber quem é leal ao propósito de Symon e quem é leal ao meu.

Ela está certa. A tensão cresce, enquanto a presidente se cala e contempla o fogo. Seus lábios se contraem, único sinal da magnitude do problema à sua frente. É nesse momento que entendo por que ela escolheu liderar.

Ela assente.

— Symon vai ficar conjecturando sobre este encontro. Tenho de descer. Fique aqui. Alguém trará um trabalho para mantê-la ocupada, assim os que estiverem observando não vão questionar por que você continua aqui. Volto logo.

— Mas...

A presidente Collindar sai a passos largos, e no corredor a ouço dizer:

— Alguém virá com um projeto para a senhorita Vale trabalhar nele. Pelo menos, então, seu tempo aqui não será completamente desperdiçado.

Ouçó a porta se fechar e me levanto da cadeira. Apesar do alívio que sinto, não consigo ficar quieta. Andando de um canto ao outro, penso na reação da presidente Collindar às minhas palavras. Sua rápida aceitação indica que já se preocupava com a confiabilidade dos rebeldes. No entanto, continuou trabalhando com eles. Michal me disse uma vez que, apesar de estar na mais alta posição governamental, a presidente Collindar tem menos poder do que o doutor Barnes. Acho que finalmente entendo como isso pode ser verdade. O título de líder só lhe confere autoridade se os oficiais e os cidadãos com quem você trabalha o seguirem. O termo “presidente” não quer dizer nada se as pessoas buscarem liderança em outra pessoa. Com tantos oficiais da Comunidade Unida aliados ao doutor Barnes, possivelmente até mesmo os oficiais deste gabinete, a presidente Collindar tem sido forçada a trabalhar com pessoas em quem talvez não confie totalmente, para recuperar o controle necessário a fim de manter o país unificado. Os presidentes precisam ser suficientemente inteligentes, não apenas para compreender os problemas que surgem à sua frente, precisam encontrar soluções potenciais e uma maneira de inspirar outras pessoas a seguir sua liderança.

A presidente Collindar assumiu o gabinete há menos de cinco anos, depois que o presidente Wendig morreu. Ele ficou no posto durante trinta e quatro anos. Meu professor de Cinco Lagos considerou o presidente Wendig um dos maiores líderes que a história já conheceu. Quando estudei os grandes avanços em água limpa, energia, fontes alimentícias e colonização, feitos sob sua liderança, tive de concordar. Agora, tenho de deduzir que o presidente Wendig sabia sobre o Teste, e sobre o que era esperado dos estudantes que passavam pelas portas do Centro do Teste. Quantas das realizações que ele presidiu foram possíveis graças aos estudantes forçados a sacrificar a própria vida? Será que ele apoiou ativamente o programa do doutor Barnes? Se a resposta for sim, isso diminui os avanços que vieram sob sua liderança? Minha incerteza quanto à resposta me perturba imensamente.

Ouçó uma batida na porta. Pouco depois, uma jovem oficial em vermelho aparece, sobrecarregada com várias pastas grandes, cheias de papel. Atrás dela, vem outra oficial também carregada de papelada. As duas colocam as pilhas sobre a mesa. A segunda vira-se e sai, enquanto a primeira diz:

— A presidente Collindar pediu pra você organizar estes relatórios sobre os graduados da universidade a partir de onde eles viveram. Quando estiver pronto, ela pediu para colocar em ordem alfabética. — Seu sorriso solidário diz que ela acredita que estou sendo punida com trabalho improdutivo, por não fornecer informação mais útil durante meu encontro. Dirigindo-se à porta, acrescenta: — Vários de nós vão trabalhar até tarde hoje à noite. Se você ainda estiver aqui quando a presidente for embora, teremos prazer em ajudar.

Obviamente, o plano da presidente em fazer as pessoas pensarem que desperdicei seu tempo deu certo.

Embora eu saiba que os papéis não fazem parte de uma tarefa real, resolvo organizá-los mesmo assim. Pelo menos, ter algo tangível para focar me impede de me preocupar com o encontro da presidente com Symon. Determino espaços na mesa e no chão próximo, para a cidade e cada uma das colônias. Depois, pego a primeira pilha de papéis e me ponho a trabalhar. Como era de prever, uma vez que Tosu City era a única concentração de pessoas estabelecida nos vinte primeiros anos depois que a Comunidade Unida foi fundada, a maioria dos graduados veio da cidade. No entanto, olhando para a papelada, vejo que no começo havia menos estudantes do que agora. Provavelmente porque, então, mais pessoas fossem necessárias para o trabalho físico envolvido na restauração da cidade.

Como primeira colônia, Shawnee tem a segunda maior concentração, logo seguida em número por Omaha, Amarillo e Ames. Evidentemente, o espaço que reservei para minha própria colônia fica vazio por bastante tempo, antes que eu encontre o primeiro estudante de dezoito anos atrás. Sete anos depois que Cinco Lagos foi criada. Dreu Owens. O filho da magistrada Owens?

Uma vez meu pai me disse que ela teve um filho, mas que ele já não estava entre nós. Deduzi que isso significasse que a criança tinha morrido. Em vez disso, o menino foi selecionado para o Teste e sobreviveu para frequentar a universidade. Segundo a ficha, ele estudou Engenharia Biológica e foi designado para um estágio com um grupo de pesquisa em técnicas voltadas para reverter mutações em plantas e animais. Colocando o papel na seção reservada para Cinco Lagos, fiquei imaginando que trabalho lhe foi atribuído depois de formado, e se ele ainda estaria em Tosu.

A pilha de papéis não classificados vai ficando menor, à medida que prossigo com meu trabalho. Estou começando a última pilha, quando a presidente Collindar entra segurando uma pasta cinza. Foi-se a sensação de preocupação silenciosa que vi quando ela saiu para encontrar Symon. Em seu lugar, vejo força e confiança.

Fico em pé, enquanto ela diz:

— Desculpe-me pela demora. Symon tinha várias ideias para as atividades desta semana. Deixá-lo falar me deu tempo para esboçar um plano. — Ela cruza a sala até a mesa onde estou, olha-me diretamente e diz: — Não posso cancelar a votação da Câmara de Debates. Não sem levantar suspeitas em Jedidiah e Symon. Entretanto, amanhã de manhã sairá a notícia do desaparecimento de um membro da minha equipe. Ninguém questionará um adiamento, enquanto meu pessoal dedica todos os esforços para encontrá-lo. Acho que Symon aparentemente apoiará a decisão, enquanto semeia conflitos entre as facções rebeldes, incitando-os a programar um ataque. Posso convencê-los a se segurar enquanto procuramos Michal. Se tiver sorte, posso conseguir adiar suas ações por uma semana. Só espero que seja tempo suficiente.

— Para o quê? — pergunto.

— Pensei que fosse óbvio — ela diz. — Não tem escolha. Temos de pôr em prática o plano dos rebeldes para acabar com o Teste.

Por um instante fico sem fala, enquanto assimilo o que ela quer dizer.

— Os rebeldes iam começar uma guerra.

— A intenção nunca foi essa — ela diz. — O plano dos rebeldes é coordenar a eliminação de alvos específicos. As mortes se limitarão àquelas ameaças marcadas para acabar. Claro, quando a violência é usada como ferramenta, sempre existe uma chance de acidentes inesperados. No entanto, os envolvidos na formulação desse esquema trabalharam para projetar um plano de ação que limitaria as perdas o máximo possível.

Alvos estratégicos. Término. Ferramentas. Plano de ação. Palavras simples para o derramamento de sangue que elas implicam.

Ela abre a pasta que está carregando, tira uma folha de papel e me entrega. Nela há onze nomes. O primeiro é do doutor Jedidiah Barnes. A professora Vera Holt também está na lista, bem como o professor Douglas Lee e um homem chamado Rychard Jeffries — que tenho quase certeza de que é o pai de Raffé. Só de segurar a folha de papel, meu pulso se acelera e as palmas das minhas mãos começam a suar.

A presidente Collindar não parece notar meu desconforto, enquanto explica:

— A direção do Teste e da universidade é conduzida por um grupo seletivo liderado pelo doutor Barnes. Eles são membros da universidade, oficiais em funções-chave do governo e pesquisadores científicos, cujo trabalho tem sido usado pelo doutor Barnes em benefício do Teste. Todas as pessoas listadas têm bastante influência e autoridade para reter o controle dos programas da universidade e do Teste, mesmo que Jedidiah seja removido da equação. Symon ajudou a criar este documento, portanto existe uma chance de que ele tenha falhas, mas acredito que o plano ainda seja válido.

— A senhora quer matar o doutor Barnes e seus principais administradores?

— Não.

Solto um suspiro de alívio, enquanto a presidente Collindar estende a mão, pega o papel que está comigo, e o enfia de volta na pasta cinza.

— Não vou matar o doutor Barnes e seus seguidores. — Ela coloca a pasta na minha mão. — Você vai.

**Suas palavras atingem** meu peito e me deixam sem fôlego. O fogo crepita. Em algum lugar do prédio, ouço uma batida de porta. A presidente Collindar levanta-se quieta como a morte, observando-me.

— A senhora não pode estar falando sério — murmuro. Embora eu saiba que está.  
— Não posso...

— Pode sim. — Suas palavras são cortantes. Seguras. — Embora o processo do Teste seja mantido longe do público, houve rumores suficientes sobre os testes que cada candidato tem de enfrentar. Para um candidato ser aprovado, tem de ser inteligente, pensar depressa e ser capaz de provar que pode fazer o que for necessário para sobreviver.

De repente, não estou aqui. Estou nas planícies não revitalizadas durante o quarto teste. Tomas sussurra meu nome. À luz tênue, posso ver o sangue que jorra do ferimento em seu abdômen. Will está em pé à minha frente. Seus olhos verdes se estreitam atrás da arma que ele agora aponta para mim. Endireita os ombros e mira. A arma na minha mão dá um coice. Will cambaleia, enquanto a bala lhe penetra do lado. Quando ele corre, ignoro a náusea que está se formando dentro de mim, e atiro mais uma vez.

É. Quando atacada, farei o que for preciso para sobreviver, mas isto...

— Não posso. — Minhas pernas tremem, mas minha voz está firme, forte, mais controlada do que me sinto.

A presidente Collindar atravessa a sala sem pressa, e senta-se na cadeira bem junto ao fogo.

— Vou adiar a votação, mas isso apenas adiará o inevitável. Se você estiver certa sobre a lealdade de Symon, quanto tempo acha que vai levar até que ele incite os rebeldes a partir para o ataque? O que acontecerá então? Você acha que Symon deixará que qualquer um dos rebeldes ou dos cidadãos que os ajudaram viva? O que acontecerá com o país se eu me for? Quem você acha que os membros da Câmara de Debates apontarão para ocupar o meu lugar?

Doutor Barnes. Se não for ele, alguém que ele apoie. O Teste continuará.

— Cia, eu preferiria não envolver você nisto, mas às vezes um líder tem de confiar nos recursos disponíveis. Minha equipe foi infiltrada uma vez, pelo que sabemos. Acredito não haver dúvida de que onde existe um espião há outros, o que significa que não se pode confiar nas pessoas deste prédio. Nem nos rebeldes.

— Os oficiais da segurança...

— Eles se reportam a um dos nomes desta lista. E deve haver outros que o doutor Barnes sabe que pegarão em armas em seu apoio. Caso contrário, ele não teria embarcado nesse tipo de ação. — Ela se vira e contempla o fogo, como se procurasse respostas nas chamas. Suspira. — Eu mesma tentaria executar o plano, mas seria impossível que minhas ações passassem despercebidas, e já não tenho segurança em quem confiar. Você, Malencia, é a única pessoa da qual posso ter certeza, razão pela qual sou forçada a te pedir que cumpra a promessa que fez como futura líder e assuma essa tarefa. Enquanto o doutor Barnes continuar no controle da universidade, os rebeldes não desistirão de seu esquema. As emoções estão exaltadas. Os rebeldes estão insistindo numa mudança. Já conversei com vários deles.

Vejo uma centelha de arrependimento no rosto da presidente, porém, ela se vai com a mesma rapidez com que veio. Então, tudo o que vejo é sua decisão.

— Me contaram que cidadãos na periferia de Tosu foram armados pela facção rebelde de Ranetta, apesar do meu expresso desejo de que isso não acontecesse. Symon me assegurou que essas alegações são falsas, e que minhas ordens estão sendo obedecidas, mas tudo o que ele tem dito é suspeito. Temos de deduzir que existem cidadãos que sabem da rebelião e estão prontos para apoiá-la, pegando em armas. Quando os rebeldes atacarem, esses cidadãos poderão ir às ruas. As forças do doutor Barnes responderão. Pessoas ficarão apavoradas. Alguns lutarão. Haverá mais mortes.

Michal me contou que os rebeldes estavam armando cidadãos. A presidente tem razão em ter medo do que poderia acontecer com armas nas mãos de tantos. O medo. O desespero de sobreviver a todo custo, mas isso poderia acontecer de qualquer modo.

Afastando as imagens, digo:

— Matar o doutor Barnes e seus administradores principais poderia fazer com que a senhora ganhasse o controle do Teste, mas as pessoas entrarão em pânico ao saber que muitos oficiais do governo morreram. Tem de haver outra maneira. — Na solução de provas geométricas, muitas vezes a lógica que leva à solução correta pode vir de mais de uma maneira. Com certeza, deve haver um caminho diferente que a gente possa percorrer agora.

— Quanto mais conversamos, mais eu entendo por que o doutor Barnes a escolheu.

Apesar da minha proximidade com o fogo, o elogio da presidente me faz estremecer.

— Você está certa — ela reconhece. — A morte de vários oficiais da Comunidade Unida causará preocupação. Isso, porém, é muito mais fácil de lidar do que a alternativa. Os oficiais da segurança serão mobilizados em maior número. Depois de uma semana, posso dizer que a pessoa responsável pelos ataques foi morta quando oficiais tentaram prendê-la. Os cronogramas dos funcionários e a distribuição dos cargos de poder voltarão ao normal. As pessoas vão aceitar que a crise terminou porque elas querem acreditar que o mundo está seguro.

Tento imaginar como me sentiria se fosse uma cidadã de Tosu City ao ouvir a presidente dizer a um assassino que a eliminação de altos oficiais do governo já não era uma ameaça. Será que eu acreditaria que o perigo havia passado e que a vida voltaria ao normal?

Sim. Não por ter visto provas, mas porque ia querer acreditar. O plano da presidente poderia funcionar, mas só se alguém realizasse a etapa que vinha antes.

— Matar é errado. — Acho curioso como me pareço composta, porque por dentro minha cabeça está gritando.

— Pense em como o mundo seria diferente, se alguém tivesse eliminado a chanceler Freidrich, antes que ela mandasse assassinar o primeiro-ministro Chae.

O assassinato do pacificador primeiro-ministro Chae estilhaçou a Aliança Asiática e deflagrou o Primeiro Estágio da Guerra.

— Os líderes são frequentemente forçados a tomar decisões que consideram detestáveis, pelo bem das pessoas a quem servem. A última coisa que quero é te pedir para ajudar na eliminação dos líderes que defendem a missão atual da universidade. Não faço esse pedido levianamente. No entanto, é a melhor chance que temos de evitar um caminho que, com certeza, levará a um destino muito pior.

A presidente Collindar se levanta e vem até mim. Tira a pasta da minha mão, vai até a mesa e pega uma caneta. Enquanto abre a pasta e escreve alguma coisa em uma de suas páginas, engulo em seco, fecho os olhos e desejo que estivesse de volta a Cinco Lagos; que nunca tivesse vindo para Tosu City, ou descoberto os segredos por trás do Teste. A guerra ainda estaria à espreita, mas eu não teria consciência disso. A presidente não teria me pedido para trair algo em que sempre tinha acreditado, para consertar o que ela mesma não consegue. Essa não é minha função. O fato de ter vindo aqui alertá-la do risco deveria transferir a responsabilidade de manter a mim, meu irmão, Tomas e meus amigos a salvo, para alguém que oficialmente foi investida de liderança.

— Se eu soubesse que tinha alguma chance de arquitetar esse plano com a minha equipe e que desse certo, faria isso. Talvez eu tenha de tentar como último recurso, caso você não assuma essa tarefa. — Ela devolve a pasta às minhas mãos. — Ao longo da história, os líderes têm usado meios objetivos para eliminar ameaças, que, caso não fossem contidas, poderiam causar um dano muito maior. Quando a Comunidade Unida foi fundada, nossos líderes juraram que faríamos o que fosse necessário para promover a missão de revitalizar e pacificar o país. Agora, essa missão está ameaçada. Estou pedindo a você, Malencia Vale, que ajude a manter nosso país e seu propósito vivos.

O discurso agita meu sangue. Desde pequena, meu objetivo era seguir os passos do meu pai: ser escolhida para o Teste, ir para a universidade, ajudar meu país, mas isto...

— Não me responda agora. — Ela se aproxima e põe a mão no meu ombro. — Entendo a dificuldade da escolha que apresentei a você. Posso segurar os rebeldes por uma semana, pelo menos. Duas, se tiver sorte.

Tão pouco tempo.

— Dentro desta pasta está a lista daqueles que precisam ser removidos para que o Teste acabe, e informações sobre cada um deles. Além disso, há um quarto no quinto andar que poderia ser útil para esta tarefa. Escrevi o código de entrada na primeira página. — A

presidente aperta meu ombro e então se afasta. — Não espero que isso seja fácil. Você pode morrer na tentativa. Mesmo que isso não aconteça, há uma grande possibilidade de que você fracasse — ainda que eu tenha certeza de que não pediria a você isso se achasse que uma dessas alternativas fosse uma conclusão inevitável. Se ao final desta semana decidir não ir em frente com essa incumbência, peço que envie uma mensagem dizendo que o projeto é insustentável.

Uma semana para decidir.

— Não importa qual seja sua escolha, peço que tome cuidado. Symon insinuou que existem membros da rebelião entre os estudantes da universidade. Eles poderiam expor você sem perceber o que fizeram. — Ela caminha em direção à porta. Com a mão na maçaneta, olha pra mim: — Não confie em ninguém, Cia. Não se trata apenas da sua vida, mas também da vida de muitos outros que dependem disso.

Quando ela sai a passos largos, ouço-a dizer:

— Acho que dá pra dizer que a jovem agora aprendeu a lição. Estarei no meu gabinete se mais alguém pedir uma audiência.

A porta permanece aberta, enquanto seus passos vão se afastando. Sei que é hora de me retirar, mas estou chocada demais com o que ouvi; arrasada demais com a tarefa que me pediu para realizar. Quero acreditar que imaginei o que acabou de acontecer, mas a pasta na minha mão contraria essa vontade. Minhas mãos estão geladas, quando abro a pasta e dou uma olhada na primeira página que contém o código a que a presidente se referiu, bem como os onze nomes. Agora são doze. Escrito no final, na caligrafia forte da presidente está o nome Symon Dean. Abaixo do nome há uma série de sete números e as palavras:

— Conto com você.

Fecho a pasta e a coloco em cima da sacola. Depois, arrumo as pilhas de papel do meu trabalho anterior sobre a mesa. No último minuto, pego as três páginas que contêm informações sobre os estudantes da universidade vindos da Colônia Cinco Lagos. Por quê? Não sei. Talvez só porque não posso suportar a ideia de que essa informação esteja nas mãos de alguém que não conhece ou não se preocupa com eles. Ou talvez eu precise de algo que me lembre de onde vim e quem sou eu. Meus pais me educaram para acreditar nos meus conterrâneos e na Comunidade Unida para consertar as coisas. Fico imaginando o que diriam se soubessem que me disseram que, para consertar o país pelo qual eles deram duro, eu agora tenho de, deliberadamente, tirar vidas.

O mundo gira ao meu redor. A náusea agita-se no meu estômago e queima minha garganta. Enfio a pasta na sacola e tropeço numa ondulação do tapete ao me apressar para a porta. A presidente me deu uma semana para decidir o que vou fazer, mas não vejo como fazer essa escolha. Permitir que o Teste continue, ou fazer o que não conseguia quando fui testada, e matar. Não sou como Will, Roman ou Damone. Não posso cometer assassinato para obter vantagem. No entanto, posso eliminar vidas para acabar salvando muitas mais?

Não sei.

E ainda assim, descubro que, em vez de descer a escada, subo. Ouço vozes vindas das salas do terceiro andar, mas não há ninguém no corredor, quando subo rapidamente os próximos dois lances de escada. O quinto andar está quieto. Paro em frente à porta com um teclado de luz vermelha no final do corredor, e me viro para a escada para ver se tem alguém vindo. Não vejo ninguém. Depois de puxar o papel da pasta, aperto o código de sete números, vejo a luz mudar de vermelho para verde, e entro. Espero a porta se fechar antes de tatear as paredes à procura de luz. Quando encontro, meu coração começa a golpear.

Armas grandes e pequenas.

Pilhas e pilhas de caixas de munição.

Facas de vários formatos e tamanhos.

Bulbos cheios de um pó explosivo que meu pai e sua equipe usam para desprender porções de rocha em áreas não revitalizadas.

Depois de um tempo, vejo que o quarto contém mais do que armas. Transmissores de longa distância. Rádios de pulso para bolso. Aparelhos de rastreamento. Gravadores de diferentes formatos. Alguns se parecem muito com os que eu me lembro de serem usados nos nossos braceletes do Teste.

E percebo que o lugar me faz lembrar aquele aonde Michal me trouxe antes do quarto teste. Durante o Teste, olhei as armas fornecidas e vi ferramentas para ajudar na sobrevivência. Agora as vejo como tantos dos meus colegas candidatos do Teste devem ter visto — como um modo de tirar vidas.

Enfio quatro dos rádios de pulso menores na minha sacola. Além deles, coloco vários gravadores e aparelhos de rastreamento, bem como um pequeno monitor que deve ser usado para mostrar a localização do transmissor. Olho as outras prateleiras, e penso em pegar uma das facas maiores. Suas bordas denteadas, porém, me lembram demais a arma que Tomas levava durante o Teste. A que matou Zandri.

Dizendo a mim mesma que não preciso das armas, uma vez que não pretendo levar adiante as instruções da presidente, caminho de volta para a porta e apago a luz. No escuro, fico atenta a sons do outro lado. Quando não ouço nada, esgueiro-me pela porta, espero a luz ficar vermelha de novo e desço.

Uma das oficiais que trouxe as fichas me vê quando chego ao terceiro andar. Ela pergunta se preciso de ajuda com meu trabalho, e digo que já terminei e estou indo para casa. Com um aceno, continuo a descer os outros dois lances, torcendo para que ela não seja um dos rebeldes de Symon.

No hall do primeiro andar, há mais oficiais do que quando cheguei. Mantenho a cabeça baixa e caminho para a saída. O ar puro traz uma sensação refrescante e maravilhosa à minha pele, quando pego minha bicicleta e começo a pedalar. Tento não pensar no pedido da presidente, mas é impossível esquecer o que ela me incumbiu de fazer. Doutor Barnes, professora Holt, Symon, o pai de Raffe, todas as pessoas que participaram da morte de candidatos do Teste, seja ativa ou passivamente. Eles merecem ser punidos por seu papel na

morte daqueles que vieram para cá com esperança. Entretanto, suas ações significam que eles merecem morrer? E se for esse o caso, posso me convencer de matá-los?

Sinto ânsias ao me lembrar da sensação do sangue de Damone correndo pela minha mão, enquanto a vida se esvaía do seu corpo. Se a presidente conseguir o que pretende, o sangue dele vai ser o primeiro que eu verti. Tento refrear a náusea, mas, após três quarteirões, salto da bicicleta e corro até uns arbustos agrupados próximos à lateral de um prédio de tijolos cor de areia. Minha bike cai ruidosamente no passeio atrás de mim, enquanto esvazio o estômago no chão. Limpo a boca e tento endireitar o corpo, mas meu estômago contrai-se novamente e eu me curvo. Minhas pernas parecem gelatina. O suor aflora, e começo a tremer, enquanto as imagens daqueles que morreram passam pela minha cabeça. Os olhos vazios de Ryme, o corpo ensanguentado de Roman, o rosto de Michal, enquanto perdia a cor pouco antes de despencar no chão.

Aos poucos, o tremor diminui, e eu me endireito. Caminho lentamente. A fraqueza que senti parece ter passado, mas, quando apanho minha bicicleta, prefiro caminhar com ela pela rua da cidade a pedalar. Abro os fechos da minha sacola e pego uma garrafa de água. Ela limpa minha boca e minha garganta do gosto de bile, mas não pode eliminar a causa. Dirijo minha bike para o norte, enquanto tomo goles de água, sem prestar atenção para onde estou indo. Quando chego a uma pequena fonte no meio de uma área gramada, cercada por um pequeno quadrado de lojas, deito minha bike no chão, e me sento na borda de pedra da fonte.

Está frio, mas a luz do começo da noite encorajou várias pessoas a vir para fora. Crianças brincam de pega-pega, vários casais sentam-se em bancos ao longo dos passeios que circundam o parque. Tudo parece tão normal! Ninguém aqui sente a tensão da luta pelo poder que está prestes a ameaçar o mundo deles.

Tiro o Comunicador de Trânsito da sacola, aperto o botão de chamada, e fecho os olhos à espera da resposta de Zeen. Entretanto, por mais que eu queira ouvir sua voz, o Comunicador permanece em silêncio, e não tenho ideia do que fazer agora. Fui até a presidente para que ela pudesse salvá-lo e salvar a todos do doutor Barnes, de Symon e da destruição que a falsa rebelião causará. Ela deveria assumir o comando e resolver o problema. Em vez disso, devolveu-o para mim, e não tenho certeza de que seja capaz de seguir a trilha que ela me apontou.

Engolindo com dificuldade, abro os olhos e contemplo a água limpa e clara que borbulha ao meu lado. A fonte não é apenas decorativa; é usada pelos cidadãos para encher suas garrafas e beber, e me vejo pensando nas pessoas que sobreviveram aos Sete Estágios da Guerra. O medo que elas devem ter sentido, quando a coalizão sul-americana atacou; quando o presidente Dalton respondeu, acabando com a postura de isolacionismo que tinha adotado, na esperança de que evitar um conflito trouxesse a paz. Não trouxe. Nem a violência que veio depois. Cidades ao redor do mundo foram arrasadas. Milhões foram mortos. Finalmente, líderes decidiram baixar as armas antes que destruíssem não só seus inimigos, mas eles mesmos. O Quarto Estágio da Guerra terminou e tratados de paz foram assinados.

Apesar da devastação, deve ter havido uma sensação de esperança. Uma sensação de que o pior tinha acabado. A terra, porém, não assinou um tratado. As armas biológicas e químicas, usadas durante os primeiros Quatro Estágios, não podiam ser extirpadas com uma canetada. A paz não seria tão fácil. Terremotos, tempestades carregadas de química, enchentes, tornados, furacões. Quando o Sétimo Estágio da Guerra terminou, o tempo e a paisagem haviam mudado de maneira inimaginável.

É curioso que os humanos tenham sobrevivido. Como teria sido fácil olhar o horror ao redor deles e desistir. A comida era escassa. Era quase impossível encontrar água não contaminada, mas eles não se renderam. Salvaram o que foi possível de suas casas e partiram para encontrar outros sobreviventes. Vieram aqui. Revitalizaram esta cidade. Tijolo por tijolo, árvore por árvore, começaram a restaurar o que seus líderes tinham destruído.

Deve ter havido escolhas terríveis. Pessoas que se recusavam a aceitar um governo centralizado criaram problemas. Acumularam recursos. Provocaram brigas na tribuna da Câmara de Debates e desviaram o foco do bem comum para eles mesmos. Os oficiais da cidade incentivaram-nos a deixar Tosu. Finalmente, eles se foram.

Quando meus colegas de Cinco Lagos e eu estávamos estudando essa parte da história, nossa professora contou que os dissidentes desapareceram da cidade. Deduzi que ela queria dizer que eles partiram pra procurar um novo lugar onde pudessem viver como quisessem. Agora me pergunto: como aqueles que pretendiam derrubar o governo recém-criado tinham partido com tanta facilidade? Principalmente quando sua discordância estava causando tantos problemas para o organismo governamental? Houve distúrbios por comida, painéis solares foram destruídos ou roubados, vigilantes patrulhavam as ruas, lutando com aqueles a quem o governo tinha encarregado de garantir sua segurança e às vezes matando-os. Com escassez de recursos e explosão de criminalidade, deve ter havido uma preocupação de que o novo governo estivesse equivocado, de que não estivesse no controle, de que, talvez, não seguir as novas regras para a distribuição de recursos e a revitalização tornasse as coisas melhores.

Como aqueles dias devem ter sido difíceis. Com novos recursos alimentícios disponíveis, plantas e árvores se desenvolvendo no solo revitalizado, parece impossível imaginar que alguém pudesse ter acreditado que tentar sobreviver por conta própria seria melhor do que trabalhar em conjunto e seguir as mesmas regras. Entretanto, uns poucos confiaram nisso. De algum modo, porém, o governo recuperou o controle. Para isso, será que eliminaram os que pretendiam provocar o caos? Talvez. Se isso aconteceu, estavam errados?

Olho para a água cintilante, pura, e depois para as crianças que riem enquanto brincam. Essas coisas estariam aqui, agora, se os dissidentes tivessem destruído o que acabava de ser criado? Esse fim justifica um meio pavimentado de sangue? Não sei.

Houve uma época em que eu teria certeza. Esta situação teria aparecido em branco e preto. Gostaria que agora fosse assim. Disse à presidente Collindar que não poderia eliminar aqueles cujos nomes estão escritos no papel na minha sacola. Quero acreditar que essa seja a verdade, mas a pressão que sinto crescer no peito enquanto olho a cidade em torno, forjada

com esforço e esperança, me faz pensar se poderia haver outra verdade. Que, assim como os Sete Estágios da Guerra, e o período que se seguiu, a paz virá acompanhada de sacrifício e morte.

Dou uma olhada no relógio na tira da minha sacola. Logo o Sol irá se pôr. Preciso voltar ao campus. Sei que deveria subir na bike e voltar, mas me vejo mais uma vez tirando a pasta cinza da sacola, e abrindo-a. Lá estão os doze nomes, o código para o quarto do quinto andar e o recado que a presidente Collindar me escreveu. Sob essa página, há várias outras folhas de papel reciclado cinza. Onze, para ser exata. Uma para cada um dos onze nomes originais da lista da presidente. No alto de cada página há um nome, seguido da residência da pessoa, informação familiar e o papel no Teste.

Como era de esperar, a primeira página desse grupo está centrada no doutor Jedidiah Barnes. A localização de sua casa não me diz muito, uma vez que não sou de Tosu City. No entanto, lembro-me bem de outros estudantes mencionarem que sua moradia pessoal fica em uma das ruas que circundam o campus da universidade. Leio o nome de sua esposa e visualizo a mulher que encontrei no verão passado, depois que o Teste tinha terminado. Seus dois filhos, que têm dezesseis e doze anos — aproximando-se da idade em que podem se candidatar à universidade. Com o pai como coordenador do programa, não há dúvida de que serão selecionados. Contudo, vão querer fazer parte das provações que se seguem? O doutor Barnes esteve no comando do Teste durante quinze anos. Em todo esse tempo, 1.132 estudantes participaram dele. Destes, 128 passaram pela universidade. Mais de mil, que queriam ajudar o mundo, se foram. Por causa dele.

Conforme a luz diminui, percorro as outras páginas, guardando o máximo possível na memória: a professora Holt — defensora do acréscimo de mais uma fase no Teste, para provocar a habilidade dos alunos em pensar criticamente sob tensão emocional; o professor Markum — chefe do departamento de Medicina, que criou a mais nova versão do soro que apaga a memória, e está trabalhando em um implante neurológico para ajudar os oficiais a monitorarem melhor a maneira como cada estudante em potencial lida com a tensão do processo do Teste; o professor Lee — que, de acordo com a informação, não apenas ajudou a criar o sistema de pontuação para cada grupo de alunos durante a primeira fase do Teste, como propõe um contingente maior de candidatos para garantir que nenhum dos melhores e mais brilhantes deixe de ser notado.

Páginas e páginas de líderes. Todos os que trabalham para dificultar o Teste, torná-lo mais invasivo, mais mortífero.

Uma raiva intensa forma-se em mim, quando recomeço e releio a descrição sob a luz fraca. A essas pessoas foi confiada a vida da próxima geração de líderes. Elas traíram não apenas essa confiança, como também a fé do país como um todo.

Minha visão se tolda com a emoção, dificultando a leitura das últimas páginas. Raiva. Pena. Medo. Desespero. Esses sentimentos diminuem minha decisão de recusar o pedido da presidente, e cutucam as crenças que me ensinaram a valorizar. Quando finalmente termino

minha segunda leitura, enfio os papéis de volta na pasta, encho minha garrafa de água na fonte, e subo na bicicleta. Usando o Comunicador de Trânsito como guia, volto para a universidade pegando a mesma trilha que usei para chegar ao gabinete da presidente. Não é o caminho mais curto, mas não tenho intenção de chegar depressa. Embora preferisse destruir os papéis que a presidente me deu, existe uma chance de que precise das informações deles. Minha melhor opção é escondê-los, para não ser pega com eles.

Avisto uma região onde as ruas e as calçadas estão trincadas e quebradas, a grama é menos verde, e me dirijo para ela. Os telhados das casas estão vergados. Tábuas que atravessam as janelas e as portas indicam falta de material para fazer os consertos. Faltam degraus nas escadas. Rodamoinhos de tinta desbotada decoram o exterior das casas. A maioria dos quintais da frente está suja, com poucas áreas de grama descuidada e amarelada. Se não fosse pelos brotos animadores das árvores saudáveis na rua, eu pensaria que a área ainda precisaria ser revitalizada e que aqui ainda não mora ninguém; mas mora. Uma boneca de pano sentada perto dos degraus estragados da frente de uma casa marrom acachapada, com uma varanda cuidadosamente varrida, e uma pá de metal sem ferrugem, diante de outra moradia, dizem que aqui tem gente.

Desde que vim para Tosu, percebi que, apesar das melhores intenções do governo, é quase impossível uma cidade deste tamanho tratar todos os cidadãos da mesma maneira. Ruas valorizadas pelos oficiais do governo são reparadas com mais frequência do que as ruas de quem não detém postos influentes. No entanto, apesar do aspecto decadente de outras áreas, nunca vi uma tão malcuidada quanto esta. Embora isso me perturbe, de certa maneira fico satisfeita. É óbvio que o governo raramente nota esta rua, se é que nota, portanto, poderia ser um lugar perfeito para esconder os papéis que não quero que ninguém encontre.

Nos últimos raios solares do dia, examino as casas destruídas, grafitadas, dos dois lados da rua, ignorando as que indicam sinais de habitação. Uma pequena construção térrea, com janelas fechadas com tábuas, e um telhado despencado, prende minha atenção. As casas em frente mostram sinais discretos de ocupação, mas parece que há meses nada, a não ser roedores e pequenos animais, chega perto da porta da frente desta, e das duas vizinhas a ela.

Tomando cuidado para me manter na grama e não deixar pegadas na terra, cruzo para o fundo da casa. A porta nos fundos está perigosamente presa nas dobradiças. Posso ver pelo menos um lugar onde um animal fez um ninho na beirada do telhado.

Encosto minha bicicleta no fundo da casa e vou até a porta. As dobradiças soltam um protesto agudo quando abro a porta. Fico parada e espero para ver se alguém aparece. Sem ninguém à vista, entro numa pequena cozinha. Os armários estão sem porta. No centro do cômodo, restos de uma mesa estão espalhados pelo chão, ladeados por três cadeiras de madeira. O chão está coberto de folhas e galhos. Mesmo assim, dou uma olhada no resto da construção para ter certeza de que o lugar não está sendo usado.

O chão da sala de visita está coberto por uma grossa camada de poeira. O único sofá está tão gasto que as molas saltam de suas almofadas. Vasculho o banheiro e dois quartos. Quando

não vejo sinal óbvio de habitação, tiro meu canivete da sacola e abro o armário do quarto. Ajoelhada, uso a lâmina para cutucar em volta das tábuas do assoalho. Várias estão soltas. Forço três, levanto-me para tirar a pasta da sacola, removo a lista de nomes, e enfio o resto dos papéis no canto que abri. Recoloco as tábuas, e empilho as roupas manchadas com o sangue de Damone sobre elas. Depois fecho a porta do armário e saio correndo.

Salvo as coordenadas deste local no Comunicador de Trânsito, depois subo na minha bicicleta e pedalo. Ao chegar ao final da rua, olho para trás para a casa onde os papéis estão escondidos, sabendo que se voltar para pegá-los será porque decidi assumir a incumbência da presidente Collindar.

E não apenas eu. Porque essa tarefa não dá para ser cumprida sozinha. Meu pai me disse para não confiar em ninguém. Desobedei a essa ordem mais de uma vez — muitas vezes em meu prejuízo. E se a presidente estiver certa, e não houver nenhuma outra maneira de acabar com o Teste e a destruição do país que poderia ocorrer, posso ter de desobedecer novamente.

O céu está escuro quando atravesso o arco que marca a entrada do campus. As ruas e os prédios por onde passo são iluminados por energia solar. Vejo menos estudantes do que o normal. Muitos passam as noites de sábado no quarto, recuperando o sono, ou relaxando da tensão, mas normalmente há mais do que o punhado de estudantes que vejo entrando e saindo da biblioteca, ou sentado nos bancos em frente às repúblicas. A pasmeira faz meu coração disparar, enquanto pedalo pela ponte em direção ao galpão da bicicleta. Guardo minha bike e me apresso até a entrada da república.

— Cia.

Dou um pulo ao som do meu nome, e forço a vista nas sombras, procurando de onde vem. Por um instante não vejo nada. Depois, uma figura se afasta do tronco de um salgueiro, ficando sob o fraco luar.

Enzo. De todos os estudantes da universidade, Enzo é quem eu acho que mais entendo, e aquele em quem sou mais inclinada a acreditar que só quer o meu bem. Ele não é como os outros, cujas famílias têm ligações com o governo da Comunidade Unida. Não poderia se apoiar nas relações dos pais para ser aceito na universidade. Enzo batalhou por isso. Assim como eu, queria vir para a universidade para ajudar mais o nosso país. Essa semelhança e a falta de ligação com aqueles que comandam atualmente a universidade são os motivos de eu atravessar o gramado, em vez de entrar. Se Enzo estava esperando por mim do lado de fora da república, deve ser importante.

Enquanto caminho até ele, Enzo olha em torno para ter certeza de que estamos a sós. Quando chego ao seu lado, ele diz:

— A professora Holt está procurando você.

Engulo em seco.

— Você sabe por quê? — Será que ela quer saber o que eu estava fazendo hoje na cidade? Será que suspeita o que a presidente me pediu? Ou tem relação com o que aconteceu ontem à noite?

— A professora Holt está entrevistando todo mundo na república pra ver se alguém tem alguma informação sobre o paradeiro de Damone.

— Vai ver que ele foi visitar a família — digo, esperando que Enzo não ouça a tensão na minha voz. Muitos estudantes de Tosu City usam o tempo livre nos fins de semana pra ficar em casa. Isso não é incentivado pela equipe da universidade, mas também não é condenado. Poder visitar aqueles que amam é apenas mais um aspecto que separa os que vêm da colônia,

como eu, dos alunos nascidos em Tosu City. Até Enzo já tirou um tempo de seus estudos para ir até o lado sul da cidade e visitar a família.

— Conteí que vi Damone da minha janela esta manhã. Ele tinha uma sacola passada no ombro, quando saiu da garagem com a bicicleta. A professora Holt está verificando se Damone foi pra casa. — Enzo olha para a ponte como se procurasse respostas. Depois de vários longos minutos, diz baixinho: — Não consegui dormir ontem à noite.

Seis palavras. O suficiente pra acelerar minha pulsação. Meu coração acentua os segundos, enquanto espero o que vem a seguir. Dez. Vinte. Finalmente, ele diz:

— A janela do meu quarto, ao lado da minha mesa, dá pros fundos da república. Normalmente não me preocupo em olhar para fora, mas olhei. Vi Damone. — Ele vira a cabeça para mim: — E você.

— Eu... — Eu o quê? Eu não estava lá? Estava, e Enzo e eu não estaríamos tendo essa conversa se ele tivesse alguma dúvida de ter sido eu quem ele viu ao luar. — O que você viu? — Minha voz soa desconfortável. Em pânico. Estou ambas as coisas. Se Enzo mentiu sobre o que disse pra professora Holt, terei duas escolhas: fugir ou ser Redirecionada. Vai ver que é por isso que ele está me contando agora. Pra me dar uma chance de fugir.

— Vi você e Damone brigando. Eu estava indo ajudar, mas a essa altura minha ajuda não foi necessária. Damone está morto e eu não lamento. Ele não devia ter te atacado. Pra começo de conversa, nem devia estar aqui. São pessoas como ele que fazem meu pai querer mudar as coisas. Ele e meus irmãos... — Enzo olha novamente para o horizonte. Respirando fundo, diz: — Olhe, não estou te contando isso pra você ficar com medo. Só quero que saiba que pude ver você e o Raffè. Se eu pude, alguém mais pode ter visto. A professora Holt está conversando com todo mundo na república. Você precisa estar preparada.

— Por que você está me contando isso? — pergunto — Você poderia ir até a professora Holt, contar o que viu e receber sua recompensa.

— Não sou Damone — a voz de Enzo treme. — Ele e Griffin querem ser importantes. Eu quero acrescentar alguma coisa. Prometi isso à minha família. Eles estão contando comigo. Entregar você pra professora Holt não os deixaria orgulhosos, nem os ajudaria. Eles estão lutando contra o que ela defende. Eu também. — Enzo dá vários passos em direção à república, e se vira para mim: — Não sei por que você estava fora da república ontem à noite, ou por que deixou Raffè te ajudar. Ele é um deles. Acho que você e eu estamos do mesmo lado. Então, fique esperta, está bem?

Por um momento, apenas nos encaramos. Enzo procurando em mim sinais de concordância, eu esperando que... Não sei. Algo que me diga que está mesmo do meu lado, que não sente aversão por saber que sou responsável por tirar uma vida, que posso confiar nele para me ajudar, caso eu não veja outra maneira de terminar com o Teste, a não ser acatar a ordem da presidente.

O que quer que ele veja no meu rosto deve bastar como resposta, porque sem mais palavras ele se vira e me deixa parada sob o salgueiro, esforçando-me para pensar no que ele

me contou. É seguro eu ficar, ou deveria embalar minhas coisas e fugir já, enquanto ainda posso?

Em parte quero fugir. Se pudesse conversar com Zeen, sei que ele me diria pra fugir, mas ele ainda não responde. Quero acreditar que não tem conseguido encontrar um lugar bastante isolado para me contatar. Pensar em outra possibilidade me deixaria em frangalhos. Meu irmão é esperto e criativo. Só preciso ter paciência. No entanto, não posso esperar até que ele se manifeste, para formular um plano. Se fosse pra eu fugir, Tomas iria comigo. Nós dois somos criativos. Teríamos mais chance de sobrevivência do que a maioria. Nossa sobrevivência no Teste confirma isso. Fugir significaria que eu não teria de encarar a escolha que me foi dada.

Olho para a ponte por um tempo. Imagino como seria deixar este lugar para trás e tudo o que sei. Depois me viro e caminho até a república. Porque há muita coisa em risco. Posso não ser capaz de impedir o que está por vir, mas não posso partir sem tentar, ou sem saber o que foi feito do meu irmão.

A visão de dois oficiais em roxo cerimonial me espera quando passo pela entrada da república. Enzo não está à vista. Assim que os oficiais me veem, o da esquerda dá um passo à frente e pergunta:

— Malencia Vale?

Tento esconder do rosto a preocupação que sinto, enquanto confirmo com a cabeça.

— A professora Holt pediu que você se apresentasse a ela na sala comum principal assim que chegasse. Ela vai ficar satisfeita em saber que você está bem.

Apesar de não estar certa de que a professora Holt se sinta animada ao me ver, agradeço ao oficial pelo recado. Sigo, então, em direção à sala comum, esperando não ter tomado a decisão errada quando escolhi ficar em vez de fugir.

Sigo pelo corredor até a grande sala que usamos para os encontros da república, estudando e relaxando entre as aulas. A professora Holt está sentada perto da grande lareira de pedra. Os ombros quadrados, o cabelo ruivo batidinho e a cor escarlate da sua roupa lhe conferem um ar inegável de autoridade. Pela sala, vários veteranos estão em pé em pequenos grupos. Basta um deles notar minha chegada para que a professora Holt se vire na minha direção. Seus olhos amendoados se estreitam atrás de seus óculos de armação pesada, antes que ela se volte para os estudantes reunidos por perto. Um olhar da professora Holt faz com que saiam depressa pela porta, deixando-nos sozinhas.

Forçando um sorriso, digo:

— A senhora pediu para me ver, professora Holt?

Fico imóvel, enquanto ela me analisa. Meu coração golpeia, enquanto penso nas palavras de Enzo, a mentira que ele jurou ter contado e o papel cinza na minha sacola. Em minha mente, visualizo o nome da professora Holt escrito em letras pretas sólidas, abaixo do nome do doutor Barnes. Será que ela entenderia o propósito da lista se, por alguma razão, pedisse para ver o conteúdo da minha sacola? E o que diria se visse a arma e os transmissores?

— Por favor, sente-se. — A professora Holt me faz um sinal para indicar a poltrona desbotada ao seu lado.

Sento-me, desejando ter encontrado uma razão plausível para permanecer em pé, pois tinha a vantagem da altura e a habilidade para correr. Sentada com a sacola no colo, tenho grande consciência de estar à mercê da professora Holt e da universidade, se não der as respostas certas.

A professora Holt recosta-se em sua cadeira e pergunta:

— Você está passando por algum problema nas suas aulas ou no seu estágio?

O assunto me pega desprevenida. Pisco duas vezes e considero suas palavras aparentemente inócuas. Depois de ter sido designada para o programa de Estudos Governamentais, meus colegas e eu recebemos o plano de aulas. Recebi nove matérias — o máximo de qualquer calouro. A possibilidade de fracasso em suportar a carga de estudos é monitorada de perto. Alguns alunos que se esforçaram já foram Redirecionados para fora da universidade. De acordo com meu orientador, Ian, tenho sido observada com mais cuidado do que meus colegas, em busca de sinais de dificuldade. Havia alguma coisa a meu respeito que o doutor Barnes e a professora Holt acharam problemático, mesmo antes do meu desaparecimento não rastreado do campus, nesta manhã. Algo que remete ao Teste. Mesmo recuperando a memória, não consegui decifrar o que seria. Nem agora, com a professora Holt me encarando, esperando uma resposta.

Admitir que minha carga de trabalho é difícil poderia lhe dar abertura para duvidar de minhas habilidades como estudante, mas dizer que estou lidando com a minha grade de matérias tranquilamente é uma mentira, o que ela, com certeza, vai me apontar. Sem entender sua intenção, digo com cautela:

— É um desafio estar em dia com todo o trabalho, mas estou decidida a conseguir.

— Tenho certeza de que sim. — O sorriso da professora Holt se desmancha. — Damone Pyburn também estava determinado, mas parece que desapareceu do campus. Ninguém o viu desde ontem à noite. Quando seus amigos não conseguiram te encontrar, fiquei preocupada que você também pudesse ter desaparecido.

Seus olhos passam de relance pelo bracelete no meu pulso. Sinal seguro de que meu paradeiro nunca foi posto em dúvida. Pergunto-me se o bracelete de Damone pode ser atualmente rastreado, e se a professora Holt sabe que ele está no fundo do desfiladeiro que circunda o prédio. Ou será que a fenda na terra vai fundo demais para que ela e o doutor Barnes rastreiem com um transmissor de curto alcance?

Dirigindo-lhe um sorriso constrangido, digo:

— Peço-lhe desculpas se fiz alguém se preocupar. Tinha algumas dúvidas sobre um projeto em que estou trabalhando, e resolvi ir até o gabinete da presidente para obter algumas respostas.

Se a professora estiver atrás de uma mentira nas minhas palavras, não vai encontrar nenhuma.

Assentindo, ela diz:

— Gosto da sua dedicação aos estudos, assim como estou certa de que a presidente também gosta. E, é claro, você saiu antes que eu pedisse que os alunos permanecessem na república, para que eu pudesse conversar sobre o estranho sumiço de Damone com todos vocês individualmente. Assim, você não tinha como saber que foi contra minhas ordens explícitas.

— Eu nunca teria saído se soubesse que tinha ordens para ficar no campus.

Seus lábios se contraem.

— Bom, agora que você voltou, talvez possa me contar se teve motivo para conversar ou estar com Damone antes que ele sumisse.

Considero minhas palavras com cuidado, enquanto digo:

— Apesar de estarmos na mesma equipe durante a Iniciação, não conheço muito bem o Damone. Ele deixou claro que não estava interessado em ser amigo dos estudantes das colônias, então a gente raramente conversava.

— E mesmo assim, você salvou a vida dele duas vezes.

Só para acabar com ela depois.

Reprimo a vontade de me mexer no assento, e digo:

— Era a coisa certa a fazer pela minha equipe.

— E você sempre faz a coisa certa.

— Não — respondo honestamente. — Fui educada ciente de que é impossível sempre saber o que é certo. O máximo é tentar fazer o que você acha que é certo pra si mesma, e pra quem estiver à sua volta.

A professora Holt me encara por um tempo, como se tentasse ler significados ocultos em minhas palavras. Finalmente, diz:

— Me contaram que hoje você esteve ausente da república *duas vezes*.

O sangue lateja nos meus ouvidos. Com cuidado, concordo com um gesto de cabeça.

— Fui até a cidade.

— A primeira vez foi com Raffè Jeffries. Conversei com ele mais cedo. Ele me deu uma descrição da sua saída. Talvez você queira me dar a sua.

O que dizer. Não conheço a explicação que Raffè deu à professora Holt por termos deixado o campus. Se minha resposta não bater com a dele, a professora Holt vai questionar tudo o que disse até agora. E usei meu estágio para justificar minha ida até a cidade hoje à tarde. Não posso usar a mesma desculpa pro Raffè e eu termos saído esta manhã.

Esperando que ele não tenha contado uma história elaborada, digo:

— Raffè sabe que não tive muita chance de conhecer Tosu City. Nós nos encontramos no café da manhã, e ele se ofereceu pra dar um giro comigo.

A professora Holt inclina a cabeça pro lado:

— A que horas você e o senhor Jeffries se encontraram?

O café da manhã começa às sete e meia.

— Acho que por volta das sete.

A maioria dos alunos não se levanta nos fins de semana até que tenha começado o horário reservado para o café da manhã, assim, a hora que eu citei dá menos chance para que ela pergunte por que não fomos vistos por outros estudantes. Só espero que a lógica que Raffé usou na sua resposta seja a mesma que usei para criar a minha.

— Você tem certeza de que essa é a hora exata?

Tenho certeza de que não é, mas não posso mudar minha resposta agora. Em vez disso, forço uma resposta e digo:

— Pode ter sido um pouquinho antes, ou um pouquinho depois. Eu não estava tão concentrada na hora.

— O senhor Jeffries disse que vocês dois combinaram de se encontrar hoje de manhã, mas você deu a entender que foi um passeio espontâneo.

Sinto a cor subir ao meu rosto, e agarro minha sacola enquanto meu pensamento dispara, tentando decidir a melhor maneira de explicar a discrepância. Com o canto do olho, vejo alguém hesitante na entrada da sala. Virando-me, nossos olhos se fixam mutuamente. Seu longo cabelo escuro emoldura o rosto pálido e os olhos verde-escuros.

— Precisa de alguma coisa, senhor O'Donovan? — a professora Holt pergunta. Seu tom é cortante, indicando a contrariedade em ser interrompida.

Will não parece se preocupar com a irritação da professora Holt. Exibindo um sorriso evasivo, enfia as mãos no bolso e se recosta no batente da porta.

— Não, só estava me certificando de que a Cia está bem. Eu encontrei com Tomas Endress mais cedo, e ele estava preocupado porque não a tinha visto o dia todo. Não se preocupe, Cia. — O sorriso de Will aumenta. — Não contei pra ele que você passou quase o dia todo com outro cara.

Ele dá uma piscada.

Franzindo o cenho, olho para as minhas mãos como se estivesse constrangida com as palavras de Will. Na verdade, senti alívio quando a professora Holt dispensou Will com o lembrete de que todos os alunos deveriam permanecer na república até depois do café da manhã de amanhã.

Quando ela volta a atenção para mim, digo baixinho:

— Tomas e eu não estamos tão próximos quanto costumávamos, mas não quero deixá-lo preocupado à toa. Nós dois somos de Cinco Lagos... — Dou de ombros e respiro fundo. — Pensei que seria melhor se ele soubesse que minha visita à cidade com o Raffé tinha sido coisa de momento, em vez de algo planejado.

Meus nervos ficam à flor da pele, enquanto a professora Holt me encara, sem piscar por detrás dos óculos.

— É sempre difícil decidir se a ligação emocional se deve a experiências vividas em comum ou a alguma coisa mais profunda. Se você não tomar cuidado, esses tipos de ligação podem provocar distrações de que não precisa. Esta é só uma das muitas razões que me

deixam satisfeita que o doutor Barnes tenha cuidado com a prática de eliminar lembranças do Teste nos candidatos que se saíram bem. A última coisa de que precisamos são alunos que criaram ligações pessoais como mecanismo para lidar com o estresse.

Quando a professora Holt menciona o Teste, vejo-me lembrando da informação que li mais cedo, e sua classificação na lista das pessoas marcadas para morrer. Embora não goste da professora Holt, a ideia de acabar com a sua vida deliberadamente me deixa de coração apertado.

— Professora Holt, posso fazer uma pergunta?

Ela pisca por detrás dos óculos.

— Claro.

Escolho cada palavra com cuidado, enquanto digo:

— A senhora acha que o Teste é a melhor maneira de selecionar futuros líderes?

— Por que você pergunta?

— Ouvi pessoas discutindo o Teste no gabinete da presidente. Como não me lembro da minha experiência, pensei em perguntar pra senhora. A senhora acha necessário fazer com que os candidatos passem pelo Teste?

— Agora, mais do que nunca, precisamos de líderes fortes. Uma escolha errada poderia fazer com que tudo o que reconstruímos desmoronasse. — Olhos escuros, cheios de convicção encontram os meus. — O Teste não é apenas necessário; em minha opinião, o processo está longe de ser duro o suficiente.

A confiança em seus passos ao sair pela porta não deixa dúvida. Se a professora Holt conseguir o que quer, morrerão ainda mais candidatos do Teste.

O corredor da república está quieto, quando vou até a área do refeitório pegar alguma coisa pra comer. Encho um prato e o equilíbrio enquanto subo os dois lances de escada. Ao contrário da maioria das noites, não tem ninguém vagando pelos corredores, o que me faz pensar na chegada de Will durante minha conversa com a professora Holt. Por que ele estava fora do apartamento? Estaria me procurando? Seu aparecimento me ajudou a arrumar uma resposta plausível à pergunta que ela me fez. Terá sido de propósito, ou pura coincidência?

Essas perguntas sobre Will ficam sem resposta, quando giro a chave na fechadura e entro no meu apartamento. Deixando de lado tudo o que diz respeito a ele, e a qualquer plano que possa ter, abro minha sacola e olho as coisas que tirei do quarto do quinto andar. Por que escolhi esses itens ainda é um mistério para mim. Talvez o instinto me tenha feito agarrar qualquer coisa que me desse conforto. Arrumar, criar e modificar tecnologia sempre foi o que fiz de melhor. Desde que fui designada para Estudos Governamentais, eu me senti distante desse meu lado, assim como a geografia do campus e nossas diferentes escolhas de estudo me fizeram sentir separada de Tomas. Subitamente, percebo que os rádios de pulso que estão comigo significam que nada disso é um obstáculo.

Depois dos Sete Estágios da Guerra, os cientistas usaram a maior concentração de radiação eletromagnética no ar para restaurar a comunicação com esses dispositivos. Os rádios de pulso foram designados para registrar uma quantidade substancial de informação, e, usando sinais de pulso também, enviá-la para dispositivos de recepção ajustados numa frequência correspondente. Como qualquer dispositivo ajustado na mesma frequência do rádio emissor pode receber a mensagem gravada, os sinais do rádio de pulso não são uma forma segura de comunicação. Se, porém, pegarmos frequências não usadas pela Comunidade Unida e alterná-las várias vezes, Tomas e eu teremos uma forma melhor de comunicação do que tivemos até agora. Para isso, estou disposta a correr o risco.

Os outros itens do quarto do quinto andar me fazem menos sentido. Giro um gravadorzinho nas mãos. Ele se parece com aquele que me lembro de ter descoberto no meu bracelete do Teste. Talvez seja útil, mas por enquanto não sei bem como. Deixando esse gravador de lado, olho os rastreadores. Embora esteja incerta sobre como usá-los a meu favor, sempre existe a chance de que possam ser valiosos.

Olho para o relógio. Passa das nove horas, e o Comunicador de Trânsito continua em silêncio. Forçando-me a comer, reflito sobre qual a melhor maneira de modificar a frequência do rádio de pulso para algo que não seja tipicamente usado pelos oficiais da Comunidade

Unida. O nó de preocupação do meu peito se desmancha, à medida que me concentro em um problema que posso resolver.

Com a parte da chave de fenda do meu canivete, removo a tampa de trás dos rádios de pulso e examino os transmissores e os receptores. A frequência de recepção é a mais fácil de modificar. Bastam alguns giros de um parafuso, e ela se alterará para baixo. A frequência de transmissão já é um desafio maior, pois esses rádios não têm osciladores, mas usam filtros de onda acústica superficial. Para alterar a frequência, terei de trocar o ressonador SAW e várias outras partes.

Vasculho os itens na gaveta da minha mesa, esperando encontrar o que preciso. No entanto, embora descubra algumas peças que possa usar, faltam outras. As salas do laboratório lá de baixo devem tê-las. Espero.

Depois de recolocar a tampa de trás do rádio, coloco tudo de volta na minha sacola e me dirijo para a porta. Lá embaixo, os corredores estão vazios. Os oficiais de roxo se foram. Tudo está quieto como uma tumba. Viro à direita e sigo pelo corredor no sentido oposto à sala comum, em direção aos quatro laboratórios que temos permissão de usar nos nossos estudos.

Os laboratórios 1 e 4 estão ocupados, o que mostra que nem todo mundo escolheu se refugiar no apartamento. Pisando o mais levemente possível, entro no laboratório 2, coloco minha sacola no balcão de metal, e vou até um conjunto de gavetinhas procurar as peças de que preciso pra criar meu filtro SAW, e componentes adicionais. Pedacinhos de cobre, um quadradinho de cerâmica, parafusos pequenos. Trabalho rápido. Minha segurança cresce, à medida que soldo metal, conecto fios e deixo aquele rádio de lado para começar a trabalhar no próximo. O segundo é mais fácil, uma vez que é só repetir o trabalho. Quando termino, falo meu nome no primeiro gravador do rádio de pulso e aperto Enviar. Momentos depois, ouço minha voz chegar até mim pelo outro rádio. Funcionou. Agora, os dois estão funcionando em uma frequência diferente.

Começo a trabalhar nos outros dois rádios, mas paro e considero minhas opções. Ao colocar todos eles na mesma frequência, posso fazer com que quatro pessoas mandem mensagens entre si. Ainda que pareça uma ideia razoável, não tenho certeza de que seja o melhor plano. Seja qual for a comunicação que eu tenha com Tomas, quero mantê-la em particular. Ele é o único que acredito que está do meu lado. A maneira de manter entre nós o que dizemos é acertar os outros rádios em uma frequência diferente, e modificar o meu com um oscilador para que possa variar entre as duas.

O trabalho me acalma. Minha mente esvazia-se de tudo, exceto equações para determinar frequência; criar o circuito do oscilador; adicionar as peças necessárias para permitir que a minha frequência oscile entre os outros rádios de pulso. Guardo a frequência maior para Tomas. A mais baixa funciona com os outros rádios. Ainda preciso decidir para quem serão dados e por quê. Ao terminar, guardo os rádios na minha sacola e volto para o quarto, orgulhosa do trabalho que fiz. Encolho-me na cama agarrando o Comunicador de Trânsito. Só espero que Zeen esteja a salvo.

Acordo num pulo. O sol jorra pela janela do meu quarto. O Comunicador está na cama ao meu lado — mudo. Não tenho como saber se Zeen tentou me contatar ontem à noite e não consegui ouvir seu chamado. Empurro o botão lateral duas vezes, e espero meu irmão responder. Na falta de uma resposta, saio da cama e verifico a hora. Passa das oito.

Levo o Comunicador comigo até o banheiro, enquanto lavo o sono do meu rosto, e me olho no espelho. Com a ponta do dedo, delinco as cinco cicatrizes no meu braço esquerdo. Enquanto quase todos os estudantes do Teste se curaram de seus machucados e começaram seus estudos na universidade sem marcas, estas não puderam ser removidas. O veneno que me infectou era poderoso demais para ser curado com os remédios disponíveis. Agora que minhas lembranças do Teste voltaram, sei como foram feitas essas cicatrizes, e acho bom que permaneçam. A professora Holt pode acreditar que a remoção das lembranças do Teste faz com que comecemos nossos estudos com maior habilidade de concentração, mas, embora possa ser verdade, ela está equivocada quanto à importância de saber as escolhas que fizemos e o que fizemos.

Eu matei. Não porque quisesse, mas porque não havia escolha. Não, se quisesse viver. Não, se quisesse manter vivas as pessoas com que me importava.

Cheguei a Tosu City sem marcas. Pensava que soubesse o que significava liderança, e o que enfrentaria se fosse selecionada para o Teste. As cinco cicatrizes em relevo me lembram de quanto fui longe e de quanto mudei. Porque não é apenas o exterior que ficou marcado. Onde minhas crenças eram, um dia, preto no branco, agora vejo tons de cinza. Meu pai também deve ter visto esses tons. Ele poderia ter feito a escolha de me ajudar a fugir. Ele e os outros líderes da nossa colônia poderiam ter descoberto uma maneira de eliminar o oficial de Tosu City, antes que tivesse uma chance de informar a nós quatro que havíamos sido escolhidos.

Olhando para trás, vejo tantas coisas que meu pai poderia ter feito, caso quisesse me livrar do Teste. E ainda assim ele me deixou vir. Porque, não importa em que ele acreditava a respeito do processo do Teste, acreditava neste país e na força dos líderes que o governam. Optou por acreditar neste sistema apesar de suas falhas. Penso na folha de papel que está dentro da sacola que penduro agora no ombro, na tarefa que me foi dada e na minha crença de que o Teste precisa acabar, antes que seja permitido matar novamente. Vou ter de decidir se finjo que ainda sou a menina de Cinco Lagos que subiu no flutuador a caminho de Tosu City, ou tirar o melhor daquela menina e permitir que isso se molde em algo novo.

O som de um clique fraquinho me para quando começo a descer a escada. Eu me encho de alívio. E quando o som se repete, corro de volta pro meu quarto, destranco a porta e tiro o Comunicador da minha sacola.

Toco no botão duas vezes em resposta e digo:

— Você está bem?

— Estou bem. E você? Fiquei preocupado quando não respondeu ontem à noite. Se todo mundo por aqui não estivesse tão tenso, eu teria ido dar uma olhada em você.

— Sei me cuidar — respondo. O que confirma isso é eu ter sobrevivido ao Teste e a tudo o que a universidade me aprontou. Ainda assim, é gostoso ter meu irmão pensando em mim, e expressando o desejo de me proteger, mesmo que possa fazer pouca coisa pra me manter a salvo.

— Bom, se quiser tomar conta de você mesma, tem de cair fora daí. Agora — Zeen sibila. — A garota com quem falei ontem à noite diz que há rebeldes no campus, que Symon está usando para recolher informações. Eles também fazem parte de um plano para atacar o doutor Barnes e outros oficiais da universidade aí de dentro.

— Michal me contou que havia rebeldes entre os alunos da universidade — respondo. Ele estava preocupado que estivessem armados. Temia que, se a luta estourasse, pudessem começar uma guerra aberta aqui no campus, e os alunos fossem pegos no fogo cruzado. De acordo com o que Zeen diz, Michal estava certo.

— Hoje de manhã, Symon e Ranetta falaram pra todo mundo no acampamento. Com a votação de amanhã, e o ataque marcado pra começar na sexta-feira, estamos agora sob instruções de remover qualquer coisa ou qualquer um que acreditemos que possa interferir no sucesso da rebelião. Se os estudantes rebeldes estiverem sob as mesmas ordens, não vai demorar muito pra que sejam convencidos a ir atrás de você.

— Isso não faz nenhum sentido. Sou aluna da colônia. Eles deveriam saber que estou do lado de acabar com o Teste. Não seria lógico me eliminar.

— Não é a lógica que está liderando esta rebelião, Cia, é a emoção. Eles querem acabar com o Teste, mas, depois de terem investido tempo e energia, o que eles mais querem é fazer com que o doutor Barnes e todos aqueles que fazem parte do Teste paguem. Estão pouco ligando que morram, desde que aqueles que acreditam ser responsáveis pelo Teste também estejam mortos. Se eles virem você como uma ameaça à vitória, não terão problema em sacrificá-la para garantir uma causa maior. Saia daí enquanto é tempo. Não há nada que possa fazer para impedir o que está vindo.

Há sim.

— Zeen...

— Quieta.

Obedeço ao sussurro ríspido e espero. O metal corta o meu dedo, enquanto agarro o Comunicador e espero Zeen voltar a falar.

— Olhe, estou falando sério. Pegue o Tomas e caiam fora daí. Ele pode te ajudar a ficar em segurança até eu te avisar sobre o que está acontecendo aqui.

— Não vou embora a não ser que você vá. — Se fosse para deixar meu irmão a salvo, eu fugiria.

— Você tem de dar o fora da cidade, Cia. Não é algo com que deveria estar lidando. Me avise quando estiver longe do perigo, e eu tento me juntar a você depois que tudo acabar. Não se preocupe se não receber notícias. Pode ser difícil pra mim conseguir algum lugar suficientemente isolado pra falar, mas entro em contato com você assim que puder.

— Não. Não vou embora sabendo que você ainda corre perigo.

— Não se preocupe comigo — ele diz, com um toque do tom de autoconfiança que sempre associei a meu irmão. — Sei cuidar de mim. Tenho de ir.

— Zeen... — sussurro. Por mais que queira repetir seu nome, não me atrevo.

Meus olhos se enchem de lágrimas de frustração, enquanto enfio o aparelho de volta na minha sacola, e me dirijo novamente para a porta. As pessoas vão começar a se perguntar por que estou tão atrasada para o café da manhã. Se Zeen estiver certo, alguns deles poderiam ser rebeldes que esperam uma chance de atacar qualquer alvo, até eu.

Dois oficiais, um de vermelho e o outro de roxo, estão ao pé da escada, quando chego ao primeiro andar e sigo pelo corredor para o café da manhã. Quando entro no refeitório, apenas um punhado de estudantes está sentado às mesas. Durante a maioria das refeições, aqui é barulhento, mas agora está quieto. Os que falam usam tons abafados. Alguns me olham enquanto passo por entre as mesas até aquela à qual meu orientador veterano, Ian, está sentado com Raffé. A maior parte dos estudantes mantém os olhos no prato. Enzo não. Conforme passo por ele, vejo preocupação e o que parece ser um alerta em seus olhos. Algo aconteceu.

Tento me fixar nos olhos de Raffé, enquanto escorrego para o meu lugar à sua frente, mas ele não tira os olhos do prato de pão tostado com ovo e frutas. Ian me passa uma travessa de comida, e coloco uma fatia de pão e um pedaço de presunto no meu prato. A comida tem um gosto delicioso, mas está claro que ninguém está aproveitando a refeição. Um por um, os alunos que restam terminam o café da manhã, empurram as cadeiras e saem.

— O que está acontecendo? — pergunto baixinho a Ian, que permaneceu no lugar.

— Os oficiais da universidade confirmaram que Damone não foi pra casa.

— Eles acham que ele fugiu? — pergunto.

Ian sacode a cabeça.

— Para a professora Holt parece que ele ainda pode estar no campus. Os oficiais detectaram sangue atrás da nossa república, e estão preocupados que Damone possa estar machucado e incapaz de conseguir ajuda. Então, ela mandou que se fizesse uma busca em todos os prédios do campus, inclusive neste. Nenhum aluno pode voltar para o apartamento até que a busca termine. Pediram que a gente se limite à sala comum ou aos laboratórios, ou que espere lá fora até que os oficiais terminem.

Penso nas roupas que deixei na casa abandonada, e nos itens que estão atualmente na minha sacola. Se tivesse deixado qualquer um deles no apartamento, os oficiais estariam vindo atrás de mim, agora. Suspeitariam do que eu sei. Será que eles considerariam esses objetos um sinal de traição? Se a resposta for sim, eu estaria morta. Mesmo assim, estou preocupada com o que mais eles possam encontrar. Será que tem alguma coisa no meu apartamento que levaria os oficiais a me questionar, ou a me remover do campus? Acho que não, mas é impossível ter certeza.

A ansiedade ferve no meu peito, dificultando a respiração. Tentando parecer despreocupada, digo:

— Enzo me disse que viu Damone deixar o campus de bicicleta. Se isso for verdade, por que ela está dando uma busca na república?

Será que a professora Holt não acreditou na história de Enzo? Ou o transmissor no bracelete de Damone estaria emitindo um sinal fraco, que mostra que ele está em algum lugar por perto?

Seja como for, desconfio de que a busca não seja apenas para procurar Damone. A professora Holt sabe dos estudantes rebeldes. Esta pode ser a sua maneira de provocar ansiedade, e talvez induzi-los à ação, para que possa expulsá-los.

— Ela diz que está garantindo que todos os meios de encontrar Damone sejam explorados, mas tenho impressão de que está procurando algo.

— Como o quê?

— Não sei. — Mas seus olhos dizem algo diferente. — Pelo menos um estudante desapareceu a cada ano que frequentei a universidade. Nunca vi uma busca como esta. A professora Holt deve ter um motivo. O tom de Ian me previne de que tem mais coisa acontecendo aqui do que o que está sendo dito. Talvez a busca da professora Holt tenha, de fato, incitado os rebeldes entre os alunos a agir por conta própria.

— Além disso, até novo aviso, os alunos não podem deixar o campus por nenhum motivo. Ela pediu ao doutor Barnes que colocasse oficiais nos portões da universidade para servir de lembrete aos alunos que possam se esquecer disso.

Oficiais de extrassegurança. Uma proibição de deixar o campus. Isso fará com que seja mais difícil, se não impossível, ajudar a presidente Collindar. Eu deveria me sentir aliviada por ter, agora, uma desculpa válida para não cumprir a missão da presidente, mas não se sinto. Sinto-me encurralada e impotente.

— Quando a gente vai poder retomar o estágio? — pergunto. — Eles me encarregaram de algumas coisas.

Ian empurra o prato para longe e se vira para mim:

— Sejam quais forem as tarefas que te deram, pode esperar até que a coisa toda passe. Tenho a sensação de que logo tudo será diferente. Limite-se a ir pra aula, fazer sua lição e ficar boazinha, ok?

Seus olhos seguram os meus. É apenas por uma fração de segundo, mas o suficiente para que eu saiba que há um significado maior nas suas palavras. Ele está confirmando aquilo em que acreditei desde que fui designada para Estudos Governamentais, e Ian me ofereceu ajuda. Ian é um dos rebeldes. O que significa que deve ter armas em algum lugar por perto. Será que está preocupado que a professora Holt as encontre? Se a resposta for sim, ele é muito bom em esconder o medo. Penso se isso aconteceria, caso soubesse que a rebelião da qual faz parte está sendo sabotada.

Quando Michal foi transferido para o gabinete da presidente, ele me contou que um amigo estaria por perto pra dar uma olhada em mim. Acho que esse amigo é o Ian. Se estiver certa, contar pra ele o que aconteceu com Michal e alertá-lo sobre o verdadeiro propósito de Symon

ao criar a rebelião pode torná-lo um aliado. Também existe uma boa chance, porém, de que sua dedicação à causa rebelde o coloque em dúvida quanto ao que digo. Pior, ele poderia contar a Symon o que eu disse, ou agir como Zeen sugeriu, e eliminar a ameaça que, para ele, eu represento para o plano rebelde. A presidente me disse que aquele em quem eu confiar afetará não apenas a minha vida, mas a vida de quem está à minha volta. Sabendo disso, acho impossível decidir. Eu me arrisco a ganhar mais um aliado — um que poderia ajudar a convencer outros rebeldes a ignorar as instruções de Symon — ou espero até saber mais?

Pela primeira vez, gostaria que Ian tivesse passado pelo Teste junto comigo. Se soubesse as escolhas que ele fez durante o Teste, isso me ajudaria agora.

O pensamento me choca. O Teste é algo errado. Desejar saber as decisões tomadas por Ian durante o processo é errado. E, no entanto, apesar do aspecto horroroso dos testes, penso no que o Teste me ensinou sobre mim mesma e sobre meus colegas candidatos. Aprendi que, quando sou pressionada, posso contra-atacar; que sou mais forte e tenho mais iniciativa do que jamais pensei ser possível; que minha disposição em acreditar que todo mundo confia nos valores com os quais este país foi formado, e eu fui criada, é infundada.

Penso na professora Holt e na sua afirmação de que o Teste deveria ser ainda mais árduo; no doutor Barnes e sua crença de que o propósito do Teste é efetivo, quando a pressão dos testes leva uma menina a tirar a própria vida; em Symon, que escolheu levar os que querem mudança — rapazes como Ian e meu irmão — a matar, enquanto facilita a morte dos comandados.

Ian levanta-se:

— Terminou, Cia?

Olho para o prato quase cheio à minha frente, mas sei que estou me referindo a muitas outras coisas quando digo:

— Terminei. Pra mim, chega.

O sol brilha. A grama de um verde vibrante parece fresca e convidativa, quando cruzo por ela até uma área vazia, não longe da ponte. Quero ficar próxima à única saída da área, caso tenha esquecido algo no meu quarto, e os oficiais da segurança venham atrás de mim. Duvido que conseguisse fugir, mas não vou deixar que me peguem sem lutar.

Os dois oficiais do outro lado da ravina me observam, enquanto procuro um canto onde possa me instalar. Alguns alunos, que escolheram encarar que foram banidos do apartamento como se fosse feriado, jogam uma bola uns pros outros, próximo ao salgueiro. Outros se sentam em grupo, conversando baixinho. Alguns poucos, como eu, saíram sozinhos, lendo livros que devem ter trazido para a refeição matinal.

Por um momento, olho a distância, em direção à república de Engenharia Biológica onde está Tomas. Só quero ir até ele. Para descobrir se sua república também está sendo vasculhada. Para lhe contar o que aprendi e o que me pediram que fizesse. Para compartilhar o ônus da decisão que, no fundo do meu coração, já foi tomada. Será que ele aprovará? Ficará ao meu lado e me ajudará a chegar ao fim desta prova, como já fez tantas vezes, ou essa repressão dos oficiais da universidade o convencerá de uma vez por todas de que está na hora de fugir? Não sei.

No entanto, sei que não sou capaz de derrubar o Teste sozinha. Preciso de ajuda. Preciso de pessoas que não apenas sejam capazes de fazer o que eu pedir, mas em quem eu saiba que posso confiar.

— Aonde você foi ontem à tarde? — As palavras ditas baixinho me fazem virar, e vejo Raffé parado perto de uma arvorezinha. — Era pra você ficar lá dentro.

Se eu tivesse feito isso, não estaria planejando o que tenho em mente agora. Uma escolha levou a várias outras.

— Aconteceram coisas demais comigo pra que eu ficasse no meu quarto. Então, dei uma saída de bicicleta pra refrescar a cabeça. — Estou me aperfeiçoando em contar partes da verdade.

— E agora você tem um plano.

Em vez de responder à pergunta implícita, digo:

— Enquanto estava pedalando ontem, fui parar numa rua que parecia não ter manutenção há um tempo. Tem muitas ruas como essa perto da universidade?

— Algumas. Embora não tantas quanto do outro lado da cidade. Nesta região, tem mais oficiais do governo, então tem menos áreas que não são mantidas em bom estado. Meu pai nem

repara que essas ruas existem.

O pai dele.

— Mas você já viu essas ruas.

Raffe dá de ombros.

— Fiz questão de visitar alguns desses bairros no ano passado. Tinha esperança de encontrar algumas respostas.

Espero pra que ele me diga que respostas estava procurando e o que descobriu. Quando ele não diz, falo:

— A rua por onde passei fica a dez minutos do campus. Muitas casas estavam cobertas de grafites.

Ele inclina a cabeça de lado:

— Acho que conheço a rua de que está falando.

— Tem gente que vive lá? As casas parecem vazias, mas achei que tinha visto sinais de que algumas delas ainda estavam em uso.

— Sempre tem gente que não quer aderir às regras do mundo onde está. Como essas ruas estão fora do interesse da maioria dos oficiais do governo, elas se tornam um bom lugar pra se esconder.

Foi isso o que pensei também.

— Por que você está perguntando?

Por mais que eu queira confiar em Raffe, não tenho certeza de que possa. Apesar de tudo o que aconteceu nos últimos dias, ainda não sei se tenho bastante segurança no que ele acredita, para lhe contar sobre a missão da presidente. Sem conhecer sua motivação para me ajudar, não posso lhe contar mais nada.

— Só por curiosidade — digo. — É diferente da maneira como fazemos as coisas lá onde moro. Especialmente as pinturas de cores diferentes e os desenhos em algumas das casas.

— Sempre tem garotos que procuram lugares pra escapar dos pais. Alguns deles gostavam de marcar as casas que usavam pra que os outros garotos soubessem que o espaço estava ocupado. Os oficiais puseram um fim nisso, quando meu irmão estava na escola. Depois disso, o governo perdeu interesse nessas áreas da cidade. Mas você não está interessada só por curiosidade, está? — Quando não respondo, ele faz um aceno com a cabeça. — Você ainda não confia em mim.

Quase tudo em mim me diz que deveria, mas o aviso do meu pai antes que eu saísse de Cinco Lagos me assombra, bem como a consequência de ter desconsiderado seu conselho durante o Teste. Mesmo querendo confiar, não posso. Ainda não. Nesse caso, depois que você confia, não dá pra voltar atrás. Tenho de ter certeza. — Você ainda não me disse por que eu deveria.

— Quando me confiar seus segredos, eu te confio os meus.

Com isso, Raffé atravessa o gramado e contorna os fundos da república. Na próxima vez que dou com ele, está ao lado de Griffin. Os dois estão rindo. Eles olham pra mim.

A busca quarto por quarto continua nas várias horas seguintes. Alguns alunos reclamam. Outros se esticam na grama e dormem. Tomando cuidado para me certificar de que ninguém esteja por perto, tiro um papel e um lápis para organizar os pensamentos. Primeiro, escrevo meu nome, seguido pelo de Tomas. Sob nossos nomes, escrevo outros:

IAN

RAFFE

STACIA

ENZO

BRICK

Todos têm conhecimento ou habilidades que poderiam ser úteis nos próximos dias. Ian, com sua conexão com os rebeldes. Raffé, por conhecer os líderes de Tosu. Stacia, por sua habilidade em deixar de lado as emoções e analisar friamente a situação. Enzo, com sua percepção das tensões entre os cidadãos, sua evidente rejeição ao sistema atual, seu pai e seus irmãos, que devem estar trabalhando com os rebeldes. E Brick, que poderia ter habilidades pra suportar esse tipo de ação, uma vez que seus pais passaram pelo Teste. Ambos se formaram na universidade e foram trabalhar numa antiga organização militar, desenvolvendo técnicas de aperfeiçoamento da segurança das colônias contra animais selvagens ou mutantes, e outros possíveis ataques.

São todos bons motivos para pedir ajuda a esses indivíduos. No entanto, existe mais um fator que precisa ser considerado. Quem terá capacidade para matar? E mais, a qual deles estarei disposta a pedir isso?

Fechando os olhos, respiro fundo várias vezes e penso em cada uma dessas pessoas.

Tomas. Apenas me concentrar nele me deixa mais com o pé no chão. Amo-o e confio nele sem restrição. Talvez ele não goste da decisão que tomei para acabar com o Teste, usando o método da presidente, mas meu coração quer acreditar que ficará do meu lado. No mínimo, não revelará meus planos a ninguém que possa agir contra mim.

Stacia é minha amiga. Ela também foi designada para o campo de estudos médicos. O campo dirigido por uma das pessoas da lista da presidente. Stacia é focada, de opinião forte, e mais do que capaz de lidar com o que quer que apareça. O Teste e sua Iniciação Médica provaram que fará o que for preciso para vencer. Será confiável? Sob circunstâncias normais, tenho certeza de que não. No entanto, se puder ser convencida de que a missão da presidente ajudará em seu desenvolvimento, é possível contar com ela. E tenho certeza de que aprovaria a determinação da presidente de que o fim justifica os meios.

Desenho estrelas ao lado de ambos os nomes, e passo pros outros.

Raffé já demonstrou que pode se tornar mortífero, e a maneira fria como descartou Damone me diz que não tem escrúpulos para fazer o que precisa ser feito. Entretanto, não conheço os segredos que carrega nem o que faria para protegê-los.

Brick também mostrou habilidade em manejar uma arma. Se eu fechar os olhos, posso ver suas balas acabando com os humanos mutantes que ele achou que estavam me ameaçando. O Teste me ensinou que Brick está disposto a confiar nas minhas observações quando se trata de passar numa prova, mas é filho de dois graduados da universidade que acreditam no Teste. Os pais de Brick queriam que ele viesse para a universidade, então ele atendeu a seus desejos e estudou para ser selecionado. Não tenho convicção de que estivesse disposto a ignorar o que os pais lhe ensinaram só pelo que eu dissesse. Na verdade, tenho quase certeza de que relatar minhas ações não seria, para Brick, como traição, mas, sim, como um ato de um bom cidadão. Risco seu nome.

Estremeço quando uma brisa sopra agitando a árvore próxima e esfrego as cicatrizes do braço. Com o canto dos olhos, vejo o flash de um sorriso, e o olhar intenso de olhos verdes. Will.

Alguém que não acrescentei à minha lista, mas alguém que pode matar. Por experiência, sei que Will é esperto e engenhoso, capaz de uma determinação impiedosa. Escolheu matar outros candidatos que não faziam nada além de ficar no seu caminho para um lugar na universidade. Will estará disposto a eliminar as pessoas que lhe deram o que lutou tanto para conseguir? Penso no Will que conheci no começo, aquele que fazia brincadeiras com o irmão gêmeo, que, sob as circunstâncias mais tensas, descobria maneiras de fazer as pessoas à sua volta rirem. Foi quando seu irmão não conseguiu passar no primeiro teste que ele começou a mudar. Sentiu-se sozinho. Estava desesperado para provar que poderia sobreviver sem o irmão. Que o sacrifício daquela âncora da vida toda não fora em vão.

Isso torna sua traição menos triste? Não. No entanto, agora que recuperei minhas lembranças, lembro-me de algo mais, de uma conversa que tivemos depois que os testes terminaram. Apesar da dureza de suas ações, ele aproveitou para saber o nome da garota que tinha matado. Talvez nunca tivesse pensado que a morte dela significasse mais do que um método para conseguir seu objetivo, mas significou. Não posso perdoá-lo por suas ações, mas havia algo na maneira como ele falava dela que me faz pensar se agora ele não faria uma escolha diferente durante o Teste.

Balanço a cabeça e mentalmente risco o nome de Will no momento em que a professora Holt aparece na entrada da república e nos chama. Quando nos aproximamos, ela nos agradece a paciência e nos diz que estamos livres para voltar aos apartamentos ou a qualquer um dos prédios da universidade. No entanto, até que a investigação sobre o desaparecimento de Damone termine, nenhum estudante poderá deixar o campus.

Sou tomada de alívio. Se tivessem achado algo incriminador no meu apartamento ou no apartamento dos estudantes rebeldes, duvido que deixariam que simplesmente continuássemos nossos afazeres. A apreensão volta quando percebo que também existe uma chance de que a professora Holt e sua equipe tenham encontrado alguma coisa e estejam apenas usando essa informação para concentrar a atenção no estudante, ou nos estudantes, que agora está sob suspeita. A maioria dos meus colegas parece despreocupada ao segui-la de volta para o

prédio. O medo de que meus movimentos possam ser observados ainda com mais atenção me faz pensar em fazer a mesma coisa. No entanto, ficar sentada lá dentro não ajudará meu irmão. Então, em vez disso, vou até a ponte para encontrar Tomas.

Os oficiais que estavam guardando a ponte se foram, quando passo para a parte principal do campus. A república da Engenharia Biológica fica a noroeste. Quando me aproximo, vejo estudantes agitados ao redor do prédio. Eles também devem ter tido o apartamento revistado. Protegendo os olhos do sol, procuro Tomas e finalmente o avisto. Está escutando uma garota que tenta prender sua atenção. No entanto, percebo o minuto em que ele me vê. Seus ombros relaxam de alívio, e seu sorriso passa de gentil a cheio de amor.

Por mais que queira cruzar o espaço entre nós, eu me viro e me dirijo para nordeste, esperando que Tomas entenda e me encontre no lugar onde nos encontramos no passado. Pego uma trilha mais longa para detectar melhor se alguém está me seguindo, agora que a revista da república terminou. Poucas pessoas vagam pelo campus, o que me faz sentir mais óbvia do que o normal. Em especial porque estou sozinha e quem passa por mim geralmente está em grupos de três ou quatro. Aceno, como se não me importasse com quem me vê, e me apresso ao longo do caminho até que chego a meu destino.

Entro na pequena construção que já foi usada para abrigar galos geneticamente alterados. Depois que os cientistas conseguiram desenvolver o sistema imunológico dos galos e filtrar as mutações causadas pelos tóxicos da guerra, as aves foram distribuídas em novas fazendas, e esta construção foi limpa para ser preparada para outro uso. E agora, como é pequena, só os alunos que estão em busca de privacidade têm se interessado em usá-la.

A única iluminação no cômodo mofado e obscuro vem do fundo através de uma janelinha por onde entra a luz do Sol. É luz suficiente para que eu decida ficar em pé, em vez de me sentar no chão empoeirado. Checo, para ter certeza de que o transmissor que deixei aqui para bloquear o rastreamento de sinais em nossos braceletes ainda esteja no lugar, e depois ando para lá e para cá, enquanto espero que Tomas chegue. Quando ele aparece, jogo a sacola e corro até ele.

Passando os braços ao redor do seu corpo, deito a cabeça em seu peito, agradecida por tê-lo por perto. Tomas e eu nos conhecemos a vida toda. Crescemos, trabalhamos e sobrevivemos ao Teste juntos. Talvez não devesse me surpreender ainda que agora estejamos juntos por amor, além de amizade. Não tenho certeza do que teria feito sem ele ao meu lado nas semanas depois de deixarmos a Colônia Cinco Lagos. Sua fé em minhas habilidades me manteve forte. Sua força e seu amor me ajudaram a sobreviver.

Quando seus lábios encontram os meus, eu me entrego ao beijo, sabendo que, quando ele terminar, terei de lhe contar tudo o que aconteceu desde a última vez que nos vimos. Faz menos de dois dias, mas parece muito mais. Por um instante me permito o luxo de esquecer. Pressiono-me contra Tomas, sentindo o calor do seu corpo passar gradualmente para o meu. Sua boca torna-se mais insistente, e vou ao encontro dela com uma paixão que não sabia ter.

Estamos ambos vivos. Juntos. Com o que está por vir, não tenho certeza de quanto tempo isso vá durar.

Os beijos crescem em intensidade, até que finalmente nos afastamos um do outro. Meu coração golpeia. Minha respiração está rasa e rápida. Sonho em beijá-lo novamente, mas haverá tempo pra isso mais tarde. No momento, há muito a ser dito.

Explico, o mais depressa que posso, os acontecimentos que vieram à tona desde que insisti pra que ele deixasse o acampamento rebelde e voltasse sem mim para a universidade: Raffé descobrindo as gravações do Teste; Michal entregando-as a Symon; a traição de Symon; a morte de Michal. Tomas começa a fazer perguntas, mas continuo falando. Se não fizer isso, as emoções que mantive ao longe em relação à morte de Michal e as coisas que agora resolvi fazer vão me devastar. Falo sobre o contato com Zeen; a procura por Damone; Enzo relatando a partida de Damone para a professora Holt; minha ida à cidade para me encontrar com a presidente; a busca na nossa república.

— Estou feliz que seu irmão esteja a salvo, e ele tem razão. Você precisa ser discreta e ficar fora disso daqui para a frente. Principalmente agora, que parece que eles estão procurando confusão aqui no campus. — Tomas aperta minha mão. — Você fez tudo o que pôde. A partir daqui, a presidente pode assumir.

Sacudo a cabeça.

— A presidente Collindar não pode cancelar a votação sem perder a autoridade que ainda lhe resta. Ela acha que consegue adiá-la por uma semana, o que lhe dá tempo para implementar um segundo plano de eliminar o doutor Barnes.

— Que plano é esse?

Enlaço meus dedos nos dele, respiro fundo, e digo:

— Eu.

Tomas fica imóvel.

— Não estou entendendo. O que ela pensa que você pode fazer que sua própria equipe não possa?

— Ela acha que posso matar o doutor Barnes e seus principais administradores.

— Isso é loucura. Ela não pode estar falando sério.

— É o mesmo plano que a facção rebelde de Ranetta deveria executar — explico. — E faz sentido de um jeito terrível. Se o doutor Barnes e os outros líderes forem eliminados...

— Não estou me referindo ao plano. Posso entender por que ela acredita que essa tática é sua única escolha. O que eu não compreendo é por que ela está pedindo que você faça isso.

— Symon conseguiu que Michal fosse designado para o seu gabinete como espião. Poderia haver outros que levem informação... — Puxo minha mão e passo os braços ao redor de mim mesma. — Acho que ela tem razão. Pedir a mim pode ser a única chance real de seu plano dar certo.

— Mas você não é uma assassina. Mesmo quando fomos traídos durante o Teste, você se recusou a matar deliberadamente. — Começo a protestar, mas Tomas me interrompe: — Se

você quisesse realmente eliminar o Will durante o quarto teste, teria feito isso.

No entanto, tentei. Ainda posso sentir o coice da arma; meu desespero enquanto Tomas jazia deitado no chão, vítima do desejo de Will de vencer a qualquer custo. Queria que Will pagasse pela sua traição. Falhei então. Desta vez, não posso.

— Sei que você quer acabar com o Teste, Cia. Eu também quero, mas o que a presidente está te pedindo é demais. Não deveria ser função sua.

Mas é.

Endireitando os ombros, digo:

— Recebi uma incumbência da presidente da Comunidade Unida, e vou aceitar. — O medo me invade, mas ao mesmo tempo há uma determinação forte como aço. — Não quero machucar ninguém, Tomas, mas acabar com o Teste e salvar meu irmão, Daileen, e todos os outros. Vou fazer isso.

— Tem certeza? — Ouço a tristeza em sua voz. Há não muito tempo, ele me pediu que deixasse a universidade com ele. Quando me recusei, Tomas escolheu ficar comigo. Entretanto, sei que isso ainda é o que ele realmente quer. Fugir. Ir pra casa. Fingir que nada do que vimos e sabemos é real. Por mais que eu tenha planejado tê-lo ao meu lado nas próximas semanas, eu o amo. Por causa disso, devo deixá-lo ir.

— Tenho. — Uma afirmação que não tenho como desfazer. Farei o que for preciso, mas Tomas não tem essa obrigação. — Você não precisa fazer isso. Você pode ir embora.

A tensão comprime meu peito. Meus olhos se enchem de lágrimas. Sinto uma escorrer, enquanto me endureço contra a dor.

— Talvez eu não consiga — digo. — Se não der certo, um de nós deveria voltar a Cinco Lagos e contar para a magistrada Owens o que está acontecendo aqui. Nossas famílias e nossos amigos precisam estar preparados pro que estiver pra acontecer. Eles precisam de você.

Espero que ele responda. Outra lágrima cai.

— Tomas? — Procuo tocá-lo, mas ele se afasta do meu toque.

— Prometa que, se a gente fracassar e a guerra estourar, a gente foge — ele diz.

— Você não pode...

— Posso sim. — Ele se aproxima e vejo seu rosto na penumbra. Tão bonito! Tão querido! — Não vou deixar que você faça isso sozinha.

— Mas...

Sua boca toca a minha, silenciando meu protesto. Envolvero-o em meus braços e me entrego ao beijo. Depois descobrirei uma maneira de convencê-lo a ir. No entanto, quero essa lembrança pra me agarrar. Este momento.

Ele me abraça com força. Envolta em seus braços estou segura, mas sinto um fogo começar a arder. Minhas mãos tocam seu rosto, seu pescoço, seus braços, memorizando a sensação do seu toque. Minha respiração se acelera. Permito-me um último beijo, e então saio do aconchego dos seus braços.

Respirando compassadamente, digo:

— Quero que você me diga que vai embora.

— Só vou quando você for. Até lá, estamos juntos nisto.

Ele me beija de novo. Seus dedos enlaçam os meus. Ficamos nas sombras, encarando o desconhecido, como fizemos na planície durante o quarto teste.

— Juntos — concordo.

Talvez, se tivesse pressionado mais, ele promettesse voltar pra casa, mas não o fiz. Porque essa luta também é dele. Porque sei que, se for para sair vitoriosa, preciso dele ao meu lado. Porque meu coração não pode suportar afastá-lo.

— Quantos nomes têm na lista da presidente?

— Doze. — Percorro a lista de nomes que memorizei mais cedo.

— A presidente não pode acreditar que você pode lidar com tudo isso sozinha.

— Ela poderia, mas sei que preciso de ajuda — digo. — Esperava que você ficasse ao meu lado, e acho que Stacia talvez possa, mas vamos precisar de mais gente. Pessoas que pensem como nós e possam lidar com as decisões que teremos de tomar. Gente confiável.

— A confiança leva tempo. E isso é algo que não temos.

Tomas está certo. A confiança exige tempo. Conhecer a força e a fraqueza de uma pessoa também. A tarefa que aceitei deveria parecer impossível. No entanto, em questão de semanas, o doutor Barnes foi capaz de determinar não apenas quem era suficientemente competente pra liderar nosso país, mas como nos comportaríamos diante de uma pressão extrema e em situações de risco de morte.

Todos na universidade foram escolhidos pra liderar, mas o que precisarei saber é se os membros da minha equipe acreditam, assim como eu, que o Teste precisa acabar. Que aqueles que trabalharam em prol da rebelião, pensando que estavam trazendo mudanças, precisam ser salvos. Que precisamos de novos líderes que mudarão o sistema que nos trouxe até aqui, para assegurar o futuro dos mais novos, que sonham ser um dia selecionados. E se as pessoas a quem eu resolver pedir pra participar dessa terrível empreitada estiverem dispostas a lutar por essas coisas, ainda resta uma pergunta: dá para confiar nelas?

Para saber a resposta, Tomas e eu só temos uma escolha. Precisaremos organizar nosso próprio Teste.

Tomas ouve enquanto conto minha ideia, bem como tudo o que soube a respeito das pessoas da lista, e a visão delas para o futuro do Teste. Quando termino, não pede novamente para irmos embora. Em vez disso, diz:

— Uma semana não nos dá muito tempo para reunir um grupo e pôr em prática um plano.

— Vou conversar com a Stacia amanhã depois da aula — digo.

— Tem certeza de que podemos confiar nela? Sei que é sua amiga, mas...

Sei que ele está se lembrando do encontro que tivemos com ela durante o quarto teste. Eu também me lembro. Ela estava com dois candidatos da colônia — uma menina loira, chamada Tracelyn, e um menino chamado Vic. Passamos algumas horas com eles, durante as quais

Stacia estava distante. Quando falou, expressou casualmente a convicção de que os oficiais do Teste seriam absolvidos por aprovar candidatos que escolhessem matar. Quando o quarto teste terminou, Stacia e Vic tinham cruzado a linha de chegada. Tracelyn não. E o sorriso de Stacia, nos dias que antecederam nossas entrevistas e seleção, me fez pensar que ela tinha algo a ver com o fracasso de Tracelyn no Teste.

— Não — admito. — Mas acho que entendo o que a motiva. — O que poderia ser mais importante. — Não posso dizer o mesmo dos outros que estou considerando.

— Gostaria que houvesse mais estudantes de Cinco Lagos — diz Tomas. — Pelo menos, a gente saberia de onde eles vieram e em que foram ensinados a acreditar.

Sabendo que Tomas está pensando em Zandri, aperto sua mão e penso em quanto também gostaria que ela estivesse conosco.

— Acho que deve haver outras pessoas de Cinco Lagos aqui, em Tosu City. Rapidamente, conto a Tomas sobre Dreu Owens e a informação que descobri sobre ele. — Se ele ainda estiver em Tosu City, poderia estar disposto a ajudar a gente.

— Pode ser. — Tomas sorri pela primeira vez desde que contei a ele sobre a ordem da presidente. — Sei que alguns graduados em Engenharia Biológica, como seu pai, foram mandados para as colônias, mas vários deles foram designados para trabalhar em Tosu City. Uma das pessoas com quem trabalho no meu estágio poderia saber onde encontrar Dreu. Se não souber, o coordenador da minha república deve ter uma ideia de onde ele está. Seria bom ter alguém na nossa equipe que saiba como funcionam as coisas em Tosu City.

Verdade. Razão pela qual Raffé e Enzo estão na minha lista do Teste. A ideia de Raffé como membro da equipe não agrada a Tomas, mas, em vez de discutir, ele diz:

— Se você descobrir uma maneira de testar Raffé que mostre que ele não é como Will, pra mim tudo bem trabalhar com ele.

Na minha mente, vejo um flash do rosto de Tomas empalidecendo, enquanto a bala de Will atinge o alvo; a camisa de Tomas se enchendo de vermelho; ele agarrando o torso, enquanto cai no chão. Seja qual for o teste para Raffé provar que ele pode fazer parte da nossa equipe, terá de ser definitivo para obter a concordância de Tomas.

Verifico a hora. O jantar será servido logo. Com a professora Holt e os estudantes rebeldes verificando tudo o que acontece ao redor deles, não me atrevo a me atrasar. Vamos nos encontrar amanhã, depois das aulas. Até lá, espero que Tomas consiga descobrir alguma coisa sobre Dreu Owens, e eu terei não apenas garantido o consentimento de Stacia, mas bolado maneiras de testar Raffé, Ian e Enzo.

— Se precisar entrar em contato comigo antes, use isto. — Tiro o rádio de pulso que usa a frequência que escolhi só para nós dois.

Tomas pega o rádio e sorri.

— Gosto de saber que posso entrar em contato com você a hora que quiser. Provavelmente você vai ter notícias minhas com tanta frequência que vai se arrepender de ter me dado isto.

— Duvido — digo, pegando na sua mão. — Sei que você não queria tomar parte nisto.

— Não. E também não é o que você quer. — Ele estende a mão e corre os dedos pelo meu rosto. — Vamos sair desta, Cia, juro. De uma maneira ou de outra.

De uma maneira ou de outra.

Concordamos em testar os rádios mais tarde. Depois de um último beijo, eu me viro e saio para voltar à minha república. Tomas esperará dez minutos e depois irá para a dele. Amanhã, vamos nos encontrar de novo. Até lá, nossa própria versão do Teste terá começado.

**Saio do refeitório** assim que termino de comer. Entre o olhar fixo de Griffin, os sorrisos forçados de Raffé e os olhares preocupados de Ian, tenho pouco interesse pela refeição. A maioria dos outros estudantes não teve o mesmo problema, principalmente quando foi avisada de que a proibição de deixar o campus se estenderia por mais um dia. Não ter de comparecer ao estágio fez com que alguns alunos comemorassem. Não pude evitar notar que Ian não estava entre eles. Ninguém parecia preocupado com a revista dos apartamentos ocorrida apenas algumas horas antes, mas eu estava.

Quando volto para meu apartamento, eu me preparo, enquanto enfio a chave na porta. Durante o jantar, ouvi alguns cochichos preocupados sobre itens que foram tirados dos apartamentos dos alunos: uma velha navalha que o avô de Sam ensinou-lhe a usar; um diário que uma menina mantinha desde que entrou na universidade; um velho mapa de Tosu City, dos dias em que era chamada de Wichita. Nada que parecesse importante. Nem um único objeto que pudesse ajudar a professora Holt a descobrir o paradeiro de Damone, mas vi pessoas lançando olhares para aqueles que confessaram ter sentido falta de alguma coisa no apartamento.

Apesar da busca, meu apartamento parece quase exatamente igual a como o deixei. Dou uma examinada pra ver se está faltando alguma coisa. O vaso de flores secas e minhas roupas estão aqui. Os livros para meus trabalhos de classe estão todos aqui. O trabalho que tenho de entregar amanhã não foi mexido. Tiro as gavetas da cômoda uma por uma, e checo seu conteúdo. Lápis e clipes. Réguas e velhos trabalhos que ainda não reciclei. Pedacos de fio, pedacos de metal, pequenas chapas de cobre, alguns parafusos e outros componentes — coisas que usei pra fazer os transmissores que projetei para interferir no sinal do rastreador do meu bracelete. Não que essas coisas só sirvam para isso, mas há uma chance de que alguém que conheça o rastreador possa olhar para elas e adivinhar por que estão ali. Se for esse o caso, não há nada agora que eu possa fazer a respeito.

Quase tudo parece estar da maneira que me lembro de ter visto quando saí nesta manhã. As únicas mudanças que notei são a cadeira da escrivaninha fora do lugar e o guarda-roupa afastado vários centímetros da parede. Volto a cadeira para seu lugar sob a mesa e vou até o guarda-roupa. O grande móvel de madeira é pesado e difícil de arrastar no chão acarpetado. Fico surpresa de os oficiais terem se dado ao trabalho de movê-lo, uma vez que não consigo imaginar o que esperavam encontrar no espaço entre ele e a parede. Enfio uma mão atrás do guarda-roupa pra ver se há alguma maneira de conseguir pegar na madeira com mais firmeza,

e sinto algo frio e metálico. Retiro a mão e tento enxergar atrás do móvel, para ver onde foi que toquei. O objeto é pequeno, redondo e prateado. O mesmo dispositivo de escuta que descobri no meu bracelete de identificação.

Penso nas conversas que tive antes de ir me encontrar com a presidente. Será que o dispositivo foi colocado aqui hoje, durante a busca feita pela professora Holt e seus oficiais, ou está aqui há mais tempo? Dei uma examinada no quarto assim que ele me foi designado, e repeti o procedimento pelo menos duas vezes por semana, pra ter certeza de que ninguém havia descoberto uma maneira de observar minhas ações quando acho que estou sozinha. No entanto, a última busca que fiz foi há dias, antes da minha conversa com Raffè, antes de falar com Zeen. Se o dispositivo foi colocado antes disso, então alguém sabe que sou responsável pelo desaparecimento de Damone e que sei sobre os rebeldes e seu propósito. Eles também saberão que agora meu irmão está entre eles, trabalhando de dentro pra pôr um fim na missão a que se propuseram.

É apenas a insistência de Michal para que Zeen usasse um nome diferente que me impede de pegar o Comunicador de Trânsito numa tentativa de preveni-lo. Embora ambos tenhamos os olhos do meu pai e a estrutura óssea da minha mãe, nossa semelhança termina aí. Zeen é alto e loiro. Ninguém que o veja pensará em mim. Se alguém ouviu minha conversa com Zeen, nunca associará com um rapaz chamado Cris. Acabarão fazendo bastantes perguntas e farão uma lista de todos os recrutas que Michal trouxe para o acampamento, mas levará tempo.

Agora que encontrei o dispositivo de escuta, torno a vasculhar o quarto. Cada centímetro da parede. Os azulejos do banheiro. Viro o sofazinho, a mesa redonda e as cadeiras da sala de visitas. Examino as costuras de cada uma das almofadas da mobília, pra ter certeza de que nada foi aberto, e uma câmera ou um dispositivo de escuta inserido ali. O dispositivo atrás do guarda-roupa é o único. Volto a olhar para ele. Quando descobri o gravador no meu bracelete do Teste, meu único pensamento foi impedir que quem escutasse descobrisse meus segredos. Nessa época, a informação que os ouvintes recebiam só seria um perigo se eu cruzasse a linha de chegada e passasse no quarto teste. Agora, quem quer que esteja escutando não é apenas um observador, mas um participante ativo — exatamente como nós, candidatos, éramos. Embora não goste de saber que a gravação captura cada som que faço, reconheço a oportunidade de criar uma pista falsa. Claro, embora acredite que a professora Holt esteja por trás do dispositivo, não tenho certeza de que seja esse o caso. Se ele estiver aqui há mais tempo, pode ter sido plantado pelos estudantes rebeldes, Griffin, ou colegas que estão apenas procurando uma maneira de se dar bem. Vai ser difícil criar pistas falsas, a não ser que eu determine minha audiência. Até lá, deixarei o dispositivo em paz.

Depois de várias outras tentativas, empurro o guarda-roupa de volta. Depois, tentando não me sentir desconfortável, coloco minha sacola no chão, sento-me ao lado dela e tiro a lista. Com Symon e o doutor Barnes à espreita para acionar sua armadilha, duvido que a presidente Collindar conseguirá adiar a apresentação da sua proposta na tribuna da Câmara de Debates por muito mais tempo do que os sete dias que prometeu. Nesse período, tenho de

formar um grupo de rebeldes verdadeiros, formular um plano e executar doze líderes da Comunidade Unida. A enormidade da tarefa ameaça me esmagar, mas não tenho tempo para dúvidas.

Tomas concordou em ajudar. Se não me enganei a respeito dela, Stacia se aliará à causa amanhã, depois das nossas aulas. Embora, por um lado, eu pense em criar um teste para ela, o que aprendi durante o Teste me deu uma visão suficiente do seu caráter.

Aqueles dois são mais inteligentes do que qualquer um que eu conheça, mas, apesar de sua engenhosidade, ainda há um excesso de alvos para nós três darmos conta. Quatro, se eu incluir Zeen, embora tenha dúvidas de quanta ajuda ele possa oferecer enquanto estiver confinado no acampamento rebelde. Mesmo assim, escrevo seu nome no papel, ao lado dos nomes de Tomas e Stacia. Depois, avalio os outros.

O doutor Barnes tem os recursos de toda a Comunidade Unida, e anos de tentativa e erro para criar seus exames. Eu tenho Tomas, Stacia, meus instintos e apenas poucos dias. A questão de qual prova de fogo usar com meus colegas é difícil. Claramente, tenho de apresentar a eles uma situação que coloque uma encruzilhada à sua frente; uma oportunidade de fazer uma escolha que mostre não apenas se eles querem acabar com o Teste, como também se estão dispostos a acreditar que é necessária uma ação violenta para chegar àquele objetivo.

Mais fácil falar do que fazer.

Considero vários cenários, mas nenhum deles parece apropriado a todos. E percebo que aí é que está o problema. Em contraste com os primeiros estágios do Teste, não se pode dar a mesma prova para todos. Cada colega tem uma visão diferente da vida, e um objetivo diferente para o tempo passado na universidade. É claro que todos querem ser líderes, mas nenhum tem o mesmo motivo por trás disso.

Raffe está aqui por causa de suas ligações familiares. Essa história deveria associá-lo intensamente ao doutor Barnes, mas não é o que parece. Raffe não se comporta como se tivesse o direito adquirido de ser um dos futuros líderes do país. Esconde segredos. Como Ian. Acredito que Ian queira que o Teste termine. Nós dois somos alunos de colônias e enfrentamos muitos desafios semelhantes para chegar a este lugar. Só isso deveria bastar para nos colocar do mesmo lado. No entanto, tenho dúvida se ele faz parte da rebelião, e, se fizer, quanto é leal a Symon. Se acreditar que Symon está realmente trabalhando para acabar com o Teste, não vai querer que eu interfira nos planos dos rebeldes. Fará o que for preciso pra me impedir. Mesmo que tenhamos a mesma agenda, não está claro qual seria a reação de Ian se eu lhe contasse o que sei.

Enzo é outro mistério, tem a própria cota de segredos. Depois do que compartilhou comigo fora da república, acredito que seu pai e seus irmãos pertencem ao contingente de Symon ou Ranetta. Se fizerem parte da facção de Ranetta, ele poderá lhes contar sobre a traição de Symon. Se Zeen e os membros da família de Enzo se encontrassem com Ranetta, poderiam incentivá-la a trabalhar sem Symon e a eliminar os alvos da lista da presidente, sem que o doutor Barnes fosse alertado do ataque. No entanto, se sua família estiver trabalhando

com o grupo de Symon, então Enzo poderá não acreditar no que tenho para dizer. Como membros em potencial da rebelião, Ian e Enzo poderiam ser meus aliados leais ou meus oponentes ferrenhos.

Raffe, Ian e Enzo. Preciso testar os três, mas que desafio dar a cada um deles? E, ainda que eu não queira me fazer essa pergunta, se eles não passarem, qual poderia ser a punição pelo fracasso?

Meus olhos ficam tão pesados quanto o coração. Embora queira continuar trabalhando, sei que minha cabeça funcionará melhor se eu descansar. Além disso, quem sabe quanto tempo conseguirei dormir nos próximos dias?

Coloco uma muda de roupas junto com os papéis na minha sacola, e entro na cama com a sacola enfiada ao meu lado. Apesar do volume, ter minhas coisas perto de mim é estranhamente confortante. Dormi desse jeito todas as noites durante o Teste, e sobrevivi. Com muita sorte e as decisões certas, sobreviverei mais uma vez.

Meu sono se enche de flashes de lembranças: as plantas venenosas do segundo teste; Malachi tocando a parte errada do rádio de pulso, e mandando um prego pra dentro do próprio olho; Annalise sacudindo o cabelo ruivo e saindo arrogante pela porta; as ruas da cidade com apenas uma via de escape; os olhos verdes de Will me encarando por detrás do tambor da arma, enquanto atirava.

Quando acordo, a luz do Sol jorra pela janela. Coloco minha sacola no chão e deslizo pra fora da cama. Hoje a presidente vai anunciar o desaparecimento de Michal. O debate será adiado. A contagem para o ataque dos rebeldes terminará enquanto a minha começa. E as imagens dos sonhos de ontem à noite me dão uma ideia de como começar.

Tomo uma ducha, prendo o cabelo num coque na base da nuca, e verifico a hora. Falta uma hora para o início da minha primeira aula. Tempo suficiente. Coloco dentro do bolso da minha jaqueta dois dos rastreadores redondos de um centímetro e meio que peguei no depósito do quinto andar da presidente Collindar. Enfio o monitor na sacola. Então, após um rápido inventário das peças mecânicas que guardei na gaveta de baixo da minha mesa, pego a sacola e desço para pegar as outras peças de que preciso. Ninguém está trabalhando nos laboratórios esta manhã. Procuo nos quatro, até encontrar os itens de que preciso. Como logo tenho de ir pra classe, ponho todas as peças na sacola e pego comida no refeitório, pra poder trabalhar na hora do almoço. Depois procuro Ian. Quando o vejo em nossa mesa costumeira, sentado em frente a Raffe, vou até lá e sento-me ao seu lado.

Colocando uma mão no bolso, pergunto baixinho:

— Você tem tempo pra conversar? Vou pra aula daqui a pouquinho, mas tem uma coisa...  
— Deixo cair o garfo, saio do banco e me ajoelho pra pegá-lo. Ao fazer isso, enfio um dos pequenos dispositivos de rastreamento no bolso lateral da sacola aos seus pés. Nunca vi Ian colocar nada naquele bolso, mas espero que o disco seja suficientemente pequeno para escapar à sua atenção, caso coloque. Agarrando meu garfo, saio de sob a mesa e volto para o meu lugar, mantendo os olhos baixos para que Ian pense que estou nervosa com minha falha.

— Tem alguma notícia de quando poderemos deixar o campus?

— Ainda não, o que em certo sentido é bom. Todo mundo pode deixar o trabalho de classe em dia. O confinamento no campus é incomum, e não posso supor que vá durar muito tempo. Se passar de alguns dias, tenho certeza de que haverá alunos que vão se sentir compelidos a quebrar a regra e sair mesmo assim.

— O que acontece se eles forem pegos?

Ian pousa o garfo.

— Cada coordenador de república é de um jeito. Ouvi dizer que o professor Markum é bem tolerante. A professora Holt, no entanto, não é tão fácil. A não ser, é claro, que você seja uma de suas favoritas, ou alguém a quem ela pediu que fizesse algum trabalho. — A maneira como Ian olha para Griffin através da sala não deixa dúvida sobre a quem ele se refere. No entanto, a professora Holt pediu favores a Ian no passado, como me espionar; ele poderia ser um desses a quem ela permite que quebre as regras sem consequências. O rastreador me ajudará a saber se ele realmente atravessa os limites da universidade. Se a resposta for sim, saberei que está trabalhando com a professora Holt. Não é um teste perfeito, mas é um começo. Uma espécie de primeiro passo no processo do Teste. Depois que descobrir quais foram seus movimentos hoje, posso decidir se é preciso uma segunda rodada.

Raffe deixa o refeitório comigo, e acompanha meu passo enquanto atravesso a ponte e me dirijo para o centro do campus. Olha por cima do ombro, e então diz:

— A presidente está apresentando hoje sua proposta na Câmara de Debates. Deve ser por isso que nenhum dos alunos tem permissão para deixar o campus. Acho que o doutor Barnes e seus administradores não querem que sejamos pegos no fogo cruzado, caso o ataque aconteça mais cedo do que planejaram.

Essa poderia ser parte da base fundamental. Claro que Raffe não sabe sobre os estudantes rebeldes no campus, ou sobre as ordens de eliminar qualquer ameaça perceptível à rebelião.

— E aí? Você decidiu como vai burlar os dispositivos de rastreamento, para que a gente possa impedir o que está prestes a acontecer? Ou ainda está tentando descobrir se pode confiar em mim?

— Estou. — Pelo menos, acho que estamos lutando pelo mesmo propósito. No entanto, acreditei nisso com Will, e Tomas quase morreu. — Tem algumas coisas que tenho de resolver. Depois disso, vou dividir tudo o que sei.

— Bom, é melhor você fazer isso depressa, Cia. — Raffe franze o cenho. — Porque, a não ser que eu esteja enganado, o tempo de pensar está se esgotando. Se vamos tentar acabar com o Teste e mudar esta universidade, temos de fazer isso antes que as coisas fiquem tão controladas que não teremos mais escolha.

Raffe sai pisando duro na direção dos prédios de Ciências. Por mais que eu queria ir atrás, não vou. Tenho apenas vinte minutos até que as aulas comecem. Preciso encontrar Stacia. Não vamos ter nenhuma aula juntas até amanhã à tarde, e Raffe tem razão. Não tenho tempo para esperar.

Vejo-a andando atrás de um grupo de estudantes mais velhos em direção ao prédio de Humanidades, e aceno. Como Stacia não me nota, grito seu nome e corro em sua direção. Ao me avistar, ela inclina a cabeça.

— O que você está fazendo por aqui? Você não tem História Mundial logo cedo nas manhãs de segunda-feira?

Faço que sim com a cabeça e olho o relógio na minha sacola. Quinze minutos. Não é muito tempo, mas o suficiente para dizer o que preciso.

— Tenho de te contar uma coisa e te pedir um favor.

Sentamos no banco de pedra perto do passeio. Tiro um livro para que pareça que somos duas alunas comparando a lição de casa.

— O que é tão importante que não dava pra esperar? — Stacia pergunta, passando um cacho loiro por detrás da orelha. — Você e Tomas terminaram de verdade?

Ela revira os olhos e espera que eu ria, como fiz quando disse alguma coisa parecida há um mês. Como isso não acontece, sua expressão fica séria.

— A presidente Collindar me pediu que reunisse uma equipe para ajudá-la a derrubar o Teste, e eliminar as pessoas responsáveis por ele.

Stacia pisca.

— Você está brincando, certo? — Ela olha para o grupo de meninas que passa por nós, e depois abaixa a voz. — Você não está brincando?

— Bem que gostaria. — Dou a ela um breve resumo do cabo de guerra que acontece na votação da Câmara de Debates, e da rebelião com a qual a presidente estava contando, e que se revelou falsa. Restam apenas cinco minutos para as aulas, quando digo: — Aprendi o bastante pra saber que o Teste tem de acabar. Ao contrário do presidente Dalton, no Quarto Estágio da Guerra, a presidente Collindar resolveu investir contra o doutor Barnes e o pessoal que poderia mergulhar novamente este país em guerra; mas não consigo fazer o que ela pede sem sua ajuda.

Dois minutos. Vou ter de correr para chegar à aula de História Mundial a tempo. Esperando ter lhe dado informações suficientes para que, pelo menos, considere a possibilidade de ajudar, pergunto:

— Você pode me encontrar aqui em duas horas? — O prédio de Cálculo fica bem diante do banco. Posso chegar aqui facilmente depois da minha segunda aula.

Stacia levanta-se.

— Claro. Pelo menos porque estou louca pra ouvir o que mais você tem pra me contar.

— Não diga nada a ninguém até a gente conversar. Tem gente... — Um minuto. — Só não diga nada. Tudo bem? Ou nós duas vamos nos arrepender muito.

Quando Stacia confirma com um gesto de cabeça, atravesso o gramado correndo, esperando não ter feito uma bobagem.

A aula está começando quando entro depressa na sala e pego um lugar no fundo. A sobancelha levantada do professor Lee é a única indicação de que ele notou meu atraso.

Enquanto começa a explanação, pego um caderno e um lápis da minha sacola, depois deixo a sacola aberta ao meu lado para poder ver a luz do monitor me dizendo as mudanças de localização de Ian.

A necessidade de olhar o monitor, a preocupação de que Stacia não vá seguir meu aviso e saber que o professor Lee é uma das pessoas que eu teria de eliminar dominam meus pensamentos. O professor Lee sempre pareceu tão interessado em que seus alunos aproveitem todo seu potencial! Parece impossível acreditar que seria um defensor de um contingente maior de candidatos ao Teste. Será que de fato ele ia querer eliminar o potencial de tantos candidatos a mais, só pra aumentar a competição durante o processo de seleção?

— O que você poderia nos dizer, senhorita Vale, sobre o primeiro-ministro Chae?

O som do meu nome me faz perceber que não estou prestando atenção. Só estou agradecida que o professor Lee tenha dito meu nome antes do tópico, caso contrário eu não poderia responder agora. Felizmente, este é um tópico que foi abordado não apenas na nossa escola em Cinco Lagos, mas nos Estudos Preliminares.

— O primeiro-ministro Chae foi o intermediário da Aliança Asiática. Foi sua recusa em aceitar a derrota durante a Cúpula Sanai que impulsionou a negociação. A ele também é creditada a ajuda na manutenção da paz, ao encorajar o compromisso entre os líderes da Aliança Asiática, mas, apesar do desejo do povo de vê-lo liderar, o primeiro-ministro Chae recusou-se a seguir em frente e ser líder da Aliança. Se tivesse aceitado a liderança, seu desejo de paz poderia ter impedido a escalada que levou aos Sete Estágios da Guerra.

O professor Lee me analisa:

— É nisso que você acredita?

Sinto que todos estão esperando que eu fale, mas não tenho ideia do que dizer.

O professor Lee sorri, e olha ao redor da classe:

— É nisso que todos vocês acreditam?

Agora, todos estão na berlinda. E, assim como eu, ninguém sabe responder. Alguns concordam com a cabeça, mas o professor Lee não fala nada. Fica claro que está esperando que alguém tome a iniciativa. Então vou eu:

— Foi isso que o senhor ensinou nos Estudos Preliminares.

O sorriso do professor Lee aumenta:

— Foi. Sabemos certos fatos daqueles anos antes dos Sete Estágios da Guerra. Sabemos que o primeiro-ministro Chae lutou pela unidade e que, embora muitos acreditassem que ele pretendia criar uma base de poder para si próprio, nunca tentou ganhar a liderança da Aliança. Também sabemos que ele viajou pelo Japão, pela China, pelas Coreias do Norte e do Sul, enfatizando a necessidade de colocar de lado as diferenças e seguir as novas leis. Depois disso, sabemos muito pouco. É por esse motivo que apenas esses fatos foram ensinados a vocês, e vocês só foram testados quanto a isso. Hoje, gostaria de conversar sobre o que nós não sabemos.

A confusão no rosto dos meus colegas deve ter se refletido no meu. Ouvi sobre a sequência de acontecimentos que culminaram com os Sete Estágios da Guerra, antes de começar a escola. Fiz prova sobre isso em Cinco Lagos, durante o Teste e nos Estudos Preliminares. A ideia de que haja mais informação, e que nunca me disseram, me faz inclinar para a frente na cadeira, esperando o que o professor Lee dirá a seguir.

Seu sorriso desaparece.

— O envolvimento do primeiro-ministro Chae no grande tratado, seu apelo pela paz e sua morte estão bem documentados. No entanto, foi verificado pouquíssimo sobre os anos em que ele saiu de cenário, razão pela qual vocês nunca discutiram as possibilidades por trás daqueles anos latentes. Gostaria de remediar isso hoje.

Andando por entre as fileiras de carteiras, o professor Lee discorre extensamente sobre o mistério que circunda a decisão do primeiro-ministro Chae de se retirar do governo por dez anos, para só reaparecer quando a Aliança estava ameaçada porque a Mongólia se apoderou de terras da China. O primeiro-ministro Chae reapareceu, e mais uma vez intermediou a paz. Um movimento desenvolveu-se em todos os países da Aliança Asiática. O povo pedia que o então líder da Aliança renunciasse, e que Chae ocupasse seu lugar.

De acordo com o professor Lee, os livros que sobreviveram a esse período sugerem que Chae passou a primeira parte desses anos misteriosos viajando pelos países da Aliança, cultivando seguidores, enquanto afirmava apoio ao líder do momento. Nunca foi confirmado, mas houve rumores de que Chae foi visto na Mongólia não muito antes de o presidente do país mandar as tropas cruzarem a fronteira com a China.

— Como grande parte de nossa história mundial só foi documentada com a tecnologia que se perdeu durante as guerras, ninguém sabe ao certo se esses acontecimentos são rumores ou fatos — diz o professor Lee, parando próximo à minha carteira. — Se forem verdadeiros, então penso ser muito provável que o famoso desprendimento de Chae fosse um disfarce para seu verdadeiro propósito: tornar-se líder da Aliança Asiática, ao incitar o presidente da Mongólia a criar uma ameaça que levaria Chae de volta para a arena política. Se essa especulação for correta, Chae preparou o terreno de tal maneira que parecesse que ele apenas assumiu a chefia dos governos aliados por aceitar humildemente a vontade do povo.

O professor Lee sorri.

— Seu plano poderia ter funcionado, se ele não tivesse sido assassinado. Depois disso, vocês conhecem o resto da história.

A guerra civil estourou na Aliança Asiática, uma vez que os países se acusaram mutuamente do assassinato. A agitação levou a Coalizão do Oriente Médio a atacar o Japão. Um por um, todos os países foram empurrados para a guerra, à medida que as tensões explodiram ao redor do mundo. Por fim, os rumores do envolvimento do chanceler Freidrich foram confirmados, mas, a essa altura, a revolta era grande demais para ser detida. Bombas foram jogadas, cidades, arrasadas. A população do mundo reduziu-se a uma fração do que era. Pensei que tivesse entendido a razão pela qual nosso mundo fora destruído. Se, porém, o

professor Lee estiver certo, só nos ensinaram parte da história. Isso não deveria ser uma surpresa, considerando quanto foi perdido nos Sete Estágios da Guerra. Aqueles que sobreviveram à guerra estavam determinados a sobreviver, não a preservar o passado.

— É interessante especular sobre o que poderia ter acontecido se o primeiro-ministro Chae não tivesse sido assassinado, e ainda mais fascinante considerar qual poderia ter sido o rumo da história, se ele tivesse escolhido conservar seu papel no governo e não pressionado por mais. — O professor Lee percorre a sala e olha o relógio. Nosso tempo se esgotou.

No entanto, depois do que aprendi, não quero sair. Não, se ainda houver mais coisas para ouvir. Meus colegas devem sentir o mesmo. Nenhum dos alunos começou a arrumar as coisas.

— E agora, como tarefa — diz o professor Lee —, gostaria que considerassem o que sabemos ser um fato sobre o estado dos governos mundiais daquela época e escrevessem uma dissertação com o que acreditam que teria acontecido caso o primeiro-ministro Chae não tivesse sido assassinado. Quero ficar surpreso com a agudez de sua visão política e histórica. Aqueles que mais me impressionarem serão escolhidos para participar de um seminário especial, que vai discutir o que está acontecendo fora da Comunidade Unida exatamente agora, e especular sobre o que poderia acontecer a seguir.

Ele fecha o livro diante de si, sorri perante as expressões chocadas de todos na sala e sai pela porta. Apesar de tudo que tem acontecido nos últimos dois dias, não posso deixar de sentir um ímpeto de excitação com a ideia de ir mais a fundo no nosso passado e descobrir o que está acontecendo fora do nosso país. Haverá outros lutando para restaurar a Terra? O desenrolar da ação que escolhi poderia afetar mais países, e não apenas a Comunidade Unida?

Quero acreditar que o chanceler Freidrich encomendou o assassinato do primeiro-ministro Chae não pra reter o poder, como alguns acreditam, mas porque a ação manteria a Aliança estável. Em vez disso, impeliu as nações a uma guerra que levou à ruína do mundo. O doutor Barnes não é o primeiro-ministro Chae. Ele não tem sido um defensor da paz. No entanto, seu trabalho em selecionar líderes tem ajudado a revitalizar o país. Embora eu ache que o Teste seja uma traição terrível a tudo em que me ensinaram a acreditar, talvez outros não concordem. Aposto que alguns candidatos do Teste, caso suas lembranças fossem restauradas, poderiam até ver o doutor Barnes como um sábio. Stacia seria um deles?

Ainda estou pensando nisso e nos acontecimentos que me fizeram empregar alguns dos mesmos princípios usados no Teste, enquanto Enzo e eu caminhamos juntos para nossa próxima aula: Cálculo Avançado. Ainda não decidi que teste posso dar a ele, e me pergunto se o fato de ele saber que matei Damone, e não me dedurar para a professora Holt, já é suficiente.

No entanto, não é, porque não sei onde fica a lealdade da sua família.

Enquanto subimos os degraus do prédio 4 de Ciências, Enzo me para e pergunta:

— Está tudo bem?

Pisco.

— Sei que você está passando um mau bocado com... com tudo que aconteceu.

Será que ele está se referindo ao meu papel na morte de Damone ou é a alguma outra coisa?

Ele afunda as mãos nos bolsos e mantém a voz baixa.

— Só queria que soubesse que, se precisar conversar com alguém, sou um bom ouvinte. Meu pai sempre diz que pareço mais inteligente do que meus irmãos porque observo e ouço todo mundo, em vez de me atirar na primeira coisa que aparece.

— Atirar-se antes de saber no que está entrando é um bom jeito de se machucar — digo, pensando por que ele está pressionando pra cair nas minhas boas graças. O que ele pensa que estou fazendo, e o que faria com a informação, se eu lhe contasse? A intensidade com que espera que eu diga alguma coisa me faz ter certeza de que existe algum outro interesse em pauta, além da amizade que está em jogo. Tentando parecer casual, acrescento: — Agradeço a oferta, mas não estou pronta pra falar.

Enzo dá de ombros.

— Só pensei que, uma vez que eu vi... Bom, você sabe... que eu meio que entendia, e que dá pra confiar em mim.

Quanto mais ele me diz que posso confiar nele, menos eu quero.

— Obrigada — digo. — É bom saber que você apoia seus amigos. — Quando Enzo muda de posição, e parece constrangido com minha gratidão, digo: — Vamos lá, ou a gente acaba se atrasando.

É bom que não estejamos atrasados. Nosso professor nos passa oito páginas de lição de casa, a maioria sobre equações que ele abordou logo no começo da aula. Estou tão ocupada anotando, que mal tenho tempo de olhar no monitor de rastreamento na minha sacola para verificar que o dispositivo de Ian continua no campus, onde disse que estaria. Quando o professor acaba de responder às perguntas sobre a lição, avisa que o professor Jaed não está no campus hoje. Minha próxima aula, História e Leis da Comunidade Unida, está cancelada, assim com as outras disciplinas que o professor Jaed leciona. Isso me dá uma brecha de duas horas até minha próxima aula. Tempo suficiente para conversar novamente com Stacia e, espero, criar um teste adequado para Raffè.

Stacia está esperando no lugar onde a vi na última vez. Antes que eu me sente, ela se levanta e diz:

— Você não precisa me convencer de que o pedido da presidente é verdade. No começo, pensei que podia ser uma espécie de pegadinha bem-feita, mas sei que você não brincaria com uma coisa dessas. Então, me diga o que posso fazer pra ajudar.

— Assim, de cara? — pergunto. Vindo pra cá, tinha imaginado todas as coisas que poderia dizer pra convencê-la a fazer parte da equipe.

— O doutor Barnes dirige esta universidade. Se a gente ainda estivesse no Teste, provavelmente eu o apoiaria, uma vez que ele teria o controle para eu entrar ou não aqui. Mas a presidente é a responsável pelo país. Se a gente vencer, eu serei uma heroína. Os heróis e as

heroínas têm mais opções em relação ao futuro. Também têm mais poder. Quero as duas coisas. Portanto, qual é o próximo passo?

Boa pergunta.

— Preciso fazer uma coisa no prédio de Estudos Preliminares. A gente pode conversar sobre isso lá.

Pelo que eu tinha ouvido, as classes e os laboratórios daquele prédio só são usados no começo do ano letivo. Depois que os estudantes são divididos em suas respectivas áreas de estudo, as dependências raramente são usadas até o ano seguinte. Se for verdade, Stacia e eu poderíamos bolar ali um teste para Raffè, enquanto discutimos os detalhes de que ela precisa saber.

— Deduzo que Tomas faça parte do nosso bandinho. — Stacia pergunta, enquanto subimos a escada do prédio. Como acontece com todos os prédios acadêmicos da universidade, a porta da frente fica destrancada durante o dia. Os laboratórios no primeiro andar estão abertos e vazios. O resto do prédio está em silêncio.

Digo a ela que sim, enquanto me dirijo para o laboratório de Química — uma sala ampla com dez mesas pretas, com dois banquinhos prateados atrás de cada uma. A luz penetra por três grandes janelas que dão para o gramado dos fundos do prédio. Na frente da sala, há um grande armário cinza, que vai do chão até o teto, cheio de produtos químicos, microscópios, maçaricos e outros utensílios.

Coloco minha sacola sobre a mesa menos visível das janelas, abro-a e tiro o monitor de rastreamento, para poder observá-lo enquanto trabalho. Ian continua no campus, só a dois prédios de distância.

— O que é isso?

Explico sobre o rastreador que coloquei na sacola de Ian e sobre os testes que preciso inventar para Raffè e Enzo.

— Quantas pessoas têm na lista que a presidente te deu?

— Doze. — Percorro os nomes da lista, e as razões que a presidente deu para cada um. Stacia parece surpresa ao ouvir que a coordenadora da sua república está na lista, mas não me interrompe. Enquanto falo, tiro os outros itens que trouxe comigo: seis peças de aço de dez centímetros quadrados, fios, um interruptor, uma bateria solar do tamanho de um polegar, mais metal para uma placa de circuito impresso.

— O que você está fazendo?

— Construindo um rádio de pulso. Ou, pelo menos, alguma coisa que se pareça com um — digo, enquanto trabalho para ligar os fios. — Quero que Raffè acredite que existe uma informação gravada aqui que ajudará a presidente a dar fim ao Teste.

— Por quê?

— Ainda estou bolando os detalhes, mas, se ele tirar isto do meu quarto, ou descobrir uma maneira de roubá-lo, vou saber que não dá pra confiar nele pra seguir a minha liderança.

— Preciso de pessoas que estejam ansiosas para acabar com o Teste, mas de quem eu também possa depender a qualquer custo.

— E depois? — Stacia cruza os braços. — Raffè não é estúpido. Se ele pegar o gravador e descobrir que é falso, vai saber que você o desmascarou. Assim que ele contar pro pai, ou pra um dos administradores da sua lista, nós todos estaremos encrencados.

Largo as ferramentas e suspiro.

— Você tem uma ideia melhor?

— Por acaso, eu tenho. — Stacia pega a caixa que construí e a vira de cabeça pra baixo.

— Se Raffè fracassar neste teste, tem de haver uma consequência que garanta que ele não vai contar pra ninguém. E a única maneira de assegurar isso é matá-lo depois de ser reprovado no teste.

## — Não posso...

Os olhos frios e racionais de Stacia encontram os meus.

— Você está planejando matar o doutor Barnes e onze dos seus adeptos. Você acha mesmo que um a mais vai fazer diferença pra presidente, desde que você atinja o objetivo dela?

— Não — murmuro. Tenho certeza de que não, mas pra mim faz. Raffè salvou a minha vida. Minhas pernas começam a tremer. Coloco as mãos na bancada fria, enquanto sou tomada por uma tontura.

— Só porque você gosta do Raffè, isso não significa que ele não seja uma ameaça. Pelo que sei, você tem duas escolhas: deixar ele fora disso, ou aplicar um teste que vai fazer com que a gente saiba se você está certa em confiar nele, e que vai descartá-lo, caso você esteja errada.

Manter Raffè fora do plano? Duvido que ele deixaria isso acontecer. Ele já sabe sobre a falsa rebelião e a verdadeira natureza do Teste. E mais, está ciente do que penso sobre as duas coisas. Estará observando o que faço. Se ele não fizer parte da equipe, com certeza interferirá nela, ou provavelmente trabalhará contra nós. Mesmo sem saber o que vou fazer, Raffè poderia fazer o plano fracassar. Meu irmão e os rebeldes poderiam morrer. O Teste continuaria. E o resto do país... É impossível saber quais seriam as repercussões, mas sei que não posso arriscar que isso aconteça. Não, se posso potencialmente impedi-los.

Tentando não pensar no que estou fazendo, enfio o segundo rastreador na caixa. Depois, vou para os armários que guardam os produtos químicos.

Trancado.

Não é uma surpresa, mas também não é um impedimento, uma vez que os baús de madeira onde meus irmãos costumavam guardar seus itens pessoais tinham o mesmo tipo de fechadura. Quando eu era pequena, eles me provocavam escondendo minha boneca de pano favorita neles. Como meu pai acreditava em jogo limpo, ele me ensinou a abrir as fechaduras desses baús com um arame ou alguma peça fina de metal. Depois que meus irmãos descobriram que eu podia abrir as fechaduras, pararam de pegar a minha boneca. Não tenho tido motivo para usar essa habilidade desde então, mas não perdi a destreza. Em instantes, as portas do armário estão abertas. Enquanto Stacia elogia minha habilidade em arrombar, encontro o que preciso pra criar mais uma coisa que meu pai me ensinou, algo que poderia servir ao propósito que Stacia sugere. Nitrato de potássio, pó de carvão e pó sulfúrico.

Stacia concorda com um gesto de cabeça, enquanto coloco os produtos químicos sobre a mesa, e começo a medir, esperando me lembrar das porcentagens certas. Distribuo a mesma quantidade de cada substância duas vezes; assim, quando termino há duas vasilhas que contém setenta e cinco por cento de nitrato de potássio, e quantidades menores de pó sulfúrico e pó de carvão. Fico de olho no relógio, enquanto nós duas moemos os produtos juntas. O processo é lento, mas com a divisão de tarefas vai mais depressa.

Stacia passa o tempo batendo papo.

— Consigo entender por que a presidente quer acabar com o Teste, mas ele não pode ser de todo mau. Quero dizer, tem de haver algum tipo de critério para quem consegue ficar no comando e quem não consegue.

— Matar candidatos parece um método extremo de fazer essa escolha — digo, embora não possa deixar de pensar no que estou fazendo agora, e me perguntar se minhas escolhas não são tão extremas quanto.

— Não posso imaginar que eles matem todos os que não passam. Certo? — Stacia para e olha pra mim. — Este país ainda está em reconstrução. Matar mais de oitenta candidatos do Teste todos os anos não é lógico.

— Então, o que você acha que acontece com eles? — Muitas vezes eu me perguntei se os candidatos que não foram mortos como punição direta pelo fracasso sobreviveram.

— Não sei. — Stacia recomeça a trabalhar. — A gente não consegue se lembrar do nosso Teste, mas quem disse que ele foi tão ruim como te disseram? E mesmo se tiver sido, pense na penalidade para os líderes que fracassam. Eles não são os únicos que sofrem as consequências quando isso acontece. De que outro jeito dá pra dizer se alguém pode lidar com isso?

A argumentação calma de Stacia é perturbante, porque percebo a lógica nas suas palavras.

— Tem de haver outra maneira — retruco.

— Bom, vai ter de ter, uma vez que vamos acabar com ele. Mas você tem de pensar que, se a presidente está te pedindo pra fazer isso, o Teste talvez já tenha lhe dito do que você é capaz. O que acontece depois que o Teste termina e eles precisam de líderes ansiosos por fazer o que for necessário para ajudar este país a sobreviver? Só porque alguém diz que eles são capazes, não quer dizer que seja verdade. E só porque você acha que alguma coisa é errada, não significa que não seja necessária.

— Se você acha que o Teste é necessário, por que está trabalhando comigo pelo fim dele?

O sorriso de Stacia é duro e extremamente conhecido. Ele me causa arrepios agora, especialmente quando ela diz:

— Porque quero minha chance de garantir que os erros que arruinaram este país nunca mais aconteçam. Se eu tiver de matar pra tornar isso uma realidade, então é isso que vou fazer. — Stacia ri. — Além disso, *você* nunca faria nada que não tivesse certeza de que fosse

absolutamente correto. Se você acredita que, acabando com o Teste vamos impedir uma potencial guerra civil, pra mim basta.

Perco o fôlego. Meu peito se aperta, enquanto as palavras ditas casualmente por Stacia se instalam nos meus ombros como uma canga. Ela está aqui porque pedi. Ela não vai matar por paixão pelo nosso propósito, mas por minha causa, meu pedido, minha crença, minhas escolhas. Só posso torcer para que eu esteja no caminho certo.

Trabalhamos em silêncio na próxima meia hora. Quando terminamos de moer o pó, nossos braços estão cansados. Stacia me ajuda a filtrar o pó preto, depois o testa, colocando um punhadinho da substância em um bloco de madeira. Coloco a madeira sobre uma mesa, encosto o fósforo nela e dou um passo pra trás quando a substância pega fogo. Uma chama de vários centímetros de altura queima com gosto, depois vai se apagando.

Não levamos muito tempo pra colocar tiras de papel e o pó preto no falso rádio de pulso que construí. Depois, enfio dois fios nos buracos e passo fita adesiva preta em volta da tampa para garantir que os fios fiquem no lugar e não escape nada do pó pelos buracos.

Verifico o interruptor do rádio, para ter certeza de que foi feito do jeito certo. Para conectar a fonte de energia, a pessoa precisa acionar o interruptor, e depois virar um botão a cento e oitenta graus. Trata-se de um projeto usado algumas vezes para se certificar de que não há desperdício de energia, caso um interruptor seja colocado por engano na posição Ligado.

Stacia se afasta, enquanto conecto as outras pontas dos fios na minha fonte de energia. Conto até dez, e então solto um suspiro de alívio quando o aparelho fica imperturbável nas minhas mãos.

— Bom, isso foi interessante de assistir. Estou feliz em saber que estou do seu lado. — Seu sorriso é mais aberto e satisfeito. — E aí, quando é que você planeja dar isto pro Raffé? Quero ter certeza de estar bem longe, caso ele resolva tentar.

— Não sei. Agora que estou com isto nas mãos, posso vê-lo apertar o botão, pondo fogo no pó e sendo pego na explosão.

— Aproveite a primeira oportunidade que aparecer. Se for pra gente vencer, não temos tempo a perder.

Ciente de que ela tem razão, despejo com cuidado o que falta do pó preto num pequeno frasco de amostra, fecho a tampa, e o coloco na minha sacola, junto com um maço de fósforos do armário. Juntas, limpamos as provas de que alguém esteve na sala, fechamos as portas do armário e pegamos nossas coisas. Tiro um dos rádios de frequência única da minha sacola, e dou para Stacia.

— Eu te aviso quando tiver acabado de testar os outros, e pudermos dar o próximo passo. Agora, tenho de ir pra aula.

— Por quê? — Stacia enfia o rádio ao lado dos seus livros, e sacode o cabelo. — Algo me diz que faltar a algumas aulas não vai realmente afetar nossas notas daqui por diante.

— Talvez não, mas até começarmos nosso ataque, precisamos nos ater a nossa rotina normal.

— Bom, ninguém vai se espantar se eu me atrasar. — Ela sorri. — O próprio professor Frick não é exatamente pontual. Vejo você na aula amanhã, se não houver nenhum recado seu antes. — Ao sair, ela olha para a mesa onde está o teste do Raffé. — E boa sorte.

Pego o dispositivo com cuidado, enfio-o na minha sacola, e reparo que a luz vermelha de mensagem está acesa no meu rádio de pulso oscilante. Tomas.

— Espero que este troço dê certo. Andei perguntando a alguns dos veteranos sobre Dreu Owens, e acho que tenho novidades. Encontre-se comigo depois da aula na estufa. Com o cancelamento dos estágios, deve ser um bom lugar para se encontrar. Ah, e Cia... eu te amo.

Essas palavras me dão força pra pegar minha sacola e ir até a porta. O teste pro Raffé é parecido demais com alguma coisa que o doutor Barnes ou seus oficiais teriam imaginado. Tomas, porém, já sofreu as consequências de eu ter confiado na pessoa errada. Desta vez, não será só o Tomas, mas os rebeldes, e talvez o restante do país a sofrer. Stacia está certa. Se Raffé perceber que foi testado e falhou, sua reação poderia trazer sérias consequências, não apenas pra mim e para aqueles que estão trabalhando comigo, mas para os rebeldes e os futuros candidatos do Teste. Não posso me permitir errar a respeito de Raffé. Tenho de ter certeza e não consigo pensar em outra maneira.

O professor está pronto pra começar sua explanação, quando me enfio em um lugar perto da frente, na minha aula de Línguas Mundiais. Will levanta uma sobrancelha, quando consegue minha atenção. Eu me limito a sorrir e dou de ombros, como se quase chegar atrasada à aula fosse normal.

Tomo nota e tento me concentrar, enquanto o professor fala sobre as línguas dos países da Aliança Asiática, mas o tempo todo estou olhando pra minha sacola, pra checar o monitor. Duas luzes piscam juntas. Uma, próxima ao prédio onde estou, pertence a Ian. A outra pertence ao dispositivo potencialmente mortífero aos meus pés.

A aula termina. Entrego minha lição de casa, anoto as instruções para o dever da semana e vou para minha próxima aula, Química.

Raffé senta-se ao meu lado. Meu coração golpeia com a contagem dos segundos. Stacia disse que eu deveria agarrar a primeira oportunidade que aparecesse. É esta.

De algum modo, consigo me levantar sem tremer, quando a aula termina. Minha voz está impassível, quando pergunto a Raffé se ele tem um minuto pra conversar.

— Você está bem? — ele pergunta, depois que os outros alunos saem da sala. — Você parece nervosa.

— Você vai voltar pra república agora?

— Estava nos meus planos. Quer voltar comigo?

— Não posso. — Espero que o último estudante saia, antes de dizer: — Tenho de me encontrar com alguém, mas não quero levar uma coisa comigo, enquanto faço isso. É importante demais. — Abro minha sacola, e tiro a caixa de metal que criei.

— O que é isto? — ele revira o aparelho nas mãos.

— É um gravador que o Tomas encontrou, que poderia ser útil pra acabar com tudo — se eu conseguir levá-lo até a presidente. — Respiro fundo. — Espero que a restrição a deixar o campus seja suspensa amanhã, e eu possa entregá-lo pra ela então, mas não quero estar com ele agora, caso alguma coisa dê errado neste encontro. Eu o devolveria pro Tomas, mas...

— Eu me responsabilizo — Raffé me assegura. — Mas parece que o lugar aonde está indo pode ser perigoso. Tem certeza de que deveria ir sozinha? Talvez você devesse me deixar...

— Vai dar tudo certo. Esta é uma coisa que tenho de fazer sozinha, mas preciso que você me prometa que não vai escutar a mensagem. O dispositivo de gravação parece ruim. Tenho medo de que o sinal de pulso não aguarde mais de uma vez. — Uma oportunidade tentadora pra alguém que esteja procurando ajudar Symon e o doutor Barnes. Conseguir as gravações do Teste deveria ter mostrado que Raffé e eu temos os mesmos objetivos. Entretanto, existe uma chance de que ele soubesse sobre o Symon e a falsa rebelião através do seu pai, e soubesse que aquelas gravações seriam destruídas no final. Se acionar a gravação, vou saber para onde pende a sua lealdade. E se entregar para alguma outra pessoa acionar, eles pagarão o preço. De qualquer maneira, terei a resposta que procuro.

Um lampejo de irritação cruza o rosto de Raffé. Desaparece quase tão depressa quanto veio.

— Você pelo menos vai me contar o que tem nela? Ou essa informação é só pra você e o seu namorado?

— Vou te contar tudo hoje à noite. Tudo. — Enfatizo, encarando seu olhar raivoso. — Juro.

Vejo a raiva diminuir.

— Tudo bem — ele diz —, então eu também juro. Cuide-se, e não se esqueça do que acabou de dizer. Vou cobrar.

Vejo-o enfiar o dispositivo que criei na sacola e me pergunto se esta é a última vez que nos veremos. O explosivo que produzi é muito parecido com os que meu pai e meus irmãos usavam no trabalho, quando precisavam quebrar uma rocha. A quantidade de pó que usei é pra machucar seriamente ou matar. Se Raffé resolver ouvir e potencialmente eliminar a mensagem que acredita estar contida lá, ligará o interruptor, girará o botão e provocará uma faísca com os arames que deverão acender o pó que criei.

Raffé e eu saímos do prédio juntos. Enquanto ele se dirige para a república com o aparelho, visualizo o papel e o pó pegando fogo, e depois a explosão. Tenho vontade de correr atrás dele e pegar o dispositivo de volta, mas me lembro das palavras de Stacia, que o que é errado, às vezes, é necessário. Eu me viro e caminho em outra direção, pensando se os oficiais do Teste dizem a mesma coisa para si mesmos.

O Sol brilha. O tempo mais quente, combinado com a caminhada rápida, me faz suar. Ao meu redor há sinais de que a primavera chegou a Tosu City: a grama mais verde, brotos transformando-se em folhas, e flores prestes a desabrochar. Todos os sinais de esperança.

Agarro-me a essa esperança, enquanto checo o monitor. Os dois dispositivos estão por perto. Um parece estar perto da república dos Estudos Governamentais — Raffé. O outro está em algum lugar a sudeste da minha posição. Eu imaginaria que Ian esteja na biblioteca. De qualquer modo, sei que ele ainda está no campus. Pegando isso como um bom presságio, apresso o passo dirigindo-me ao estádio e à estufa, que fica no seu centro.

Há muito tempo, a estrutura era usada para eventos esportivos, mas, depois dos Sete Estágios da Guerra, os cientistas precisavam de um ambiente controlado para plantar e cultivar seus novos espécimes. Como essa construção não tinha um propósito lógico na nova cultura de revitalização, os botânicos mais importantes do país cercaram com vidro o espaço aberto no centro da estrutura, para criar uma enorme estufa e modificaram os cômodos circundantes, situados em seu limite externo, para funcionar como laboratórios genéticos. Dependendo do dia, a área pode estar em plena atividade, com estudantes, biólogos e vários oficiais que executam seu trabalho. Sem estágios para compelir os estudantes a trabalhar, o prédio parece estar deserto.

Checo o gravador do rádio de pulso para ver se Tomas deixou alguma mensagem quanto ao lugar exato onde ele quer que eu o encontre, mas a luz está apagada. Apesar de o estádio parecer um bom lugar para um encontro, é enorme. Logo junto à entrada principal, do lado de dentro, me parece o lugar mais lógico, então caminho nessa direção.

Enquanto ando, ligo o Comunicador de Trânsito, para o caso de Zeen ter novidades. Como ele não responde ao meu chamado, olho em torno para ver se tem alguém por perto, e se está olhando pra mim. Ninguém. Já percorri o prédio, mas tive pouca necessidade de usá-lo, ao contrário de Tomas. Depois de ter sido designado para Engenharia Biológica, ele foi forçado a passar por um teste de Iniciação potencialmente mortal aqui. De todos os campos designados de estudo, a Engenharia Biológica é a que trabalha no prédio com mais frequência, razão pela qual faz sentido que Tomas queira me encontrar aqui.

A entrada para o estádio está aberta. Passo pelas portas e entro no corredor mal iluminado, olhando de um lado e de outro para os dois outros corredores que saem deste daqui. Nada de Tomas.

Depois de dar alguns passos em um deles, à procura de indicações de uma área de espera comum, ouço passos atrás de mim.

— Cia — sussurra uma voz masculina.

Viro-me e forço a vista no corredor escuro. Como o prédio é muito grande, os corredores e a maioria das salas não ficam iluminados, a não ser quando estão em uso. A maior parte da energia coletada pelos enormes painéis solares afixados no telhado é conduzida para manter o clima controlado na estufa.

Uma figura se revela.

— Tomas? — pergunto, mas sei que não é. Os ombros são muito largos. O cabelo é apenas um pouco mais longo.

Meus instintos gritam para que eu me vire e corra. É o que faço.

Ouço uma voz praguejar. Alguém deve ter descoberto nosso encontro e me seguiu. Para fazer o quê? Não sei, mas tenho certeza de que não quero saber.

O sangue lateja nos meus ouvidos enquanto corro. Para longe de quem quer que esteja correndo atrás de mim. Para longe da entrada. Para longe do que estou quase certa que significa um fim para um plano no qual mal embarquei.

Os passos atrás de mim parecem chegar mais perto. Contorno abruptamente as grandes vigas de aço e sigo o corredor, que vira para a esquerda. Sou rápida. A pessoa atrás de mim é mais rápida. E as chances são de que, seja quem for, conheça o prédio muito melhor do que eu. Estou em desvantagem, mas, se meu perseguidor pensa que vou desistir facilmente, está enganado.

Minha sacola bate do meu lado, enquanto corro. O solavanco me deixa desequilibrada, e passo a alça por cima da cabeça para conseguir segurar a sacola melhor, na lateral. Olho para as portas fechadas por onde passo. Qualquer uma delas poderia me servir de esconderijo, mas, se a porta que eu escolher estiver trancada, meu perseguidor me pegará.

Vejo um lance de escada à direita, e corro para ela. Meus músculos queimam, enquanto subo. Quando chego ao primeiro patamar, e me dirijo para o segundo lance, arrisco um olhar. Cabelo escuro, jaqueta branca, expressão zangada, olhos escuros fixos em mim.

Existe algo vagamente familiar nele. Se tivesse tempo pra parar e pensar, poderia conseguir situá-lo, mas por agora aprendi o que deveria saber. O menino no meu encaixo não tem uma arma, e está na metade da subida da escada. O primeiro fato me dá a vantagem de que estava me esquecendo. O segundo me diz que, se eu quiser tirar proveito disso, tenho de me mover ainda mais depressa.

Minha respiração fica difícil e rápida ao subir os degraus um a um, enquanto abro o fecho da minha sacola. Meus dedos encontram o cabo de madeira da minha arma, quando ouço o menino alcançar o patamar abaixo e começar a subir o próximo lance de escada.

Ótimo. Que venha. Quanto mais alto ele subir, melhor.

Ao atingir o topo, não me permito pensar. Eu me limito a tirar a arma da sacola e atirar.

O menino pula para o lado, depois tropeça, e vai rolando pela escada. Geme quando atinge a plataforma com um golpe surdo. O som me faz vibrar de satisfação, enquanto corro pelo corredor à esquerda. Às minhas costas, ouço o menino xingar e começar a subir de novo. Mesmo tendo errado o tiro, a dor e a frustração em sua voz me dizem que ele não está tão rápido como estava, o que é tudo o que eu realmente poderia esperar. Attingir um alvo em

movimento enquanto eu também estou em movimento requer muito mais habilidade do que tenho. A única maneira de acertar qualquer coisa é por sorte, mas meu perseguidor não sabe disso. E agora que está ciente de que tenho uma arma, será forçado a se mover com mais cautela.

Olho para trás e vejo que ele chegou ao alto da escada. Atiro de novo. Desta vez, a bala atinge o chão em algum ponto à sua frente. Ele se atira ao chão. Continuo correndo. Contorno o corredor curvo, até o hall. Eu me viro e atiro mais uma vez para garantir que ele fique confuso, depois me arremesso para a escada que dá para a parte dos fundos do primeiro andar. Se tiver sorte, encontrarei uma saída destrancada e escaparei. Se não, saberei qual a precisão real da minha habilidade em atirar.

Luto pra respirar. Meus músculos ardem de exaustão. O suor corre pelas minhas costas, enquanto voou escada abaixo.

Um lance. Dois.

Arremesso-me pelo hall em direção às portas por onde entrei. Olho pra trás para ver se o menino me alcançou, e ouço o farfalhar de um tecido um segundo antes de dar de encontro com alguém.

Mãos agarram meus braços e luto pra me soltar, enquanto uma voz grita:

— Cia?

Tomas.

— Cia, o que você está fazendo? O que está acontecendo?

Alguém no andar de cima, som de passos.

— Tem alguém lá em cima. Temos de dar o fora daqui.

— Alguns estudantes poderiam estar trabalhando num projeto. Pensei que o lugar estaria vazio, mas sempre dá pra gente...

— Não. Tinha alguém esperando eu chegar, e ele está atrás de mim agora. Temos de correr.

O som de sapatos ressoando na escada de metal faz Tomas olhar pra cima. Do lugar onde estou, vejo uma perna saindo do patamar. Os olhos de Tomas se arregalam, quando ele vê o rosto da pessoa.

— Kerrick. — Por um instante Tomas fica imóvel. Depois, sacode a cabeça enquanto Kerrick desaba escada abaixo. Tomas olha em volta do cômodo e dá um passo à esquerda.

— Mas se Kerrick está aqui, então...

Um tiro atravessa o ar à minha direita, e alguém sai de uma das salas. Não penso. Eu me posiciono, miro e atiro. O grito em resposta me diz que devo ter conseguido atingir alguma coisa. Não espero pra ver em quem atirei, apenas pego no braço de Tomas e grito pra que ele se mexa. Não entendo o que está acontecendo, mas sei que, se Tomas não tivesse se movido, estaria morto.

Chegamos ao final do hall. Tiros cortam o ar. Tomas se encolhe a cada disparo, mas quem quer que esteja atirando deve ser tão bom pra atingir um alvo em movimento quanto eu, porque

as balas não chegam perto de onde estamos. É claro que isso poderia mudar a qualquer momento.

Avisto uma saída à direita, mas Tomas agarra minha mão e me puxa pelo hall à esquerda.

— Vamos.

Ele me leva por uma ampla passagem em arco que dá no centro do estádio. Minha garganta queima a cada respirada. Subo os degraus que levam à entrada da estufa. Tomas digita um código num painel. A porta abre-se deslizando, e ele me puxa pra dentro.

O cheiro de plantas crescendo e de solo adubado me atinge primeiro, seguido por um ar denso de umidade.

— Por aqui.

Só estive nesta sala uma vez antes, durante meu primeiro tour pela universidade, e por apenas alguns minutos. Nada aqui me é familiar, e estou ficando sem munição. Só posso torcer para que, qualquer que seja o plano de Tomas, ele nos tire desta situação.

Tomas me leva por várias fileiras de amostras de carvalho, e por uma alameda de juncos perto de uma área envolta por uma cerca pequena, de arame vermelho.

— Tem uma cabine de controle por este caminho que opera a irrigação, a energia e o clima da estufa. Vá pra lá.

Ele começa arrancando da terra a cerca vermelha que chega à altura do joelho.

— Não podemos deixar que Kerrick e Marin saiam daqui. A não ser que a gente queira que eles venham atrás de nós de novo, ou nos delatem pra alguém que possa fazer coisa pior. Vá.

Entendendo o que ele pretende fazer, corro para a área de seis metros quadrados da estufa, e ajudo a arrancar a cerca do chão, removendo as barreiras que alertam as pessoas sobre as plantas ali contidas. Plantas que meu pai passou a vida erradicando: mancenilheiras, hera rosa, papoulas olho de boneca, jasmim vermelho. Flores e plantas que, se forem tocadas ou provadas, podem paralisar o sistema nervoso e provocar parada cardíaca, cegueira, vômito e dezenas de outros efeitos colaterais terríveis. Em alguns casos, é necessário que a planta seja ingerida para que o veneno entre em ação, mas a mancenilheira e a hera rosa só precisam de um simples toque pra que ocorra a infecção. E as frutinhas da papoula olho de boneca podem causar severas alucinações, estreitar as paredes das veias e fazer o coração parar de bater. Plantas terríveis. Mutações causadas pelos produtos tóxicos à solta no mundo. Aquelas que são cultivadas aqui são usadas para estudo, para que os cientistas possam descobrir como erradicar seus efeitos. Hoje, Tomas e eu precisamos de suas características letais para nos manter vivos.

Com cuidado para não tocar nas plantas tóxicas, Tomas e eu mudamos a cerca pra uma área que contém vegetação comestível.

— E agora? — pergunto.

— Agora, temos de fazer com que eles venham nesta direção, e esperar que não reparem no que estão se metendo. Kerrick está na Engenharia Biológica, mas lida mais com estudo

animal do que com plantas. Só gostaria que tivéssemos uma maneira de queimar algumas delas. Alguns laboratórios têm maçaricos, mas não temos tempo pra perder procurando por eles. Talvez...

— Tenho uma ideia — digo, abrindo minha sacola, pegando os fósforos que tirei do laboratório de Química e o frasco de amostra onde guardei o excesso de pó preto.

— O que é isso?

— Uma coisa que pode incendiar as plantas.

Fico de olho na entrada a distância, enquanto coloco o papel com a substância preta perto do canteiro de plantas que Tomas acredita que têm a melhor chance de fazer seu plano funcionar. Papoulas olhos de boneca. Queimada, essa planta solta uma fumaça que sobrecarrega o sistema nervoso. Uma coisa que as pessoas da Colônia Pierre aprenderam, quando uma fagulha de uma fogueira acesa ao ar livre por um pesquisador caiu na grama seca, perto de um grande canteiro de plantas com os bulbos brancos que pareciam olhos minúsculos. O fogo e os ventos fortes fizeram com que todos os que moravam nos arredores da colônia sofressem espasmos musculares, cegueira ou, em muitos casos, morressem.

Com a quantidade de pó que usei, poderia se formar uma chama alta e ampla o bastante pra fazer com que os bulbos brancos que estão por perto peguem fogo. A única estratégia será fazer nossos dois agressores virem nesta direção, e criar um rastilho suficientemente comprido que me permita chegar à saída a dois metros e meio atrás daqui, antes que a fumaça causada pela queima das plantas possa chegar até mim ou Tomas.

— Pegue. — Tomas me passa uma tira estreita de papel de vinte e cinco centímetros. Não tão longa e tão confiável quanto eu gostaria, mas os gritos que ouço e a figura que irrompe pela porta da estufa me dizem que não tenho tempo.

Coloco o rastilho no papel e jogo uma camada de pó na extremidade. Cato os fósforos com nervosismo e tiro um do maço.

— Chame a atenção deles — sussurro, enquanto equilibro o fósforo na parte de riscar.

Tomas olha para o pó preto e o fósforo, depois para mim. Levanta-se com um gesto de cabeça, concordando. Dá vários passos em direção à porta da estufa. Finge tropeçar em um arbusto perene e xinga. Basta isto.

A cabeça de Kerrick se volta em nossa direção.

— Eles estão ali.

Tomas olha por cima do ombro e se dirige para a saída atrás de nós. Kerrick e Marin pisoteiam plantas e contornam árvores pequenas, correndo para onde estamos. Tomas grita:

— Cia, vamos.

— Meu pé ficou preso — grito de volta. — Vá. Eu te alcanço.

Kerrick e outra pessoa se aproximam. Pela primeira vez, tenho uma visão de Marin. Eu a tenho visto pelo campus. Acho que até a vi conversando com Tomas. Seus traços quase característicos são seu sorriso e sua risada contagiante. Ela não está rindo agora, enquanto encurta a distância entre nós.

Um tiro é disparado. Ouço a bala atingir o chão ao longe, atrás de mim. Dirigida a Tomas. Outro tiro. Kerrick e a menina chegam mais perto. Tudo dentro de mim grita pra eu fugir, mas fico onde estou, fingindo esforço pra me soltar da vinha fantasma que me tem refém. Preciso que a atenção deles esteja focada em mim, não nas plantas por perto. Eles se aproximam. Só mais uns segundos.

Cinco.

Outro tiro.

Quatro.

Kerrick me avista e grita.

Três.

A menina me vê e sorri.

Dois.

Risco o fósforo com força e puxo.

Um.

O fósforo se acende. Um tiro me faz pular. A bala atinge o chão à minha direita, enquanto encosto a chama no rastilho de papel. Assim que vejo a chama percorrer o papel, eu me levanto e corro.

Outro tiro. Tropeço e dou um tranco para a frente, com a dor queimando minha panturrilha. Engulo o grito que quer sair de dentro de mim e sufoco o protesto do meu corpo, enquanto me levanto. Marin chama por Kerrick. Tomas grita pra que eu me apresse. Olho pra trás e percebo que passou tempo demais. O rastilho deveria ter incendiado o pó. O plano não funcionou, e Kerrick e a menina estão vindo.

Forço-me a ir em frente.

— Vamos, Cia.

Um passo. Dois. Mais rápido.

— O que é isso? — Ouço Kerrick gritar.

O cheiro de enxofre chega até mim. Ouço outro tiro e alguém começa a tossir. Não olho pra trás. Limito-me a continuar movendo uma bota à frente da outra, trincando os dentes contra a dor que, caso contrário, me faria ficar de joelhos. Tomas já abriu a porta da saída. Seus olhos brilham de medo, enquanto estende a mão, fazendo-me sinal. Alguém ainda está correndo atrás de mim. Passo aos tropeções pela porta, e Tomas a fecha com força. Seus dedos voam pelo painel de controle. A luz acima da porta muda de verde pra vermelho, e agora ela só pode ser aberta pelo lado de fora.

Uma jogada inteligente, embora uma olhada pelo painel de vidro da porta me mostre que não era necessária. Kerrick está caído a cinco metros da saída. Seu corpo pula como se estivesse ligado a uma corrente elétrica. Posso ver a agonia em seu rosto, enquanto as toxinas que ele respirou tomam conta dele. Levam seu organismo à falência. Acabam com sua vida.

Obrigó-me a ver Kerrick morrer. Não importa o motivo, eu ajudei a causar sua morte. Não sei nada sobre Kerrick, a não ser seu nome, sua área de estudo e que ele queria me machucar.

Lágrimas brotam dos meus olhos e queimam minha garganta, enquanto tento refreá-las, mas não tem como negá-las. A morte do menino, a dor que queima minha panturrilha e saber que mais pessoas morrerão antes do final da semana são impossíveis de suprimir.

O braço de Tomas me leva pra junto dele. Ele tenta me fazer desviar os olhos, mas não posso. Fico focada na cena por trás do vidro, enquanto sensações se desencadeiam dentro de mim. Tristeza, desespero, medo. O corpo imóvel de Kerrick entra e sai de foco, enquanto as lágrimas continuam a jorrar. Sinto as mãos de Tomas tocarem minha perna machucada. Dedos exploram meu machucado. Os gritos que andei sufocando irrompem pela minha garganta.

— Sinto muito, Cia — diz Tomas. Sua voz tranquiliza, enquanto ele continua a tocar o machucado, provocando dor. — Precisamos limpar isto e fazer um curativo. Parece que a bala só passou de raspão, mas está sangrando muito. Tem uma sala de primeiros socorros aqui no fundo do corredor. Acho que lá deve ter alguma coisa que eu possa te dar contra a dor.

— Não está tão ruim — minto. — Deveríamos dar o fora daqui enquanto é possível. Não sei aonde a menina foi, mas poderia estar por perto.

Tomas olha para a estufa, e sacode a cabeça.

— Ela não vai vir atrás de nós. Marin está lá.

Apesar dos protestos zangados da minha perna, fico de joelhos. Sigo a direção do olhar de Tomas, forço os olhos por entre a nuvem de fumaça que ainda perdura, e vejo Marin esticada entre um grupo de arbustos pequenos. Marin. Um nome que até minutos atrás eu nunca tinha ouvido, e agora nunca esquecerei.

— Você sabe como ligar o sistema de irrigação? — pergunto, concentrando-me na fumaça, em vez de no rosto sem vida de Marin. As plantas lá dentro estão extremamente verdes e saudáveis, e o ar demasiadamente úmido para que tudo pegue fogo. Apenas as plantas que estavam diretamente sob a chama do pó preto se queimaram, e, apesar de eu não ter dúvida de que continuarão a queimar, ligar o sistema de irrigação garantirá a extinção do fogo. Também deveria ajudar a dissipar os vapores tóxicos que permanecem no ar.

— Fique aqui.

— Não. — Forço-me a me levantar. — Vou com você. — Apesar da dor que sinto ao me mexer, não quero ficar sozinha.

Tomas passa um braço sobre o meu ombro e me ajuda a ir pelo corredor até a cabine de controle. Eu me acomodo em uma cadeira de madeira e observo Tomas operar os controles. Ele tenta três vezes até se lembrar da sequência de botões, mas por fim a água é borrifada de canos que pendem do teto da estufa. Depois de vários minutos, Tomas desliga a água, aperta um botão marcado Ventilar e diz:

— Fique aqui. Volto logo.

— Aonde você vai? — pergunto.

— Preciso colocar a cerca de volta onde estava, e tenho de esconder os corpos num lugar onde não sejam descobertos. Com a ajuda da água e do ventilador, deve ser seguro voltar pra estufa.

— Vou ajudar — digo, começando a me levantar de novo.

— Não. — Tomas põe a mão no meu ombro e me empurra de volta pra cadeira. — Fique aqui. Por favor. Esta é uma coisa que preciso fazer sozinho.

Lágrimas contidas brilham nos seus olhos. Não tem nada que eu queira mais do que abraçá-lo e ajudar a acalmar sua dor; mas não o faço. Sei que Tomas está tentando se manter forte na minha frente. Então, eu me limito a apertar sua mão e vê-lo sair.

Passam-se vários minutos até que ele apareça atrás da janela de vidro de observação. Observo-o recolocar a cerca, de maneira que ela volte a sinalizar o perigo. Depois, ele se abaixa e levanta o corpo sem vida de Marin. Seu queixo se contrai, quando sua face roça no ombro de Marin. Depois, com o corpo aninhado nos braços, some de vista. Ao voltar, tenta levantar Kerrick, mas ele é muito pesado. Agarra nos tornozelos e arrasta o corpo pra longe. Eu me vejo desejando ter pedido que removesse seus braceletes, como fizemos com aqueles que morreram durante o Teste. Como lembrança. Como se algum dia pudéssemos nos esquecer disso.

Mexo na minha sacola e checo o monitor de rastreamento. Os dois dispositivos estão próximos um do outro, não muito longe do sul de onde estou agora. Fico feliz de ver duas luzes na tela. Significam que Raffé continua vivo. Ele ainda não falhou no teste. É algo a agradecer.

Ao voltar com suprimentos médicos, o rosto de Tomas está corado, mas sem lágrimas.

— Você está bem? — pergunto, mesmo sabendo que não está. Como poderia, depois do que aconteceu?

— Vamos nos preocupar em fazer seu curativo. Depois a gente conversa.

Ele se ajoelha no chão e enrola a perna da minha calça. Tenho um estremecimento ao ver a ferida sangrenta na minha carne. Concentro-me no rosto de Tomas, enquanto ele limpa o machucado com um pano molhado. Mordo o lábio e sinto gosto de sangue, mas não grito.

As mãos de Tomas tremem ao passar uma pomada cicatrizante na minha perna. Enquanto o remédio começa a aliviar a dor, ele pega o material para o curativo e diz:

— Kerrick gosta de ajudar os alunos do primeiro e do segundo ano com os trabalhos sobre genética. Ele tem uma maneira de explicar as coisas que torna a teoria mais complicada

acessível. É uma pessoa fácil de conversar, e nunca esquece um único detalhe. Sua memória é incrível.

Gosta. Tem. É. Todos os verbos no presente. Apesar de carregar seu corpo morto, Tomas não aceitou que Kerrick se foi.

— Você conversou com Kerrick sobre Dreu Owens.

— Você disse que Dreu tinha sido destinado a um trabalho em estudos genéticos. Eu esperava que, como o estágio de Kerrick envolve genética, ele pudesse ter ouvido falar nele.

— Ouviu?

— Kerrick diz que Dreu foi designado para o laboratório onde ele estagiou no seu primeiro ano. Estava trabalhando com uma equipe na identificação de genes em gambás e coelhos. Eles esperavam que, depois que esses genes fossem identificados, pudessem descobrir uma maneira de isolar a mutação, eliminando-a.

— Onde está Dreu Owens agora? — pergunto.

— Kerrick não tinha certeza. — Tomas franze a testa. — Ele sugeriu que eu desse uma olhada nos arquivos que ele usou em seu projeto de pesquisa. Os arquivos que ele disse que são guardados em uma das salas deste prédio.

— Você falou sobre mais alguma coisa? — Alguma coisa que pudesse provocar esse tipo de ataque?

— Ele estava curioso com o motivo pelo qual eu estava procurando Dreu agora, e não logo que cheguei à universidade. Quando eu disse que você tinha entreouvido alguém no gabinete da presidente mencionar Dreu e que ele também veio de Cinco Lagos, Kerrick disse que talvez fosse melhor eu esperar antes de percorrer os registros à sua procura. Caso contrário, os professores poderiam deduzir que tenho muito tempo livre e vir com mais trabalhos pra eu fazer. Pensei que estivesse brincando, como sempre faz.

Em vez disso, Kerrick estava dando um aviso a Tomas. Que ficasse longe de Dreu Owens. Tomas não ficou, e agora Kerrick e Marin estão mortos.

— Eles deviam ser membros da rebelião. — Essa é a única explicação em que consigo pensar. — Zeen disse que os rebeldes receberam ordens pra remover qualquer um que pudesse interferir no sucesso da missão. Ou Dreu tem algo a ver com a rebelião, ou apenas ter mencionado seu nome foi o bastante para que se preocupassem que você pudesse abalar seus planos.

O som de uma porta batendo me faz dar um pulo. Tem alguém no prédio.

— Você precisa dar o fora daqui. — Tomas me ajuda a ficar de pé.

— E você?

— Eu também vou, mas primeiro quero dar uma olhada nas salas e ver se os arquivos a que Kerrick se referiu realmente existem. Duvido, mas, se Dreu é importante pra rebelião, seria bom saber o motivo. Kerrick e Marin perderam a vida. Gostaria que não tivesse sido em vão. — Tomas olha no corredor. — Por aqui.

Ele me leva para a entrada destrancada no extremo oeste, por onde entrou, e me diz pra esperar, enquanto sai e olha em volta. Pouco depois me leva para fora, no ar gelado e seco.

— Como está a perna? — pergunta.

— Bem.

— Ótimo. — Tomas passa a mão no meu rosto, mas depois franze o cenho. — Não acho que podemos esperar muito mais pra pôr o plano da presidente em ação. Se Kerrick estava pronto pra atacar pela possibilidade de que eu pudesse interferir na rebelião, não dá pra saber o que os outros estudantes rebeldes poderiam fazer. Este lugar poderia acabar se transformando num campo de batalha a qualquer momento. Se for pra terminarmos isto, temos de agir agora.

A raiva ferve sob a lógica de Tomas. Uma de suas mãos está fechada num punho, ao seu lado. Ele, que já teve vontade de fugir, encontrou nas mortes de Kerrick e Marin a necessidade de lutar.

— Stacia está dentro. Se tudo correr segundo o plano, amanhã de manhã os outros também estarão. — Entrelaço meus dedos nos dele. — Então, damos um jeito nisso.

Fico na ponta dos pés e dou um beijo no queixo de Tomas. Depois, por mais que deteste deixá-lo, me viro e vou para o sul. Quando olho pra trás à procura dele, já se foi. Minha perna dói ao me apressar pelo caminho. A dor me faz lembrar que a bala que rasgou minha calça também a deixou manchada de sangue. Não posso voltar pra república assim.

Entro num dos prédios de Ciências no limite do campus, localizo o banheiro no primeiro andar, e me troco com a calça cinza que tenho na sacola. Lavo o sangue das mãos e corro os dedos pelos cabelos, num esforço para apagar toda evidência do meu tempo no estádio. Nos últimos dias, três estudantes morreram por causa das minhas ações. A qualquer momento, mais um poderia ser machucado ou morto por causa de uma criação minha. De alguma maneira, notavelmente, minha imagem no espelho parece a mesma. Como isso parece absurdo, e, ao mesmo tempo, que sorte que seja verdade. Porque ainda há muita coisa a ser feita antes que tudo termine. Talvez, depois que acabar, as pessoas entendam o que me tornei. Talvez eu também entenda.

Como as aulas terminaram, não sou a única a me apressar pra voltar pra república. Isso me permite andar depressa sem a preocupação de chamar atenção. Apesar do terror que se agita dentro de mim. Quando chego ao prédio dos Estudos Governamentais, coloco um sorriso no rosto e entro pela porta da frente da república. O som de risada percorre o corredor. Depois de tudo o que aconteceu, anseio pela relativa segurança das minhas dependências lá em cima. Em vez disso, sigo o corredor e dou uma olhada na sala de encontro principal. Raffé não está ali, então subo.

Quando chego ao hall do segundo andar, tomo uma decisão. Em vez de subir pro terceiro andar, viro e caminho em direção à porta marcada com uma mola. O símbolo de Raffé. Pela primeira vez, eu me pergunto que tipo de mola o símbolo de Raffé representa: uma espiral de tensão, que se estica e se altera pra trabalhar com a máquina da qual faz parte, ou uma espiral

de compressão, que não permitirá ser pressionada para baixo. Será Raffè o tipo de pessoa que realmente quer se opor aos métodos atuais de seleção de líderes ou estará trabalhando com seu pai e Symon para impedir mudanças? Levanto o punho e bato na porta. Chegou a hora de descobrir.

Quando a porta se abre, apesar da garantia do monitor, solto um suspiro de alívio ao ver Raffè vivo e inteiro.

Assim que entro, Raffè fecha a porta e passa a tranca.

— Eu estava começando a me preocupar. Você encontrou o que estava procurando?

— Não exatamente. — Olho em torno, procurando sinais de dispositivos de escuta ou câmeras. O quarto tem quase o mesmo tamanho que o meu, e contém a mesma mesa, as mesmas cadeiras e o mesmo sofá, mas Raffè transformou o espaço. Do encosto do sofá, pende um acolchoado azul e branco. Um tapete feito à mão, com um desenho circular azul, está no centro do chão. E as paredes têm quadros pendurados. Alguns estão emoldurados, outros, presos pelos cantos com fitas adesivas. Rodamoinhos abstratos e coloridos. Lindas reproduções de flores e árvores. E, no centro, a maior das telas. Uma madeira marrom-escura emoldura o retrato de uma menina com olhos azul-claros, cabelo loiro-escuro e o queixo do mesmo formato do de Raffè. Ela não é o que eu chamaria de linda, mas tem algo marcante no rosto, e seu olhar é inesquecível.

— Normalmente, não deixo ninguém entrar aqui. — Raffè está parado próximo à pintura. Agora que seu rosto está ao lado do da menina, a semelhança é ainda maior. — Não acho que temos muitos amantes da arte sob este teto.

Olho as pinceladas de cores vibrantes ao lado de leves tons terrosos e me vejo desejando que Zandri estivesse aqui para explicar por que essas pinturas me fazem sentir vontade de prender a respiração. Ela entenderia as emoções nas telas porque tinha esse tipo de talento. O talento de fazer alguém sentir sem dizer uma palavra.

— São maravilhosas!

— Obrigado.

O orgulho em sua voz me faz virar.

— Foi você quem fez?

— Só uns dois. O restante é da minha irmã. — Ele olha para a menina na moldura e eu me pergunto: será esta a menina a quem ele se referiu há muito tempo? Se for, ela é parte do motivo de ele ter procurado se aliar a mim. Raffè prometeu me confiar seus segredos, se eu confiasse os meus a ele. A pintura e sua aprovação no teste me dizem que chegou a hora de compartilhar esses segredos.

— Você tem uma folha de papel pra me emprestar? — pergunto.

Raffè parece confuso, mas desaparece no quarto e volta com papel e lápis. Ocupando um lugar à mesa, escrevo um bilhete e passo pra ele. Ele o lê, balança a cabeça, e juntos começamos a procurar sinais de que estamos sendo gravados. Como Raffè tem mais posses do

que eu, nossa busca toma mais tempo do que a minha no meu apartamento, mas não encontramos nada. Quem quer que esteja me ouvindo não achou motivo pra suspeitar de Raffè.

Rapidamente, digo a ele o que aconteceu no estádio. A emboscada. Os estudantes mortos dos quais Tomas se livrou. E, por fim, conto a ele sobre minha visita à presidente, o que ela me pediu e o que eu agora peço a ele.

— Conheci Kerrick — ele diz, sentando-se à minha frente.

— Sinto muito.

— Você e Tomas fizeram o que foi preciso pra continuar vivos. Agora, vamos fazer o necessário pra terminar com isto, certo?

— Antes que você concorde em ajudar — digo, remexendo na minha sacola —, precisa ver isto. — Empurro a lista de nomes da presidente por sobre a mesa, e observo Raffè, enquanto ele lê. Quando sua mão aperta o papel, sei que chegou ao nome do seu pai. Se eu visse o nome do meu pai ali, rasgaria a folha. Gritaria. Choraria. Imploraria. E se isso não funcionasse, descobriria um jeito de preveni-lo. Faria qualquer coisa pra mantê-lo a salvo. Raffè apenas olha o papel na sua mão.

O silêncio se estende até que ele diz baixinho:

— Alguns destes nomes não fazem parte disso.

— Seu pai...

— Não, estes nomes... — Ele pega um lápis e põe estrelas ao lado de cinco nomes da lista. — Já ouvi meu pai reclamar bastante deles pra saber que não se dão bem com o doutor Barnes. Já até ouvi meu pai perguntar ao doutor Barnes porque os mantém ali, em vez de insistir que sejam transferidos. A não ser que eu esteja enganado, eles não acreditam no Teste do mesmo jeito que você. A presidente, ou talvez Symon, tem motivos para que eles morram, embora eu não possa dizer quais sejam. Mas meu pai... — Os olhos zangados de Raffè encontram os meus. — Meu pai pertence a esta lista. Ele é parte do que precisa acabar. Nós dois sabemos que meu pai está ciente do que acontece com os candidatos que não passam no Teste. Existe uma penalidade maior do que um simples fracasso para os alunos de Tosu City que não são aprovados no exame de admissão, e meu pai não apenas sabe disso, mas acredita que esteja certo.

Pisco.

— Deduzi que os alunos de Tosu podiam ir pra casa depois que soubessem da reprovação. — Caso contrário, porque os pais deixariam que se arriscassem a falhar no exame? Ou será que a chance de ser um dos líderes do país significa tanto assim para quem mora aqui em Tosu City?

Raffè levanta-se e vai até o retrato.

— Eles não vão pra casa, mas todo mundo em Tosu City acha que os candidatos reprovados são encaminhados pra trabalhos fora da cidade. Eu acreditava nisso. Foi o que disseram pra gente, então, por que eu pensaria que não é assim? Tem até mesmo gente que jura ter recebido notícias de familiares encaminhados pra trabalhar nas colônias. Trabalhos

importantes, com a nova tecnologia de energia solar, ou com sistemas inovadores de comunicação. Ouvi amigos dos meus pais se vangloriando de seus filhos que deram certo, apesar da reprovação no exame. Alguns até mencionaram isso ao doutor Barnes, para ressaltar que ele havia cometido um erro na avaliação dos testes.

— Não entendo. Se as pessoas receberam notícias dos familiares que foram encaminhados pra trabalhar nas colônias, então vai ver que os estudantes foram mesmo pra lá. — Eu queria que isso fosse verdade.

Raffe sacode a cabeça.

— Você perguntou por que eu insisti em ajudá-la. Foi porque eu soube que aquelas cartas não eram verdadeiras. Que nada em que cresci acreditando é o que parece. — Ele estende o braço e toca no retrato da menina. — Minha irmã Emilie fez a maior parte destas pinturas, inclusive esta. Pedi a ela que fizesse um autorretrato pra mim depois que sua inscrição para o exame fosse aprovada.

Ele corre um dedo pelo longo cabelo dela e deixa o braço pender ao seu lado.

— Emilie nunca quis ir pra universidade. Queria ser artista, e trabalhar com uma das equipes de revitalização para embelezar a cidade. Meu pai, porém, insistiu que ela se inscrevesse. A única maneira para que minha mãe pudesse comprar o material de arte de Emilie era se suas notas fossem as mais altas da classe, e ela se inscrevesse. Emilie era inteligente, mas sentia dificuldade na lição de casa, principalmente em Ciências. Então, eu a ajudei. Quando eu não entendia alguma coisa, perguntava pros meus professores. Aí, eu e Emilie aprendíamos juntos.

— Ela foi aceita para prestar o exame.

— Foi. — A palavra está cheia de lamento e dor. Raffe afunda as mãos nos bolsos, e vira o rosto pra mim. — Meu pai estava entusiasmado, e todo o estudo a mais me garantiu um lugar na universidade. Antes que Emilie começasse a frequentar o cursinho pros Estudos Preliminares, o próprio doutor Barnes veio até nossa casa informar a mim e ao meu pai que meus professores tinham recomendado que me candidatasse à universidade e prestasse o exame pros Estudos Preliminares um ano antes, mas o doutor Barnes achava que seria melhor mais um ano pra desenvolver meus outros talentos. Fiquei muito orgulhoso em saber que ia poder frequentar a universidade como sempre tinha sonhado. Nenhuma vez pensei no que aconteceria se não passasse no vestibular e fosse designado pra um campo de estudos. Talvez não surpreenda que tenha ficado excitado demais pra dormir quando fui pra cama naquela noite. Assim, desci pra tomar alguma coisa e ouvi a voz do meu pai. O doutor Barnes e ele estavam conversando sobre possíveis mudanças no atual programa de educação na cidade, para melhor preparo dos futuros alunos da universidade, de maneira que uma porcentagem maior passasse no vestibular pros Estudos Preliminares.

Raffe me lança um sorriso amargo.

— Se eu tivesse subido a escada naquele momento, não estaria conversando com você agora. Estaria louco da vida por você ser tão descolada e estudaria dia e noite pra ter certeza

de que minhas notas fossem melhores do que as suas.

— Eu teria gostado de ver você tentar — digo com um sorriso aberto. A maneira passional com que ele fala me lembra meus irmãos. Orgulho, determinação e força em suas convicções. Nem sempre a pessoa mais fácil de lidar, mas alguém que morreria antes de trair aquilo em que acredita. Esse pensamento é reconfortante, ainda que a tensão na voz de Raffé me faça sofrer com solidariedade e medo.

— Quando isto terminar, juro que vou competir em pé de igualdade com você. — Ele caminha e se senta na cadeira à minha frente. O humor em seus olhos se dissipa. — As coisas teriam sido mais fáceis se eu tivesse voltado pro meu quarto, mas gostei de quanto me sentia importante ouvindo aquele tipo de conversa. Estava tão entretido imaginando qual seria a sensação quando pudesse tomar decisões que mudassem o rumo da vida das pessoas, que quase perdi o que o doutor Barnes disse em seguida. Ele perguntou se meu pai tinha certeza de que queria arriscar que Emilie prestasse o vestibular. Caso não tivesse, o doutor Barnes a deixaria desistir da sua aprovação. Ele assegurou ao meu pai que a lista de estudantes aprovados ainda não havia sido divulgada. Emilie poderia ser excluída sem que ninguém soubesse.

— Estou surpresa que o doutor Barnes tenha oferecido que sua irmã recuasse, depois de sua inscrição ter sido aceita — digo. — Para um candidato da colônia, a recusa em comparecer ao Teste é considerada traição.

Raffé dá de ombros.

— O doutor Barnes e o meu pai trabalharam juntos durante anos. Meu pai considera o doutor Barnes um dos seus melhores amigos. Assim, não fiquei surpreso tanto quanto poderia, principalmente porque entendi a preocupação. Emilie é inteligente, mas leva muito tempo considerando as respostas. Ela não se sai bem em exames que têm tempo pra acabar. Especialmente quando têm a ver com Matemática ou Ciências. Seus professores mencionaram isso em suas avaliações, razão pela qual o doutor Barnes deu ao meu pai a oportunidade de retirar o nome dela. Deduzi que o doutor Barnes queria dar ao meu pai a opção de que sua filha permanecesse em Tosu City, porque, normalmente, o fracasso nos exames significaria a atribuição de um trabalho nas colônias. Mas, quando meu pai recusou a oferta, o doutor Barnes disse uma coisa que me deixou cismado se não haveria algo mais.

— O que foi que ele disse?

— Que, uma vez que a lista se tornasse pública, não daria pra recuar. Se Emilie fracassasse no exame, enfrentaria as mesmas consequências que os outros, e se tornaria uma reserva para a Comunidade Unida. Não poderia haver exceções, nem mesmo para a filha de um bom amigo. — O olhar de Raffé vai até o retrato. — Meu pai disse que não se importava. Se Emilie não fosse suficientemente boa pra conseguir um lugar na universidade, então, seu Redirecionamento significaria que, mesmo assim, ela prestaria uma valiosa contribuição a seu país. Nada mais tinha importância.

Redirecionamento.

— Talvez seu pai só quisesse dizer que sua irmã teria um propósito em uma das colônias.

— Você não ouviu o tom da voz deles, Cia. — Raffé fecha os olhos, como se estivesse ouvindo de novo. — Seja o que for que o doutor Barnes estivesse falando, não tinha nada a ver com um trabalho em uma colônia longínqua. Se tivesse, ele nunca teria pedido a meu pai pra retirar o nome de Emilie. Naquela noite, eu me deitei pensando nas palavras que o doutor Barnes tinha usado. Ele disse que Emilie se tornaria uma reserva. Algo a ser usado. Como meu pai se recusou a mudar de ideia, fiz o possível pra ajudar Emilie a passar no exame. Fiz com que estudasse até tarde da noite e praticasse testes com tempo marcado. Entretanto, por mais que a gente estudasse, não bastou. Eu deveria ter contado pra ela o que tinha ouvido e fazer com que ela fugisse, mas não fiz nada disso. Achei que ela só precisava da minha ajuda. Ela não passou. — Lágrimas ilustram suas palavras e apertam meu coração. — Quando meu pai me deu a notícia, disse que ela tinha sido designada pra trabalhar em Cinco Lagos.

— Cinco Lagos?

— Eu sei. — Seus olhos encaram os meus. — Não tem ninguém com o nome de Emilie Jeffries trabalhando com alunos do primeiro e do segundo ano na escola em Cinco Lagos.

— Não.

Raffé levanta-se e percorre a sala.

— Nos últimos dois anos, tenho procurado por ela e pelos outros estudantes que não passaram no vestibular. Foi assim que descobri a rua que você viu hoje. As pessoas que ficam ali querem viver à parte do governo, mas estão com muito medo do que acontece nas partes não revitalizadas do país, pra se atrever além dos limites de Tosu. Alguns eram estudantes que fugiram antes que os resultados do vestibular fossem publicados, certos de que não passariam. Os outros — todos eles têm razões pra não querer fazer parte daquilo a que a Comunidade Unida se propõe. Eu tinha esperança de que alguém ali soubesse onde Emilie estava. Em vez disso, uma pessoa me contou ter ouvido que os estudantes que não passavam eram levados pra uma área não revitalizada, a leste. Ela não sabia o motivo. Não quis acreditar nisso, mas parte de mim sempre se perguntou se isso é verdade. A posição do meu pai no governo facilitou pra mim encontrar oficiais que viajaram para colônias e lhes fazer perguntas. Descobri que nem uma única pessoa sobre a qual perguntei jamais foi vista na colônia para onde, supostamente, tinha sido Redirecionada. Elas simplesmente desapareceram. Como os oficiais de Tosu City não mantêm contato constante com a Colônia Cinco Lagos, não pude verificar se Emilie estava lá. Quando ouvi sobre você e Tomas, andei perguntando o que contavam sobre a sua colônia. Soube que até a chegada do oficial que ia acompanhá-los até o Teste, ninguém de Tosu City havia ido a Cinco Lagos durante anos. Emilie nunca pôs os pés na Colônia Cinco Lagos. Não sei pra onde ela foi mandada, mas pretendo encontrá-la. Ela merece isso. Todos eles merecem.

Penso no irmão gêmeo de Will e em todos os outros estudantes que não passaram na primeira rodada do Teste. Depois que este terminou, aqueles de nós que foram aceitos na universidade foram informados que os reprovados haviam sido encaminhados para trabalhos em colônias diferentes de onde tinham crescido. Quando questionado, o doutor Barnes disse

que o envio deles para novos lugares permitia que assumissem seus lugares na sociedade como adultos, e não como crianças que teriam de convencer os outros à sua volta a vê-las como pessoas crescidas, capazes de contribuições significativas. A explicação era lógica, mas depois de ouvir a gravação no Comunicador de Trânsito, sabia que era falsa. De início, pensei que todos os candidatos reprovados no início tivessem sofrido a mesma sina daqueles que fracassaram no quarto exame: morte. Ouvir a história de Raffè, porém, confirma a teoria que considerei recentemente e logo hoje ouvi Stacia repetir. Os que são testados para a universidade são os melhores e mais brilhantes. É um desperdício matar todos que não são aprovados. E o doutor Barnes não é pessoa de desperdiçar recursos. Não quando podem ser usados. A pergunta é: para o quê e onde?

Ainda assim, mesmo querendo essas respostas e entendendo a raiva de Raffè, não posso acreditar que ele realmente queira ver o pai morto, mas quando lhe pergunto sobre isso, sua resposta é imediata:

— Meu pai escolheu o lado em que quer ficar; agora estou escolhendo o meu.

Analiso a angústia e a decisão no seu rosto. Vi a mesma expressão no espelho. É o olhar de uma pessoa que chegou a uma encruzilhada e escolheu o caminho mais difícil.

O som de pessoas no corredor me diz que está na hora do jantar. Depois de comer, terei de descobrir uma maneira de testar os dois últimos membros em potencial da nossa equipe. Talvez Raffè possa ajudar com isso e no planejamento do próximo estágio. Ele parece já ter ajudado ao limitar, possivelmente, o número de pessoas que precisamos ter como alvo. Pra ter certeza, porém, preciso saber mais, razão pela qual pergunto a Raffè se ele está disposto a se encontrar comigo mais tarde, pra comparar o que ele sabe com as informações que recebi junto com a lista.

— A gente pode se encontrar depois do jantar e dar uma caminhada — ele diz com um sorriso. — Depois do nosso sumiço em Tosu neste fim de semana, todo mundo já deduziu que estou a fim de você. Isso vai servir de confirmação.

— Eles não te conhecem muito bem, né? — pergunto.

O sorriso de Raffè se desmancha.

— Pouca gente conhece.

Um lembrete de que nem eu conheço, apesar de ele ter passado neste teste.

Pondo de lado meu interesse, devolvo a lista pra sacola e penduro a alça no ombro.

— Te vejo no jantar.

— Espere. — Raffè diz, ao me dirigir para a porta. Ele some de novo pra dentro do quarto. Ao voltar, me entrega o rádio de pulso de teste que projetei. — Você esqueceu isto. Não escutei a mensagem.

— Eu sei. — Pego o dispositivo e o enfio com cuidado dentro da sacola.

Raffè cruza os braços sobre o peito e se recosta na parede.

— O que teria acontecido se eu tivesse virado esses botões?

Meu coração sai do compasso.

— Você sabia que era um teste?

— Logo de cara, não. Mas, depois de pensar no assunto, percebi que eu só deixaria uma coisa tão importante com alguém por um de dois motivos: caso não tivesse escolha, ou se quisesse saber o que a pessoa faria com a informação. Depois que decidi que essa era a sua maneira de fazer com que eu provasse minha confiabilidade, ficou mais difícil ignorá-lo sobre a minha escrivania. Deu vontade de saber o que você havia projetado. Ele me daria falsas informações?

— Não. — Mudo a posição dos pés. — Ele explodiria.

Faz-se um silêncio, enquanto Raffé me olha surpreso. Espero raiva. Em vez disso, ele dá uma gargalhada.

— Fico feliz em ser tão confiável. Isso seria mesmo de lascar.

— Você não está furioso? — Lembro-me de como me senti quando percebi que minha vida estava em perigo por causa dos testes do doutor Barnes.

— Você fez o que era preciso. E, agora, estou especialmente satisfeito por ter passado a tarde fazendo isso, em vez de ficar sondando seu brinquedo.

Raffé pega alguma coisa numa mesinha perto da ponta do sofá e me dá:

— Tome.

Pego o pedaço de papel de quinze centímetros quadrados. Nele está pintado um círculo roxo contra um fundo vermelho. No centro do círculo, formando um X, há dois raios amarelos contornados de branco.

— O que é isto? — pergunto.

— Os símbolos são importantes. Principalmente aqueles que têm a ver com mudança. Os revolucionários que formaram os Estados Unidos tinham suas listas e suas estrelas. A revolta europeia contra a coalizão usou um punho fechado. Resolvi criar pra nós uma versão diferente do seu símbolo. — Ele indica com um aceno de cabeça o círculo que envolve meu pulso. — Na mitologia, o raio representa perda da ignorância ou punição para aqueles que ultrapassam seus limites. Usei dois raios, uma vez que pretendemos fazer as duas coisas.

Os raios têm um aspecto poderoso contra as cores do nosso país. Até agora, olhei para o símbolo que os oficiais do Teste me deram como um reconhecimento das minhas habilidades mecânicas. Pensei que ele representava a habilidade para criar células solares e fontes de luz. Mas este...

— É perfeito.

A perda da ignorância. A punição daqueles que criaram o Teste. Talvez, a punição daqueles entre nós que lutaram contra ela. Apesar dessa possibilidade, agora existem quatro de nós, cinco, se Zeen estiver vivo e bem, que vão nisso até o fim.

**Minha perna machucada** começa a latejar quando subo pro meu quarto pra deixar os livros de que não preciso. Abro a porta com cuidado e vejo a tirinha de papel que enfiei entre a porta e o batente flutuar até o chão. Não é dos mais sofisticados sistemas de alarme, mas funcionou. Até onde sei, ninguém entrou aqui desde que saí.

Fechando a porta, coloco a sacola sobre a mesa. Retiro com delicadeza a caixa de metal que contém o pó preto e a coloco na primeira gaveta da cômoda. Quando tiver tempo, vou desmontar o dispositivo, pra que não haja risco de explodir acidentalmente. Enquanto estou aqui, coloco uma nova muda de roupas na sacola, passo mais pomada cicatrizante na minha perna e confiro minha arma. Resta apenas uma bala, e não tenho mais. Um problema que posso remediar com uma ida ao quarto do quinto andar da presidente. Vou ter de descobrir uma maneira de fazer esse percurso antes que minha equipe se veja forçada a entrar em ação.

Noto que a luz no meu rádio de pulso está acesa. Entro no banheiro e abro a água, pra poder ouvir Tomas me garantir que está bem. Até agora, ninguém está procurando por Kerrick e Marin.

Gravo mensagens para Tomas e Stacia, pra que eles saibam que Raffè passou no teste. Digo a eles que o dispositivo que construí para testá-lo está de volta comigo e que Raffè quer discutir os nomes da lista depois do jantar. Digo a cada um deles pra se juntar a nós em frente à biblioteca. Se alguém estiver observando, vai deduzir que estamos nos encontrando pro nosso grupo de estudo. Para Tomas, acrescento: *Eu te amo*, antes de apertar Enviar. Pensando nas pessoas que amo, tento contatar Zeen pra saber como ele está. Quero contar a ele sobre Dreu Owens e a tensão no campus, mas ele não responde. Com sorte, encontrará um tempo pra me contatar logo. Depois, enfiando o Comunicador de volta na sacola, e a pequena tira de papel de volta no batente, tranco a porta e desço a escada correndo.

Durante o jantar, é anunciado que Damone ainda não foi encontrado. Além disso, a proibição de deixar o campus continuará por toda a semana. A maioria dos alunos parece despreocupada com o desaparecimento do seu colega e a exigência de permanecer no campus, mas noto que alguns veteranos, inclusive Ian, trocam olhares nervosos.

O saguão do refeitório ainda está cheio de estudantes quando Raffè se levanta, estende a mão e pergunta se estou pronta pra ir. Enquanto deixo que ele me puxe do meu lugar, tento ignorar as risadinhas, mas não consigo evitar o nó de ansiedade que aperta meu peito quando passo por Griffin. Seu sorriso sinistro não é dirigido a mim, mas a Raffè, que o cumprimenta com a cabeça e depois pisca de volta.

O ar de fora está gelado e úmido. Nuvens negras escurecem o céu. O vento açoita os galhos do salgueiro. Parece que está se formando uma tempestade.

— Pedi a Tomas e Stacia que nos encontrassem na biblioteca — digo, ao nos aproximarmos da ponte. — Antes que eles cheguem, gostaria que você me contasse mais sobre as pessoas que acha que não pertencem à lista.

Raffe olha para a república, antes de dizer:

— Posso estar errado, mas tem um monte de nomes que não faz sentido pra mim.

— Como quem?

— O professor Lee é um deles. Eu me lembro do meu pai dizendo que o país iria pro buraco se algum dia o professor Lee ficasse responsável pela universidade. Meu pai achava que o professor Lee sempre via o melhor nos alunos, e não era bastante firme pra cortar fora os que não tinham força suficiente pra liderar.

Penso na bondade do professor Lee durante os Estudos Preliminares em sua aula expositiva de hoje. Essa combinação torna difícil acreditar que ele seja um ferrenho defensor do Teste.

— E quanto aos outros?

Raffe cita o professor Markum e o professor Harring. Os coordenadores dos Estudos Médicos e da Educação. Os dois são pessoas com quem o pai de Raffe entrou em conflito nos últimos anos. Os dois pediram ao Departamento de Educação que aumentasse o número de alunos das colônias aceitos na universidade. Depois há o oficial Parkins, chefe do Departamento de Alocação de Recursos, que sugeriu que fosse criada uma nova colônia na área não revitalizada a sudoeste da cidade, onde antes ficava Chicago. Uma área que, anos atrás, foi alocada para o pai do doutor Barnes para o Teste.

Esses cinco são os que Raffe assinalou mais cedo, mas há mais dois que o preocupam: o oficial Frank Alkyer e a oficial Liza Yamatchi, de quem Raffe nunca ouviu falar.

— Se eles fossem tão importantes pra manter o Teste e a continuação do atual programa da universidade, provavelmente eu saberia quem são. O doutor Barnes supervisiona a universidade e o Teste. A professora Chen coordena a seleção de candidatos com os educadores das colônias. A professora Holt é assistente do doutor Barnes. Meu pai trabalha com todos eles pra garantir que tenham o que for necessário pra selecionar e educar a próxima geração de líderes. Esses quatro detêm o poder máximo. Sua remoção deveria minar o Teste o bastante pra que a presidente acabasse com ele pra sempre.

Quatro vidas. Cinco, quando incluirmos Symon, cuja eliminação não entra em questão. Entretanto, somente se eu acreditar que Raffe está sendo sincero sobre o que sabe. A presidente me deu a lista de nomes. Ela deve ter motivos pra acreditar que essas pessoas deveriam ser eliminadas, mas quem pode dizer que esses motivos são específicos ao Teste? A primeira instrução que recebi como estagiária foi acreditar apenas na informação que eu verificasse por conta própria. Até agora, tinha me esquecido dessa lição. Embora não tenha certeza de que as informações de Raffe sejam exatas, sei que não posso seguir as ordens da

presidente às cegas. Meu primeiro erro foi não questionar sua lista. Não posso me permitir errar de novo.

— Então, qual é o plano? — Raffè pergunta, enquanto nos sentamos nos degraus de pedra que levam à entrada da biblioteca. — Ou vou ter de esperar pra ouvir até que Stacia e Tomas cheguem?

— Não sei. — Pensei que soubesse, mas agora... Quando escolhi este caminho me convenci de que as pessoas da lista tinham escolhido sua sina. — Como posso planejar alguma coisa sem ter certeza de quem são essas pessoas?

— Você conseguiria se encarar, se ficasse sentada sem fazer nada, enquanto o Teste continua e os rebeldes são traídos e mortos?

Quero dizer sim, mas seria mentira.

— Não sei o que fazer.

— Sabe sim. — A voz de Raffè é calma, mas firme. — Pergunte a si própria qual é o seu objetivo. Olhe os fatos da maneira como os conhece e faça a escolha.

— E se eu estiver errada?

— Aí, você está errada. — A voz de Raffè estala no rodadoiro de confusões como um chicote. — Se você estiver procurando garantias, está pedindo para a pessoa errada. Líderes não têm garantias. A única coisa que podem fazer é tomar a decisão mais sábia que puderem e esperar pelo melhor. Não foi assim que você passou pelo Teste e pela nossa Iniciação?

Sacudo a cabeça.

— Aquilo era diferente. Não tenho certeza de que possa fazer isto. — Tem havido muitas mortes desnecessárias. O peso da vida dessas pessoas pressiona meu peito, dificultando a respiração. Em quem acreditar? Na presidente? Em Raffè? Em Tomas? Em mim mesma?

No entanto, se Raffè nota minha apreensão, ele não demonstra. Em vez disso, diz:

— Bom, se você não pode, nenhum de nós pode. Uma pessoa não pode fazer isso sozinha, e duvido de que Stacia e Tomas ajudariam se eu pedisse. A única maneira para que isso funcione, Cia, é com você.

— Eu sei. — Vejo Tomas chegando, e tenho certeza de que Stacia não está muito longe. Nenhum deles teria escolhido Raffè como companheiro de equipe. Duvido até de que tivessem escolhido um ao outro. Raffè está certo. O futuro depende de mim.

Desde que eu era pequena, queria ser como meu pai — alguém a quem todos procurassem em busca de respostas. Até agora, só pensei nos seus sucessos. Nunca considerei como ele deve ter se sentido sozinho, ou na coragem necessária para dar o próximo passo, sabendo que mais um gesto errado arruinaria todos nós. Contudo, embora ele possa ter tido vontade, não desistiu. Não tinha garantia de que as coisas dariam certo. Tomou as decisões que acreditava serem as melhores, porque era a única coisa que podia fazer. Exatamente como é a única coisa que posso fazer agora. Penso no símbolo que Raffè criou pra mim. Pra nós. Com esse propósito. Vim pra Tosu City porque queria ser uma líder. Pensei que isso aconteceria depois que eu me formasse na universidade. Achei que esse acontecimento assinalaria minha

disponibilidade. No entanto, não posso mais esperar pelo Dia da Formatura. A hora de liderar é agora.

— Não podemos atingir todos da lista — digo, quando Tomas e Stacia se reúnem a nós na escada. Os olhos de Tomas parecem cansados e tensos. Quando toco sua mão, ele se encolhe. Stacia, contudo, parece não apenas descansada, mas louca pra dar o próximo passo.

Rapidamente, dou a eles um resumo do que Raffé conhece sobre quem está na lista.

— Vejam se vocês conseguem descobrir alguma coisa a mais sobre eles. Isso vai nos ajudar a decidir quem terá prioridade. Mesmo que Enzo e Ian se juntem a nós, não tem como nós seis atingirmos todos os alvos. De nós quatro, Raffé é o único que conhece Tosu City o bastante para chegar a endereços específicos rapidamente. Isso vai nos retardar. E, depois que eles suspenderem a proibição de os estudantes deixarem o campus, a professora Holt e os outros coordenadores das repúblicas começarão a nos procurar.

— A não ser — diz Stacia — que a gente os encontre primeiro.

Raffé sacode a cabeça.

— Não podemos eliminá-los antes de dar um fim no doutor Barnes. Certo, Cia?

Stacia parece pronta a argumentar, mas para quando digo:

— Raffé tem razão. Assim que as pessoas da lista começarem a morrer, o doutor Barnes saberá que alguém irá atrás dele e descobrirá um jeito de impedir isso. Eliminar os outros nomes da lista não significará nada a não ser que o próprio doutor Barnes seja morto.

— A presidente quer que todos os alvos sejam eliminados — Stacia me lembra. — Não apenas os que você escolher.

— A presidente vai entender que tivemos de priorizar de acordo com o que será mais útil para o objetivo dela — respondo. Contanto que o Teste e a universidade saiam do controle do doutor Barnes, não acho que ela terá motivo pra reclamar. — Depois que o doutor Barnes e os principais administradores do Teste forem eliminados, ela vai conseguir lidar com os outros sozinha.

— E quanto a Symon? — Raffé pergunta, antes que Stacia possa objetar novamente. — Não vai ser fácil chegar até ele. Não no meio de um acampamento rebelde armado.

— Acho que conheço um jeito. — Mas não divido com eles. Vou confiar em Stacia e em Raffé pra me ajudarem a acabar com o Teste, mas não vou confiar a vida do meu irmão a eles.

Stacia cruza os braços e se recosta.

— Tudo bem. E aí, quando a gente começa o plano?

— Assim que eu decidir sobre Ian e Enzo. Assim que tivermos a equipe completa, estaremos prontos.

Ficamos quietos, quando um grupo de alunos se aproxima. Assim que eles sobem a escada e entram na biblioteca, Stacia pergunta baixinho:

— Você já descobriu como vai testar Enzo? Porque, se a resposta for sim, talvez a hora seja agora. Ele está vindo pra cá.

Com certeza, Enzo e Will caminham em nossa direção.

Will nos avista primeiro. Acena e grita:

— É pra gente ficar ofendido que vocês tenham combinado um encontro do grupo de estudos e não avisaram a gente?

Raffe ri, enquanto fica em pé.

— É só impressão. Eu finalmente consegui que a Cia fosse dar um passeio comigo sozinha, e todo mundo apareceu. Não dá pra um cara ter uma folga.

— Vai ver que é porque a Cia é bem esperta pra saber que não deve ficar sozinha com um cara como você. — Will diz com um sorriso, ao chegar aos degraus da biblioteca. — Os caras das colônias são muito mais confiáveis. Você não acha, Tomas?

— Claro. — Tomas se levanta e dá um sorriso contraído a Will. — Embora alguns de nós sejam mais confiáveis do que outros.

— Bom, da sua parte não sei, mas alguns de nós realmente precisam estudar um pouco. Não dá pra todos serem como a Cia, e já ter feito toda a lição de casa — diz Will. Stacia revira os olhos pra mim, e se volta pra Enzo. — Vocês têm tempo pra comparar as respostas da lição de Física? Acho que posso ter respondido errado a número dez.

— Claro. — Enzo dirige a ela um sorriso tímido. — Também tive problema com essa.

Stacia nos lança um sorriso vitorioso, enquanto leva Enzo e Will escada acima pra dentro da biblioteca, deixando Tomas, Raffe e eu pra trás.

Espero por Tomas pra me dizer o que foi que ele achou nas salas do estádio. Quando ele não diz, percebo que é porque Raffe está junto.

— Conte pra Raffe o que aconteceu hoje no estádio — digo. — Você pode dizer a ele o que foi que achou.

Tomas analisa Raffe por vários segundos, antes de dizer:

— Existem arquivos sobre cada graduado do programa de Engenharia Biológica. Eles não são muito detalhados, mas realmente listam os estágios em que cada ex-aluno trabalhou, bem como os locais e o tamanho de cada trabalho de pós-graduação. A última vez que o arquivo de Dreu foi atualizado foi há cinco anos, quando ele começou um trabalho num programa de mutação reversa dirigido por Ranetta Janke.

Ranetta. A líder da segunda facção rebelde. Qualquer que seja o envolvimento atual de Dreu com ela, não é de estranhar que Kerrick e Marin estivessem preocupados quando, do nada, alguém perguntou dele. Eles acharam que, ao me atacar e atacar Tomas, estavam protegendo a rebelião, o que me deixa ainda pior em relação à morte deles. Morreram por nada, por não saberem que estávamos do mesmo lado da causa.

No entanto, saber da conexão de Dreu com Ranetta também me deixa mais otimista. Se Dreu estiver com Ranetta no acampamento rebelde, Zeen pode conseguir rastreá-lo. O laço comum com Cinco Lagos poderia ajudar Zeen a convencer Dreu sobre a verdadeira natureza da rebelião. Ele poderia ser recrutado pra ajudar Zeen a eliminar Symon. Se isso não acontecer, então estará a cargo de Stacia, Raffe, Tomas e eu terminarmos o que começaremos em breve.

— Alguém percebeu que o Kerrick sumiu? — pergunto a Tomas.

— Não, e duvido que percebam até amanhã, no mínimo. Kerrick e Marin estavam juntos a maior parte do tempo que não estavam em aula. As pessoas na nossa república não vão se preocupar se não o virem por lá. Só temos de torcer pra que os outros membros da rebelião na universidade não comecem a procurar por ele.

O céu troveja. Vários outros estudantes chegam à biblioteca e nos olham, enquanto passam apressados. Vai chover logo.

— Talvez seja melhor conversar em outro lugar — diz Raffè. — Principalmente porque parece que estamos atraindo a atenção de um dos seus amigos lá dentro.

Olho em direção à biblioteca e vejo o rosto curioso de Will prestando atenção aqui fora.

— De qualquer modo, quero voltar pra minha república — diz Tomas. — Tem algumas coisas que preciso resolver, antes que este projeto comece.

O vento solta algumas mechas do meu cabelo, que eu havia prendido para trás, quando começamos a nos dirigir para as repúblicas. Raffè deve entender que Tomas e eu precisamos de um momento a sós, porque caminha mais devagar, até que ficamos uns cinco metros à frente.

Pergunto baixinho:

— Você está bem?

— Claro. — A mentira é óbvia, talvez, só porque eu estava lá hoje; e eu também não estou bem. No entanto, não tenho certeza de que deveria estar. Que algum de nós deveria estar. Focar o futuro me ajudou a construir uma parede entre meus pensamentos e minha sensação sobre o que aconteceu, mas sei que a certa altura essa parede vai desmoronar. Quando isso acontecer, sabe-se lá se algum dia eu estarei bem de novo.

— Lembre-se do que você me falou — digo. — Vamos enfrentar isso juntos. — Toco os dedos dele com a ponta dos meus.

Tomas caminha calado. Depois de vários longos momentos, a tensão se vai dos seus ombros. Quando ele concorda com a cabeça, o gesto é acompanhado pelo sorriso com covinhas que nunca deixa de tocar meu coração.

— Juntos. — Seus dedos se fecham sobre os meus por alguns segundos, antes que ele se vá.

Observo-o aproximar-se de sua república e sinto Raffè chegar ao meu lado, enquanto Tomas desaparece pela porta de entrada.

— Ele está bem?

— Hoje foi difícil — digo.

— Vai ser mais difícil. — O céu troveja. — Você acha que ele vai conseguir lidar com isso?

— Tomas não vai deixar a gente na mão. — Custe o que custar.

Apesar da ameaça da chuva, Raffè decide que deveríamos continuar nosso passeio um pouco mais. Caso alguém esteja monitorando nossos movimentos, deveria parecer que fomos

interrompidos por Stacia e Tomas, e agora estamos conseguindo passar um tempo juntos como pretendíamos. O que estamos fazendo de fato é procurar a melhor maneira de dar o fora do campus sem sermos notados.

Passamos a hora seguinte andando ao longo dos lados norte e leste do terreno da universidade, enquanto as nuvens pesadas de chuva chegam mais perto e o céu fica preto. A oeste e ao sul há fendas na terra causadas pelo Sexto Estágio da Guerra. Largas demais para que sejam atravessadas até mesmo nos pontos mais estreitos, elas constituem uma barreira natural.

Um oficial da segurança está perfilado sob um poste de iluminação solar em frente ao Centro do Teste. É difícil dizer se há algum oficial nas sombras que existem entre esse prédio e os outros pelos quais passamos, mas avistamos mais um não longe do estádio, e três entre o estádio e o prédio de Administração de Tosu, na extremidade nordeste. Os oficiais devem imaginar que a cerca preta de ferro de dois metros e meio de altura impedirá os alunos de saírem, porque não vemos nenhum sinal deles ao longo daquele lado do campus, até que chegamos ao canto sudeste, onde quatro oficiais se encontram na rua, sob o arco de ferro que assinala a entrada para a universidade.

— Vamos ter de pular a cerca — Raffé diz quando cai a primeira gota de chuva. — O grupo de árvores por onde passamos, próximo ao prédio da Administração de Tosu, nos dará cobertura suficiente pra pularmos sem sermos vistos.

— É, mas não vamos conseguir levar nossas bicicletas.

Já vai ser bem difícil chegar a todas as pessoas da lista da presidente sem que tenhamos, também, de ir a pé. Envolver meu corpo com os braços e aperto o passo quando uma gota de chuva cai na minha testa.

— Talvez a gente possa atrair alguns dos oficiais pra longe de seus postos.

— Uma distração poderia fazer com que eles deixassem seus postos tempo suficiente pra que a gente saia, mas eles não vão demorar pra perceber que foram enganados. Assim que perceberem, virão atrás de nós. Quanto tempo você acha que a gente vai se aguentar lá fora, nas ruas desprotegidas da cidade? Vamos precisar de um lugar pra nos esconder pelo menos durante algumas horas até que a busca inicial diminua.

— Tenho certeza de que encontrei um. Lembra da rua sobre a qual te perguntei ontem? — As gotas começam a cair com mais força, quando corremos em direção à república. Um raio ilumina o horizonte, no momento em que entramos.

— Bom, essa foi uma sincronia perfeita — Raffé diz, enxugando a chuva do nariz.

— Perfeita pra quê? — pergunto, prendendo uma mecha úmida de cabelo atrás da orelha.

— Pra ter escapado do dilúvio. — Ele ri, enquanto sacode a água do cabelo, como os cachorros de Scotty Rollison, de lá onde eu morava. — Acho que da próxima vez vou pensar num guarda-chuva.

— Se houver uma próxima vez. — O som da voz de Will faz com que nós dois nos viremos. — Enzo e eu estávamos imaginando aonde vocês dois teriam ido. Ele queria

conversar com você sobre a lição de História que recebeu hoje. Só foi até o quarto pegar um livro. Vai se encontrar comigo de novo na sala comum.

— Se você se encontrar com ele antes de mim, diga que vou me trocar e pôr uma roupa seca — digo, com um olhar deliberado para Raffè. — Desço logo.

Sigo pelo corredor. Ouço Raffè dizer que ele também vai trocar de roupa. Vem logo atrás de mim, quando começo a subir os degraus.

Um estrondo ecoa no prédio. Meu pé perde um degrau, enquanto a origem do som fica evidente. Não foi um trovão. Uma explosão. Recupero o passo e subo correndo a escada, sem pensar na dor que sobe pela minha perna.

Ouço gritos. Portas batem, e estudantes que estavam nos apartamentos saem pra ver o que aconteceu. Chego ao patamar do terceiro andar. Raffè ainda está ao meu lado. O cheiro de fumaça e enxofre está denso no ar. Raffè grita pra que todos desçam até alguém se certificar de que não há perigo, de que isso deve ter sido causado pela tempestade. Uma dezena de garotas sai dos apartamentos e desce correndo pela escada. Alguns poucos me lançam olhares, enquanto ignoro a sugestão de Raffè e sigo correndo pelo corredor.

Uma fumaça sobe pela abertura na parte inferior da minha porta. O pedacinho de papel que eu usava pra me avisar sobre a entrada de alguém está no chão. A porta está trancada. Lido com a chave até que ela destrava e a maçaneta gira. O corredor se enche de fumaça. Tusso ao entrar no quarto. Através da fumaça, avisto o contorno de alguém se retorcendo no chão do meu quarto, enquanto suas roupas são devoradas pelas chamas.

Jogo minha sacola no chão, e corro pra ver se posso ajudar Griffin. Porque tem de ser ele. Era ele que andava me seguindo. Que me detesta. Que foi recrutado pela professora Holt pra descobrir um motivo de me tirar da escola. Arranco os cobertores da minha cama, e os atiro em cima da forma gemente pra abafar as chamas, e percebo que o corpo sob as cobertas é pequeno demais pra pertencer a Griffin. E a voz que grita por socorro...

Puxo o cobertor e vejo o cabelo escuro que foi queimado na frente do couro cabeludo. Uma mão em bolhas causadas pela explosão se estende até mim, enquanto vejo seus olhos vidrados de dor, e sussurro:

— Enzo.

Confusão. Tristeza. Angústia. Meus olhos enchem-se de lágrimas, enquanto corro até o banheiro e encharco uma toalha com água. Enzo arrombou meu quarto, remexeu nas minhas coisas e fracassou no teste dirigido a Raffè. Depois de termos passado pela experiência da Iniciação, e da maneira como ele tentou me proteger depois da morte de Damone, não entendo como isso pôde acontecer. Colocando o pano molhado e frio em seus braços vermelhos e irritados, quero perguntar o porquê, mas a dor em seu rosto, a maneira como seu corpo começa a tremer, faz com que a pergunta se perca. Tudo o que quero é acabar com a dor; voltar no tempo pra poder desmontar meu teste antes que Enzo possa encontrá-lo.

— Cia. — Mal dá pra ouvir sua voz por entre os dentes travados. — Sinto muito. Pensei... Stacia disse... — Ele tosse, respira superficialmente.

Stacia. Será que ela pensou que eu estava demorando demais pra fazer uma escolha? Será que decidiu que este deveria ser o teste de Enzo, ou esta é a sua maneira de atrair atenção para mim, de modo que meu plano pra ajudar a presidente — nosso plano pra acabar com o Teste — não funcione?

— Tudo vai dar certo — digo, porque ele precisa ouvir isso e eu quero acreditar nessas palavras. Mas não vai. Porque aqui está ele, queimado. Talvez, morrendo.

Busco na minha sacola a pomada que tenho usado na perna. Não vai bastar pra curar esse tipo de ferimento, mas deixá-los mais suportáveis. Depois que encontro o tubinho, não faço ideia de por onde começar. Ele tem áreas irregulares de vermelho no rosto, nos braços e nas mãos. Dá pra ver outras queimaduras pelos buracos chamuscados em sua camisa e na sua calça. Em seu rosto, tem uma área preta carbonizada onde parece que a pele foi irremediavelmente queimada, e o tecido em volta dos olhos já começou a inchar, fazendo-os parecerem menores e incrivelmente vulneráveis. A bomba que construí fez o que tinha sido projetada pra fazer. Stacia encaminhou Enzo pra cá, mas a culpa é minha.

Um som ritmado e agudo me faz dar um pulo. Alguém ativou a sirene de emergência da república.

— Cia, o socorro está vindo. — Uma mão se crava no meu ombro e me sacode. — Cia, você está me ouvindo?

Levanto os olhos através das lágrimas, e vejo o rosto de Raffè me olhando.

— Apaguei o restante das chamas e disse a todo mundo que estava subindo a escada pra sair, mas a sirene significa que os oficiais chegarão logo. Eles virão até aqui, no seu apartamento, e vão ver o que aconteceu. Você entende o que isso significa?

— Significa que vão ajudar o Enzo. — Sinto um alívio momentâneo, e depois percebo que estou enganada. Raffè não está me dizendo que Enzo vai receber cuidados médicos. Suas palavras são um alerta. Os oficiais da universidade logo estarão aqui. Eles farão perguntas sobre o que aconteceu, por que criei um dispositivo que provocou esse tipo de danos. Enzo arrombou meu quarto, mas sou eu quem pagará o preço, se não fugir.

— Tenho de ir — digo.

Faço duas tentativas para ficar em pé. Raffè vem me ajudar, mas afasto suas mãos. Vou até o meu guarda-roupa, agarro minhas botas extras e outra muda de roupas pra juntar àquela que já está na minha sacola. Visto minha jaqueta pra me proteger da chuva. Depois, olho em torno dos cômodos que ainda contêm uma névoa de fumaça. Livros. Papéis. Material para escrever. Muitos itens foram queimados, mas alguns permaneceram intocados pelas chamas. Eles são o que me definiu, e meus objetivos para a maior parte da minha vida. Não tenho como levar mais do que os papéis e os lápis que já guardei na sacola, e, mesmo que pudesse, não iria usá-los agora. Hoje, estou sendo forçada a abandonar meus livros e o conhecimento que eles contêm. De agora em diante, preciso ter fé que aprendi as lições necessárias para dar o próximo passo.

— O que houve aqui? — Ian grita da porta.

Não tenho resposta, mas fico agradecida que Raffè tenha. Acima da sirene estridente ele grita de volta:

— Enzo arrombou o quarto da Cia. Devia estar tentando algum tipo de armadilha. Deu pra trás. Pensamos que seria melhor se a gente liberasse o espaço. Certo, Cia?

Ian olha pra onde Enzo está deitado, tremendo no chão. Depois, para mim. Por um instante, parece confuso. Depois, enfia a mão no bolso do casaco. Quando a retira, sua mão segura uma arma.

Enzo geme no chão. Os oficiais devem estar chegando agora. Meu tempo pra fugir está se esgotando. Preciso que Ian me deixe ir.

— Sei que você é um dos rebeldes — digo. — Aquele que Michal me disse que me manteria a salvo.

— Michal entenderia. A rebelião tem de vir em primeiro lugar.

— Michal não pode entender porque está morto — berro. Penso no dispositivo de escuta atrás do guarda-roupa, e abaixo a voz o máximo que posso, a um ponto que ela ainda pode ser ouvida. Com as sirenes de emergência estridentes, e os oficiais a caminho, duvido que alguém esteja ouvindo o que acontece aqui agora, mas não quero revelar mais do que preciso para aqueles que estão me espionando. Flashes de luz na janela. — Symon matou Michal quando ele lhe deu provas que a presidente poderia usar para acabar com o Teste. Sei, porque eu estava lá.

— Eu também estava — diz Raffè, posicionando-se ao meu lado. Suas mãos estão contraídas ao lado do corpo. Sei que está esperando o momento certo de atacar. Ian não sabe, mas agora ele corre o mesmo risco que nós, da parte dele.

A arma na mão de Ian se desloca pra baixo, enquanto ele olha da porta aberta atrás dele, para mim.

— Isto não é possível. Symon...

— Symon está trabalhando com o doutor Barnes — digo. — Ele não está tentando acabar com o Teste. Está trabalhando pra ter certeza de que as pessoas que querem acabar com ele estão sob controle e depois serão mortas. Estou tentando garantir que isso não aconteça. Se você quiser que o Teste termine, tem de me deixar ir.

É possível ouvir vozes acima do barulho das sirenes. Subindo a escada, ou no fundo do corredor. O tempo que tenho pra escapar está se esgotando. Se eu não sair agora, pode ser que o Teste nunca acabe. Meu irmão pode morrer, e tudo o que fiz terá sido em vão.

Vejo Raffé enfiar a mão no bolso lateral da sua sacola e acenar com a cabeça para mim. Mudo os pés de lugar e me preparo pra correr, mas antes que Raffé possa atacar, Ian grita:

— Tussa.

Raffé para e olha pra mim.

— O quê?

— Comecem a tossir. Os dois. — Ian enfia a arma de volta no bolso e dá dois passos em minha direção. — Preciso que você confie em mim, ou não vai conseguir dar o fora daqui. — Ele se inclina e coloca uma mão ao redor das minhas costas, e a outra atrás dos meus joelhos. Antes que eu saiba o que pretende, ele me levanta nos braços, junto com a minha sacola, e se apressa em direção à porta, gritando: — Vai ficar tudo bem, Cia. Vamos, Raffé. Temos de tirá-la daqui. Não dá pra ela respirar com toda esta fumaça.

Fico largada, fecho os olhos e começo a tossir. Raffé tosse também, enquanto Ian me carrega para longe da fumaça. De Enzo. Dos danos que ajudei a causar.

— O que houve aqui?

Forço-me a não reagir ao som da voz da professora Holt, e espero que Ian pare de se mover, mas ele não para. Apenas grita:

— Enzo armou alguma espécie de explosivo no quarto de Cia. Tenho de levá-la pra longe da fumaça.

A tosse de Raffé me diz que ele continua atrás de nós quando Ian começa a descer a escada. Por mais de uma vez, alguém dá um encontrão em nós, indo socorrer Enzo. Mantenho os olhos bem fechados, enquanto o som de vozes cresce tão alto quanto os gritos das sirenes. Estudantes gritam acima da estridência do alarme para descobrir se alguém sabe o que está acontecendo. Ian grita para as pessoas darem passagem. Antes que eu me dê conta, sinto ar úmido no meu rosto.

— Ela está bem — grita Ian. Pra quem, não sei ao certo. A mudança em suas palavras me faz parar de tossir. — Ela ficou agoniada com o calor e o pânico no andar térreo, mas a professora Holt me pediu pra dizer pro restante de vocês subir. Alguém se queimou feio.

Abro os olhos enquanto dois oficiais dirigem-se pro prédio, deixando Raffé, Ian e eu sozinhos, do lado de fora da república.

— Temos de ir embora — digo, enquanto Ian me coloca no chão úmido. — Agora.

— Acho que posso te garantir uns cinco minutos — diz Ian. — Depois disso, não posso fazer mais nada.

— Você não pode ficar aqui. Tem um dispositivo de escuta plantado atrás do guarda-roupa do meu quarto. Quem quer que tenha posto aquilo lá, vai saber que te contei sobre o doutor Barnes e Symon. — Mesmo que não tivessem ouvido o resto, isso seria o bastante pra pôr Ian em perigo.

Ian olha de volta para a república, depois sacode a cabeça.

— Se alguém estava ouvindo, só vou ter de arrumar um jeito de não entrar em roubada. Não vou embora. Se você estiver certa, os estudantes que seguem Symon estão em perigo. Não posso ir embora antes de contar a eles. — Ian põe a mão na porta. — Vou enrolar os oficiais, mas não vai ser por muito tempo. Você tem de se apressar.

Ele não tem de me dizer duas vezes. Corro, enquanto a chuva recomeça a cair. Raffé chega ao galpão de veículos antes de mim. Agarra minha bicicleta no suporte e a traz até mim.

— E a sua? — pergunto.

— Vai ser mais difícil duas pessoas deixarem o campus sem ser vistas. Você vai ter mais chance de passar despercebida se for sozinha

— O que você vai dizer pra professora Holt? Ela sabe que você estava comigo.

— Vou inventar alguma coisa. Não se preocupe. Amanhã eu encontro você. Juro.

Abro minha sacola e tiro um rádio de pulso portátil.

— Não molhe. Você consegue me contatar com ele.

Depois, passo a alça da minha sacola sobre a cabeça e subo na bike, a chuva caindo forte.

— Espere! — Raffé põe a mão no meu braço. — Você deveria tirar seu bracelete, ou eles conseguirão te rastrear. Posso colocá-lo dentro de um dos prédios da universidade, assim vão pensar que você está escondida aqui no campus.

É uma boa ideia, mas, quando olho para o bracelete no meu pulso e o símbolo que deveria significar quem sou agora e o futuro que eu deveria ter, sacudo a cabeça.

— Não posso me livrar dele ainda. Tenho de fazer uma coisa primeiro. Lembre-se da construção sobre a qual conversamos. Se conseguir sair do campus, é lá que você vai me achar. É hora de agir.

Meus pés impulsionam os pedais. A chuva fustiga meu rosto e ensopa minhas roupas, minha bike ganha velocidade. Por sobre a ponte. Pelo passeio. Longe das sirenes que ainda atravessam a noite. Através da chuva, acho que vejo luzes de flutuadores aproximando-se a distância, assim, dirijo minha bike para a grama, longe das luzes da rua, para dentro das sombras. Embora eu não tenha certeza de que algum dia possa estar realmente a salvo de novo.

O chão molhado retarda meu avanço, mas logo avisto a cerca que assinala o lado direito do campus. Lá, desço da minha bike e a levo em direção à entrada em arco, pra ver se os

oficiais da segurança ainda estão ali, de prontidão. Protejo os olhos da chuva, e espio na escuridão. Ao não ver ninguém, pego uma pedra e a jogo na rua com toda força. Ela estala contra o calçamento depois vai quicando pelo chão até parar. Se alguém estivesse de guarda, teria vindo investigar. Enzo, inadvertidamente, provocou a distração que tínhamos discutido.

Começo a voltar pra minha bike, mas me lembro de uma coisa que preciso fazer. Tiro meu canivete, uma lanterna e meu rádio de pulso. Uso primeiro o rádio. Prestando atenção pra que o dial esteja ajustado na frequência de Tomas, ligo o gravador. Conto logo a ele o que aconteceu, e que agora estou fora dos limites da universidade.

— Quando perceberem que fugi, virão atrás de mim. Deixe seu bracelete no seu quarto. Estarei esperando a três quarteirões logo a leste dos portões de entrada. Por favor, tome cuidado. Em breve, a gente se vê.

Aperto Enviar, enfio o rádio de volta na minha sacola e volto a atenção para o bracelete de identificação. Curiosamente, meus dedos estão firmes, enquanto tiro o metal brilhante do meu pulso, e o viro de costas pra expor a parte de trás. Seguro a lanterna com a boca pra ver o que preciso fazer em seguida.

Usando a menor lâmina, alavanco o encaixe do disco no centro do bracelete. Faço várias tentativas, e corto meu dedo antes que a parte de trás saia e eu possa remover o dispositivo de rastreamento.

Depois de devolver o canivete e a lanterna à sacola, recoloco meu bracelete no pulso e jogo o dispositivo de rastreamento no meio de um pequeno ajuntamento de arbustos, perto da cerca à minha esquerda. Depois, pedalo três quarteirões e procuro o grupo de árvores e arbustos que avistei a caminho do meu estágio. Em parte quero me afastar o mais depressa possível do meu dispositivo de rastreamento. Não quero que me peguem, mas não posso partir sem Tomas. Espero que ele já tenha visto a luz do indicador brilhando. Se a resposta for positiva, logo estará aqui. Se não, pretendo esperar tanto quanto possa.

A moita que estou procurando está no final do terceiro quarteirão, a trinta metros da rua. Desço da bicicleta e a levo comigo até o meio de um amontoado denso de ramos de árvores perenes. Sento-me no chão com os joelhos bem junto ao peito. Um trovão ecoa acima. Com a falta de luar e a chuva enevoadada, a visibilidade é fraca. Agora que não tenho nada pra fazer a não ser ficar sentada pensando, as lágrimas começam a cair, e eu deixo, porque pode ser o único momento em que tenho uma chance de extravasar o que vai dentro de mim. Lágrimas amargas por Enzo, Kerrick, Marin, Damone, Michal. E acima de tudo por mim. Pela menina criada para amar e respeitar a vida e que tem sido forçada a matar.

As lágrimas continuam caindo quando o céu se abre. Em algum momento o doutor Barnes e a professora Holt encontrarão o dispositivo de rastreamento perto da entrada do campus. Eles saberão que já não estou no campus. Acreditarão que fiz o que Tomas sugeriu e fui pra casa? Mandarão alguém a Cinco Lagos? Acreditarão na minha família, quando eles disserem que não me viram? Se não, o que acontecerá com eles e com todos os outros da minha colônia? Porque as pessoas que conheço lá não ficarão de fora, permitindo que minha família

sofra nas mãos dos oficiais que chegarem, sejam eles quem forem. Eles acreditam na paz, mas não tenho dúvida de que lutarão se necessário. Lutarão e continuarão lutando. Não posso deixar por menos.

Respiro fundo, enxugo as lágrimas do rosto e tento pensar. Por um lado, quero ir até o acampamento rebelde e encontrar meu irmão. Era a ele que eu recorria quando precisava de ajuda com um problema. Mesmo que não tivesse a resposta, ele sempre me fazia sentir mais confiante e controlada, ao discutir o assunto comigo. Contudo, não posso ir até ele agora. Se os estudantes que nos atacaram no estádio forem uma indicação de até onde os rebeldes irão para garantir que nada ameace sua causa, ir até a base da força aérea somente trará problemas a Zeen. Mesmo que eu pudesse encontrá-lo, meu irmão insistiria para que eu deixasse Tosu City, o que não posso fazer. Além disso, ele está no lugar perfeito para eliminar Symon quando estivermos prontos. Até lá, terei de me apoiar em mim mesma para analisar as coisas.

Duvido que o doutor Barnes e Symon me deixarão vagar à solta por muito tempo. Depois que começarem a busca a sério, a presidente Collindar não conseguirá intervir a meu favor. Não, sem que fiquem cientes dos seus interesses. A partir de amanhã de manhã, a notícia chegará até a presidente e sua equipe, e eu não poderei contar com nenhuma ajuda daquela frente. Isso significa que, se precisar de qualquer coisa da sala do quinto andar, terei de buscá-la antes do nascer do sol. E agora sei do que preciso.

Se pelo menos Tomas chegasse.

Segundo o relógio na minha sacola, faz duas horas que Tomas, Raffè e eu nos separamos. Mudanças demais em tão pouco tempo. Os minutos se arrastam enquanto espio pelos ramos em direção à rua que leva ao portão da universidade. Se eu quiser chegar ao gabinete da presidente antes que comecem a me procurar, tenho de ir agora, ou me arriscarei a ser vista e capturada.

Mesmo assim, espero. Preciso saber que Tomas está a salvo.

Passam-se mais dez minutos. Visualizo Tomas sendo capturado. Interrogado. Machucado. Pior. Tenho vontade de pedalar de volta pro campus para encontrá-lo, mas fico onde estou e forço a vista através das sombras.

Ali.

Vejo o contorno de uma figura pedalando uma bicicleta. Sei que é ele. Virando o botão de frequência do meu rádio de pulso para o que Raffè usa, enfio o rádio na sacola e me arrasto pela lama pra fora do meu esconderijo. Puxo a minha bike pra fora dos ramos e vou com ela em direção à rua. Tomas olha por sobre o ombro, em direção à entrada da universidade. Procurando por alguém que venha atrás dele, ou por mim?

Assim que me avista, para a bicicleta, desce e murmura meu nome no escuro. Quando chego até ele, jogo meus braços ao redor da sua cintura e aperto com força, extremamente grata por ele estar a salvo e aqui comigo, agora.

— Estava preocupado que você fosse embora, porque demorei muito pra chegar aqui.  
— Tomas pressiona os lábios na minha testa. — Está cheio de flutuadores e oficiais da

segurança no campus, principalmente perto das repúblicas. Tive de ir e vir um monte de vezes para evitá-los. Você está bem?

— Temos de dar o fora daqui. — Contra minha vontade, saio dos seus braços.

— Se você tiver mudado de ideia, a gente ainda pode ir embora. Cinco Lagos...

— Não vou voltar pra Cinco Lagos.

Tomas respira fundo e concorda com a cabeça.

— Não pensei que fosse, mas tinha esperança de que... — Ele olha além de mim, na rua. Apesar da sua vontade em ver o Teste terminado, acima de tudo ele quer ir pra casa. Esquecer. Compreendo esse desejo, mas não existe esquecimento para o que vimos e fizemos. A única maneira de viver com nossas ações é acabar com o que as causou. Ou morrer tentando.

Ele endireita os ombros e pergunta:

— Pra onde vamos daqui?

Subo na bike e digo:

— Em primeiro lugar, pro gabinete da presidente. Lá tem armas de que vamos precisar. Depois, a gente vai se esconder num lugar onde ninguém nos encontrará, e planejar nosso ataque. Se os outros saírem do campus, vão se encontrar com a gente lá.

Percebo que Tomas quer fazer mais perguntas, mas não há tempo. Pressiono e começo a pedalar pela rua escura, esquadrinhando a área em busca de qualquer movimento perto dos prédios por onde passamos. As construções na área imediatamente vizinha à universidade são usadas pelos professores e suas famílias, embora algumas sejam designadas para o uso de oficiais da colônia e cientistas que vierem a Tosu City. Como já são quase nove horas, além do horário em que a lei permite o uso de eletricidade em construções não governamentais e na universidade, as casas estão escuras. Vejo aqui e ali o brilho trêmulo de uma luz que vem de uma janela, mostrando-me que algumas famílias estão usando velas.

As nuvens se afastam e a Lua aparece. É apenas uma lasquinha, mas até mesmo a luz fraca e difusa nos ajuda a nos mover mais depressa do que se não houvesse nada. É difícil distinguir os lugares onde a rua está descuidada, mas continuamos a rumar para o sul, em direção ao centro da cidade.

Tudo o que envolve a jornada, nós pedalando as bicicletas, a respiração de Tomas e a tensão nervosa dos meus músculos, me lembra a quarta fase do Teste, quando Tomas e eu só tínhamos nossas percepções e um ao outro para ajudar na nossa sobrevivência. Talvez por me lembrar de como conseguimos superar todas as adversidades, não sinto o mesmo medo agora. E, por mais estranho que pareça, pela primeira vez desde que fui selecionada para o Teste, minhas ações me pertencem. Sim, o doutor Barnes e seus oficiais estarão procurando por mim. Sim, a presidente Collindar espera que eu faça um serviço que quase todo mundo na minha colônia consideraria impensável. Entretanto, minha fuga da universidade significa que já não devo satisfação a nenhum dos dois. Pela primeira vez em muito tempo, minha vida está em minhas próprias mãos. Embora eu não saiba se essa vida durará muito mais do que os próximos dois dias, pelo menos sei que este período pertence a mim.

O **Comunicador de** Trânsito e as luzes das janelas dos prédios do governo no centro da cidade guiam nosso caminho. Os bairros residenciais por onde passamos estão silenciosos. Não ouvimos nada que indique perseguição. Ainda assim, eu me vejo lançando olhares por sobre o ombro e forçando as pernas. Precisamos chegar ao gabinete da presidente e sair novamente antes que a busca por nós ultrapasse os limites da universidade.

Como os oficiais do governo são conhecidos por dar duro até tarde da noite, tenho poucas dúvidas de que haverá gente trabalhando nos projetos da presidente quando eu chegar. Se tiver sorte, não questionarão minha presença. No entanto, cismarão com Tomas, razão pela qual eu o encaminho para o prédio onde Michal uma vez achou que fosse seguro conversar.

— Você não terá permissão pra entrar no prédio comigo. Fique aqui — digo, experimentando a porta. Quando ela se abre, solto um suspiro de alívio.

Embora os escritórios e as salas individuais estejam frequentemente trancados, as portas da maioria dos prédios são mantidas destravadas por causa do que aconteceu do Quinto ao Sétimo Estágios da Guerra, quando chuvas saturadas de produtos químicos caíram do céu. As pessoas pegas nesses temporais procuraram abrigo, mas aquelas que não estavam perto de casa ou de veículos sucumbiram às toxinas nas chuvas mortíferas, porque não tinham onde se proteger.

Espero que Tomas proteste. Ele só me alerta pra tomar cuidado e voltar logo.

Usando um dos cômodos sem janelas dentro do prédio, visto roupas limpas da minha sacola, e desembaraço o cabelo com os dedos. Caminho de volta pra porta de entrada e pros braços de Tomas. Abraço-o com força, antes de sair com um andar determinado. Embora as ruas por onde viemos estivessem vazias, aqui, no centro da cidade, vejo vários flutuadores que vão e vêm dos prédios do governo, bem como duas pessoas a distância, andando a pé. Guardo minha bicicleta no suporte e entro no prédio com os ombros retos e a cabeça erguida. Como se este fosse o meu lugar.

Um dos dois oficiais da segurança do hall de entrada levanta os olhos do seu registro e se levanta para verificar minha credencial. Seus movimentos são irritantemente lentos, enquanto subo a manga da jaqueta e mostro o bracelete no meu pulso.

Ele checa sua prancheta e faz um sinal positivo com a cabeça. Forço-me a manter um andar moderado, enquanto me encaminho para a escada e começo a subir. Mesmo assim, chego sem fôlego ao quinto andar, e aperto o código no teclado ao lado da porta. Mais uma

vez me vejo no depósito, pegando material do estoque. No entanto, agora, em vez de evitar as armas, vou à procura delas.

Abro uma caixa de balas e recarrego a arma que Raffè me deu. Depois, enfio na sacola várias caixas de munição, três armas a mais e várias facas longas e de aspecto mortífero. Isto não é o Teste, onde eu só podia escolher três itens pra me manter viva. Agora posso pegar o que quer que caiba na minha sacola. Viro-me e vou até o compartimento que guarda latas de pós explosivos e produtos químicos. Ver os explosivos me faz pensar em Enzo. Não posso deixar de me perguntar se ele ainda está vivo e se a equipe médica conseguirá mantê-lo assim e reparar os danos que ele sofreu. Espero que Raffè tenha as respostas para essas perguntas na próxima vez que conversarmos. Até lá, não posso permitir que a lembrança de Enzo ou a culpa que sinto me impeçam de fazer o que precisa ser feito.

Aproximando-me, analiso os explosivos e outros recipientes nas prateleiras.

Minhas entranhas se retorcem, enquanto acrescento três latas ao meu suprimento. Finalmente, me viro e olho os dispositivos tecnológicos. Meus dedos coçam para pegar todos eles, uma vez que são as ferramentas que mais bem entendo. Contudo, minha sacola está quase cheia. Assim, pego três rastreadores sintonizados na mesma frequência do monitor na minha sacola. Não tenho certeza de que Raffè conseguirá se encontrar comigo e com Tomas, ou se eu entrarei em contato com Zeen, mas, se os vir e formos forçados a nos separar durante as horas e os dias que estão por vir, terei como encontrá-los com estes dispositivos. Depois de uma última olhada em torno, levo a alça da minha sacola ao ombro e saio da sala, esperando não ter me esquecido de nada importante.

Quando me dirijo para a escada, está tudo quieto, exceto pelo som das minhas botas nas lajotas cinza. Paro no patamar do terceiro andar, quando o murmúrio de vozes chega até mim. Fico tentada a seguir pelo corredor pra ver se alguém por ali sabe se a presidente de fato adiou sua proposta na Câmara de Debates, e se a busca por Michal continua. Contudo, por mais que essa informação me ajudasse a entender o que está acontecendo com a presidente, não posso me permitir o tempo ou o risco de ser vista por muita gente. Continuo a descer a escada.

Estou atravessando o hall quando as portas da frente se abrem. Vários oficiais no traje cerimonial roxo e vermelho entram. Os dois oficiais da segurança perto da mesa da entrada levantam-se quando uma última pessoa entra. A presidente Collindar.

Não há lugar para me esconder. Pondo-me de lado, abaixo a cabeça numa atitude que espero que pareça um gesto respeitoso. Meu cabelo se espalha de cada lado do rosto, encobrendo-me em parte, mas, quando a presidente olha em minha direção, vejo suas sobrancelhas se levantarem. Prendo a respiração. Será que ela ouviu a respeito de Enzo? Decidirá que o fato de eu ser uma foragida faz de mim mais uma inconveniência do que uma aliada?

— Oficial Dresden. — Embora a presidente esteja se dirigindo a um dos oficiais da segurança, ela dá um passo em minha direção. — Posso ver a lista do pessoal que entrou esta

noite?

O oficial pega a prancheta na mesa e a passa para ela. A presidente olha a lista e depois volta a olhar para mim.

— É agradável ver que tantas pessoas da nossa equipe são suficientemente dedicadas para superar a preocupação que o desaparecimento do oficial Gallen provocou. Minha ordem para aumentar o número de oficiais da segurança para participar das patrulhas noturnas também deveria acalmar os medos. Você não acha?

Quando o oficial da segurança concorda, a presidente Collindar devolve a prancheta para ele.

— Espero que este transtorno seja resolvido e que as coisas voltem ao normal. Precisamos de todo mundo na Câmara de Debates para focar claramente nossa proposta. — Com um aceno de cabeça quase imperceptível em minha direção, a presidente se vira e segue pelo hall. — Fredrik, o que podemos fazer para convencer o departamento de Nigel a votar conosco? Soube que eles estão oscilando e poderiam estar dispostos a passar para o nosso lado, se receberem um incentivo adequado. — Seus oficiais a seguem discutindo ideias, e vou para a porta.

Quando piso fora do prédio, passa um flutuador preto. O emblema branco nas portas assinala-o como um veículo de proteção e segurança. Uma das patrulhas extras sobre as quais a presidente Collindar acabou de me avisar. Ter me dado esse alerta diz muito. Alguns dos oficiais da segurança que estão percorrendo as ruas o fazem pra tranquilizar a população de Tosu, mas deve haver outros à minha procura.

Volto a me abrigar no hall da entrada, e fico ali até que o flutuador desapareça na rua. Depois vou buscar minha bicicleta. Caminhando longe da guia, aproximo-me da rua que leva ao prédio onde Tomas está esperando, e só dobro a esquina quando vejo que não há ninguém por perto.

Acendo a lanterna ao entrar no prédio, ilumino o corredor e sussurro o nome dele. Tomas não aparece. Meu coração para. Sussurro novamente. Minha voz ressoa em pânico. Finalmente, vejo alguém sair de uma entrada à direita, lá ao longe no corredor. Tomas.

— Me desculpe — ele diz, andando pelas sombras em minha direção. — Resolvi ver se havia alguma coisa neste andar que pudéssemos usar. Você encontrou o que precisava?

— Vi a presidente. Ela me preveniu que as patrulhas noturnas receberam um número extra de oficiais da segurança. Temos de tomar cuidado ao ir para o próximo local. Chegando lá, deveremos estar a salvo.

— Pra onde a gente vai? — As mãos de Tomas encontram as minhas no escuro.

— Pra um lugar aonde nenhuma patrulha iria.

Tomas sai primeiro. Espera vários minutos antes de fazer sinal pra que eu o siga. Depois, subimos nas bikes e pedalamos. Paramos duas vezes e nos agachamos atrás de arbustos, ou nos escondemos em torno das beiradas de construções, para esperar que os flutuadores passassem.

As construções por onde passamos vão ficando menores. Tomas pergunta se tenho certeza de que estamos indo na direção certa. Sei que ele está preocupado por termos virado para o norte. A mesma direção da universidade. Checo o Comunicador de Trânsito e lhe garanto que estamos no caminho certo.

Quando minha roda dianteira atinge vários buracos no calçamento, sei que encontrei a rua que estava procurando. Sob o fraco luar, estudo as casas depredadas, cheias de grafites, dos dois lados da rua, até encontrar aquela onde estive dois dias atrás.

— Aquela — digo, apontando a estrutura pequena e térrea. Depois de olhar com mais atenção, pego a bike e caminho com cuidado pelo mato, até o fundo da casa. Tomas faz o mesmo.

Ele encosta a bicicleta na parede e vai até a porta, abrindo-a um pouco, apenas o bastante pra que passemos junto com as bicicletas.

Vasculhamos a casa, como fiz na primeira vez em que estive aqui. Além de várias poças d'água nos quartos, onde o teto vaza, o lugar parece o mesmo. Tomas abre a torneira do banheiro pra ver se funciona. A água que corre na pia vem tingida de laranja. Encontro a pilha de roupas no mesmo lugar onde a deixei, e, quando levanto as tábuas do assoalho, vejo a pasta que escondi ali.

Meus músculos tremem, ao colocar minha sacola e a pasta num canto do quarto. Tomas tira um cobertor da sua sacola e o abre no meio do chão empoeirado. Como as janelas estão fechadas com tábuas, deixamos a lanterna ligada enquanto nos sentamos. Recosto a cabeça no ombro de Tomas e me aninho. Precisamos conversar sobre tantas coisas, tomar decisões, mas, agora que estou relativamente a salvo, o cansaço dificulta a conversa. Parece que Tomas também não quer falar. Apenas me abraça. Não sei por quanto tempo ficamos assim. Dez minutos? Vinte? Fico o tempo todo de olhos fechados, imaginando que estamos de volta a Cinco Lagos, em uma época e um lugar que fazia sentido. Contudo, por mais que eu queira tentar me agarrar à ideia de estarmos sentados perto de uma fonte na praça de Cinco Lagos, cercados por todas as coisas conhecidas, as imagens do rosto lívido de Michal, dos corpos de Kerrick e Marin, e do corpo queimado de Enzo não saem da minha mente.

Quando estremeço, Tomas me abraça mais apertado e pergunta:

— Você está bem?

Dou de ombros e me afundo mais, mas Tomas não deixa que eu me esconda. Suas mãos levantam meu queixo, de modo que eu seja obrigada a encará-lo. Em seus olhos vejo a mesma tristeza que sinto, mas também vejo amor. Seus lábios roçam os meus. Uma vez, duas. A delicadeza do seu toque me dá vontade de chorar.

Tomas se recosta para trás e volta a me olhar. Seus dedos passam pelo meu rosto, enxugando uma lágrima que eu não tinha percebido. Quando seus lábios encontram os meus mais uma vez, ainda estão cuidadosos, mas, em vez de afetivo, o beijo cintila de desejo. Passo uma mão ao redor da sua nuca, e o puxo mais para perto, aprofundando o beijo.

Não tem nada que eu queira mais do que me sentir assim pra sempre. Permito-me mais dois beijos, antes de me afastar do seu toque. Se se tratasse apenas deste momento, eu me deixaria perder no abraço de Tomas. Se fôssemos apenas nós, esqueceria o que o amanhã pode trazer. Entretanto, quero um futuro que depende de nosso sucesso no que pretendemos fazer.

Minha respiração se acelera, e minha pulsação lateja, quando olho para Tomas, preocupada que ele fique contrariado por eu ter me afastado. Contudo, seu rosto está cheio de ternura ao perguntar:

— Você está bem? — A mesma pergunta, mas desta vez ele está perguntando a nosso respeito.

Engulo em seco e confirmo com a cabeça.

— E você?

Minha respiração para, quando Tomas não responde de imediato. Entrelaça os dedos nos meus, aperta minha mão, e diz:

— Só faz oito meses que deixamos Cinco Lagos, mas parece mais. Muita coisa aconteceu. Algumas nós entendemos, e outras não. Mas tem duas coisas de que eu tenho certeza: eu te amo e você me ama. Vamos entender o que isso significa pra nós, depois que tudo tiver terminado. Até lá, eu me sinto agradecido por estarmos juntos aqui. Tudo bem?

Levanto a cabeça para beijá-lo. Depois, pego a lanterna, vou até a minha sacola, tiro as armas e apanho o rádio de pulso. A luz de mensagem está acesa. A primeira voz que ouço ao apertar o Play é de Raffé. Soa áspera, como se estivesse falando tão baixo que tenho de me esforçar pra entendê-lo.

— A professora Holt convocou uma reunião geral na república. A equipe médica acha que Enzo vai se recuperar.

Um dos nós dentro de mim se afrouxa.

— Recebemos uma ordem de informar qualquer aparição sua aos oficiais da segurança ou à professora Holt. Qualquer estudante que ajudar na sua captura será recompensado com o estágio presidencial, e um estudo independente especial com o doutor Barnes.

Tomas pega na minha mão e eu aperto a dele com força. Todos os alunos, inclusive meus amigos, têm agora dois motivos pra me trair. Se a intenção de Stacia ao testar Enzo era ajudar e não criar um obstáculo, duvido de que ela ainda esteja disposta a colaborar no meu plano. Não com uma maneira mais fácil de se dar bem à sua frente. Franzindo o cenho, volto atrás e coloco de novo a última parte do recado de Raffé:

— Cuide-se. E me avise se for pra me encontrar com a Stacia. Vou fazer o possível pra me juntar a vocês amanhã.

A gravação termina, mas a luz não se apaga, o que significa que tem pelo menos mais uma mensagem.

— Raffé não pediu pra você dizer onde estamos escondidos. — Tomas franze a testa.  
— Você já disse pra ele como encontrar a casa?

Sacudo a cabeça.

— Falei da rua pra ele, mas não em que casa a gente estaria. Ele não pediu confirmação do lugar, para o caso de o sinal ser interceptado.

Mudei a frequência para uma que acredito não ser normalmente usada, embora sempre haja uma chance de que outro rádio de pulso na amplitude de recepção possa captar o sinal. Mas existe uma pessoa que eu sei que tem um rádio de pulso sintonizado no mesmo sinal. Aperto novamente o Play e ouço sua voz.

— Peguei a mensagem do Raffè. Enzo deve ter resolvido escutar a gravação. Sinto muito por isso, mas acho que é melhor saber já se ele pode ser confiável, certo? — O tom de Stacia é casual. — Raffè, se você ouvir isto, me encontro com você logo cedo amanhã de manhã, assim você me diz onde posso encontrar a Cia. A gente se vê.

A luz apaga-se quando a mensagem termina. Stacia quer saber onde me encontrar. Para se juntar à luta, ou me delatar à professora Holt e receber sua recompensa por essa traição?

— O que fazemos agora? — pergunto. — Não sei se devemos agir com a Stacia, e não posso deixar uma mensagem pro Raffè sem que ela também receba. — Será que Raffè vai achar que ela também deve vir com ele amanhã? — Não sei como lhe dizer pra se certificar de que ela fique pra trás e não a deixe saber aonde está indo.

— Você não pode. — Tomas olha o rádio na minha mão. — Stacia sabe demais pra ficar pra trás. Ela sabe quem está do nosso lado, e quem são os nossos alvos. Se a gente deixá-la de fora agora, provavelmente vai contar tudo o que sabe à professora Holt e ao doutor Barnes. Ao deixá-la pra trás, estaremos decidindo sua lealdade por ela. E, vamos encarar, precisamos dela.

— Mas...

— Não tem como fazermos isso sozinhos. Precisamos de toda ajuda possível e Stacia provou que está disposta a fazer o que for preciso. Inclusive nos entregar, se essa for a única maneira de ser recompensada por suas ações. É melhor tê-la com a gente, onde possamos ver o que ela está fazendo, do que ficar imaginando o que ela está aprontando.

Tomas não deixa de ter razão. Escolhi Will pra participar do meu grupo de Iniciação pelo mesmo motivo, mas depois soube que tínhamos o mesmo plano. Stacia quer ser recompensada por suas ações. O que ainda é uma incógnita é de onde ela planeja obter essa recompensa, do doutor Barnes ou da presidente. Neste momento, porém, não temos escolha na decisão que precisamos tomar.

Pressionando Rec, digo:

— Vocês dois tomem cuidado. Espero ver vocês amanhã. E Raffè, se aparecer algum problema, peça ajuda a seu outro amigo. Pode ser que ele saiba como escapar sem ser visto.

— Ian? — Tomas pergunta.

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Não acho que ele vá deixar os rebeldes, mas me ajudou a fugir hoje à noite. Acho que faria o mesmo por Raffè e Stacia.

— Ainda resta o problema de como Raffè vai encontrar a gente. Todas as janelas estão seladas com tábuas, o que impede que a gente os veja chegando. Você disse que tem gente morando nesta rua. Alguns podem não reagir bem com estranhos chegando muito perto de suas moradias. Como é que Stacia e Raffè vão saber em que casa estamos, sem bater nas portas e alertar as pessoas que vivem aqui sobre a nossa presença?

Boa pergunta. Com as pessoas nesta rua tentando passar despercebidas, tenho certeza de que não vão querer a atenção que poderíamos trazer sobre elas. Pra se manterem discretas, elas poderiam nos ignorar, mas seria melhor não testar essa hipótese.

Enquanto reflito sobre o problema. Coloco o rádio de volta na minha sacola e avisto a pintura que Raffè me deu; do símbolo que ele criou para dar uma identidade ao que planejamos. As pinceladas cruzadas de amarelo me dão uma ideia. Remexendo na minha sacola, acho os lápis de carvão preto que carrego e digo:

— Volto logo.

— O que você vai fazer?

— Esta casa está coberta de grafites — digo, estendendo a lanterna pra ele. — Só vou acrescentar alguns.

Tomas ajuda a abrir a porta até um ponto onde eu possa me esgueirar. A noite está quieta. Agarrando os lápis, vou devagar até o final da construção. Espio pela beirada. A rua está vazia. Nada se mexe. No entanto, as coisas podem mudar a qualquer momento, então tenho de fazer isso depressa.

Vou com cuidado até a frente da casa, escolho um lugar livre no alpendre e começo a desenhar. Minhas habilidades artísticas estão em falta. As linhas que crio não estão cheias do mesmo poder espontâneo que as de Raffè. Quando termino, porém, o desenho no centro do círculo ligeiramente oval é inconfundível: dois raios cruzados.

Um símbolo de poder. Da eliminação da ignorância. E de uma rebelião que tem de superar probabilidades absurdas para triunfar. Um símbolo que combina meu passado com meu futuro. E chegou a hora de esse futuro começar.

**Ao voltar para** dentro, tento chamar Zeen no Comunicador de Trânsito. Nunca quis tanto ouvir a voz do meu irmão. Como ele não responde, Tomas me convence de que deveríamos dormir. Deitada no cobertor, com o Comunicador perto da cabeça e de mãos dadas, ouço quando a respiração de Tomas fica uniforme, e tento limpar a mente para também cair no sono, mas as preocupações são muitas.

Por fim, o sono chega. Como sempre, nos meus sonhos vejo o rosto dos que morreram durante o Teste. Vejo também aqueles que fracassaram depois dele, bem como o rosto de estudantes lá de casa, que sei que poderiam sofrer a mesma sina se eu fracassar. No meio deles todos, está Enzo. Sua mão queimada se estende até mim, enquanto Stacia aparece atrás dele. Acordo de um salto, com a imagem do sorriso enigmático de Stacia gravado firmemente em minha memória. Apenas a visão de Tomas ao meu lado faz com que eu volte a me deitar e relaxe o bastante para dormir.

Da próxima vez que acordo, raios tímidos de Sol espiam pelas janelas. Eles banham a sala com uma luminosidade pálida. Sorrio por um instante. Depois, vejo que Tomas não está no cobertor ao meu lado. Sento-me. Nossas duas sacolas estão ao lado do sofá detonado. Vê-las faz com que eu me sinta melhor, enquanto me levanto e vou dar uma sondada. Encontro-o parado ao lado de um balcão recém-limpo na cozinha cortando maçãs que deve ter tirado da minha sacola, ou trazido de sua república. Quando me vê, seu rosto se ilumina com um sorriso.

Pego as fatias de maçã que ele oferece, e percebo que não foi apenas o balcão que Tomas limpou. A mesa quebrada foi removida, e o chão foi varrido.

— Não conseguia dormir, então resolvi dar uma arrumada e dar uma olhada no lugar, uma vez que é possível que fiquemos aqui por um tempo.

Nós dois sabemos que o mais provável é que não fiquemos aqui por tempo nenhum, mas é gostoso fingir que podemos relaxar, nem que seja por um momento. Que esta é nossa casa. Que estamos tomando o café da manhã no começo de um dia típico.

— Deixei a água correndo na pia por uns cinco minutos. Isso parece ter tirado a maior parte da ferrugem que se acumulou. Fiquei preocupado que o barulho fosse te acordar. Imagino que não tenha dormido muito bem.

Passo a mão no cabelo e dou uma alisada nele.

— Estou tão ruim assim?

— Não. — Tomas passa uma mecha de cabelo rebelde para trás da minha orelha. — Mas tive problemas pra dormir. Imaginei que você também poderia ter tido. Ontem foi duro.

Pego na mão de Tomas.

— Hoje será pior.

Seus dedos apertam os meus.

— Eu sei.

Sentamo-nos sobre o cobertor na sala, com a lista de nomes e as fatias de maçã em um prato lascado, mas limpo, entre nós. Trato o machucado da minha perna com mais pomada. Fico feliz ao ver que ele não está inflamado como ontem, e o cubro com um curativo novo. Então, em meio a mordidas na maçã, explico o que Raffè me contou sobre as pessoas da lista.

Tomas pega um lápis e risca os nomes que indiquei, deixando os outros cinco.

— Estes são os que temos de encontrar.

— Acho que o pai de Raffè e a professora Chen têm informações de que precisamos.

— Que tipo de informações?

Explico sobre o desaparecimento da irmã de Raffè, e sua busca por ela e pelos outros estudantes que foram Redirecionados do programa da universidade.

— Acho que os candidatos do Teste das duas primeiras rodadas de testes foram Redirecionados para o mesmo lugar que a irmã de Raffè. Se conseguirmos que esses oficiais nos contem o que sabem, poderemos encontrá-los.

Por mais que eu queira acabar com o Teste, estou igualmente determinada a encontrar aqueles que não corresponderam aos padrões do doutor Barnes. Meus olhos resvalam no bracelete no meu pulso. Não tenho mais uso pra ele, mas ainda preciso mantê-lo. Posso precisar dele de novo, e ele me lembra algo que Ian disse no dia em que me mudei para a república dos Estudos Governamentais. Ele disse que a balança da justiça simboliza a necessidade de o governo equilibrar humanidade e bondade com lei e justiça. Talvez, se eu encontrar alguns dos estudantes Redirecionados vivos, isso contrabalanceie as mortes pelas quais fui e serei responsável.

Tirando os gravadores da minha sacola, explico:

— Acho que a professora Chen e o oficial Jeffries sabem o que acontece com os candidatos Redirecionados. Se os incentivarmos a falar, podemos gravar a conversa.

Essa prova pode não influenciar os maiores admiradores do doutor Barnes, ligados ao governo, a acabar com o Teste, mas nos dará o que precisamos pra encontrar a irmã de Raffè e todo mundo que o doutor Barnes mandou embora.

— Depois que gravarmos o que eles sabem, a gente os mantém confinados. A presidente e seus oficiais da segurança podem se encarregar deles quando tivermos terminado nossa missão.

Os olhos de Tomas se toldam.

— Se eles estiverem tão ligados ao Teste como a presidente acredita, mantê-los vivos não é uma opção. Não, se queremos que o Teste acabe.

— Tem de ser.

— Porque um deles é pai do Raffè?

— Não. — Porque ver Enzo em agonia e a morte de Kerrick me ensinaram uma coisa preciosa. Embora eu seja capaz de fazer o que for necessário, não sou o doutor Barnes. — Esses oficiais falharam com o próprio país, mas não cabe a mim e a você determinar sua punição. Se a presidente e os líderes da Câmara de Debates quiserem matá-los por terem participado da perpetuação do Teste, eles é que terão de fazer isso. — Não tenho dúvida de que a presidente dará um jeito para que eles morram, mas minhas mãos não estarão sujas com o seu sangue.

— E quanto aos outros três? — Tomas pergunta. — A gente também os mantém presos?

— Não. — A maçã pesa como chumbo no meu estômago. — Para eles não temos escolha. O controle que Symon tem sobre os rebeldes é muito forte. Mesmo que a Câmara de Debates votasse pela remoção do doutor Barnes e pelo fim do Teste, o ataque que o doutor Barnes e Symon organizaram ainda aconteceria. Quem sabe quantos morreriam se fosse permitido que isso acontecesse? Zeen poderia estar entre eles.

Se quisermos que o Teste tenha um fim antes que Symon e o doutor Barnes tenham uma chance de provocar mais mortes, não temos escolha. Eles têm de ser mortos.

Nossos olhos se encontram. Vejo nos olhos de Tomas a determinação que combina com a minha.

— Portanto, vamos descobrir como fazer isso. Trouxe algumas coisas que acho que podem ajudar.

Esvaziamos nossas sacolas e colocamos nossos suprimentos no chão. Colocamos as maçãs, os pãezinhos, os biscoitos e o queijo na cozinha. Depois, avaliamos o resto. Se Tomas fica surpreso com as armas e os explosivos que eu trouxe, não demonstra. No entanto, embora esteja disposto a manejar as armas de fogo, evita olhar para as fâcas e se encolhe quando toco no cabo delas. Coloco-as de lado, para que Zandri não lhe venha à cabeça todas as vezes que as vir.

Alguns dos itens que Tomas trouxe com ele, eu esperava: roupas, comida, água e o rádio que ajustei. Contudo, fico surpresa ao ver frascos de amostras cheios de plantas, um pilão e um socador, dois pequenos fogareiros e fósforos. Quando me vê piscar, Tomas sorri.

— Não estava certo do que precisaríamos, então peguei um monte de plantas do laboratório, antes de sair.

Pego os frascos e olho dentro.

— Eles deixam este material disponível perto da sua república? — Apesar de entender que os especialistas em Engenharia Biológica precisam ter fácil acesso ao material genético com que têm de trabalhar, algumas das plantas, como a papoula roxa ou as raízes da uva-de-rato, têm propriedades que deveriam ser mantidas trancadas.

— Algumas delas. — Ele dá de ombros. — Meu guia está nas classes adiantadas que estudam as melhores maneiras de invalidar a mais mortal das plantas mutantes. Ele prefere

trabalhar num laboratório improvisado, que criou em um dos seus cômodos, a trabalhar no estádio. Nosso coordenador da república lhe deu permissão especial pra pegar plantas no viveiro e trabalhar com elas lá. Fui até seu apartamento resolver uma dúvida, e fiz a Kit dar uma passada por lá pra distraí-lo. Enquanto ele a acompanhava até seu apartamento, peguei algumas coisas da sua sacola.

Tomas e eu separamos as amostras com base em características. Três plantas matarão quando ingeridas; duas são usadas com mais frequência como sedativos e várias serão úteis se algum de nós for ferido.

Coloco a amostra mais fatal no canto do cômodo. Depois, sento-me ao lado do resto da pilha, para decidir como obter as respostas de que precisamos e eliminar o doutor Barnes, a professora Holt e Symon — todos nas próximas vinte e quatro horas. Raffé disse que ele e Stacia se juntariam a nós assim que conseguissem sair do campus. Se precisarmos que eles tragam suprimentos, temos de fazer com que leiam a mensagem a tempo.

— Zeen terá de eliminar Symon. — Meu peito se aperta ao perceber que ainda não tive notícias dele.

— Mesmo que ele faça isso — Tomas diz —, ainda sobra para nós quatro interrogar dois da lista da presidente e eliminar outros dois, tudo em uma noite. — Tomas olha para o conjunto de suprimentos ao nosso lado, e franze o cenho ao contemplar a dificuldade da tarefa. — Acho que temos de pensar nisso como uma prova matemática. A gente entende a pergunta. Agora temos de listar tudo o que sabemos sobre os tópicos, nossas habilidades e os obstáculos que enfrentamos. Talvez, então, a gente encontre uma maneira de resolvê-la.

Mais fácil falar do que fazer. Existem inúmeras variáveis: as patrulhas extras de oficiais da segurança; nossa falta de familiaridade com áreas que teremos de visitar; a imprevisibilidade de quanto tempo levará para atingirmos nosso objetivo quando chegarmos a cada lugar. É uma equação impossível com as cifras atuais.

Enquanto Tomas vai até a cozinha pegar pãezinhos e água para o almoço, ouço uma série de cliques. Zeen. Pego o Comunicador de Trânsito, respiro fundo e aperto o botão.

— Cia. — Apenas ouvir a sua voz já me traz emoções que tenho mantido a distância. No entanto, não posso deixar que ele me sinta fraco ou com medo, ou virá à minha procura. Por mais que eu queira ver meu irmão mais velho, preciso que ele fique onde está.

— Como os rebeldes estão reagindo ao adiamento da proposta da presidente?

— Segundo Symon, tudo vai seguir como previsto. Se a presidente realmente adiou seu pronunciamento na tribuna da Câmara de Debates, a notícia não chegou até nós. O ataque continua sendo planejado para o final desta semana.

O que significa que temos de terminar nossa missão antes disso.

— A antecipação do ataque deixou as emoções à flor da pele. Foi por isso que não consegui contatar você. Esta é a primeira chance que tenho de te prevenir. Você precisa dar o fora do campus. Parte do ataque vai acontecer lá. Não quero te ver no fogo cruzado. — Zeen diz, enquanto Tomas entra na sala.

— Já fiz isso — digo. — Ontem à noite aconteceu uma coisa. — Sacudo a cabeça. Não é hora de contar sobre o Enzo. — Tomas e eu conseguimos dar o fora do campus e estamos escondidos enquanto esperamos alguns dos nossos amigos.

— Bom. Isso é bom. Se você ficar onde está até depois...

— Não vou ficar aqui. A presidente me pediu pra ajudar a acabar com o Teste e salvar os rebeldes, e vou tentar, mas não posso fazer isso sem você.

— Você não devia se envolver nisso, Cia.

— Está brincando? Eu passei pelo Teste. Eu me envolvi no minuto em que eles me escolheram pra vir pra Tosu City. Pediram que eu fizesse umas coisas que eu detesto, mas vou fazer porque a alternativa é ainda pior. Você não pode me impedir, mas pode me ajudar. Onde está o Symon agora?

— Está se encontrando com os líderes da sua equipe. Ranetta quer começar posicionando os grupos de ataque de sua facção rebelde, hoje à noite, ao redor da cidade, para que se misturem. Eles não querem que ninguém questione sua presença antes de sexta-feira, quando o ataque vai começar.

Tomas pega o Comunicador e pergunta:

— Você consegue se aproximar de Ranetta o bastante pra conversar com ela?

— Tomas? Minha impressão é de que, se alguém pudesse fazer Cia sair dessa, esse alguém seria você. — Quando Tomas não responde, dou um aperto em seu braço. — Ranetta anda muito ocupada no momento — Zeen continua. — Duvido que tenha tempo pra alguém como eu.

— Se você encontrar um homem chamado Dreu Owens, aposto que consegue convencê-lo a arrumar tempo pra alguém de Cinco Lagos. Ele é filho da magistrada Owen, e temos motivo pra acreditar que está trabalhando com a rebelião. Encontre-o e ele poderá ajudá-lo a frear o ataque, ou fazer com que você se aproxime o bastante pra acabar com o Symon para sempre.

— Precisamos de você pra eliminar o Symon, Zeen — digo, antes que meu irmão possa responder. — Nenhum de nós conseguirá se aproximar tanto para poder matá-lo. Podemos acabar com o doutor Barnes e com os outros da lista, mas Symon controla a supervisão de um número muito grande de rebeldes. Você tem de se encarregar do fim dele. Caso contrário, sabe-se lá o que vai acontecer.

Tomas e eu olhamos um para o outro, enquanto o silêncio do outro lado se prolonga.

— Zeen? — pergunto baixinho. Quando ele não responde, repito seu nome. — Zeen, você está aí?

— Estou aqui. Papai costumava falar sobre Dreu. Ele gostava de ficar no pé do pai pra aprender a criar novas plantas. Papai disse que eu me igualava a Dreu no departamento de fazer perguntas. Se Dreu estiver aqui, vou arrumar um jeito de conseguir sua ajuda. Senão, não se preocupe, eu mesmo mato o Symon.

Fecho os olhos, enquanto sou tomada por sensações: alívio porque Zeen vai ajudar; orgulho, porque parou de falar comigo como se eu fosse uma criança; e tristeza, por fazê-lo

prometer matar uma pessoa.

Quero lhe agradecer, mas as palavras entalam na minha garganta. Como a gente agradece a uma pessoa por prometer matar? Sei que, ao fazer isso, Zeen pode morrer, e, se ele conseguir, sua vida mudará para sempre por causa disso.

Engolindo com dificuldade, sufoco as lágrimas e me concentro.

— Estamos esperando a chegada do restante da nossa equipe. Se tudo der certo, começaremos nosso ataque hoje à noite.

— Então, da minha parte vou tentar estar preparado. Mande três sinais quando estiver começando seu ataque. Com sorte, descobrirei Dreu e entrarei em contato antes disso. E Cia... Tome cuidado.

— Você também.

O Comunicador dá uns estalidos e depois fica em silêncio. A preocupação me consome, ao pensar no perigo em que Zeen está mergulhado.

Como ainda não sabemos quantos de nós estarão trabalhando para encontrar nossos alvos, concentro-me em um problema do qual temos certeza. As patrulhas extras de segurança que estão percorrendo as ruas de Tosu City. Enquanto Tomas e eu discutimos isso, olho nossos suprimentos e tenho uma ideia. Como eles têm instruções para ficar atentos em relação a mim, Tomas e qualquer um com que estivermos, a melhor maneira de passar despercebidos é fazê-los acreditar que já nos encontraram.

Colocando os três recipientes com explosivos que tirei do depósito da presidente à minha frente, explico minha ideia. Os oficiais da segurança saberão sobre a explosão no meu quarto. Se ouvirem uma explosão em algum lugar da cidade, aposto que se sentirão compelidos a procurar por mim nos arredores. Só precisamos ter certeza de que as explosões ocorram numa área longe dos nossos alvos, e que saíamos antes que detonem.

Nos minutos seguintes, Tomas e eu percorremos a casa à procura de itens que possamos usar para fazer um cronômetro para as bombas que pretendemos explodir. É mais difícil criar um cronômetro do que o interruptor que usei na minha primeira bomba. Aquele interruptor era operado manualmente. O dispositivo, agora, requer um controle remoto, de modo que quem quer que o coloque tenha tempo de escapar da explosão. Apesar de nunca ter acoplado um mecanismo de cronometragem a um explosivo, ajudei meu pai a criar cronômetros para sistemas de irrigação. O princípio que os rege é o mesmo, e não é tão complicado, mas não tenho certeza de que conseguiremos tudo de que precisamos.

Tomas e eu encontramos uma caixa de circuito elétrico no armário da cozinha e empurramos a chave geral para a posição Off, só por precaução. Abrimos um buraco na parede do quarto menor, e retiramos fios, circuitos e interruptores. Eles serão preciosos, mas ainda precisamos de um cronômetro pra disparar a detonação.

Percorremos a casa de novo. Quando voltamos de mãos vazias, solto o relógio solar que trago pendurado na alça da minha sacola. Esperava encontrar alguma outra coisa para usar, de modo que tivesse um relógio durante nossos ataques. Vou ter de me virar sem isso. Tomas

também. Quando ele me vê abrindo o painel traseiro do relógio, oferece seu relógio idêntico. Removendo a engrenagem interna, acho bem fácil localizar e retirar os fios de alarme. Sem uma ferramenta de solda, leva mais tempo e algumas tentativas com o fogareiro que Tomas trouxe para ligar novos fios aos condutores. Conecto os fios a uma das bobinas de relé que recuperamos do sistema elétrico da casa. Feito isso, construímos um acendedor solar parecido com o que construí ontem, e completamos o circuito com uma das baterias solares que Tomas trouxe com ele.

Depois que os dois cronômetros são construídos, decidimos não ligá-los ainda aos explosivos. Vamos deixá-los à parte, até precisarmos armá-los.

Agora que, potencialmente, temos alguma coisa pra distrair os oficiais da segurança, discutimos os outros assuntos. Nossa falta de familiaridade com as áreas em que nossos alvos vivem é um problema. Stacia tem a mesma dificuldade. Raffè conhece a cidade melhor do que nós, então vai ter de atuar como nosso guia. No entanto, como Tomas ressalta, por mais que nossa distração funcione, não tem como nós quatro nos deslocarmos pela cidade sem sermos notados. Teremos de nos dividir em dois times. Eu chefiarei um deles. O outro... Acho que teremos de esperar pra ver se Raffè e Stacia chegam aqui, antes de decidirmos quem vai assumir a liderança do outro. Tomas seria a escolha natural, mas não sei como ele vai se sentir quanto a se separar de mim. Independentemente de quem assuma o comando do segundo time, teremos os rádios de pulso. Raffè conseguirá ajudar ensinando o caminho, se o segundo time se perder; e, se alguma coisa der errado, temos de poder avisar isso ao outro time.

Sabendo que seremos divididos em dois times. Tiro meu rádio e gravo uma mensagem pra que Raffè traga mais uma lanterna, se possível. Enquanto esperamos que Stacia e ele cheguem, Tomas e eu reviramos o restante do nosso suprimento. Cada um de nós pega dois dos gravadores que apanhei na sala do quinto andar da presidente. Depois, cada um põe uma garrafa de água, um pouco de comida e um dos cronômetros e das latas em nossas sacolas. Também damos mais uma olhada nas folhas com a lista e com as informações fornecidas pela presidente. Com base nas coordenadas de cada residência, decidimos dividir os alvos em dois grupos. Um irá atrás da professora Holt e da professora Chen, que parecem morar a menos de quinhentos metros uma da outra. O outro time focará o oficial Jeffries e o doutor Barnes.

— Acho que é o máximo que podemos planejar até os outros chegarem. Se eles não conseguirem, teremos de nos separar. Se chegarem, a estratégia mais lógica será ter Raffè no time designado pro pai dele, uma vez que ele cresceu no bairro e o conhece bem. Pode ser, porém, que Raffè não consiga lidar com isso. Não dá para sabermos até perguntar a ele — diz Tomas, enquanto nos sentamos no chão com as mãos dadas entre nós. O dia todo, encontramos maneiras de nos tocar. Um roçar no braço, um beijo no rosto. Sei que estamos armazenando lembranças, para o caso de um de nós não estar aqui amanhã. Posso ver na intensidade do olhar de Tomas que ele aceitou essa possibilidade.

Tomas olha para um dos cronômetros e suspira.

— Está começando a ficar tarde e ainda tem algumas coisas que quero fazer antes que os dois cheguem aqui.

Depois de dar um beijo de leve nos meus lábios, ele se levanta, pega o pilão e o socador e várias amostras de plantas, e desaparece na cozinha. Volta um pouco depois, e pega os frascos com as amostras que deixei de lado. Depois, torna a deixar a sala.

Eu me levanto para ir atrás dele e perguntar no que está trabalhando, mas depois paro. Confio que Tomas me dirá o que está fazendo quando achar que é hora. E estou feliz por estar sozinha, porque também aceitei que posso não estar viva para ver o amanhã, e, assim, tem uma coisa que preciso fazer.

Pego um dos meus lápis de carvão e várias folhas de papel reciclado cinza e branco no fundo da minha sacola. Por alguns instantes, limito-me a olhar para as páginas. Depois, começo a escrever. Não sei se as cartas chegarão aos destinatários, mas escrevê-las me ajuda a organizar os pensamentos.

Pro meu pai, explico que fracassei em considerar o seu alerta, que, apesar de não poder viver a vida sem confiar em alguém, sei melhor a quem entregar essa preciosidade, e que as coisas que faço agora é com aqueles que acreditam no que acredito. Eles, assim como eu, não podem saber o que sei e permitir que um processo desordenado continue. Peço desculpas se as escolhas que fiz o deixaram infeliz, ou trouxeram problemas para ele ou para o resto da minha família, mas explico que não posso viver a vida fingindo que o que sei não é real. Ele me ensinou que mesmo o mais contaminado torrão de terra pode ser transformado em um lugar onde coisas vivas se desenvolvam, desde que alguém se dedique a essa causa. Esta é a minha causa. Não posso fazer com que as plantas cresçam, mas posso me comprometer a eliminar a corrupção neste solo. Talvez, se eu tiver sorte, algo forte e bom crescerá neste lugar.

Lágrimas mancham a página ao assinar meu nome e passar para a carta destinada a minha mãe. A dela é mais curta, mas cheia de amor, bem como a que escrevo pros meus irmãos, inclusive Zeen. Será que ele encontrou Dreu Owens? Será que eles já conversaram com Ranetta?

Esforçando-me pra colocar esses pensamentos de lado, volto minha atenção para a última página e escrevo. Apaguei as marcas das minhas lágrimas e estou enfiando o papel no bolso lateral da sacola de Tomas, quando ele volta da cozinha com quatro garrafas de água, duas em cada mão. Pousa as que estão na mão direita, pega o meu lápis e desenha um círculo na lateral delas.

— Esta daqui contém uma composição saturada da nova linhagem de valeriana e lavanda.

Essa combinação seria para relaxar músculos e reduzir a dor. Poderia também levar algumas pessoas a cair num sono profundo. Deve ajudar, caso um de nós fique gravemente ferido.

Ele coloca uma das garrafas na sua sacola, passa a outra pra mim e depois pega as outras duas, e marca cada uma delas com um grande X preto.

— Estas têm uma combinação de ervilha do rosário, uva-de-rato e oleandro. Provavelmente, esta segunda garrafa não será necessária, mas achei que poderia ser bom tê-la, em caso de emergência.

Penso em perguntar que tipo de emergência ele imagina, mas, antes que as palavras possam atravessar meus lábios, compreendo. A garrafa não é para as pessoas da lista da presidente Collindar. Ela também é destinada a nós. Se formos pegos pelo doutor Barnes, ou pelos oficiais da segurança, Tomas pretende se matar, e, pela maneira como me olha, sei que ele quer que eu faça o mesmo.

Engulo em seco e me obrigo a respirar, enquanto o choque se transforma em horror. Tenhamos ou não sucesso, podemos morrer. Embora eu aceite o que possa acontecer, não posso e não vou optar por acabar com a minha própria vida. Escolher a morte é dizer que cansei de lutar. Que desisto não apenas de mim mesma, mas de tudo o que eu amo. Penso nas cartas que escrevi, e sei que nunca poderia abandonar de bom grado a minha família.

No entanto, embora eu esteja determinada a lutar até o fim, Tomas não sou eu. Vi a culpa e o desespero se formando dentro dele desde o Teste. O que aconteceu no estádio só aprofundou sua tristeza. Uma semente de raiva o manteve em função, mas o rastilho de Tomas está chegando ao fim. Depois que o fogo se apagar, sua vontade de lutar também terá ido. Principalmente se achar que a luta foi em vão.

Assim, por mais que eu queira lhe dizer pra desistir das garrafas, ou prometer que não vai usá-las, fico quieta. Em vez disso, pego a garrafa que ele oferece e a coloco no bolso lateral da minha sacola, para que não seja confundida com as outras. Respirando fundo, caminho de volta até ele, fico na ponta dos pés e coloco meus lábios contra os dele, injetando no beijo todo amor e compreensão possíveis.

Mal registro o clique no Comunicador de Trânsito quando Tomas me puxa mais pra perto. Só quando o som se repete é que entendo.

— Zeen está chamando. — Sinto que o constrangimento esquenta meu rosto, enquanto desfaço o abraço de Tomas e vou até o Comunicador.

— Você achou o Dreu? — pergunto a Zeen. — Ele está aí?

— Perguntei pra umas duas pessoas do meu grupo. Se ele estiver aqui, provavelmente está com Ranetta. Alguns dos meus amigos vão perguntar por aqui, porque eu disse que Dreu e eu somos da mesma colônia. Até onde sei, ele tem trabalhado em pesquisa médica e vem desviando recursos para os rebeldes sempre que possível. Parece que ele não vem aqui com muita frequência.

O que significa que Zeen estará por conta própria.

— Dá pra você descobrir uma maneira de conversar com a Ranetta sem ele? Talvez se você disser que conhece o Dreu?

— Vou tentar, mas não tenho certeza de que alguém vá me deixar entrar pra vê-la. Grupos de rebeldes já começaram a se dirigir para Tosu. Se for pra eu me aproximar do Symon, tenho de fazer isso agora. Caso contrário, ele pode deixar a base. Depois disso, não dá pra saber

pra onde ele vai. Mas, se conseguir chegar até Ranetta antes, eu te conto. Está havendo muitos boatos de que alguns grupos de ataque receberam esquemas diferentes, com base em serem da facção de Symon ou de Ranetta, então a tensão está pra lá de alta. Quando é que vocês estão planejando começar a atacar?

Não podemos ter certeza até a chegada dos outros. Mas com o posicionamento dos rebeldes e a chance de que a ordem pra atacar possa ser dada antes do horário previsto, não existe outra opção a não ser dizer:

— Hoje à noite. Estamos planejando acionar algo que distraia a atenção das patrulhas de segurança. Depois que você der um jeito no Symon, poderia vir pra cá — digo, e leio as coordenadas no Comunicador de Trânsito. Zeen não tem a menor ideia de como é Tosu City. A não ser que consiga convencer Ranetta sobre a necessidade de matar Symon, será visto como um traidor no acampamento. Precisaré de algum lugar pra se esconder.

— Se eu terminar e der o fora da base, não vou me esconder. Vou te ajudar.

Não que eu possa impedir isso. Como ele não sabe onde me encontrar, acredito que não consiga cumprir a promessa.

— Tenho de ir, mas Cia...

— O quê, Zeen?

Suas palavras não passam de um sussurro, ao dizer:

— Não sei quando voltaremos a conversar, mas queria te dizer... Eu te amo. Tome cuidado, ouviu?

A tensão cresce dentro do meu peito e no fundo dos meus olhos.

— Eu também te amo, Zeen. E Zeen... Não faça nenhuma loucura.

— Quem, eu? — Sua risada escancarada me faz sorrir. — A gente se vê logo.

— Estou contando com isso — digo. Apesar do clique do Comunicador, continuo com ele aninhado nas mãos. Como se segurá-lo, de algum modo, mantivesse Zeen a salvo, ou pudesse trazê-lo pra mais perto de mim. Tomas tenta passar os braços ao redor dos meus ombros. Sei que ele quer me oferecer apoio e conforto, mas me afasto e vou para o outro lado da sala. Mesmo amando Tomas, preciso ficar sozinha com os pensamentos no meu irmão.

Não sei muito bem por quanto tempo fiquei parada segurando o Comunicador, mas as sombras no chão tinham se deslocado quando ouvi o som baixo de vozes do outro lado da porta de entrada fechada com tábuas.

Tem alguém aqui.

— Tomas — sussurro. Sem ouvir a resposta, atravesso a sala e sussurro seu nome de novo.

— O que foi? — ele pergunta, ao aparecer na entrada da sala.

Com o dedo nos lábios, espero pelas vozes de novo. Quando elas voltam, Tomas fica rígido. Infelizmente se calam e nos impedem de saber se pertencem a oficiais da segurança, aos nossos amigos ou a alguém da vizinhança curioso pela nossa presença. Devagar, cruzo de volta até a minha sacola, enfio o Comunicador lá dentro e pego minha arma. As vozes se

foram, mas noto que a luz do meu rádio de pulso está acesa. Mostro a luz para Tomas que acena pra que eu aperte o Play.

— Estamos aqui fora e precisamos entrar.

Raffe.

Pouso o rádio, mas mantenho a arma firme na minha mão, enquanto vamos até a cozinha e abrimos a porta dos fundos. A luz do Sol é intensa. Tenho de piscar pra focar a vista. Ao fazer isso, vejo Raffe e Stacia parados à minha frente. Raffe está equilibrando as duas bicicletas, e depois de uma olhada em Stacia, o motivo fica claro. Ela levou um tiro.

Stacia aninha um braço junto ao peito. A mão que usa para proteger o braço machucado está manchada de sangue. Seu rosto está pálido, e ela não está firme. Entrego a arma a Tomas e a levo até o cobertor estendido no chão. Tiro sua jaqueta, e uso meu canivete pra cortar sua camisa logo acima do cotovelo, e poder olhar melhor.

Vejo Raffe e Tomas parados na entrada e pergunto:

— O que houve? Um oficial da segurança tentou deter vocês?

Raffe e Stacia se entreolham, enquanto Raffe diz:

— Não exatamente. Ian deu uma avaliada na área e contou pra gente que as patrulhas estavam concentradas perto da entrada principal, então dava para irmos pelo lado norte e contorná-las. Ele me deu uma ideia sobre o melhor caminho a seguir, e voltou pra nossa república pra manter os estudantes rebeldes de lá distraídos, de maneira que não notassem que eu tinha saído. Stacia e eu estávamos tão entretidos evitando os oficiais, que não percebemos que dois estudantes rebeldes tinham seguido a gente.

— A culpa é minha. — Stacia hesita. — Eram estudantes do quarto ano de Medicina. Os dois eram conhecidos por atormentar os do primeiro ano. Então, não dei a mínima quando me seguiram pra fora da república. Entrei no prédio de História pra que pensassem que eu tinha ido pra aula. Quando se afastaram, achei que tinham perdido o interesse em mim, mas estavam esperando a gente na rua, em frente à saída principal do campus.

Embora eu não tenha dúvida de que Raffe tenha pelo menos uma arma, fico surpresa de que tenha conseguido achar uma maneira de usá-la e dar o fora depois de ter sido pego de surpresa. Quando digo isso, Raffe balança o corpo, desconfortável, e diz:

— Na verdade, nós não escapamos deles por nossa conta. Tivemos ajuda.

— Ian? — Tomas pergunta.

— Eu — diz uma voz familiar às nossas costas.

O medo toma conta de mim, enquanto viro em direção à porta a tempo de ver uma figura inconfundível entrar decidida na sala, com um amplo sorriso: Will.

**Olhos verdes encontram** os meus. Por um instante não posso respirar ao me lembrar da maneira como esses olhos brilharam decididos durante o Teste, quando Will atirou em Tomas e virou a arma pra mim. Eu pensava que ele fosse meu amigo. Pensava que estava do meu lado, mas me enganei.

Largo o braço de Stacia. Ao me levantar, meus dedos envolvem o cabo de madeira da minha arma. Ninguém diz uma palavra quando a levanto, envolvo o cabo com a outra mão para ter equilíbrio e miro.

Will não recua. Não olha para os outros em busca de ajuda. Seus olhos permanecem fixos em mim, esperando minha próxima decisão. Meu cérebro me manda atirar. Não posso deixar que Will me traia de novo. Não vou deixar Zeen ser pego como um traidor dos rebeldes e ser morto. Will não merece confiança. Não há escolha a não ser matá-lo.

No entanto, não atiro. Porque, por alguma razão, Will salvou Stacia e Raffé. Assim como salvou Tomas e me salvou nas planícies quando fomos atacados. Por quê? Durante o Teste, Will resolveu eliminar os concorrentes pra melhorar as chances de ser um dos vinte selecionados para a universidade. Ele poderia ter deixado Roman matar Tomas. Poderia ter esperado pra ver se eu tinha coragem de matar, antes de avançar e salvar a gente. Poderia ter se omitido e deixar que morrêssemos.

Contudo, não o fez. Desde que minhas lembranças voltaram, isso tem me assombrado. Will queria nos ver mortos. Apesar disso nos salvou, mesmo com a intenção de nos matar. E agora aqui está ele, aguardando calmamente minha decisão, depois de ter ajudado dois dos meus amigos.

Não, estou enganada. Apesar de não haver emoção no rosto de Will, ele não está calmo. O jeito como segura a alça da sua sacola deixa os nós dos dedos brancos. Isso e sua respiração acelerada revelam o turbilhão de emoções sob a superfície. Ele, porém, não fala. Não implora pela própria vida.

— Você se lembra. — As palavras mal passam de um sussurro, mas a maneira como Will se encolhe me diz que ele ouviu. Mesmo assim, repito as palavras caso esteja enganada. Desta vez minha voz é firme, bem como minha necessidade de entender esse menino que fez o bem, assim como enganou. — Você se lembra do Teste.

— Ninguém se lembra do Teste — Stacia retruca.

Will não olha pra ela. Seus olhos sustentam os meus, enquanto ele diz:

— Não exatamente.

— Mas você se lembra de alguma coisa — Tomas diz, dando um passo em direção a Will.

Apesar da raiva evidente de Tomas, Will não se mexe. Sua voz está firme, ao dizer:

— Eu me lembro o bastante pra saber que faço jus a qualquer punição que você e Cia achem que mereço. O que vocês decidirem, eu aceito.

— Do que vocês estão falando? — Stacia pergunta, tentando ficar em pé. Raffé corre pra ajudá-la, mas ela o empurra. — Por que Cia e Tomas querem puni-lo, Will? Você não fez nada de mal.

— Fiz sim. — Sua voz está baixa, mas firme. — Eu fiz.

É essa aceitação calma do que ele fez e da punição que merece que faz meu dedo relaxar no gatilho. Se Will estivesse irritado, desafiador ou briguento, eu teria atirado, mas relembro o menino que conheci no início do Teste. Aquele que me ouviu confessar que não tinha terminado um dos testes. Em vez de me ridicularizar ou revirar os olhos, como tantos outros candidatos teriam feito, ele me agradeceu por estar disposta a admitir a verdade. Vi Will de coração partido quando seu irmão não passou na primeira fase do Teste. Observei-o matando o menino que estava prestes a matar Tomas no quarto teste, e sei que graças a sua insistência fui libertada da caixa de metal trancada, onde Damone queria que eu morresse durante a Iniciação.

Qual é o verdadeiro Will? O que matou friamente ou o que me ajudou a viver? Não sei.

Baixo a arma lentamente. Tomas franze o cenho quando lhe peço que me traga uma garrafa de água da cozinha pra que eu possa tratar do machucado de Stacia, mas obedece.

Quando Tomas sai, Stacia muda de posição, faz uma careta de dor, e diz:

— Não entendo. Como você se lembra do Teste? Ninguém mais se lembra. — Stacia olha pra mim. — Você se lembra? Vocês dois se lembram? — ela acrescenta, quando Tomas volta. Seus olhos fuzilam de raiva.

Escolho as palavras com cuidado:

— Durante o Teste, descobri uma maneira de gravar um pouco do que acontecia. Descobri a gravação e comecei a me lembrar.

— E o Tomas?

— O processo de eliminação da memória nunca funcionou comigo. — Ele se senta ao lado dela e molha um pano com água. — Sempre me lembrei.

Tomas começa a lavar o machucado de Stacia, mas ela puxa o braço. Indicando Will com a cabeça, pergunta:

— O que foi que ele fez?

— Matei pessoas durante o quarto teste — diz Will. — Depois tentei matar os dois.

— Bom, acho que isso nos diz que você precisa treinar a pontaria. — Stacia faz nova expressão de dor, mas tira o braço com um safanão quando Tomas tenta tratá-lo. — E quanto a mim? — pergunta, olhando na minha direção. — Fiz alguma coisa que a faria ter vontade de atirar em mim? Ou não me é permitido saber o que aconteceu?

— Não sei — respondo sinceramente. — Só falei com você uma vez durante o Teste. Você estava com o Vic e a Tracelyn durante o quarto teste. Você e o Vic completaram aquele teste. A Tracelyn não.

— Você acha que eu a matei? — Stacia pergunta. Já não há ressentimento nos seus olhos, apenas dor. Dor pelo machucado ou pela ideia de ter assassinado alguém que ela conhecia? É impossível dizer.

— Não sei — respondo novamente com sinceridade.

— Mas você acha que eu devo ter matado. Senão, por que eu estaria aqui, certo? — Antes que eu possa responder, ela se vira para Tomas e pede o pano molhado para que possa limpar o ferimento, dizendo ser a mais qualificada, tendo em vista seu campo de estudo. Tomas lhe passa o pano, mas fica por perto, quando ela começa a limpar o sangue com toques cuidadosos.

A postura do maxilar de Stacia revela que por ora terminaram suas perguntas, então me volto para Will e pergunto:

— Quando foi que suas lembranças do Teste voltaram?

Will dá de ombros e se senta no chão, junto à parede.

— Logo depois que o doutor Barnes disse que a gente tinha sido aceito na universidade. Quando olhei em torno, e não vi Gill na sala, sabia que alguma coisa estava errada.

Eu me lembro de que Will teve de ser contido, e foi levado pelos oficiais, quando percebeu que o irmão não estava lá. Levou dias até ele voltar.

Enquanto Will explica os lampejos de lembranças que vivenciou, Stacia deixa Tomas ajudá-la a terminar a limpeza do ferimento. Aproximo-me pra poder ver. O buraco feito pela bala não é grande. Talvez pouco mais de um centímetro de diâmetro, talvez menos, mas o inchaço e a borda vermelha ao redor do machucado são preocupantes. Como é o único furo no braço de Stacia, deduzo que a bala se alojou lá dentro.

Stacia chega à mesma conclusão e resolve enfaixar o braço, em vez de fazer qualquer outra coisa para tratá-lo.

— Não posso tirar a bala sozinha. E mesmo que pudesse, tenho certeza de que faria mais mal do que bem. Gostaria de ter arrombado a farmácia da república e tirado alguns bons analgésicos. Só tenho alguns anti-inflamatórios.

— Misturei alguns remédios de ervas com água — Tomas diz, tirando da sacola o vidro marcado com um círculo. — Vai acabar com a dor, mas também pode fazê-la dormir.

Stacia olha o vidro e sacode a cabeça. Esse simples movimento a faz se contrair de dor. Com uma voz cansada, diz:

— Acho que vou precisar de uma cabeça boa pra isto. Mas, se você não se importar, vou guardá-lo pra depois.

Quando Tomas lhe entrega o vidro, ela o abre e cheira o conteúdo. Um momento depois, pede a ele que despeje um pouco do líquido em uma das gazes que trouxe com ela. Tiro a pomada da minha sacola e dou a Stacia, pra que também a use no machucado. O alívio da

tensão em seus ombros me diz que a combinação pode bastar para ajudá-la a enfrentar o que está por vir.

Antes que discutamos isso, ainda preciso saber uma coisa:

— Por que você contou pro Enzo sobre o rádio de pulso no meu quarto?

— Se eu der a resposta errada você vai me ameaçar com um tiro, como fez com o Will?

— Ela me dá o mesmo sorriso que eu me lembro do refeitório do Teste. — Este é o meu teste, Cia?

— Você passaria? — pergunto, consciente da arma na minha mão. — Não apenas o Enzo ficou queimado e quase morreu, mas isso aconteceu no meu quarto. Se não fosse pelo Ian, eu teria sido detida pelos oficiais. Poderia até mesmo estar morta agora. Você armou essa. Acho que é justo que explique o motivo.

Stacia olha ao redor da sala. Todos os olhos estão voltados pra ela.

— Quando fomos para a biblioteca, Enzo começou a fazer um montão de perguntas sobre você. Disse que estava preocupado que você pudesse fazer alguma coisa que acabaria te metendo em confusão com a professora Holt, e ele queria ajudar. Imaginei que aquela era uma oportunidade perfeita. Você não tinha criado um teste, e não havia muito tempo pra desperdiçar. Então, disse ao Enzo que você tinha encontrado uma gravação que achava que era importante, e estava tentando decidir se a entregava para a presidente. Ele foi atrás da gravação e provou que não estava do seu lado. Sinto muito ele ter se machucado, mas fiz um favor pra nós.

— Tudo o que você provou foi que o Enzo queria ver o que havia naquela gravação — digo. — Você não tem ideia de quais eram os motivos.

— Cia tem razão. — Will manifesta-se do seu lugar no canto. — Enzo poderia estar tão preocupado com a Cia a ponto de se arriscar a levar um castigo para saber em que confusão ela poderia estar se metendo.

— Ou poderia a estar espionando, e procurando receber uma recompensa por entregar a informação ao doutor Barnes — Stacia retruca.

E pode ser que a gente nunca saiba. Por mais que eu queira acreditar que o Enzo vai se recuperar, vi quanto estava machucado. É impossível imaginar a dor que ele vai ter de suportar e como sobreviverá a isso pra ficar bom.

— Preocupar-se com o que foi feito não vai ajudar a gente agora — diz Raffé. — Enzo vai se recuperar ou não. Não podemos mudar o resultado. A única coisa que podemos fazer é aprender com os erros cometidos e garantir que não se repitam no futuro. — Como ninguém o contradiz, acrescenta: — A única maneira de impedir que aconteça algo parecido novamente é concordar que uma pessoa dê a palavra final sobre qual nosso próximo passo a partir daqui. E o único motivo de estarmos tendo esta discussão se deve a Cia. Ela foi atrás de informações sobre o Teste e descobriu a verdade por trás de Symon e da rebelião. A presidente pediu sua ajuda. Cia é nossa líder. Em minha opinião, o que quer que ela decida sobre qualquer coisa deveria ser a palavra final. Todo mundo concorda?

Will é o primeiro a acenar positivamente com a cabeça. Não que o que ele pense realmente importe, uma vez que não faz parte disso. Não mesmo. Tomas analisa Raffè e depois dá sua aprovação, sobrando apenas Stacia. Ainda não sei se ela acredita na causa, ou se só está fazendo isso pela recompensa que acha que vai receber quando tudo acabar. Sejam quais forem suas razões, está claro que ela não se sente satisfeita quando suspira e diz:

— Tudo bem. Agora, podemos conversar sobre quais são nossos próximos planos? Não temos muito tempo.

Deixo minhas preocupações com Stacia de lado. Agora que os outros chegaram, temos à nossa frente dois problemas não previstos: a presença de Will e o machucado de Stacia. Esta noite será física e emocionalmente um desafio. Não acho que Stacia possa lidar com isso na condição em que está. No entanto, tenho certeza de que não se permitirá ser deixada para trás. E pela maneira como Tomas está agindo, fica claro que não está disposto a discutir estratégia na presença de Will, mas, na verdade, não temos escolha.

Raffè não parece ter a mesma preocupação, uma vez que pergunta:

— Então, e agora?

Tomas e eu nos entreolhamos. Percebo que ele não quer falar, mas como líder do grupo a decisão é minha.

Respirando fundo, conto a eles sobre meu irmão e o que está acontecendo agora no acampamento rebelde. Raffè e Stacia limitam-se a acenar com a cabeça quando menciono Zeen. Eles ouvem quando, tirando a lista, explico a estratégia que eu e Tomas planejamos: duas equipes, quatro alvos. Todos a serem alcançados entre o entardecer e o amanhecer, a começar por hoje à noite.

— Mas talvez tenhamos de rever esse plano, agora que Stacia está machucada — admito.  
— Talvez Ian...

— Não. — Stacia se mexe e se contrai, mas diz: — Eu vou. Vocês não podem me obrigar a ficar pra trás.

— Ela tem razão — diz Raffè. — Precisamos de todos pra que funcione. Mesmo que a gente consiga passar um recado pro Ian, não acho que ele deixaria o campus. Ele está resolvido a falar com todos os estudantes rebeldes que conseguir e convencê-los a ignorar as ordens de Symon. Se Stacia pensa que pode lidar com isso, então, deveria tentar. Se ela começar a ter dificuldades, aí a gente se vira.

— Muito justo — Stacia concorda. — Então, qual de vocês vai tirar a sorte grande de se juntar a mim?

— Eu vou — Tomas se oferece. — De todos nós, eu serei o melhor pra ajudar com a dor, se ela piorar muito.

O verdadeiro motivo não é esse. O olhar que Tomas me lança quando começo a discordar me mostra que estou certa. Qualquer um de nós seria capaz de passar pomada ou aplicar alguma das soluções feitas com plantas medicinais criadas por Tomas. Contudo, apesar da certeza de que Tomas preferiria encarar o que nos aguarda nesta noite juntos, assim como

passamos por tantas coisas no Teste, isso nos obrigaria a acreditar que os dois membros da outra equipe fariam exatamente o que prometem fazer. Tomas não confia plenamente em Raffé. Eu não confio em Stacia. Sabendo disso, esses pares são os únicos que fazem sentido.

Raffé pergunta:

— Quem irá atrás de Symon?

— Quem é esse Symon? — Will pergunta.

— Alguém que trabalha com o doutor Barnes. — Considerando a explicação suficiente, volto-me para Raffé. — Meu irmão está se encarregando de Symon.

Raffé me avalia por um instante e concorda com um gesto de cabeça.

— Mesmo sem o Symon, não tenho certeza de que consigamos percorrer todo o trajeto necessário nesse prazo. — Ele olha para o mapa que desenhei mais cedo, com a localização dos alvos. — Se quisermos afastar os oficiais da segurança, as explosões terão de ocorrer na área não revitalizada, do outro lado da cidade. Só afastar os oficiais da segurança já vai ser um desafio. Principalmente porque, a esta altura, eles devem estar à caça de nós todos. Depois, acrescente o tempo pra procurar lugares onde a gente tenha certeza de que ninguém vá se machucar, e armar as explosões...

— Vocês precisam de alguém que os oficiais da segurança não estejam procurando pra instalar as explosões — Will diz lá do canto. — Eu me ofereço. — Quando sacudo a cabeça, Will diz: — Os oficiais da segurança não estão procurando por mim. Posso atravessar a cidade mais depressa do que vocês. Nós vimos a periferia daquela zona da cidade durante a Iniciação, então sei aonde estou indo. E ninguém vai parar pra pensar, se me virem depois das explosões. Eles vão procurar vocês quatro, mas vocês não vão estar pelas ruas da cidade. Quando eu terminar, volto aqui e estarei pronto pra ajudar, se for preciso.

Detesto ver sentido no que ele fala. Se fosse outra pessoa...

— Você não faz parte disso — digo.

— Claro que faço. Eles levaram meu irmão. E mesmo que não tivessem levado, ainda assim eu faria parte. — Seu rosto normalmente pálido está afogueado de paixão. — Sei que dei motivos pra duvidar de mim. O Teste me revelou coisas sobre mim mesmo. Coisas que sou capaz de fazer, mas é por causa do que aprendi que sei que posso dar conta da missão.

Espero que Tomas, Raffé ou Stacia digam alguma coisa, mas não o fazem. O olhar inexpressivo de Stacia diz tudo: eu sou a líder, eu decido. Sinto o peso da decisão pesar sobre meus ombros. A não ser que eu peça opinião, eles vão deixar isso a meu critério. Eu. A mais nova de todos nós. No entanto, uma coisa que aprendi desde que cheguei a Tosu City é que a idade não garante decisões melhores ou uma liderança mais forte. A habilidade em colocar de lado interesses pessoais e decidir o que é melhor para o todo é o que conta. E é isso que preciso fazer agora.

Confio em Will?

Não.

Acredito que ele possa realizar o serviço a que está se oferecendo?

Sim. Desde que ele escolha seguir com o plano. Contudo, se decidir correr até o oficial da universidade mais próximo a fim de melhorar sua situação depois que se formar, todos nós pagaremos o preço.

Fecho os olhos, respiro fundo, e os abro.

— Tomas e eu fabricamos os cronômetros hoje de manhã. — Levanto-me e vou até onde estão os cronômetros e os explosivos. Depois de pegar um dos cronômetros e uma lata, vou até Will. — Você terá de acoplá-los quando chegar aos locais. Um deles precisa ser acertado para detonar às sete horas da noite. O outro tem de ser colocado a um quilômetro e meio de distância, e explodir meia hora depois. Isso deverá convencer os oficiais da segurança a concentrar a busca naquele lado da cidade. — Entregando a ele o cronômetro, acrescento: — Também temos um terceiro explosivo que não possui um cronômetro...

— Não é possível que você queira que ele faça isto. Pense em tudo que ele fez pra nós.

— Sei o que ele fez, Tomas, mas também me lembro do que eu fiz — digo. — Do que nós dois fizemos. O doutor Barnes e o Teste são a razão de Will ter sido posto em uma situação que o levou a cometer esses atos. Will está aqui. Ele tem competência. Merece uma chance pra provar que não é a pessoa na qual os testes do doutor Barnes o transformaram.

Todos nós merecemos uma chance.

— Vou mostrar pro Will como armar os cronômetros. — Viro as costas para Tomas deliberadamente, mostrando que a discussão está encerrada. Posso sentir sua raiva e sua mágoa. No entanto, se vou ser a líder, não posso deixar que meus sentimentos por Tomas me atrapalhem. Assim, mostro o cronômetro para Will e explico como deve ser usado com a lata.

Will repete a explicação do processo pra mim, faz várias perguntas e depois checa o relógio que usa no pulso.

— Está ficando tarde, e tenho um bom pedaço pra percorrer. Preciso ir andando. Se estas coisas fizerem tanto barulho como acho que farão, vocês vão ouvir se tive ou não sucesso. — Enquanto Will acondiciona as latas com cuidado em sua sacola, vou até nosso esconderijo de suprimentos e escolho uma faca longa e afiada e um revólver carregado.

— Tome — digo.

Posso sentir os olhos de Tomas em mim, enquanto entrego as armas a Will. A mão de Will fecha-se sobre o cabo da arma e ele a enfia no bolso da jaqueta. A munição vai no bolso lateral da sua sacola, junto com a faca e sua lâmina suave e mortífera. Tiro o rádio de Stacia e o entrego a Will. Sua mão fecha-se sobre a minha e permanece ali.

— Obrigado. — Sua expressão é severa, determinada. — Desta vez juro que não vou falhar.

— Se cuide — digo, enquanto ele pega o rádio de pulso da minha mão. — Contamos com você.

— Eu sei. — Will afasta-se de mim e vai até Raffé pedir opinião sobre lugares estratégicos para colocar as latas.

Depois, munido das instruções de Raffé e das armas que lhe dei, vai até a porta, vira-se e sorri. Naquele sorriso, vejo o menino que se tornou meu amigo durante o primeiro teste. É com ele que estou contando.

— Aviso vocês quando estiver posicionado — ele diz. Com uma piscada, vira-se e sai pela porta.

— Como está se sentindo? — Tomas pergunta às minhas costas.

Quando olho, vejo Stacia flexionando o braço e balançando a cabeça positivamente.

— Melhor. Nunca teria pensado em pôr um pouco de valeriana esmagada diretamente sobre o machucado.

— É por isso que vocês da ala médica precisam de engenheiros biológicos pra ajudá-los a descobrir novas drogas. — Tomas sorri.

Ela sorri de volta.

— Bom, espero que Enzo esteja recebendo um pouco disso neste exato momento. — Ela olha para mim. — Na verdade, eu pensei que estivesse fazendo a coisa certa ao testá-lo. Nunca pensei que ele fosse arrambar seu quarto e acabar ferido. Caso contrário, teria te prevenido antes.

Seu arrependimento é por ter me causado um problema; não pelo ferimento em Enzo, mas por escolher uma saída sem checar antes comigo. Para ela, eu estava demorando demais pra tomar uma decisão, e fez o que pensava ser necessário para o nosso sucesso. Vou ter de me lembrar disso ao irmos em frente. Para impedir que Stacia tome as próprias decisões, principalmente decisões com as quais eu não concorde, vou ter de ser mais rápida nas minhas escolhas. Se a gente escapar desta, duvido que um dia consiga chamar Stacia de amiga outra vez. No entanto, só porque não consigo me sentir pessoalmente confortável com ela, não significa que ela seja incapaz de fazer o que preciso. Se tiver de ser uma líder mais enérgica para fazer com que ela realize algo, então serei.

Endireitando os ombros, digo:

— Temos duas horas até que Will arme a primeira explosão. Devemos estar prontos. Temos de decidir que time...

— Não, não temos. — Raffé interrompe. — Minha casa é mais difícil de encontrar pra alguém que não conheça a área. Além disso, tenho de ser a pessoa a lidar com meu pai. Tomas e Stacia assumirão os outros dois alvos. Existem inúmeras referências que os ajudarão a saber se estão no caminho certo.

Nos dez minutos seguintes, Raffé ensina a Tomas e Stacia o caminho para seus dois alvos. A casa da professora Chen fica perto de um lagozinho. A professora Holt mora a apenas três quarteirões dali, numa casa grande cercada por uma cerca alta de madeira.

— A professora Holt nunca vai a nenhum lugar a pé. Se seu flutuador estiver parado em frente a sua casa, vocês saberão que ela está lá. Se conseguirem encontrar a chave do flutuador, usem-no. Os oficiais da segurança não vão parar um veículo da universidade.

Tomas e Stacia fazem muitas perguntas. Tento entregar o Comunicador de Trânsito a Tomas, mas ele sacode a cabeça e diz que preciso dele pra me conectar com meu irmão. Diz que, se ele e Stacia precisarem de ajuda, mandarão uma mensagem a Raffè. Seu conhecimento da cidade é mais útil do que o Comunicador, que não pode lhe dizer que referências procurar.

Quando nossas sacolas ficam prontas, são vinte para as sete da noite. Os planos foram coordenados e Stacia e Tomas estão confiantes de que podem percorrer as ruas da cidade com rapidez. Seguro o Comunicador de Trânsito, esperando notícias do meu irmão. Em vez disso, a luz de mensagem no rádio de pulso dá sinal. Will. A primeira carga está instalada e pronta pra ser detonada. Hora de irmos.

Raffè e Stacia vão até a cozinha pegar suas bicicletas, enquanto contemplo as cartas no chão para a minha família. Quando levanto os olhos, Tomas ainda não saiu do lugar. Apenas me olha. O silêncio estende-se entre nós. Em poucos minutos nos separaremos. Depois disso, existe uma chance de que não voltemos a ficar juntos.

— Eu te amo. — Vou até ele e olho no seu rosto que me é tão querido, memorizando a curva do seu queixo e o formato dos seus olhos. Parada ao seu lado, fico novamente surpresa de como ele é alto, como me faz sentir segura. Agarro-me nessa sensação, enquanto pego na sua mão. Ele se enrijece, mas não a puxa de volta. E quando seus dedos apertam os meus, sinto-me completa.

— Eu também te amo — ele diz. A raiva se foi, só resta preocupação. — Fique bem.

— A gente se vê logo — prometo, enquanto saímos pra rua.

O Sol está se pondo, quando tiramos nossas bikes pela porta dos fundos e damos a volta até a rua. Uma criança que brinca no quintal no fim do quarteirão nos vê, sobe a escada correndo e entra em casa. Olho o Comunicador na minha mão. Zeen ainda não entrou em contato. Estará vivo? Matou Symon? Os rebeldes começaram a procurar por ele ou estão até agora se espalhando pelas ruas de Tosu City, à espera de um sinal pra começar o ataque? Meu coração é devorado pela preocupação, mas não há nada que eu possa fazer a não ser esperar que ele esteja a salvo, e me concentrar no que precisa ser feito.

Monto na minha bike. Minha arma está no bolso da jaqueta. Tomas pega minha mão, enquanto nós quatro ficamos parados na rua, esperando. Olho pra casa ao nosso lado e vejo, sob a luz que cai, o símbolo desenhado no alpendre. Dois raios, dois times. O fim da ignorância, o começo da esperança.

Olho o relógio no pulso de Raffè. Cinco para as sete.

Vejo abrir-se uma fresta da porta de uma das casas. Por um lado, penso em acenar pra que eles vejam que não somos uma ameaça, mas percebo que mostrar que eles foram vistos só vai causar mais ansiedade. Então, mantenho os olhos focados no tempo.

Quatro minutos.

Três.

Dois.

Em algum lugar a oeste há um estrondo. O sinal de que a rebelião — aquela que o doutor Barnes nunca teve realmente a intenção que acontecesse — começou.

**Baixo os olhos** para nossas mãos dadas e depois os levo até Tomas, enquanto tento memorizar tudo sobre este momento. Passamos pelo Teste juntos. Para vencermos agora, temos de nos separar.

— Você está pronta? — Raffè sussurra.

Engulo em seco e, depois de mais um instante, eu me obrigo a soltar a mão de Tomas.

— Mantenha seu rádio próximo. Deixe uma mensagem se tiver problema ou se terminar uma das tarefas.

Tomas e Stacia concordam com a cabeça e viram as bikes para o norte. Observo-os seguindo pelo quarteirão, enquanto aperto o botão de chamada no Comunicador pra avisar Zeen de que estamos dando início à nossa parte. Quando os dois pedalam para a esquerda e somem de vista, viro minha bike e vou na direção oposta, tentando não pensar no que poderia acontecer a Tomas.

Raffè vai à frente. Conforme as sombras se alongam, zigzagueamos ao redor de buracos, viramos para oeste e continuamos pedalando. Avisto os símbolos brancos na porta de um flutuador a distância. O veículo pertence a um oficial da segurança. Ele não diminui a velocidade, nem se vira em nossa direção. Seja qual for a distração proporcionada por Will, é o suficiente para manter o flutuador seguindo na direção oeste.

Raffè continua em marcha acelerada. Avistamos outro flutuador da segurança a distância e diminuimos a velocidade. Ele também passa sem incidente. Eu me pergunto se Zeen ainda estará na base rebelde e se Tomas e Stacia evitaram as patrulhas, quando Raffè vira na próxima rua. Esta é cheia de casas grandes, pintadas em tons claros de azul ou cinza, com ornamentos brancos que se destacam luminosos até mesmo sob a luz mortiça. Cada construção está situada em uma área gramada, que apresenta um saudável tom verde. As árvores aqui são jovens, mas crescem em perfeitas condições. Mais abaixo no quarteirão, crianças correm pela grama, brincando de pega-pega. Alguém grita para que fiquem próximas à casa.

Uma porta se abre em uma das casas azuis. Raffè acena para a mulher idosa, que sai pela porta da frente até a varanda, depois olha pra mim quando a senhora acena de volta.

— Aquela é a senhora Haglund. Não está de óculos, então, o mais provável é que não tenha a menor ideia de quem eu seja. Mesmo que tenha, ela ouve mal. Duvido que tenha alguma noção sobre o que está se passando em Tosu, ou que os oficiais da segurança estejam à nossa procura. A casa dos meus pais é por aqui.

Viramos em outro quarteirão. Aqui, as casas são ainda maiores do que aquelas pelas quais acabamos de passar, e são bem mais afastadas umas das outras, cada uma é cercada de gramado e árvores por todos os lados. Raffé para ao chegarmos à terceira casa. Desce da bike e começa a subir com ela por um caminho largo que acompanha a construção azul, destacada pelos grandes pilares brancos que emolduram a porta de entrada. Caminha com os ombros retos. Seu passo não é apressado. É como se ele pertencesse ao lugar, e suponho que pertença. Tento imitar seu comportamento, enquanto apoiamos as bikes na parede dos fundos.

— Meu pai sempre está no escritório a esta hora da noite.

— E sua mãe? — pergunto.

— Depois que todos nos formamos, meu pai decidiu que eles não precisavam mais usar energia depois das horas determinadas que o resto da cidade obedece. Então, depois do jantar ela vai pra casa de uma amiga, e não volta pra cá até bem depois das nove. Só eles dois vivem aqui. Devemos ter tempo de fazer o que precisa ser feito.

Raffé dá uma olhada no relógio. Sete e vinte. Dez minutos até a hora programada pra próxima explosão. Checo o rádio de pulso. Nenhuma mensagem. Será que Tomas e Stacia estão parados agora na porta dos fundos da casa da professora Chen? Será que Tomas está virando o trinco e entrando na cozinha, como nós? Raffé fecha a porta atrás de mim e tira sua arma da sacola. Ligo o gravador e o entrego a ele. Fazendo um gesto de assentimento, ele o enfia no bolso, e espera até que eu apanhe minha arma, antes de continuarmos. Sigo-o pela cozinha até um corredor escuro que dá numa grande área de estar.

Cada passo que damos ecoa na minha cabeça. Presto atenção em sons que digam que o pai de Raffé está em casa, mas, além da nossa respiração e dos golpes do meu coração, não ouço nada. Raffé me leva por outro corredor escuro. Não liga a lanterna, ao se mover com segurança até uma porta fechada, sob a qual brilha uma réstia de luz. Ouço o farfalhar de papéis e ignoro a tensão dos meus músculos, enquanto penso na estratégia discutida por mim e Raffé. Ao chegarmos à porta, Raffé toca no meu braço. Tateio a parede, procurando a porta que ele disse que ficava logo em frente ao escritório do pai.

Ali. Acho a maçaneta, giro-a e entro em um banheirinho. Deixo a porta aberta, pra ficar pronta pra agir se for necessário, e espero Raffé dar o próximo passo. Minha respiração se acelera, ao ouvir um trinco se mover, o estalido de uma porta se abrindo, e Raffé dizer:

— Oi, pai.

— Raffé. — Na voz grave, ouço surpresa e alívio. — Verna disse... bom, agora não tem importância. Vou ligar pra ela e contar que você está aqui, e não solto por aí, provocando problemas com aqueles estudantes das colônias.

— Que tipo de problemas? — Raffé pergunta.

— Não importa. O que importa é que você esteja aqui e que Verna e Jedidiah verão por si mesmos que você não está envolvido nessa bagunça. Claro, você deveria ter mais juízo, e não deixar o campus quando está proibido de fazer isso. Sua irresponsabilidade fez com que as pessoas questionassem sua lealdade. Você faz ideia de como isso se reflete em mim?

— Sei onde está minha lealdade.

— Seja como for, Raffé, você não pode achar que a minha reputação te protegerá das consequências dos seus atos. Não vou interferir em qualquer que seja o castigo que o doutor Barnes exija por esta visita.

— Eu não esperava que você interferisse. Afinal de contas, você não ajudou a Emilie. Por que eu acharia que você me ajudaria?

— Sua irmã tinha de fazer o exame sozinha. Não havia nada que eu pudesse fazer pra ajudá-la a passar.

— Você sabia que ela não ia passar, e mesmo assim deixou que ela fizesse o teste.

— As regras...

— O doutor Barnes estava disposto a quebrar as regras pra que a Emilie não fizesse o exame de admissão, porque ele sabia o que nós todos sabíamos, que a Emilie não só não queria frequentar a universidade, como não tinha nada a ver com aquilo. Eu ouvi quando ele propôs. Você recusou. Onde está a Emilie agora, papai?

A pergunta fica suspensa no ar. Quando o oficial Jeffries responde, soa menos confiante, mais alerta.

— Você sabe onde sua irmã está. Ela foi designada pra um trabalho na Colônia Cinco Lagos.

Ouçó Raffé rir. O som está destituído de humor e faz meu sangue gelar.

— Você está ciente de que dois dos estudantes com os quais você tinha medo que eu tivesse deixado o campus são de Cinco Lagos? Até serem selecionados para o Teste, eles nunca tinham conhecido ninguém de Tosu City.

— Eles estavam enganados.

— Não, não estavam. O doutor Barnes deu a chance pra você retirar a Emilie, porque estava preocupado que não conseguisse viver sabendo quais seriam as consequências, caso ela fracassasse. Quais são essas consequências?

Ouçó o barulho de uma cadeira raspando o chão. Um grande impacto. Passos arrastados e vidro quebrado. Saio pro corredor, mas não me movo em direção ao escritório — ainda não. Raffé me disse que gritaria por socorro se precisasse, caso contrário, eu não deveria entrar. Seu pai nunca falaria sobre o Redirecionamento dos candidatos do Teste e dos candidatos fracassados da universidade comigo por perto. A parede estremece quando algo pesado é atirado contra ela. Então, tudo fica em silêncio.

Pela porta aberta, posso ver uma poltrona tombada e a ponta de uma mesa. Prendo a respiração e ouço. Nada. Dou um passo a mais, e ouço Raffé perguntar numa voz baixa e zangada:

— O que aconteceu com a Emilie? Onde ela está?

— Está num trabalho importante pra ajudar a revitalizar este país. — A voz do pai de Raffé treme em desafio, mas ouço um medo subjacente. Quero ver o que provocou o terror, mas não quero interferir. Não quando Raffé está tão perto.

— Onde? E os outros candidatos do Teste também estão lá?

— Não interessa onde ela está. O que importa é que o doutor Barnes permitiu que esses estudantes contribuíssem para a nossa sociedade de uma maneira significativa. Eles não eram fortes o suficiente pra ser líderes, mas ainda assim são capazes de ajudar nossos principais cientistas a entender as piores degenerações infligidas a nosso mundo e nossa raça. É por causa dela e de outros estudantes que pudemos avançar tanto na reversão de algumas das menores mutações humanas.

— Emilie não é cientista. Não está trabalhando em algum laboratório secreto, fazendo experiências que consertarão tudo que foi causado pela guerra.

— Claro que ela não está fazendo experiências.

Meu peito fica apertado ao entender o que o pai de Raffé está dizendo.

— Então, o que ela... — A voz de Raffé se perde. Terá ele chegado à mesma conclusão terrível a que eu cheguei? Se os candidatos que fracassaram no Teste e na universidade não estão encarregados dos experimentos, a única coisa que resta a eles é fazer parte delas. — Vocês estão fazendo experiências com eles?

— Nossos melhores cientistas estão usando as reservas disponíveis para reparar o pior dos danos químicos e biológicos causados pelos Sete Estágios da Guerra. — Reservas. A palavra me faz estremecer, assim como a convicção na voz do oficial Jeffries, que vai se tornando mais forte a cada sílaba. — Qualquer um que tenha visto a pior das mutações entende por que alocamos algumas das nossas mais promissoras reservas para esse projeto. Com o passar dos anos, aprendemos que indivíduos que conseguem articular as mudanças que eles sofrem são mais úteis do que os que não têm conceito...

O estopim de uma bala me faz dar um pulo. Eu me encosto contra a parede quando ecoam mais quatro detonações na casa. Depois que os tiros cessam, corro para a entrada iluminada. Com a arma levantada, preparo-me pra atirar. No entanto, paro ao cruzar a soleira e ver Raffé em pé no meio do quarto, olhando para a figura esticada no tapete cinza trabalhado. Raffé não se mexe, enquanto atravesso o cômodo e me ajoelho ao lado do homem que tem o olhar fixo no teto. Eu deveria sentir horror pelo que Raffé fez. Bem de perto, posso ver a semelhança. O mesmo cabelo espesso, a mesma linha quadrada do maxilar e das maçãs do rosto. Contudo, não há nada além de uma sensação de simpatia, enquanto checo seu pulso e confirmo o que soube assim que vi o buraco sangrento no meio da sua testa. Exatamente como a presidente pediu, o oficial Rychard Jeffries está morto.

— Eu não queria matá-lo — diz Raffé com uma voz apática, os olhos fixos no homem de cujo sangue ele compartilha. — Queria acreditar que meu pai não era uma parte tão integrante disso quanto o doutor Barnes e o resto, mas estava enganado. Ele é, e não merecia viver.

A arma treme na mão de Raffé. Sob a luz acolhedora, seu rosto parece pálido. Cansado. A mesma expressão que tenho certeza de que eu tinha quando minha faca entrou no peito de Damone. Will me disse uma vez que a decisão de matar é fácil, mas que viver com ela é

difícil. Agora, entendo melhor essas palavras do que na época, razão pela qual me levanto lentamente e estendo a mão.

— Por que você não me entrega a arma, Raffè?

— Não vou atirar em você, Cia. — Sua atenção não se desloca do rosto lívido deitado aos meus pés. — Eu não machucaria você.

Não é comigo que estou preocupada.

— Eu sei. — Mantenho a voz baixa e relaxante, da maneira que costumava fazer quando segurava um dos filhotes que meu pai ajudava a trazer ao mundo. — Me dê a arma, Raffè. Só por alguns minutos. Você deveria ir até a cozinha e tomar um pouco de água. Isso vai ajudar.

Vai? Não sei. Se não servir pra nada, fará com que saia do cômodo. Raffè pode odiar seu pai agora, mas, pelo modo como falou, sei que já sentiu amor e admiração por ele. Logo, essas emoções vão se revelar dentro dele, e, quando isso acontecer, não sei o que fará.

Dou mais um passo para a frente e abro seus dedos para que a arma caia na minha mão. Quando Raffè não percebe meu gesto, deixo de lado a simpatia e a tristeza. É, ele precisa ficar de luto. Precisa aceitar o que fez, mas não agora. Um relógio grande na parede me diz que a segunda explosão de Will deveria ter detonado há quinze minutos. Qualquer que seja a proteção que essas explosões nos proporcionaram, ela logo vai terminar. Os oficiais devem ter percebido que as estamos usando como distração e ampliado a área de busca. Raffè conseguiu obter grande parte da informação que precisávamos com seu pai. Se não tivesse atirado, poderíamos ter conseguido mais. Gostaria de ter imaginado o que Raffè faria ao ouvir a verdade. Se tivesse...

Afasto os lamentos. Se sobrevivermos a isto, haverá tempo suficiente pra lidar com eles, mas, agora, precisamos partir para a segunda parte da nossa missão — o doutor Barnes. E como conheço apenas vagamente a região onde ele mora, não posso chegar lá sozinha. Sinto-me insensível por pensar em outra coisa além de Raffè neste momento, mas não dá pra evitar.

Tiro o gravador do bolso da jaqueta de Raffè, aperto o Off e digo:

— Fizemos o possível aqui. Precisamos ir.

Minhas palavras são frias. Duras. A cabeça de Raffè vira-se na minha direção. Seus olhos brilham de choque e lágrimas. Por um instante, tenho medo de não conseguir fazê-lo se mexer; de ter de deixá-lo pra trás e prosseguir sozinha. Seus olhos se fecham. Sua mandíbula se contrai e, quando abre os olhos e assente, as lágrimas se foram.

— Você tem razão. — Ele dá as costas para o corpo do pai e se encaminha para a porta. — Vamos.

Raffè não olha pra trás, mas eu sim. Ponho as armas que seguro no bolso lateral da minha sacola, e analiso brevemente o homem no chão. Rychard Jeffries ajudou a moldar, revitalizar e educar este país. O que ele explicou a Raffè é terrível, mas ele deve ter feito coisas boas ao longo do percurso pra conquistar a posição que ocupava. A paixão de Raffè e sua dedicação à sua irmã são provas de que nem tudo que Rychard Jeffries fez foi ruim. Só por isso, ele merece ser lembrado.

Encontro Raffé lavando as mãos na cozinha. Ele me oferece um copo de água e tomo um gole. Depois, tiro o rádio da sacola.

A luz de mensagem está acesa. A voz de Will nos conta que completou sua parte e está voltando pra casa. O resto é com a gente. Não posso evitar a pontada de decepção que sinto porque a mensagem não é de Tomas. Dizendo a mim mesma que prender a professora Chen e obter informações dela será mais complicado para Stacia e Tomas do que foi para Raffé, gravo uma resposta pra Will, avisando-o de que terminamos nossa primeira parada e estamos nos encaminhando para a segunda. Depois, repito a mensagem na frequência de Tomas, acrescentando um pedido para que seu time nos contate logo dizendo sua situação. Preciso ouvir sua voz.

Depois de devolver meu rádio na sacola, encontro a arma de Raffé e a entrego de volta pra ele.

— Se você não puder lidar com a próxima parte, preciso saber.

Ele abre a sacola, tira a caixa de munição e carrega as culatras vazias. Depois de fechar o tambor com um estalo, corre a mão pelo cano da arma, e sacode a cabeça:

— Tenho de terminar o que comecei.

Eu também.

O sol se pôs. As casas à nossa volta estão silenciosas, enquanto rodamos nossas bicicletas até a rua e montamos. A neblina no céu dificulta ver a Lua esta noite. A falta de luz é boa pra se locomover sem ser visto, mas tenho de me esforçar pra não perder Raffé de vista, enquanto pedalamos pelas ruas em direção à universidade. O doutor Barnes mora em uma casa próxima ao campus. Vamos procurá-lo lá. Como é noite, há uma boa chance de que o encontremos em companhia da família. Só de pensar no que poderíamos ser obrigados a fazer se todos estiverem em casa, quase basta pra me fazer parar de pedalar. O que me mantém seguindo em frente é pensar no meu irmão, em Daileen e em todos aqueles que morreram no Teste.

Enquanto seguimos, tento dar uma olhada no rosto de Raffé, para ter uma ideia do que ele está pensando ou sentindo. Após a morte de Zandri, Tomas ficou calado, recolhido. Naquela época, pensei que a causa da sua depressão fosse apenas cansaço ou desilusão com o mundo à volta. Agora que sei o que aconteceu na minha ausência, percebo que era porque Tomas estava às voltas com sua consciência. Se eu não estivesse com ele, duvido que tivesse prosseguido com o quarto teste. Tirar uma vida, especialmente uma que ele conhecia e com a qual se importava, foi destruindo sua vontade de zelar pela sua própria, até que seu único propósito era me ajudar a chegar a salvo no final. A necessidade de Raffé de encontrar a irmã deverá mantê-lo focado no nosso avanço pelas próximas horas. Depois disso, sabe-se lá o que acontecerá. Talvez, se Emilie ainda estiver viva, Raffé encontre uma motivação em trazê-la pra casa e ajudá-la a se recuperar do que quer que tenha sofrido.

Raffé dobra à esquerda. Sigo-o, embora perceba que ele está muito mais à frente do que estava antes. Apesar do que aconteceu, o aumento de velocidade deixa claro que ele não

perdeu a determinação. A princípio, esse pensamento me encoraja. Depois, percebo que não foi Raffè quem mudou a velocidade, fui eu.

Estive tão preocupada com o seu estado de espírito, que não percebi o peso que parece ter me pressionado a cada volta dos pedais. No final da ida até a casa de Raffè estava a morte. Sempre houve a possibilidade de que eu viria em socorro de Raffè, caso ele precisasse de mim, mas não foi necessário. Este percurso é diferente. Apesar de ter as mãos manchadas de sangue, nunca antes me propus a cometer assassinato. Esta noite, estou fazendo exatamente isso.

Raffè para tão repentinamente que tenho de virar o guidão pra não bater nele.

— Olhe — ele diz.

Forço a vista na escuridão, tentando enxergar o que ele vê.

Flutuadores.

No final do quarteirão, vindo em nossa direção, com os faróis apagados. A falta de luz é tanto ilegal quanto perigosa. Nenhum desses fatores parece afligir quem pilota os veículos.

— Por aqui — cochicha Raffè, e me tira da via pavimentada, levando-me pra cima da grama. Dou umas olhadas pra trás, tentando ver se os pilotos dos flutuadores nos notaram, mas é difícil dizer em uma noite tão escura. Para Raffè, deve existir uma chance de termos sido detectados, porque não faz menção de parar, enquanto pedalamos por entre duas árvores altas, a trinta metros da rua. O fato de pedalar num terreno mais acidentado faz com que diminua a velocidade o suficiente para que eu o acompanhe.

— Por aqui.

Raffè se precipita para detrás da casa à nossa direita, e para. Levando um dedo aos lábios, espia a rua pelo canto, pra ver se estamos sendo perseguidos. Prendo a respiração. Passa-se um minuto. Dois. Então, ouço o barulho de motores aproximando-se, mas pelo som não consigo saber se estão saindo da rua ou percorrendo sua extensão. Finalmente, vejo uma sombra mais escura do que o resto movendo-se lentamente pela rua em direção a leste. É pequena. Do mesmo tamanho dos flutuadores que usamos durante nossa Iniciação, embora eu tenha certeza de que este é mais rápido e está em melhores condições. Surge um segundo flutuador. Raffè aponta um terceiro. A aparente falta de urgência sugere que eles estejam realizando um patrulhamento de rotina. Três patrulhas em um único lugar parece demais para um dia comum, mas não fico surpresa de vê-las reunidas aqui, uma vez que estamos próximos a tantas moradias de oficiais importantes. Tivemos sorte de não passarmos por mais contratempos no quarteirão de Raffè.

Será que tivemos?

Vejo os flutuadores pararem e observo como vão, um a um, dando a volta e se dirigindo para o lugar de onde vieram. Se estivessem num patrulhamento de rotina, continuariam em frente, pra proteger o resto do bairro. Esses oficiais da segurança estão protegendo alguma coisa. Como a casa do doutor Barnes fica só a trinta metros, dá pra imaginar o que seria.

O flutuador principal passa por nós quando ouço o clique. E mais um. Está vindo do Comunicador de Trânsito na minha sacola. Zeen.

Raffe vira a cabeça. Um segundo flutuador aparece. O clique soa mais três vezes. Quando não atendo, uma voz chama:

— Cia, responda. — O pedido nervoso de Zeen ecoa no silêncio da noite. Busco o Comunicador dentro da sacola e a fecho. Meus dedos brigam com o fecho, enquanto Zeen grita: — Estou chegando, mas Symon está...

Aperto o botão do Off.

Tudo fica quieto.

Não, não tudo.

O zumbido do motor do flutuador transforma-se num ronco. Os faróis ganham vida, enquanto ele vira e atravessa o gramado, diretamente em nossa direção.

O terror impulsiona meus pés.

— Siga-me — murmuro o mais alto a que me atrevo, esperando que minhas palavras possam ser ouvidas acima do ronco do motor dos flutuadores, enquanto eles diminuem a marcha. Esses flutuadores são feitos pra ser rápidos e fáceis de manobrar. Isso quase basta pra me fazer pensar que nossa sorte está selada. Nossa única chance é pedalar em torno do outro extremo da casa, e seguir de volta até a rua, antes que nos vejam.

Ponho-me de pé pra ganhar mais impulso. O som da respiração forte e rápida de Raffè demonstra que ele não está muito atrás. Estamos quase na virada da casa quando minha roda dianteira bate em alguma coisa. Levo uma sacudida, e a bike fica muito lenta. O pânico aumenta, enquanto Raffè passa zunindo, dobrando a esquina. Tento pedalar de novo, mas os pedais não se mexem. O que quer que tenha batido deve ter se encaixado na engrenagem.

Saltando da bike, carrego-a pelo quadro e corro. Com o volume da sacola e o peso da bike, meus movimentos ficam desajeitados. Os motores roncam em algum lugar às minhas costas. Não acho que estejam perto — ainda —, mas não posso dizer ao certo, e não ousou perder tempo olhando. Meus pés tropeçam. Raffè toma a bike de mim e corre até um pequeno grupo de arbustos. Enfia a bike por debaixo, agarra minha mão, e corre para a frente da casa.

— O doutor Barnes mora a duas casas abaixo, no lado norte da rua. Te encontro lá em dez minutos.

Não tenho chance de argumentar, porque ele sai em disparada. Sem pensar, corro para a frente da próxima casa e atravesso a rua. O ressoar das minhas botas no calçamento me faz encolher de medo. Quando chego à grama do outro lado, arrisco olhar pra trás. Os flutuadores ainda não chegaram ao final da casa que contornamos.

Meu coração dispara. Corro o mais depressa que consigo e me jogo ao chão perto da parede da casa, estendendo-me na terra.

Mantenho o rosto abaixado, esperando que meu cabelo escuro se perca nas sombras. O som de um motor se aproxima. Lentamente, mexo minha mão direita. Meus dedos procuram o bolso lateral da sacola e a arma que guardei ali. Consigo sentir a costura do bolso, mas não posso enfiar minha mão sem mexer todo o corpo, entregando-me.

Ouçó o som de outro flutuador. Aperto o rosto contra o chão e fecho os olhos com força, enquanto espero gritos, um aumento da força do motor ou qualquer coisa que indique que me acharam. Meu corpo todo estremece com a urgência de correr, mas me obrigo a não sair do lugar. O cheiro de terra fértil me traz lembranças do meu pai. Minha memória mais antiga é do

cheiro da terra que emanava dele quando chegava em casa depois de um dia de trabalho na estufa. É um cheiro que sempre associei à esperança. Agarro-me a isso, enquanto espero.

Três tiros atravessam a noite. Algum lugar à esquerda. Talvez a algumas casas daqui. Talvez mais. Será que um oficial da segurança encontrou Raffé? Ele sobreviveu? Quero procurá-lo, mas ser capturada ou morta não vai servir pra ninguém. Em vez disso, mordo o lábio, reprimo lágrimas de frustração e mantenho minha posição.

O motor mais perto de mim ronca e desaparece na direção dos tiros. Forço-me a contar em ordem decrescente a partir de cinquenta, para o caso de outra patrulha aparecer. Cinquenta. Quarenta e nove. Quarenta e oito, quarenta e sete. Os segundos parecem horas. Quando chego ao cinco, apoio as mãos no chão. Dois. Um.

De joelhos, pisco na escuridão. Não há sinais de flutuadores ou de seus faróis. Ainda posso ouvir seus motores? Não. Minhas pernas tremem quando fico em pé. A dor que sobe pela minha perna faz meus joelhos fraquejarem. Quando me abaixo pra arrumar o curativo, ele está molhado. Minha perna está sangrando. Reflito sobre as minhas opções. Ir para o norte e contornar os fundos da residência em direção à casa do doutor Barnes, ou ver se Raffé precisa de ajuda.

Na verdade, só existe uma opção. Raffé poderia ter sido capturado ou morto. Só posso prosseguir com nosso plano original e torcer pelo melhor.

Atravesso a grama devagar, até os fundos da casa. A brisa farfalha as folhas das árvores próximas. Ouço um cachorro latir a distância. Nenhum motor. Nenhum som de passos a não ser os meus. Passo por várias janelas enquanto caminho, mas não vejo rostos espiando.

Quando chego ao final da construção, espio pelo canto, em direção à rua. Nada. Atravesso rapidamente o extenso gramado entre esta casa e a próxima. Aquela que Raffé me disse pertencer ao doutor Jedidiah Barnes. Ela tem dois andares. Uma luz oscilante vinda de uma janela do segundo andar me diz que tem alguém.

Enquanto vou até a porta dos fundos, olho pelas janelas dos fundos do primeiro andar, mas está escuro demais pra enxergar lá dentro. A porta está destrancada. Seguro minha arma com mais força e começo a abrir.

— Cia.

Viro o cano em direção ao som do meu nome, e forço a vista no escuro pra ver de onde vem. Quando não consigo discernir a pessoa que corre em minha direção, levanto a lanterna e acendo. Depois dos acontecimentos no estádio, acho que o risco de expor minha posição vale a pena.

Quando o raio de luz ilumina o rosto de Raffé, solto um suspiro de alívio e desligo a lanterna.

— Você está bem? — pergunto, quando ele chega ao meu lado. — Ouvi tiros e pensei que você tivesse sido morto.

— Eu costumava brincar com algumas crianças do bairro — ele cochicha no meu ouvido. — No final do quarteirão, tem umas tubulações velhas de água. Não são fáceis de achar, se

você não souber onde procurar. Dei uns dois tiros pra atrair os oficiais da segurança na minha direção, depois entrei numa das tubulações e rastejei até sair do outro lado do quarteirão, o que é mais difícil fazer agora do que quando eu era menor. Você está preparada?

Estou? Alguma vez conseguirei estar preparada para aquilo que preciso fazer agora?

— Estou preparada para que isto acabe — respondo.

— Então, vamos.

Raffe empurra a porta e entra com cuidado no escuro. Vou atrás, fechando a porta às minhas costas, depois acendo a lanterna. Estamos numa grande cozinha. Minha luz mostra armários de madeira escura, balcões brancos e cinza, e uma grande mesa de madeira. Não há pratos à vista, nem pratos na pia. Minha mãe aprovaria. Raffe franze o cenho.

— Qual é o problema? — sussurro.

— Provavelmente nenhum — ele diz. — Quando vim com meu pai fazer uma visita, a senhora Barnes me deixou ficar um tempo por aqui. Ela sempre tinha flores sobre a mesa e coisas que seus filhos faziam no balcão da pia.

Volto a mirar a lanterna. Os balcões e a mesa estão vazios. Por curiosidade, abro as portas de um dos armários. Dois pratos e duas vasilhas. O seguinte contém três canecas e dois copos. Penso no que minha mãe tem na cozinha. Como o trabalho do meu pai exige que ele fique próximo à área em que está trabalhando na revitalização, nossas mudanças são frequentes; então, mamãe tenta limitar nossos pertences a um mínimo, pra facilitar a mudança. Apesar disso, temos pelo menos seis ou sete panelas e frigideiras, mais de uma dúzia de pratos e muitas xícaras. Acho difícil acreditar que o que esses armários contêm basta pra atender uma família de cinco.

— Vamos. — Raffe vira-se em direção à porta que leva para o restante da casa.

Mantenho a luz focada à frente, enquanto seguimos por um corredor que nos leva a um cômodo grande. De um lado, há uma larga escada. Um sofá, uma mesinha e duas cadeiras azuis estão dispostos no meio do cômodo. Uma prateleira na parede contém alguns livros, mas, como na cozinha, não há nenhum tipo de objeto pessoal. Nenhuma pintura ou cestos cheios de agulha de tricô, como notei na casa de Raffe. A mobília e o tapete parecem confortavelmente gastos, mas ainda assim parece que a casa não é realmente habitada.

Com a arma na mão, Raffe sobe a escada na frente. Enquanto sigo, corro o dedo pelo corrimão de madeira. Sai limpo. Sem poeira. Apesar dos poucos móveis, alguém ainda vive aqui.

Chegamos ao alto da escada e viramos à esquerda. A luz que vi de fora está vindo de uma porta aberta a cinco metros. As outras portas do corredor estão fechadas. Nenhuma luz passa por baixo delas.

Raffe olha pra mim e faz um sinal positivo com a cabeça. Apago a lanterna, guardo-a no bolso, e repito o gesto. É isso aí.

É fácil nos aproximar em silêncio. O carpete do andar é espesso. Quando estamos a alguns passos da porta, Raffe olha pra mim e mexe a boca articulando a palavra: vai. Entra

correndo pela porta. Entro atrás dele com o dedo no gatilho, preparada pra atirar. No entanto, não tem ninguém ali. A cadeira atrás de uma grande escrivaninha lotada de papéis está vazia. As prateleiras deste cômodo estão cheias de livros gastos pelo uso. Perto de uma das janelas, há uma grande cadeira de balanço. Ao lado dela, uma mesinha com uma pilha alta de pastas cheias de papéis.

Sem discussão, Raffé e eu saímos do quarto e vasculhamos o restante dos cômodos do andar. Estão vazios, mas encontramos outras respostas. No dormitório maior, vemos um retrato do doutor Barnes, sua esposa e seus filhos na mesinha de cabeceira, mas, quando olhamos nos armários, encontramos só as roupas dele. Não há brinquedos ou roupas nos outros quartos. O doutor Barnes ainda mora aqui, mas sua família não.

Por quê?

Voltamos para o escritório, pra ver se podemos encontrar respostas. Raffé se encarrega da escrivaninha. Eu vou até a cadeira de balanço e me sento no chão, ao lado da pilha de papéis. Antes de abrir a primeira pasta, porém, lembro-me de Zeen. Abrindo minha sacola, tiro o Comunicador de Trânsito, ligo-o e aperto o botão de chamada. Quando Zeen não responde, aperto o botão mais três vezes, esperando que ele entenda, agora que posso falar, que não ouvi a mensagem que ele se arriscou tanto a passar pra mim.

O Comunicador permanece em silêncio. O que quer que Zeen esteja fazendo neste momento, não pode me ouvir ou chegar a seu Comunicador. Mordendo o lábio, coloco o aparelho de lado e busco o rádio de pulso. A luz da mensagem está acesa, então aperto o Play e sinto uma lágrima escorrer pelo rosto, quando a voz de Tomas enche a sala.

— A primeira etapa está completa. Estamos indo pra segunda. — Sua voz está tensa. Ele promete entrar em contato depois de terminada a próxima etapa, e então diz: — Espero que você esteja bem. Lembre-se, eu te amo.

O calor invade meu corpo e me agarro a um pensamento: Tomas está vivo.

— Ele não disse o que aconteceu com a professora Chen — diz Raffé.

— Não. — Também percebi essa omissão. Talvez Tomas esteja sendo cuidadoso, mas seu tom me diz que alguma coisa deu errado. Como não podemos fazer nada em relação ao acontecido, digo: — Eles devem tê-la achado ou ele teria dito que não conseguiram completar a primeira etapa. Devem estar agora com a professora Holt. Temos de decidir o que fazer em seguida. Onde você acha que o doutor Barnes e sua família poderiam estar?

— O doutor Barnes deve ter decidido mudar sua família pra algum lugar seguro, para o caso de algo dar errado com o seu plano, mas não consigo imaginar que ele fosse abandonar Tosu City.

Concordo. Symon está encarregado de dirigir a rebelião, mas o doutor Barnes dá ordens a ele. Não iria embora. Não quando os acontecimentos que planejou estão prestes a ser acionados.

— Segundo informações da presidente, ele passa um bom tempo no Centro do Teste. Acho que nossa melhor chance de encontrá-lo seria lá.

— Sair do campus foi difícil. — Raffè franze a testa. — Imagino que a segurança esteja ainda mais rígida agora.

— Se tivermos de passar pelos oficiais da segurança, a gente passa — digo com mais confiança do que sinto. — Mas seria melhor se tivéssemos certeza de que o doutor Barnes esteja lá. — Olho as pilhas de papéis pelo quarto. — Talvez tenha alguma coisa aqui que ajude. A gente poderia até achar uma prova do que aconteceu com a sua irmã e os outros estudantes.

Esse tipo de evidência pra complementar a morte de alguns dos maiores defensores do Teste poderia nos ajudar a acabar com ele, mesmo que o doutor Barnes esteja escondido, mas não podemos ficar aqui por muito tempo. Meu sexto sentido diz que o doutor Barnes ainda está na área.

— Vamos dar uma procurada rápida — digo, abrindo a primeira pasta na pilha ao meu lado. — Se a gente não achar nada em dez minutos, vamos embora.

Enquanto Raffè remexe os papéis da escrivania, concentro-me nas páginas na minha mão. No alto da primeira página tem um nome: Ayana Kirk. Abaixo dele estão listadas notas de doze anos de estudos, bem como observações que dizem que a aluna é especialmente boa em Física e Música. Há várias cartas de recomendação de professores. Numa caligrafia diferente, vejo notas à margem, questionando se a predisposição da estudante para a música a torna sensível demais pra suportar uma educação adicional ou se ela estaria mais bem servida com um trabalho de educação de nível médio, em vez de partir para um patamar mais alto. Essas perguntas devem ter sido mandadas para as pessoas que escreveram as recomendações, porque se seguem mais cartas, que abordam as preocupações, bem como uma nota que diz ter sido enviado um convite pra prestar o exame da universidade. Viro a página e meu coração congela quando leio as seguintes palavras: *Redirecionada e destinada ao programa de reservas, a cargo do professor Cartwright*. Abaixo disso há uma assinatura do doutor Barnes e uma data. Essa aluna não passou no exame do ano passado. A assinatura tem a mesma caligrafia das notas à margem de toda a ficha.

Dou uma olhada na próxima ficha. Outro aluno que não passou. Outro Redirecionamento. Este também do ano passado. Enquanto percorro rapidamente as páginas, percebo que todas as fichas empilhadas aqui são dos últimos dez anos. Não tem nenhum estudante anterior a esse período. Todos foram Redirecionados. Quanto mais antiga a ficha de inscrição, menos observações nas margens. Não há uma única pergunta escrita para aqueles que se inscreveram há uma década. Enquanto faço as contas, noto mais uma coisa. A não ser que estejam faltando fichas, há dez anos foram Redirecionados o triplo dos estudantes do ano passado.

— O que você descobriu? — Raffè pergunta.

— Não tenho certeza. — Ou vai ver que tenho e não quero reconhecer que é real. O doutor Barnes é a força por detrás do Teste. Foi ele quem criou os testes que matam e transformou os inscritos reprovados da universidade em reservas para experiências. E, no entanto, se as fichas são autênticas, ele tem trabalhado pra convencer os inscritos que ele

acredita estarem destinados à reprovação a escolher outro caminho, antes de fazerem a escolha da qual não podem voltar atrás. Exatamente como fez com a irmã de Raffè. Por quê?

— Talvez os oficiais que viajaram para as colônias tenham começado a notar que nenhum dos alunos Redirecionados jamais foi visto ali — sugere Raffè, quando explico o que descobri. — Limitar o número de candidatos fracassados significa menos perguntas que ele terá de responder para oficiais e famílias daqui de Tosu.

Isso faz sentido. Principalmente porque a presidente Collindar assumiu o cargo há seis anos. Olho para o relógio. Nossos dez minutos se esgotaram. Precisamos ir.

— Achou alguma coisa? — pergunto.

— Uns dois relatórios que sugerem que o Teste seja limitado a cem candidatos. Nos últimos anos, uma porcentagem maior do que o doutor Barnes considera aceitável foi eliminada durante o primeiro exame. Nada que ajude a imaginar onde o doutor Barnes estaria agora. — Raffè franze o cenho — Embora também haja um calendário que mostra os encontros agendados para a seleção dos candidatos ao Teste deste ano, e os nomes preliminares.

Raffè estende os papéis e eu atravesso o quarto e os pego. A primeira página é uma lista de candidatos em potencial. Minha alma dói ao ler nome após nome, junto com as colônias a que pertencem. Finalmente, chego à Colônia Cinco Lagos e aos nomes Daileen Dasho, Lyane Maddows e Christoph Nusman. Todos alunos que conheço. Pratiquei esportes e estudei com eles. Todos três festejarão sua seleção para o Teste, sem saber que o preço do fracasso é mais do que eles jamais deveriam ser forçados a pagar. Deixando de lado as emoções que ameaçam acabar comigo, passo para o calendário. Havia um encontro do comitê hoje, mais cedo, no Centro do Teste. Duvido que o doutor Barnes tivesse perdido isso. A reunião deve ter acabado há horas. Ele poderia ter ido embora depois, mas esta é a única pista que temos do seu paradeiro. Não temos escolha a não ser segui-la.

Quando digo a Raffè que vamos para o campus, ele diz:

— Antes de irmos, tem uma coisa que você precisa ver. Tem uma ficha aqui com o seu nome.

Ele a coloca na minha mão e observa enquanto abro a ficha. O papel é da mesma cor cinza daquele que a presidente Collindar me deu. Agora, porém, em vez de encontrar dentro o nome do doutor Barnes com informações, encontro o meu.

*Malencia Vale.*

*Idade no Teste: 16*

*Colônia: Cinco Lagos*

*Grupo: Amplo espectro de aptidões*

*Atributo específico: Habilidade mecânica*

*Primeira rodada do Teste: Aprovada*

*Observações: Forte reação emocional à autoeliminação de candidata. Observar se isso afeta o Teste futuro.*

*Segunda rodada do Teste: Aprovada*

*Observações: Novamente, forte reação emocional ao fracasso de candidato. Mesmo assim, completou o teste.*

*Terceira rodada do Teste: Aprovada*

*Observações: Necessidade incomum de ajudar colegas, quando deixar que esses colegas fracassem levaria a candidata a se aproximar da conquista do seu objetivo. Suas crenças pessoais estão em conflito com os critérios do comitê para entrar na universidade. Contudo, a forte demonstração da habilidade da candidata em confiar em seus instintos e convencer os outros a torna única. Acredito que ela seja minha melhor chance, e tomei providências pra driblar meus colegas num esforço por ajudá-la e testá-la mais na quarta rodada.*

Melhor chance. Releio a frase. Melhor chance para o quê? Será o doutor Barnes a razão para que Symon me desse comida, água e a ampola que me ajudou na minha entrevista? Pelo que vejo aqui, parece que sim. Mas por quê? Não entendo.

*Quarta rodada do Teste: Reprovação recomendada pela equipe. A candidata não disputa o suficiente com os outros e não está bastante comprometida com sua agenda para fazer o que for necessário pelo futuro desenvolvimento do país. Não tem uma personalidade suficientemente forte para fazer escolhas difíceis.*

Reprovação. Sacudo a cabeça e releio as palavras. Não tem uma personalidade suficientemente forte. Se o comitê tentou me eliminar como candidata, por que fui aceita?

*Entrevista: A candidata surpreendeu o comitê com controle emocional e respostas proferidas com energia. Alguns optaram por permitir sua entrada. A maioria não.*

*Recomendação do comitê: Reprovação*

*Resultado final: Aprovada*

Apesar de tudo o que fiz, o comitê achava que eu deveria ser reprovada. Essas palavras na página fazem meus joelhos fraquejar. A opinião dos oficiais do Teste não deveria ter importância, mas ver a evidência de que eu não era boa ou forte o suficiente pra eles é como um tapa na cara. Minha excelência não era digna de que me aceitassem.

— Nada disso faz sentido — digo, levantando os olhos da pasta. — Por que passei no Teste, se o comitê recomendou que eu fosse reprovada?

Raffe sacode a cabeça.

— Parece que o doutor Barnes interveio. Vai ver que é por isso que a professora Holt tem andado nervosa com a sua presença na universidade desde que chegou à república. Ela deveria saber que você estava marcada pra reprovação, e, mesmo assim, sobreviveu de algum modo. O que você acha que significa?

— Não sei — E só existe uma maneira de descobrir. Pego minha sacola e meto a pasta lá dentro. — Temos de achar o doutor Barnes. Vamos.

Raffe olha ao redor do quarto.

— Não sei se é importante, mas acabou de me passar pela cabeça o que está me incomodando desde que chegamos aqui. A lâmpada deste quarto estava acesa. O doutor Barnes nunca deixaria uma luz acesa o dia todo por engano.

— Por que... — Não completo a pergunta pois imagino a resposta. O doutor Barnes deixou a luz acesa porque quer que as pessoas pensem que está em casa, as patrulhas de segurança que percorrem a rua, mesmo que todos os outros oficiais estejam procurando quem colocou os explosivos do outro lado da cidade.

É uma armadilha.

Raffe e eu procuramos pelo quarto um sinal de que eu esteja certa, e o encontramos debaixo da escrivaninha. Uma caixa preta com fios e uma luz piscante. Um explosivo. Ele está com um cronômetro, ou está esperando pra ser acionado por alguma outra coisa? É impossível dizer. Apenas uma coisa fica clara: temos de dar o fora.

Raffe deve concordar, porque agarra suas coisas e vem logo atrás de mim quando corro pro corredor. Estamos na metade da escada quando uma porta se fecha em algum lugar lá embaixo.

Ligo a lanterna e avalio nossas opções. Subir vai nos deixar fora de vista, mas esta é a única escada. Se nos escondermos em um dos quartos do segundo andar, nós nos arriscamos a ficar presos em nosso esconderijo. Assim, desço a escada o mais depressa que posso. A porta da entrada está apenas a vinte passos à direita, mas, quando calculo o tempo pra chegar até lá, destrancar a porta e cair fora, descarto essa opção. Especialmente porque ouço sons de passos em algum lugar nos fundos da casa.

Agarrando a mão de Raffe, eu me precipito pelos últimos seis degraus, corro para a esquerda e me escondo atrás do sofá. Raffe se junta a mim exatamente quando as luzes se acendem.

— Vocês dois, fiquem aqui — diz calmamente uma voz familiar.

Symon. Se ele está aqui, o que aconteceu com Zeen?

Raffe se enrijece ao meu lado. Ele também reconheceu a voz.

O carpete abafa o som dos passos de Symon, conforme ele sobe a escada, mas o que ouço me faz pensar que mais de uma pessoa está subindo. Alguns minutos depois, Symon avisa:

— Ele ainda não está aqui. Vamos esperar. Apague as luzes. Cada um de vocês vai pro final do quarto, e fica lá. Assim que o virem, me avisem.

As luzes se apagam. Os passos desaparecem no corredor, em direção aos fundos da casa. Uma porta bate no andar de cima. Assim que Raffe ouve isso, espia pela lateral do sofá. Espera um pouco e sussurra:

— Fique aqui — enquanto se esgueira por detrás do sofá. Volta alguns segundos depois, dá um tapinha no meu ombro e faz sinal pra que eu o siga.

Atravessamos devagar o cômodo escuro, tomando cuidado pra ficar longe dos móveis, evitando fazer barulho. Quero subir pro andar de cima, exigir saber onde está o meu irmão e meter uma bala na cabeça do Symon. No entanto, se ele explodir a armadilha do doutor

Barnes, não quero ser vítima disso também. Roço os dedos pela parede pra me guiar, e fico aliviada quando o hall se abre para a cozinha.

Ao me dirigir para a porta, Raffé agarra minha mão e cochicha:

— A gente tem de se separar. Se você for rápida, as duas pessoas que ele mandou vigiar os dois lados da rua ainda não terão chegado. Você vai sair da área sem ser vista, e conseguir voltar pro campus. Vá pro Centro do Teste. Eu me viro com o Symon. Você tem de achar o doutor Barnes.

— Você viu aquilo no escritório dele. Não pode subir lá.

— Symon está trabalhando com ele. Tem de saber sobre a bomba. Não existe escolha. Temos de eliminá-lo.

— Então eu fico.

Se Symon souber alguma coisa sobre Zeen, talvez eu consiga descobrir antes de puxar o gatilho.

Raffé sacode a cabeça.

— Assim que uma arma for disparada, os guardas virão correndo. A única coisa que vai me ajudar a escapar é o fato de conhecer a vizinhança. Ele vai comigo até a porta e pega na minha mão. — Esta é nossa única oportunidade de pegar os dois. Você sabe que tenho razão.

Não quero concordar, mas concordo. Raffé tem mais chance sozinho. Tenho de confiar nele pra fazer isso. Assim como ele está confiando em mim.

— Vejo você logo — murmuro.

Raffé inclina-se para a frente. Seus lábios pressionam meu rosto. Seus dedos apertam os meus, enquanto ele sussurra:

— Vai ver. Tome cuidado ao chegar ao campus. Os estudantes rebeldes podem te causar mais problemas do que os oficiais da segurança. E, se por acaso alguma coisa der errado aqui, preciso que me faça uma coisa. Ache minha irmã e diga a ela que sinto muito. Nunca pensei que fosse confiar em alguém como confiava em Emilie, muito menos em alguém das colônias. Mas acredito em você. Você fará o que for certo.

Então ele se vai. Entra nas sombras do corredor, fora de vista.

Do lado de fora, a brisa está fria no meu rosto. Fecho a porta sem fazer barulho, e olho devagar de um lado ao outro. Quando não vejo nem ouço nada, penso na direção a tomar. Como os guardas estão posicionados a oeste e a leste, corro pro norte e percebo por que Symon não se preocupou com alguém chegando por essa direção. A cinquenta metros da casa há um grande muro de pelo menos dois metros e meio de altura, que abrange o comprimento do quarteirão. A barreira é feita de seixos. Não existe um ponto onde me apoiar, e não consigo alcançar o alto sem um apoio.

Perscrutando no escuro, avisto uma árvore a cerca de seis metros e vou até lá. O salgueiro ultrapassa o muro em um metro e meio, dois metros. A árvore é bem jovem. Tem, provavelmente, uns quatro anos. Puxo um dos galhos mais baixos. É fino. Flexível. Não é o ideal pra subir, mas é o único que vejo bastante próximo do muro de pedras pra servir de

ajuda. Mesmo assim, está a cerca de dois metros e meio, o que significa que terei de subir o mais alto possível pra que funcione. Mudo a sacola de lado, pra que ela não se enrosque nos galhos; coloco um pé no tronco e me ergo.

O ramo mais baixo se curva com o meu peso, mas não quebra. Chego o mais próximo do alto a que me atrevo, posiciono os pés na junção de dois galhos em forma de V perto do tronco, onde os galhos são mais robustos, e respiro fundo. O som de tiros me faz encolher. Raffè. Obrigo-me a não olhar para trás. Agarro o centro delgado da árvore, enquanto o galho sob o meu pé esquerdo se quebra e se arrebenta no chão.

Ouçõ gritos. Mais tiros. Os ramos se vergam, enquanto passo rapidamente de um para o outro. No terceiro, dou um forte impulso e estendo os braços ao pular em direção ao muro. Meu peito bate no alto da barreira de pedra. Mordo o lábio pra me impedir de gritar, e começo a escorregar. A pedra rala os meus dedos, mas me recuso a soltar. Meus braços tremem. O suor irrompe atrás do meu pescoço. Quase perco o apoio, com o estrondo de uma explosão atrás de mim. Finalmente, encontro um bom ponto de apoio com as botas e uso os músculos da perna pra me impulsionar para cima e sobre o muro. Antes de cair do outro lado, avisto fumaça e chamas vindas da casa do doutor Barnes. Concedo-me cinco segundos de esperança, enquanto percorro a área tentando ver Raffè. Depois, me solto, caio do outro lado, e corro.

Atravesso a grama correndo, passo desabalada entre duas casas e chego à rua do outro lado. Fachos de lanterna cortam a escuridão e pessoas acordadas pelo barulho saem das casas.

Todo mundo parece assustado. Tenho certeza de que estou. Com o espetáculo do fogo e o medo, ninguém presta atenção em mim enquanto caminho rapidamente pela rua. Para longe das chamas. Para longe de Raffè. Se ele sobreviveu à explosão, poderia, agora, precisar de ajuda. Contudo, não volto, porque ele nunca me perdoaria por colocar nossa missão em risco. Enquanto ando, só posso me perguntar quem será o próximo e se alguma coisa do que fazemos vale o preço.

Quando deixo de ouvir os gritos, eu me enfio debaixo de uma moita e tiro o Comunicador de Trânsito. Seleciono as coordenadas para a república dos Estudos Governamentais, salvas no dispositivo durante a Iniciação. Estou a oitocentos metros do campus. Se sair andando agora, chegarei em menos de dez minutos. Olho a Lua e tento avaliar o tempo decorrido desde que Tomas, Stacia, Raffè e eu deixamos a casa. Duas horas? Três? Parece impossível ter acontecido tanta coisa em tão pouco tempo. Provavelmente Raffè está morto. Zeen ainda não responde às minhas chamadas. Tomas e Stacia estavam bem quando Tomas deixou sua mensagem, mas sabe-se lá onde estão agora.

Levanto-me. Minhas pernas tremem ao colocar minha sacola de volta sobre o ombro e começar a andar. A princípio devagar, depois mais depressa, até que estou na maior velocidade. Quanto antes encontrar o doutor Barnes, mais cedo tudo terminará. O Teste. Os

experimentos na irmã de Raffé e nos outros estudantes que fracassaram. As mortes que me pediram pra executar. Tudo isso. Tem de ter um fim.

Meus pulmões ardem. Minha pulsação lateja. As duas coisas me fazem sentir viva. Só diminuo o passo quando vejo os marcos conhecidos que me dizem que estou a apenas um quarteirão da universidade. Clico uma última vez o botão de chamada no Comunicador, e não me importo se alguém vai entreouvir o que Zeen falar. Preciso escutar sua voz. Contudo, o aparelho fica em silêncio. Sinto parte do meu coração ficar quieta, enquanto enfio o Comunicador de volta na sacola, trocando-o pelo rádio de pulso. A luz do visor está apagada. Gravando uma mensagem sussurrada, conto a Tomas, Stacia e Will que agora estou me dirigindo para onde nossa jornada teve início. Depois, aperto Enviar. Em vez de colocar o rádio de volta na sacola, enfio-o no bolso da jaqueta, pra manter o pensamento de Tomas por perto, e começo a me movimentar pelas sombras.

O arco da universidade aparece na minha linha de visão. Vendo-o novamente, lembro-me de como me senti na primeira vez que passei sob ele. Tomas, Malachi e Zandri estavam ao meu lado, quando avistamos a placa de ferro batido que diz UNIVERSIDADE DA COMUNIDADE UNIDA. Apesar dos alertas do meu pai, senti excitação e esperança. Não passo por baixo do arco agora. Se alguém suspeitar de que estou vindo pra cá, será lá que vai esperar. Em vez disso, dirijo-me para o prédio da Administração da Universidade de Tosu, na beirada do campus.

Tomo cuidado pra pisar de leve, de modo que ninguém por perto me ouça, enquanto sigo pela escuridão, tentando ouvir sons de oficiais ou rebeldes emboscados por perto, e pensando no dia em que deixei a Colônia Cinco Lagos. Antes do Teste. Quando confiava nos outros, mas nem sempre tinha certeza de confiar em mim mesma.

Indo em direção a onde tudo começou, acho que finalmente entendo por que o Teste foi criado. Em uma época em que cada decisão poderia significar a diferença entre um país reconstruído e outro depredado demais para ser reparado, os fundadores do Teste não estavam dispostos a confiar nas melhores intenções de ninguém. Eles precisavam de líderes que fossem não apenas inteligentes, compassivos ou agradáveis, mas capazes de fazer as escolhas difíceis que a maioria das pessoas não gostaria de fazer; de pôr a necessidade acima de tudo, e agir sem hesitação.

Stacia tem razão. O presidente Dalton errou. Seu erro não foi o pior, mas os historiadores dizem que no Quarto Estágio da Guerra estava claro que as discussões pela paz não tinham chance de prevalecer. Apesar de tantas mortes e tanta destruição, os líderes das principais alianças ainda acreditavam que seu desejo por conquista poderia ser satisfeito. Tinham investido demais para voltar atrás. Fazer isso teria sido o equivalente a admitir que estavam errados. A única medida que poderia impedir o progresso do Quarto Estágio teria sido eliminar os líderes que estavam levando o mundo à destruição. Se isso tivesse acontecido, talvez aqueles que os substituíram pudessem ter visto a futilidade da devastação à sua volta e tomar decisões para acabar com a guerra.

Contudo, não foi o que aconteceu. Os líderes prosseguiram com a guerra e o mundo entrou em colapso. A Comunidade Unida se ergueu das cinzas daquele mundo, e o Teste foi criado para garantir que os líderes não falhassem daquele jeito de novo. Embora, porém, o Teste procure pressionar os candidatos para mostrar do que são capazes, não reconhece que circunstâncias diferentes apresentam resultados diferentes. O comitê do Teste achava que eu deveria ser rejeitada como alguém que fracassou, porque não conseguia fazer o que era necessário. O fato de ter sido aprovada ainda é um mistério, mas a jornada que faço agora mostra quanto estavam errados.

O som de botas batendo contra o calçamento chega até mim, e me enfio detrás de uma moita. Os passos estão em algum lugar à minha esquerda. Forço a vista no escuro e avisto duas pessoas correndo na direção sul. Oficiais? Rebeldes? Não tem como saber. Quando elas desaparecem, espero vários minutos antes de andar na direção oposta. Vejo a beirada da cerca a distância, e corro até ela. Ao chegar lá, fico feliz pela falta de janelas nos fundos do prédio da Administração da Universidade de Tosu, e contorno a cerca para entrar no campus.

Tiros ressoam a distância. Uma sirene começa a soar, em meio a mais tiroteio. Agachome atrás de uma moita e espero. Um grito se eleva acima do barulho. Outras vozes gritam, e mais tiros são disparados. Tudo isso soa como se estivesse acontecendo do outro lado do campus. Quando outra rodada de tiros ecoa de algum lugar ao longe, à minha esquerda, agarro a arma e me levanto.

Com cuidado para me manter em meio às sombras, atravesso por trás do prédio e me dirijo para o estádio, tentando não pensar no que aconteceu ali ainda ontem. Penso em Tomas. Está salvo? A luz do rádio continua apagada.

Logo depois do estádio, eu o vejo. Cinco andares de altura, e quase escondido na escuridão por causa do seu exterior de aço e vidro pretos. A cerca que circunda a área também se mescla à noite, mas sei que ele está lá, junto com a pequena placa de bronze que enuncia o propósito do trabalho que acontece lá dentro.

O Centro do Teste.

Na última vez em que estive no prédio, o doutor Barnes anunciou que os vinte de nós sentados na sala com ele haviam sido aceitos na universidade. Tomas e eu estávamos juntos. Sem as lembranças do Teste pelo qual havia acabado de passar, fiquei feliz.

Avisto uma figura parada nas sombras, perto da frente do prédio, e paro. Sem me aproximar, não posso determinar se o homem é um dos estudantes rebeldes ou um oficial da segurança. Concluo que como todo o movimento ao sul não atraiu sua atenção, não será tão fácil afastá-lo. Vou ter de achar uma maneira de contorná-lo ou outro jeito de entrar.

Uma porta ou janela nos fundos do andar térreo me permitiriam entrar sem ser vista. Não me lembro de ter nem uma nem outra, mas faço o contorno até atrás do prédio pra verificar. A cerca preta que dá a volta na área só chega à altura do peito e é fácil de escalar. Do outro lado, confirmo que minha esperança era infundada. A entrada vigiada é o único acesso.

No maior silêncio possível, cruzo a área atrás do Centro do Teste. As janelas do andar superior estão escuras, tornando impossível saber se o doutor Barnes está lá dentro. Será que alguma vez eu vi luz vinda das janelas aqui? Acho que não. A única vez de que me lembro de estar em frente a este prédio durante o Teste foi de dia, quando esperávamos os resultados do primeiro teste, e eles nos deixaram entrar. Zandri, Malachi, Tomas e eu nos sentamos perto de um laguinho. Conforme me aproximo desse lugar agora, lembro-me de como o cabelo de Zandri captava a luz do Sol e da maneira como ela fazia Malachi rir. No ano passado, a fonte no meio do lago estava quebrada. Para passar o tempo, Tomas e eu trabalhamos juntos pra consertá-la. Agora, a fonte está desligada, e eu me pergunto se existe uma maneira de usá-la pra criar um desvio de atenção.

O tiroteio parou, mas as sirenes ainda soam quando descubro o quadro de força encaixado discretamente em uma pilha de pedras. Assim como fiz há meses, retiro a tampa com a chave de fenda atrelada ao meu canivete, e desta vez uso minha lanterna para verificar o conteúdo. Tudo parece igual a quando Tomas e eu consertamos a fonte no verão passado, e acho que consigo fazer o motor gemer e guinchar o suficiente para atrair a atenção do guarda.

São necessárias várias tentativas para ajustar o motor, enrolar pedaços compridos de capim em volta da lâmina rotatória e bloquear a bomba de retorno de água, de uma maneira que faça com que o motor agora obstruído fique ainda mais sobrecarregado. A combinação deveria forçar o mecanismo a produzir um som surdo e prolongado e um gemido agudo. Ou o motor poderia superaquecer e parar de funcionar completamente. Só tem uma maneira de descobrir qual dos dois.

Depois de respirar fundo, eu me preparo pra correr e aperto o botão de ligar. A água gorgoleja na fonte, enquanto me arremesso em direção ao prédio. O som do motor guinchando começa quando avanço ao longo dos fundos do prédio, em direção à ala norte. O motor solta um guincho alto o suficiente pra ser ouvido acima da sirene. Passam-se apenas alguns segundos até que o dano que causei faça com que o motor pare com um grande estalo.

Será que o barulho foi suficiente?

Sim! Ouço passos e contorno a esquina do prédio rapidamente, enquanto a pessoa que estava na frente procura, agora, a origem do barulho. Esperando entrar antes que ela volte, corro para a entrada, mas começo a entrar em pânico quando vejo o pequeno teclado ao lado da porta. Lembro-me de Michal usando um código de seis números pra entrarmos, mas não vi quais eram. Mesmo que tivesse visto, duvido de que continuassem os mesmos. Desisto do teclado e concentro minha atenção na fechadura acima do trinco da porta, esperando poder arrombá-la antes que o guarda volte.

O som de pés correndo e a voz que grita para que eu pare me dizem que é tarde demais. Faço a única coisa possível. Viro-me, miro no oficial da segurança enquanto ele levanta a arma e atiro.

Eu queria acertar a perna do homem, mas minha bala penetra no seu estômago. Sua arma dispara quando ele cai no chão, e eu me encosto à porta atrás de mim e sinto que ela cede. A

fechadura não estava trancada. O homem atrás de mim geme de dor. Quero ajudá-lo, mas sufoco esse instinto e entro. Com a porta destrancada, e o homem em quem atirei deitado no chão lá fora, alguém logo descobrirá que estou aqui. Tenho de achar o doutor Barnes depressa.

Acendendo minha lanterna, ilumino a entrada do prédio com ela. Tudo no saguão está como eu me lembro. Paredes brancas, chão cinza desgastado. Cadeiras cinza de madeira no canto. A sala de armazenagem do Teste e os quartos de preparativos pessoais ficam neste andar. Não vou achar o doutor Barnes em nenhum deles. Se ele estiver no prédio, estará em um dos andares superiores. Corro pelo longo corredor branco e cinza até o conjunto de elevadores que tomamos durante o Teste, pra chegar aos quatro andares superiores.

Não quero ficar presa dentro de um elevador, caso alguém descubra que estou aqui. Então, passo por eles, pelo saguão, procurando a escada.

Descubro-a no final do corredor e começo a subir. O prédio é grande. A tarefa de encontrar alguém aqui é desanimadora. Quando chego ao segundo andar, saio para o corredor e o ilumino com a minha lanterna. Poderia procurar andar por andar, e faço isso se precisar. Por enquanto, sigo meus instintos, volto para a escada e subo até o terceiro. Foi nele que o doutor Barnes conversou com a gente sobre cada fase do Teste e nos deu cada série de instruções. Também foi nele que foram feitas nossas entrevistas. Foi durante a minha que eu soube que Tomas tinha sido responsável pela morte de Zandri, embora o doutor Barnes se recusasse a me dizer como. Quando saio do poço da escada para um corredor fracamente iluminado, tenho certeza de que o doutor Barnes está por perto.

Enfiando a lanterna na minha sacola, tiro minha arma e caminho para o saguão de conferências. O sangue lateja nos meus ouvidos enquanto me aproximo das grandes portas duplas que levam à sala onde comecei e terminei meu Teste. Quando pego num dos seus trincos, sinto a mesma ansiedade e o mesmo medo que senti quando entrei nesta sala pela primeira vez, meses atrás. Dentro, o palco está escuro. Na penumbra, vejo a mesma tribuna atrás da qual o doutor Barnes falou, parado no centro. As fileiras de assentos estão vazias, mas, se fecho meus olhos, posso ver o rosto daqueles que morreram. Se o doutor Barnes tiver o que pretende, logo a sala se encherá de mais candidatos prontos para ser testados. Saber disso firma a arma na minha mão, enquanto me viro e vou até o fim do saguão, em direção à sala onde fui entrevistada. Vejo uma fina réstia de luz sob a porta.

Coloco a mão na maçaneta. Listo em minha mente os nomes dos candidatos que passaram pelas portas do prédio. Esses nomes me dão coragem; giro a maçaneta lentamente, abro a porta e entro.

Sentado a uma mesa preta, perto da parede dos fundos, sem janelas, com uma caneta na mão, está o doutor Barnes. Envolvero o cabo da arma com as duas mãos, planto os pés com firmeza no chão e me preparo pra atirar. O doutor Barnes levanta o olhar da mesa e sorri.

— Boa noite, Cia — ele diz. — Estávamos esperando por você.

Antes que possa imaginar quem mais está ali, ouço um clique e sinto o metal frio de um cano de arma ser pressionado contra a minha cabeça. E sei que fracassei.

Uma mão se adianta e arranca a minha arma de mim. Outra pessoa agarra a sacola no meu ombro e ri. Conheço essa risada. Virando-me, vejo um sorriso de sarcasmo se estender pelo rosto de Griffin, enquanto ele joga minha sacola no chão.

— Você deveria tomar cuidado com isso. — O doutor Barnes levanta-se detrás da mesa e vem até mim. — A senhorita Vale pode ter mais um ou dois truques na manga. — Ele pega minha arma de um estudante do terceiro ano de Estudos Governamentais com quem nunca conversei. — Agradeço sua ajuda. Agora, se vocês não se importam em esperar lá fora, a senhorita Vale e eu temos assuntos a discutir. Vocês dois serão recompensados depois que nossa conversa terminar.

No rosto de Griffin transparece irritação, ao caminhar a passos largos para a porta. O outro menino o segue. Quando a porta se fecha, o doutor Barnes apanha minha sacola do chão, volta para sua cadeira e coloca a sacola sobre a mesa.

— Por favor, sente-se. Sei que não tem descansado muito nas últimas semanas. Você tem andado muito ocupada, Cia. Na verdade, tão ocupada que eu estava preocupado que alguma coisa pudesse te acontecer antes que tivesse uma chance de me encontrar hoje à noite. Teria sido uma pena, uma vez que temos muito a discutir.

Ele faz um sinal para que eu me sente na cadeira preta à sua frente, do outro lado da mesa. O sorriso que o doutor Barnes ostenta é familiar. É muito caloroso e preocupado, e foi idealizado pra despertar confiança. Sua expressão fica surpresa quando não me sento.

— Você veio até aqui pra conversar comigo, não foi, Cia?

— Vim até aqui pra te matar.

— Claro que sim. — Seu sorriso se escancara, enquanto ele coloca minha arma sobre a mesa à sua frente. — E pretendo deixá-la fazer isso. Claro — ele acrescenta — que você ainda vai ter de lidar com os indivíduos lá fora, se conseguir. Peço desculpas por isso, mas não poderia me arriscar a que você me matasse antes de termos esta conversa.

— Vai deixar que eu mate o senhor? — A confusão, o nervosismo e o medo me fazem rir, embora nada nunca tenha me parecido menos engraçado.

O doutor Barnes se reclina na cadeira.

— Você não acredita em mim, Cia?

— Não.

Agora ele ri.

— Acho que não posso culpá-la, mas você realmente acredita que estaria parada aqui, agora, se eu não pretendesse que completasse sua ordem do dia? Você progrediu muito desde que entrou pela primeira vez neste prédio, mas ainda tem muito a aprender.

Penso na fechadura que estava destrancada lá embaixo, na falta de pratos e roupas na casa do doutor Barnes, nos papéis e nas fichas à mostra em seu escritório, na explosão que queimou sua casa e na facilidade com que atravessei o campus, apesar de toda a batalha que estava em curso. Até no guarda lá fora, que teve a chance de atirar em mim antes que eu atirasse nele. Embora o plano no qual embarquei tivesse sido bem pensado, não poderia ter chegado tão longe sem algum tipo de ajuda. Ajuda, que agora, o doutor Barnes está alegando que forneceu. Por quê?

— O senhor tem razão — digo, desviando meu olhar para a arma. Apesar de ser um cômodo pequeno, a arma está longe demais para eu alcançá-la antes dele. Fico na dúvida se seu gesto de aprovação é pela minha decisão de não correr esse risco ou pelo meu reconhecimento da ajuda que recebi. E não importa, porque ele está certo. Temos de conversar. Preciso de respostas que só ele pode me dar. Depois, arrumarei um jeito de pegar a arma, porque não acredito nem por um momento que o doutor Barnes pretenda morrer.

Indo até a cadeira preta de espaldar alto, sento-me.

— Tenho mesmo o que aprender, doutor Barnes, mas, de qualquer modo, duvido de que o senhor e a professora Holt me deixarão voltar para as aulas depois de tudo o que aconteceu.

— A professora Holt com certeza a impediria. Ela vem desconfiando da sua capacidade desde que chegou para o Teste. Ficou especialmente contrariada quando você entrou na universidade apesar das objeções dela. Nunca entendeu como foi que recebeu votos suficientes. — Ele me lança um sorriso satisfeito. — No entanto, tendo em vista os acontecimentos de hoje à noite, a Verna não entra mais em consideração. Nem MayLin Chen. Portanto, não estarão por perto pra reclamar, caso você decida continuar sua educação. Mas também, depois de tudo pelo que passou, talvez queira deixar Tosu City e voltar pra Cinco Lagos. Se sim, tenho certeza de que sua família vai ficar feliz em te ver.

Ouvir o doutor Barnes mencionar a minha família dificulta minha respiração, mas mantenho meu rosto inexpressivo. Não vou lhe dar a satisfação de saber que seu golpe verbal atingiu o alvo. Num tom frio, digo:

— O senhor passou por vários problemas para arrumar este encontro. Duvido que fosse apenas para conversar comigo a respeito de voltar ou não pra minha colônia.

— Você não acredita que eu a deixaria voltar pra casa? — Ele se inclina para a frente e pousa as mãos ao lado da arma.

— Não. — Não consigo tirar os olhos dos seus dedos, que roçam o cabo. — Não acredito no senhor.

— Não tenho razões para mentir — ele diz, envolvendo o cabo de madeira com a mão. — É claro que não espero que confie em mim quanto a isso.

Com a arma na mão, ele se levanta e atravessa a sala até um banquinho em que eu não tinha reparado. Sobre o banco, há uma bandeja. Em cima da bandeja, um copo cheio com um líquido claro. O doutor Barnes pega o copo com a mão livre, vai até a mesa e coloca o copo à minha frente.

— Foi por isso que eu providenciei um drinque pra nós, do qual você poderia se lembrar da última vez que estivemos aqui.

Enquanto o doutor Barnes volta para o outro lado da mesa, levanto o copo e analiso seu conteúdo. Não há nada que o distinga de água. Nem a aparência nem o cheiro. Parece inócuo, mas poderia ser o mesmo líquido que me pediram pra tomar durante a minha entrevista, e eu sei que as aparências enganam. Mesmo depois de tomar um soro concebido pra neutralizar os efeitos da droga da entrevista, ainda assim tive uma sensação de euforia quando o tomei e a vontade de contar pra quem estava me entrevistando tudo aquilo que eles queriam saber. Felizmente, o soro me fez pensar antes de responder, e controlar minhas respostas. Agora, não tenho o benefício dele.

— Não vou tomar isto. — Coloco o copo na mesa.

— E eu não vou insistir pra que tome. A bebida é pra mim — ele diz. — Só estou te oferecendo a oportunidade, caso duvide da minha afirmação sobre o que há aí.

Estou confusa. O que ele tem pra me contar é tão importante que ele tomaria de bom grado a droga da verdade que uma vez me forçou a tomar? Aquela que, com a ajuda de Symon, eu venci.

— Como vou saber se o senhor não tomou o soro que a invalida? — pergunto.

— Não vai. — O doutor Barnes se recosta na cadeira e acena com a cabeça. — Você sempre foi de confiar nos seus instintos. O que você acha?

Não sei o que pensar. Este é outro teste — talvez o último que jamais encararei — e não tenho certeza da resposta. Nada do que aconteceu hoje à noite faz sentido. Nem a porta destrancada, a casa preparada pra explodir ou sua afirmação de que quer que eu o mate. Pra que essas coisas fossem verdade, o doutor Barnes deveria ter sabido o tempo todo o que eu estava fazendo. Nada do que fiz foi às escondidas, mas não havia câmeras. Desativei o rastreador no meu bracelete. Ele não poderia ter plantado alguma coisa nas minhas roupas, porque eu nem sempre usei as mesmas...

Meus olhos recaem na sacola da universidade que está na beirada oposta da mesa. Raramente estive sem ela desde que me foi dada depois do Teste. A sacola é feita com um material resistente, pra impedir que rasgue. O fundo, em especial, é grosso, pra garantir que suporte todos os livros que temos de carregar pelo campus. Pelo menos foi isso que deduzi. Uma sacola. Como qualquer outra sacola. Sem lembrança do Teste, eu não tinha motivo pra questioná-la quando me foi dada. E depois que me lembrei, nunca parei pra pensar nela.

Coloco o copo de volta na mesa e me reclino para trás na minha cadeira.

— A sacola do Teste também foi projetada pra monitorar nossos movimentos?

— Estou impressionado, minha querida. Você está certa quanto à sacola conter um dispositivo que me permite entender melhor suas atividades cotidianas, mas a bolsa que você levava durante o Teste não. Minha equipe achava que os gravadores nos braceletes eram o suficiente para obter as informações de que precisávamos. Você provou que estavam errados então, assim como provou aqui, na universidade. Exatamente como esperei que fizesse.

— Esperou?

O doutor Barnes estende a mão sobre a mesa, pega o copo e faz um brinde a mim com ele. Engole um pouco do líquido, e franze o cenho enquanto coloca o copo semivazio sobre a mesa.

— Tinha me esquecido do sabor desagradável que isto tem. Isto é algo que sempre quisemos consertar, mas nunca arrumamos tempo. Imagino que não seja surpresa, uma vez que ninguém que bebe se lembra do sabor amargo depois que o Teste termina. Ah, bem, talvez você me deixe explicar à minha maneira.

Ele coloca a mão na mesa e começa a falar:

— Quando a Comunidade Unida foi formada, decidiu-se que seria necessário um método diferente de seleção pra garantir que nosso país não caísse vítima dos erros dos líderes do nosso passado. Por um tempo, essa seleção foi fácil, uma vez que os limites do nosso país não iam além da cidade. Era uma simples questão de os oficiais observarem aqueles que naturalmente assumiam papéis de liderança no trabalho a que tinham sido designados. No entanto, depois que as primeiras colônias se estabeleceram, e nossa população cresceu, surgiram problemas. Líderes lutavam pelo poder de decisão, quando encaravam decisões difíceis, como distribuição de energia. Estouraram brigas em partes da cidade onde a distribuição de energia estava no seu mínimo. Para evitar frustração e violência, duas novas colônias foram estabelecidas, e dezenas de milhares de pessoas foram mandadas para fora da cidade a fim de revitalizar áreas longínquas a leste. Tendo em vista decisões apressadas, essas áreas foram mal avaliadas. Apenas um punhado dos que deixaram a cidade sobreviveu.

Nós estudamos na escola as colônias que não deram certo. Os que sobreviveram contaram sobre furacões tóxicos, ataques violentos de animais mutantes e contaminação do solo que fazia com que qualquer coisa que fosse plantada morresse em curto espaço de tempo. Meu pai sempre se perguntou como os cientistas que analisaram essas áreas deixaram de perceber essa contaminação mortífera, e acreditava que erros foram cometidos. Tinha razão. Milhares de pessoas morreram por causa desses erros.

— Os que voltaram contaram a própria história, questionaram a liderança vigente. A guerra civil que se avizinhava destruiria a cidade e o país. Para impedir isso, foi estabelecido um compromisso entre os líderes atuais e os que se opunham a eles, garantindo que uma nova liderança não cometeria os mesmos erros. A universidade, sob o comando do meu avô, ficou encarregada de selecionar estudantes com as qualificações necessárias para liderar e de prepará-los para os cargos que ocupariam. Um ano depois de ter sido feita essa mudança, o Teste estava constituído.

Com a arma na mão, o doutor Barnes levanta-se e caminha na extensão da sala.

— É difícil determinar o que faz um bom líder e testar essas qualidades. Nos dez anos seguintes, o Teste constituiu-se de exames escritos e práticos que visavam determinar se um candidato tinha o conhecimento necessário para liderar a missão de revitalização. Os que frequentavam a universidade tinham as mentes mais brilhantes e mais promissoras que nosso país podia oferecer. E, no entanto, muitos deles fracassaram quando chegou a vez de liderar. No fim das contas, por mais que uma pessoa seja inteligente e capacitada, é impossível saber como vai se comportar em certa situação até que chegue a hora. Assim, meu avô criou duas versões do Teste como um experimento. Uma para os estudantes da colônia, e outra para os de Tosu City.

Quando o doutor Barnes vira as costas para mim, percebo que poderia ser a minha chance. Devagar, deslizo até a beira da cadeira. Na bolsa lateral da minha sacola tem uma faca. Se conseguir alcançá-la...

— O Teste dos candidatos das colônias ficou mais difícil. Mais cansativo, a fim de ver que estudantes seriam aprovados apesar da pressão, e quais não resistiriam à tensão. Talvez não seja de estranhar que os maiores avanços em manipulação genética, Medicina e na recuperação da nossa água tenham sido feitos por quem veio das colônias e passou no Teste. Candidatos vitoriosos, como seu pai e o presidente Wendig. Ao longo dos anos, o Teste comprovou-se uma ferramenta eficiente, motivo pelo qual a presidente Collindar está insistindo, agora, que todos os candidatos à universidade, inclusive os de Tosu City, sejam convocados a participar dele.

Um choque gelado me percorre a espinha.

— Não é verdade. A presidente Collindar quer acabar com o Teste.

Sei que o doutor Barnes está mentindo. Até recentemente, a presidente não sabia pelo que os candidatos eram forçados a passar. Sua vontade de saber mais sobre o Teste foi um dos motivos de ter me admitido como estagiária.

— Não, minha querida. — Ele nota minha proximidade com a sacola, e estende a arma à sua frente. Seus olhos encaram os meus, esperando que eu tome uma decisão.

Recosto-me devagar. Com um sorriso, ele abaixa a arma e prossegue:

— Embora pra você seja bom pensar de outra maneira, a última coisa que a presidente Collindar quer é terminar com o Teste. Depois de uma centena de anos, outros países do mundo estão se aproximando. Alguns como amigos. Outros... Bom, basta dizer que nossos líderes precisarão ser fortes para que nosso país sobreviva ao que está por vir. Apesar das minhas preocupações crescentes sobre a eliminação de tantas mentes brilhantes através do Teste, a presidente Collindar acredita que essas perdas são mínimas, comparadas ao número de baixas que teremos se nossa liderança falhar.

Minha mente relembra de imediato as conversas com a presidente Collindar sobre o Teste. Em todas, ela falou sobre acabar com o controle do doutor Barnes sobre o processo. Nem uma vez realmente disse que pretendia acabar com o próprio Teste. Isso, porém, não

prova nada. Olho o copo semivazio à frente do doutor Barnes. Será que está dizendo a verdade agora? Não tenho como saber.

Reprimo a incerteza que cresce em mim e pergunto:

— E quanto aos estudantes Redirecionados? A presidente Collindar sabe que o senhor e seus cientistas estão fazendo experiências com eles?

— Ah, você andou ocupada se inteirando de todos os nossos segredos. — Entretanto, seu cenho franzido e o lampejo de confusão que passa pelo seu rosto me fazem pensar se ele realmente sabe tudo o que fiz. — Sim, a presidente recebe mensalmente relatórios do professor Cartwright e do doutor Bates, que sintetizam o sucesso de sua pesquisa. Ela estava totalmente ciente do progresso deles no estudo das mutações humanas causadas pelas guerras, embora acredite que o professor Cartwright esteja sendo cauteloso demais no uso do material. Os resultados são importantes. Principalmente se os relatórios que temos obtido de além das fronteiras do nosso país forem precisos.

Quero perguntar sobre os relatórios a que ele se referiu, mas, por mais que sejam importantes, o que me assombra é o rosto daqueles que não passaram na primeira rodada do Teste, o que me faz perguntar:

— Onde eles estão? Onde estão sendo feitas as experiências?

— Na Colônia Decatur.

— Não existe Colônia Decatur.

Eu saberia. Todos na Comunidade Unida saberiam. A última colônia estabelecida foi Cinco Lagos, e isso foi há mais de vinte e cinco anos.

— Não é uma colônia como as outras. Ela foi estabelecida como uma base de pesquisa bastante próxima dos limites do quarto teste, de modo que os experimentos malsucedidos possam ser soltos em um ambiente monitorado de perto.

É a maneira como ele me olha. Em expectativa. Como se estivesse esperando uma resposta. Experimentos malsucedidos.

O horror aperta o meu peito. Vejo os olhos que me encararam quando levantei a arma nas planícies não revitalizadas e atirei.

Zangados.

Amargos.

Humanos.

Lembro-me dos gritos, quando minha bala atingiu o alvo e tirou uma vida. Se for pra acreditar no doutor Barnes, poderia ter sido a vida de um antigo candidato do Teste que foi Redirecionado. Transformado em reserva e depois descartado.

Antes que possa recuperar a voz, o doutor Barnes continua:

— A presidente Collindar e eu discordamos em uma porção de coisas, razão pela qual você, Cia, está aqui. Escolhi você como nosso próprio teste pessoal. Uma candidata de uma colônia da qual há anos não selecionamos um estudante. Uma candidata que seja diferente do tipo de líder em que a presidente Collindar e o resto do comitê do Teste insistem para que

nosso país sobreviva ao futuro. A presidente tinha certeza de que uma estudante com o seu passado fraquejaria sob pressão, que você seria incapaz de fazer o que fosse necessário para manter seu país a salvo.

Uma peça se encaixa.

— Symon me ajudou durante a quarta fase do Teste porque o senhor pediu.

Ele confirma com um gesto de cabeça.

— Por quê?

— Precisava que você pensasse com clareza sobre suas respostas na entrevista, para que eu pudesse defender sua aprovação para a universidade. Muitos do comitê já haviam expressado preocupação de que você fosse emocional demais e apresentasse qualidades que consideravam impróprias nos nossos líderes. Eu precisava que você estivesse controlada durante aqueles últimos momentos do Teste, pra que ninguém fizesse perguntas demais quando fosse aprovada para a universidade, o que precisava acontecer. Porque essa era a única maneira de estar aqui nisto, no seu último e mais importante teste. A presidente Collindar concordou em aceitar os resultados. Se você passar neste último exame, o programa do Teste terminará. Se você fracassar, ele vai prosseguir da maneira que é agora, e estudantes continuarão morrendo.

— Qual é o teste? — pergunto.

Vagamente, percebo o som de passos e vozes exaltadas do outro lado da porta. Isso, porém, não importa. Nada importa, exceto este momento. Minha garganta está seca e meu coração golpeia, enquanto encaro os olhos do doutor Barnes procurando a verdade.

— O que tenho de fazer?

— Bom, deveria estar óbvio! — Ele caminha ao redor da mesa até onde estou sentada, e vira o cabo da arma na minha direção. — Depende de você garantir que eu morra.

Olho o cabo da arma em suas mãos. Na minha mente, pego-a, miro, atiro. O Teste chegou ao fim. Tudo acabou. Entretanto, só consigo olhar a arma, tentando decidir que novo teste se esconde por detrás das palavras do doutor Barnes.

— Não entendo — digo.

— Claro que entende. — Ele sorri. — Quero que o Teste termine. Pra que isso aconteça, sacrifícios são necessários. Parece mais do que justo que eu tenha de me sacrificar, uma vez que tenho sido parte do processo há tanto tempo. E, sinceramente, esta é a única maneira de o Teste chegar ao fim. Ele ajudou nosso país a atravessar o período mais obscuro da história. As pessoas confiaram no sistema e nos líderes que ele produz. Acreditam nisso.

— Porque elas não sabem o que o Teste exige.

— Você não é tão ingênua, Cia — ele me repreende. — Talvez elas não admitam isso, nem para si mesmas, mas têm mais pessoas do que você pensa que sabem o que o Teste envolve. A maioria prefere fingir que ignora os fatos, porque o sistema funciona. A ideia de mudá-lo as assusta mais do que a de dar sua aprovação tácita. Mas você, minha querida, está aqui pra testar se o sistema realmente funciona tão bem quanto acreditamos. Nos anos

anteriores, apesar das suas notas e do seu desempenho no quarto teste, nunca teria passado no Teste. Sem a droga fornecida por Symon, você teria respondido às perguntas da entrevista com sinceridade. Sua tendência natural em confiar e sua falta de instinto assassino teriam ficado evidentes. Essas qualidades que a fizeram conquistar amigos teriam resultado no seu fracasso, porque essas características são vistas como fraqueza pelo comitê de seleção. Hoje, você vai mostrar que o Teste e o conceito por detrás dele estão errados. A presidente não acredita que estudantes como você têm o necessário pra fazer o que for preciso quando o país assim o exige. Ao me matar, prova que estou certo em minhas convicções e que ela está errada. Mate-me e tudo tem um fim.

Ele coloca a arma no meu colo, dá um passo para trás e cruza as mãos à frente.

— Sinto muito, senhorita Vale, mas, depois de tudo o que fez, preciso lhe pedir que aceite este único teste final. Agora você tem todos os fatos ao seu dispor. Qual será a sua resposta?

**Envolvo o revólver** com os dedos e me levanto. Devagar, estendo a arma à minha frente. Entrei no prédio decidida a matar, mas nunca poderia imaginar que o doutor Barnes ficaria calmamente à minha frente, pedindo-me que lhe tirasse a vida.

Ele criou os testes, selecionou os candidatos e os forçou a situações nas quais dar a resposta certa não bastava. A presidente pediu sua morte. Matá-lo significará um final para o Teste.

Seus olhos enchem-se de simpatia. A expressão no seu rosto é de entendimento e aceitação. Eu me endureço contra a dúvida que se agita em mim. O doutor Barnes chama isto de teste. Se for, é um teste que não entendo completamente e em que não posso falhar. Tenho de atirar. Por Zandri, Malachi e todos aqueles que não passaram. Por Daileen e os outros que poderiam fazer parte do Teste no futuro. Por mim.

Pulo com o som alto de vozes raivosas. Passos correndo. Alguém está vindo. Amigo? Inimigo? Não importa. Tudo o que importa são a arma em minha mão e o homem que está esperando por minha resposta.

Minhas mãos tremem, enquanto tento encontrar a verdade em mim. Algo bate contra a porta, fazendo-a tremer.

Os olhos do doutor Barnes encontram os meus:

— Seu tempo está se esgotando, Cia.

Não tiro os olhos do homem parado à minha frente. É ele o monstro que sempre acreditei, ou alguém que agora faz o último sacrifício como uma maneira de consertar o que está errado e alcançar a redenção? A resposta não deveria fazer diferença, mas faz.

Tudo depende deste momento.

Preciso atirar.

Preciso matar.

Contudo, não posso. Não importa quanto quero sair vitoriosa, sei que o doutor Barnes estava errado ao me escolher. Porque não consigo olhar nos olhos de um homem desarmado e atirar. Não importa a resposta que eu dê pra este teste, sei que no final me fará fracassar.

Com o canto dos olhos, vejo a porta à minha direita se abrir. Abaixo a arma, viro-me e vejo Symon parado na entrada, com a arma levantada. Atrás dele há mais dois homens. Ambos armados. E as armas deles estão todas apontadas para mim.

— Coloque sua arma sobre a mesa, Cia. Depois de sobreviver por tanto tempo, seria uma pena que tudo terminasse aqui.

Symon dá um passo em minha direção. Sua camisa está rasgada. Sua calça está manchada de sangue e chamuscada. Ele ainda devia estar dentro da casa do doutor Barnes quando a bomba explodiu. A mão que segura a arma pronta para atirar em mim não treme. Os olhos de Symon estão inexpressivos e frios. Ele não pensará duas vezes em acabar com a minha vida. Sei que não tenho escolha. Meus dedos tremem ao colocar o revólver na mesa ao meu lado. Acenando com a cabeça, ele diz por sobre o ombro:

— Vigiem o elevador e as escadas. A presidente pode ter mandado pessoas pra cá, também. Assim que tivermos um plano, vamos embora.

Os dois homens correm pelo corredor, enquanto Symon volta a atenção para o doutor Barnes:

— Quando você faltou ao nosso encontro na sua casa, Jedidiah, fiquei preocupado. A pessoa que me atacou e a bomba que foi detonada ali me preocuparam ainda mais. Os estudantes aqui no campus têm liderado um ataque não autorizado aos oficiais designados pela professora Holt para manter o campus confinado.

Foi essa a briga que ouvi lá fora. Ian deve ter convencido os estudantes rebeldes a se voltarem contra Symon.

O doutor Barnes franze o cenho:

— Pensei que você tivesse dito que tinha os estudantes sob controle.

— Eu tinha, mas as coisas começaram a se dispersar. Ranetta está se recusando a espalhar suas equipes pela cidade. Em vez disso, convenceu a maioria delas, inclusive muitos da minha facção, a ficar no acampamento. Não acho que dê pra esperar que os rebeldes ataquem primeiro. Se eles serão eliminados...

— Os rebeldes não serão eliminados — diz o doutor Barnes.

Symon fica paralisado.

— Não estou entendendo.

O doutor Barnes sorri e enfia a mão no bolso. Quando a retira, está segurando uma pequena pistola.

— A presidente e eu chegamos a um acordo. Tem gente demais sabendo sobre o Teste, a rebelião e o projeto de Redirecionamento.

— Os rebeldes...

— Não apenas os rebeldes, meu amigo. — O rosto do doutor Barnes está tomado pela tristeza, quando ele caminha em direção a Symon. Eles me esquecem, enquanto analisam um ao outro. Tento lentamente pegar a minha arma, enquanto o doutor Barnes diz: — Chegou a hora de todos os três chegarem a um fim. O país está melhor para eles, mas já cumpriram sua parte. Gostaria que você tivesse morrido na explosão que criei. Depois da atuação heroica da senhorita Vale, achei que fosse apropriado. E aí, eu não teria de fazer isso.

Symon entende o que é dito um pouco tarde demais. Dou um pulo com o estalo do disparo. Symon oscila para trás. Seu ombro se enche de sangue, a apenas alguns centímetros

do coração, enquanto ele grita e atira de volta. O doutor Barnes grita e outro tiro explode. Viro-me pra fugir.

Uma figura conhecida ocupa a passagem, bloqueando o caminho. O suor brilha na cabeça de Griffin e ele ergue um grande revólver preto. Desta vez, não penso. Aperto o gatilho. O rosto de Griffin é tomado pela surpresa, e ele agarra a porta. Atiro de novo. Seu rosto fica salpicado de vermelho. Ele cai, e eu corro.

Disparo pelo corredor. Três tiros ressoam da sala atrás de mim. Alguém lá dentro ainda está vivo. No final do corredor, vejo a silhueta de um homem levantando uma arma. Corro para a esquerda, em direção às portas duplas. Ele atira. Entro de volta no saguão de conferências, fecho a porta e tranco. A fechadura não os manterá lá fora por muito tempo, mas me dá alguns segundos pra imaginar o que preciso fazer em seguida.

A sala está negra como a noite. O trinco da porta chacoalha. Passo a mão ao longo das cadeiras ao meu lado, pra manter o equilíbrio enquanto desço pela escada o mais depressa que posso. Há gritos do outro lado da porta. Duas vozes. A de Symon é a mais alta, gritando para que o outro se afaste. Chego ao final da escada e corro pela passagem entre o palco e a primeira fileira de cadeiras, quando cinco tiros atingem a porta.

Abaixo-me atrás das cadeiras, a porta se escancara num estouro. As luzes se acendem acima de mim. Prendo a respiração e me abaixo o máximo que posso, permanecendo com os pés no chão para estar pronta para fugir. À minha direita fica o palco onde o doutor Barnes esteve uma vez. A tribuna está lá. Mais ao longe, à esquerda, vejo uma porta estreita. Longe demais para que eu a alcance agora, mas talvez dê para achar uma maneira.

Tem alguém na escada. Outra pessoa está perto dos fundos do saguão, movendo-se pela passagem. Do hall fora da sala, ouço mais passos. O outro homem que Symon trouxe com ele? Dois contra um é uma má jogada, mas três contra um? Aperto a arma com mais força. Só terei uma chance de atirar. Quem quer que esteja com Symon vai me ver no momento em que eu me levantar. Ele também vai disparar. Vou morrer, mas Symon também. Não vou morrer sem lutar.

A pessoa que está descendo a escada move-se mais devagar do que aquela nos fundos. Seus passos parecem mais pesados. Como um homem machucado. Ele será o meu alvo.

Uma voz grita do corredor. Quem estiver lá chegará aqui em um instante. Então, enfrentarei três oponentes. Penso nas pessoas que amo e tenho de sussurrar o nome de Tomas no meu coração, enquanto engulo o medo e me levanto. Eu estava certa. Symon está a três quartos da descida pela ala lateral. Seus olhos se arregalam surpresos ao me ver. A mão que segura a arma preparando-se para atirar está coberta de sangue.

Os passos no saguão param. Três pessoas aparecem na porta quando aperto o gatilho. O som explode ao meu redor. Symon cai no chão e rola os últimos dois degraus até a passagem da frente, ao mesmo tempo que uma dor lancinante penetra meu braço direito. Viro-me na direção do homem que atirou em mim e disparo novamente, mas erro quando ele se arremessa pra esquerda. E, de qualquer modo, não tenho certeza de que fosse acertá-lo.

O ardor no meu braço está dificultando a empunhadura da arma.

O homem de Symon vira-se e mira, quando uma voz chama o meu nome.

Tomas.

Outro disparo estala no ar. O homem de Symon tropeça para trás em uma das cadeiras. O ferimento do seu peito goteja sangue e ele desmorona no chão.

Meu braço queima. O mundo entra e sai de foco, mas nada disso importa quando Tomas desce correndo a escada em minha direção. Suas roupas estão sujas e um corte dentado corre em um lado do seu rosto, mas ele está aqui. Inteiro. Vivo.

Por cima do ombro de Tomas, vejo duas outras pessoas descendo correndo a escada. Um é Will. O outro, Zeen. Procuo Stacia atrás deles, mas não a vejo. Será que Tomas teve de deixá-la para trás por causa dos ferimentos? Ou ela está tentando se certificar de que o doutor Barnes está morto?

Estou prestes a perguntar quando meu irmão diz:

— Quero meu Comunicador de Trânsito de volta.

Apesar da dor que sinto, caio na gargalhada. Zeen exhibe o sorriso que cresci idolatrando e se apressa em minha direção. Começo a responder, quando vejo movimento à minha esquerda: o cano da arma de Symon sendo colocado em posição. Empurro Tomas pro lado e levanto minha arma, mas sei que não vou ter tempo. Que, depois de tudo que passei, morrerei quando Symon puxar o gatilho.

Um tiro ressoa na sala. Um grito dispara da minha garganta, mas a bala não me acerta porque Zeen chega lá primeiro. Meu irmão leva um tranco quando a bala o atinge, e geme ao cair no chão ao lado de Symon. Não hesito ao apertar o gatilho da minha arma. Um ferimento abre-se no peito de Symon. Um segundo — da arma de Will — aparece na sua têmpora esquerda e ele cai no chão.

Zeen. Mal posso murmurar seu nome quando me ajoelho ao seu lado, ignoro a dor do meu braço, e o viro pra ver o ferimento que sofreu. Sufoco um soluço ao ver o buraco no seu peito. Instintivamente, procuro minha sacola pra encontrar alguma coisa que ajude, mas ela não está aqui, e, mesmo que estivesse, sei que não tem como tratar a ferida. Os pulmões de Zeen foram danificados, talvez seu coração. Não vai demorar muito para que ambos deixem de funcionar.

Apesar de ciente da verdade, grito para que Will e Tomas encontrem alguém que nos ajude. Não ligo se for presa e punida. Zeen merece viver. Já houve perdas demais. Mortes demais. Foi pago um preço muito alto. Não quero perdê-lo. Não agora. Não quando finalmente estamos de novo juntos.

Will grita que vai até a república médica em busca de ajuda e sai porta afora. Quando Tomas finalmente se mexe, acho que ele também está indo procurar ajuda. Que ele acredita que haja uma chance de que Zeen possa viver. Em vez disso, ele se ajoelha na minha frente, ao lado de Zeen, e pega na sua outra mão. Vejo lágrimas rolando pelo rosto de Tomas. Quero chorar, mas não há lágrimas que lavem uma perda tão imensa. O doutor Flint costumava dizer que os ferimentos mais graves frequentemente não podem ser sentidos pela vítima, porque os

nervos ficam muito danificados para transmitir dor. Ver Zeen nos meus braços, lutando para respirar, é um corte profundo demais para lágrimas.

Ele tosse e eu aliso seu cabelo para trás, cochichando palavras animadoras, como ele costumava fazer quando eu era pequena e estava com medo ou doente. Digo a ele que o amo. Que estou muito feliz por estar com ele agora. Que tudo vai ficar bem. No entanto, sei que não vai. Porque a respiração de Zeen está ficando mais superficial. Seu batimento cardíaco está diminuindo e seus olhos estão cheios de aflição.

— Você ainda tem a sua sacola? — pergunto a Tomas. — Dá pra dar a ele alguma coisa contra a dor?

Tomas olha para Zeen e concorda com a cabeça. Levanta-se e vai até onde jogou a sacola. Tira dois vidros. Um marcado com um círculo. O outro com um X. Vejo a pergunta nos seus olhos, ao estender os dois pra mim.

Zeen tosse. Sua mão aperta a minha. Seu rosto perdeu a cor. Seu peito mal se movimenta, quando ele respira em seguida. Pego o vidro com o círculo e o ajudo a beber. Talvez seja egoísmo meu, mas quero que os últimos momentos com ele durem o máximo possível. Vai ser difícil demais continuar depois que Zeen se for. Não posso ser a responsável pelo momento final da sua vida.

— Cia — Zeen murmura. — Lembre-se do que eu disse quando você se formou. E diga pra mamãe e pro papai que te salvei. Eles vão ficar orgulhosos.

Eles nos encontram sentados com as mãos dadas: Tomas, Zeen e eu. O coração de Zeen parou. Ele já não sente dor.

Tento me consolar com isso, quando os oficiais da segurança em vez de atirar pedem que fiquemos em pé. Quando tento, descubro que não consigo. Estou tonta demais. Cansada demais. Abalada demais. Eles deixam Tomas me levar até uma das cadeiras, onde uma equipe médica cuida do meu braço. Tomas senta-se ao meu lado, enquanto eles limpam e fazem curativos nos nossos machucados. Quando pergunto sobre Stacia, o rosto de Tomas tem um lampejo de angústia e eu sei, antes que ele diga, que ela está morta. Tomas diz que vai me explicar tudo mais tarde, mas que ela morreu na casa da professora Chen. Quando ele se cala, não insisto nas respostas porque já tive mortes demais.

Meu braço lateja, mas a dor diminui quando a equipe médica aplica uma pomada e começa a enrolar o machucado com uma atadura. Eles fizeram tudo que podiam aqui, e terão de tratar de mim mais tarde para evitar infecção ou uma cicatriz horrorosa. Como se qualquer coisa que eles possam fazer impedisse as cicatrizes que terei a partir desta noite.

Surge um grupo de oficiais de roxo. Acho que eles devem ter vindo me prender, mas em vez disso vão até Zeen. Grito quando eles tentam levar o corpo dele pra fora. É quando chega a presidente Collindar. Ela diz pra deixarem Zeen conosco e manda que sua equipe retire Symon e mantenha todo mundo fora. Quando os oficiais médicos terminam, ela pede a eles que nos deixem a sós. Permite que Tomas fique, o que é bom. Ele teria se recusado a sair.

Quando ela se vê sozinha com Tomas e comigo, diz:

— Temos muito a discutir, mas a maior parte pode ser conversada nos próximos dias e nas próximas semanas. Meus oficiais acharam o doutor Barnes no corredor. Ele e Symon estão mortos. Mas nem todos da lista que eu te dei estão.

O doutor Barnes está morto.

Fecho os olhos e tento sentir alívio por alguém ter conseguido matá-lo quando eu não consegui. Afinal de contas, ele é o motivo de o meu irmão e tantos outros perderem a vida. No entanto, não há alegria na sua morte. Apenas tristeza e uma sensação confusa, porque nunca saberei se suas últimas palavras eram verdadeiras — que ele acreditava que o Teste deveria acabar e estava disposto a desistir da vida pra ter certeza de que isso aconteceria.

Abro os olhos e escolho as palavras com cuidado, ao responder à pergunta não formulada da presidente.

— Como Symon participou da criação da lista, decidi que seria melhor me inteirar do que eu pudesse a respeito das pessoas que ela continha. Das doze, apenas cinco estavam envolvidas na universidade e no processo do Teste de uma maneira que eliminá-las tinha a ver com o seu esquema. São essas que optamos por eliminar.

— Estou impressionada. — A presidente Collindar sorri. — Nem sempre é fácil liderar com cautela, principalmente com tanta coisa em questão. Depois de te entregar a lista, comecei a me perguntar se Symon teria incluído alguns oponentes ao Teste. Se eles tivessem sido mortos, você teria eliminado pessoas que poderiam ser dissidentes influentes.

Ela está falando a verdade ou ela mesma teria razões para que essas pessoas fossem eliminadas, como a explicação do doutor Barnes sugeriu?

A expressão impassível da presidente não fornece nenhuma pista.

— Para sua segurança, e segurança dos seus amigos — ela diz —, vamos fazer um pronunciamento público de que as mortes de vários oficiais importantes e membros da universidade ocorreram pelas mãos de certo Symon Dean, líder de um grupo criado para desestabilizar a Comunidade Unida e nossa missão de revitalização. Ele também será culpado pelas explosões ocorridas aqui no campus, e no outro lado da cidade, bem como pelas mortes de estudantes e oficiais que andaram lutando esta noite. Já conversei com o líder dos estudantes que acreditava que eles estavam fazendo o necessário para ajudar a dar um fim ao Teste. Ele e seus colegas serão anistiados por suas ações, bem como todos os que seguiram Symon.

— E será, então, que a senhora vai anunciar que o Teste chegou ao fim? — pergunto.

A presidente Collindar endireita os ombros. Quando ela me olha, lembro-me das palavras ditas pelo doutor Barnes esta noite. Ela sabe que não fui eu quem matou o doutor Barnes? Minhas ações foram o bastante para provar que sou forte o suficiente pra ser uma líder, mesmo não tendo sido minha mão que realizou a missão? Se Symon o matou antes de vir atrás de mim, então não tem ninguém pra lhe dizer o contrário. Se houver, no entanto, alguém mais atrás disso, e o doutor Barnes estava sendo honesto, não sei o que ela fará.

— Sim. — Ela sorri novamente. — Anunciarei que o processo de seleção da universidade conhecido como o Teste terminará. Depois que a universidade e seus programas estiverem legalmente reposicionados sob a jurisdição da Câmara de Debates, orientarei a Câmara para escolher uma nova direção para a escola e instituir algumas mudanças necessárias.

— Que tipo de mudanças?

— Levará um tempo até que isso possa ser determinado, mas posso prometer que nenhum dos candidatos à nossa universidade terá de passar pelas provas que você passou.

Seu sorriso é tranquilizador, mas suas palavras não. Meu irmão e meus amigos não sacrificaram a própria vida por meias promessas.

— E quanto aos estudantes que não conseguiram passar no Teste? — pergunto. — Os que estão na Colônia Decatur. O que vai acontecer com eles?

Por vários instantes há silêncio, enquanto a presidente Collindar me analisa. Avaliando quanto sei. Quanto ela deveria dizer.

— Só recentemente eu soube que há um grupo de pesquisas conhecido como Colônia Decatur. Talvez você se interesse em viajar comigo até lá, pra ver que trabalho vem sendo feito.

Penso no último pedido de Raffé, que eu encontre sua irmã Emilie, e concordo:

— Eu quero.

— Ótimo. — Ela sorri. — Garanto a você que faremos mudanças. Existem vários desafios à frente, e, no caso de alguém frequentar ou não a universidade, pretendo providenciar para que as mentes mais brilhantes das colônias e de Tosu City sejam o mais bem aproveitadas possível. Por causa disso, planejo deixar que os estudantes que se sentem infelizes com a universidade peçam para voltar pra casa, pra suas famílias. Tenho certeza de que aqueles que o fizerem encontrarão uma maneira de contribuir para nossa revitalização de lá.

A mão de Tomas aperta a minha, e sei que ele está pensando a mesma coisa que eu. Podemos ir pra casa.

— Você tem mais alguma pergunta, Cia?

Tenho dezenas, mas tenho certeza de que nunca ouvirei as respostas para as mais importantes. Olho para a expressão sincera da presidente Collindar e penso na tensão que senti entre ela e o doutor Barnes no dia em que foi designado o meu estágio. Penso na preocupação que ela expressou com o número de candidatos e estudantes que vinham para a universidade e não conseguiam se formar. Ela falou do desejo de eliminar o doutor Barnes para acabar com as práticas que ele perpetuava, e me encarregou de ajudá-la a criar essa mudança. Quero acreditar nela. Negar que qualquer coisa que o doutor Barnes disse sobre a presidente seja verdade. Afinal de contas, foi ele quem assistiu ao corpo da minha colega de quarto do Teste ser liberado, enquanto explicava que seu suicídio provava que os métodos do Teste funcionavam. Poderia esse homem, responsável por tantas mortes, ter realmente

desejado que o Teste mudasse? Ele estava certo a respeito da presidente Collindar? Será verdade que ela não apenas conhece a sina daqueles que foram Redirecionados, como suas próprias palavras indicam, mas aprova o que tem sido feito com eles? Ela acredita que o Teste deveria ser ainda mais difícil e aplicado a mais estudantes além do que apenas aos nascidos nas colônias? Apesar do que ela diz agora, o Teste de que Tomas e eu fomos forçados a participar realmente terminará?

O doutor Barnes disse que minha grande vantagem é minha habilidade em confiar nos meus instintos. Tenho de acreditar neles agora. Acredito no doutor Barnes? Não quero acreditar, mas acredito. E agora que ele está morto, só existe uma maneira de saber se estou certa.

— Você tem mais alguma pergunta por agora, Cia? — a presidente Collindar volta a perguntar.

— Tenho — digo. — A senhora se incomoda se eu pegar minha sacola da universidade no quarto de entrevistas?

Ela se levanta.

— Claro que não, embora você saiba que qualquer ferramenta que tenha pegado emprestada para completar sua missão terá de ser devolvida para o depósito do meu gabinete.

Preciso tentar duas vezes pra sair da cadeira. A sala se mexe, mas fico em pé. Tomas oferece o braço pra me ajudar a manter o equilíbrio ao subir a escada, mas recuso. Isto é algo que preciso fazer sozinha.

A presidente Collindar nos acompanha até a saída. Sinto seus olhos em nós, à medida que, lado a lado, Tomas e eu vamos até o final do saguão de conferências, agora fortemente iluminado. Um oficial vestido de roxo limpa o sangue do chão, próximo à entrada da sala de entrevistas. O corpo de Griffin foi removido. Assim que passo pela porta, vejo um corpo deitado no chão com uma pequena pistola próxima a uma mão. Há uma poça de sangue perto da cabeça, emoldurando o cabelo grisalho que dava ao homem um ar de autoridade e sabedoria. Seu rosto está virado no lado oposto ao meu, e, embora saiba quem é pela roupa e pela arma, eu me aproximo vários passos.

Há um ferimento a bala no ombro do doutor Barnes que não estava lá na última vez que o vi, mas não foi isso que o matou. Os três ferimentos a bala agrupados perto do seu coração são a causa óbvia da morte. Eu me pergunto se esses três buracos me entregarão, porque eu nunca poderia atirar com tal precisão.

— Assim que sairmos, eles virão buscar o corpo. Eu te dei esta missão, mas não tinha certeza de que conseguiria ir até o fim. Quando seu amigo me disse que você tinha ido, fiquei satisfeita em saber que a fé que eu colocara em você e nas suas habilidades não havia sido um engano.

— Meu amigo? — Olho para Tomas, que dá de ombros. Não foi ele quem afirmou que eu matei o doutor Barnes. Então, quem?

— É — ela diz. — O menino de cabelo escuro e olhos verdes.

Will.

— Eu o vi depois de descobrir que o doutor Barnes havia sido morto, e perguntei o que ele sabia. Ele estava preocupado que você fosse se sentir culpada depois de tudo o que aconteceu e que não aceitaria o crédito pelo que fez. Acha que você é uma heroína.

— Não sou. — Depois de tudo que aconteceu, é a única coisa da qual tenho certeza.

A presidente Collindar sorri.

— Eu tinha a sensação de que diria isso. As decisões que os líderes têm de tomar nunca são fáceis. Inclusive esta. Você tirou uma vida, mas pense só em quantas mais foram salvas.

Não a de Zeen. Vidas foram salvas. É verdade, mas não por mim. Por Will.

Olho mais uma vez o buraco sangrento no ombro do doutor Barnes e os três ferimentos a bala precisos no seu peito. Symon deve ter causado o primeiro, ao correr atrás de mim. Symon estava ferido quando atirou. Não tenho certeza de que pudesse atirar com a precisão necessária para provocar os ferimentos fatais. Contudo, alguém que fosse conhecido como um atirador qualificado, como Will, poderia. Sua habilidade principal é com balestra, como ele demonstrou no quarto teste, mas eu me lembro de como ele acabou com Roman, e sei que sua destreza com uma arma não fica muito atrás. Symon poderia ter causado os três ferimentos que mataram o doutor Barnes, mas meu sexto sentido diz que não. Isso é coisa de Will.

Will não estava aqui quando o doutor Barnes explicou sua barganha com a presidente Collindar. Não poderia saber que me atribuir a morte seria a única maneira de acabar com o Teste que nós dois detestamos. No entanto, foi o que ele fez. O Will que conheci durante o quarto teste teria assumido o crédito por suas ações. Teria desejado qualquer recompensa que acreditava que viria por ter acabado com o oponente da presidente. Em vez disso, desta vez, passou pra mim qualquer reconhecimento que sentiu que viria. Porque Will não é apenas o garoto que atirou e traiu. Assim como eu não sou apenas a garota ingênua de Cinco Lagos. Agora, tenho de decidir de uma vez por todas se o doutor Barnes era o homem que eu acreditava que fosse, e se a presidente Collindar é a pessoa que diz ser.

Indo até a mesa, olho para o copo de onde o doutor Barnes bebeu, e o líquido que resta no fundo. Levo o copo até a boca e dou um gole.

O gosto me provoca uma careta como a que o doutor Barnes fez. Metálico. Amargo. O gosto que eu me lembro de meses atrás nesta mesma sala. Quando o doutor Barnes observou, esperando e desejando que eu fosse segura e coerente o bastante pra entrar na universidade. Ele esperava que eu provasse que o Teste tinha falhas e que pela minha mão e seu sacrifício tudo isso tivesse um fim.

— Você está pronta, Cia? — a presidente Collindar pergunta.

Tudo o que o doutor Barnes me disse era verdade.

— Cia, você está pronta? — ela volta a me perguntar.

Olho para a presidente, depois ao redor da sala, minha mente cheia de perguntas. Só posso responder algumas delas. Com as restantes, terei de fazer o que for necessário para obter a verdade.

— Vamos, Cia — Tomas diz, pegando minha sacola na mesa. — Vamos pra casa.

## Casa.

Sento-me debaixo de um carvalho que meu irmão Zeen ajudou a criar, nos arredores de Cinco Lagos. Meu pai e eu visitamos este lugar todos os dias, desde que voltei pra casa. Hoje, estou aqui sozinha. Tenho em mãos o Comunicador de Trânsito que já foi de Zeen. O par deste Comunicador está enterrado ao lado dele. Lágrimas que não pude verter na noite em que ele morreu caem livremente agora que estou cercada por suas lembranças. Na noite da minha formatura, ficamos sob um carvalho como este. Naquela noite, Zeen me disse as palavras que minutos antes de morrer me pediu pra lembrar. Nós dois ficamos, então, juntos, na penumbra, os dois desanimados em relação ao futuro. Eu, por achar que não tinha sido escolhida para o Teste. Ele, por se sentir aprisionado nos limites de Cinco Lagos, e pela falta de reconhecimento pelo que conseguiu. Naquele momento, ele me disse:

— As coisas nem sempre acontecem como a gente espera. Você só precisa se recompor e encontrar uma nova direção a seguir.

Nada do que aconteceu neste último ano modificou minha maneira de sonhar. No entanto, lembrar as palavras de Zeen tem me trazido conforto, e saber que ele morreu pra salvar a minha vida me deixou ainda mais determinada a fazer com que seu sacrifício nunca seja esquecido.

Sobre mim, as folhas farfalham na árvore. O Sol, forte e cheio de esperança, brilha nas quatro lápides das tumbas ao meu lado. Cada uma delas trazendo um símbolo e um nome, para que o sacrifício daqueles que morreram viva na memória de todos em Cinco Lagos. Zeen Vale sob dois raios cruzados. Uma flecha sob o nome Malachi Rourke. Uma flor estilizada e o nome Zandri Hicks. E Michal Gallen com o símbolo de uma âncora. Ele não era de Cinco Lagos, mas insisti para que fosse incluído, homenageado pela ajuda que deu e pelo sacrifício que fez. Sem ele, não teria havido mudança. E tem havido.

Passaram-se três semanas desde a noite no Centro do Teste. Fiquei grande parte desse tempo no prédio de Medicina da universidade, recebendo tratamento, conversando com Enzo, que ainda está nos primeiros estágios do processo de cura, sentada com Tomas e observando Raffé através de um vidro, enquanto ele luta pela vida. A equipe médica está surpresa que Raffé tenha sobrevivido até aqui, e que a cada dia seus sinais vitais fiquem mais fortes. Pego na explosão preparada pra matar Symon, Raffé está determinado a viver. E, agora, ele tem uma razão ainda maior pra lutar pela vida.

A presidente cumpriu sua palavra. Três dias depois daquela noite no Centro do Teste, fui com ela e sua equipe até a Colônia Decatur. Como Tomas não faz parte da equipe da presidente, não lhe foi permitido juntar-se a nós. Acho bom, porque não tenho certeza de como ele reagiria ao que descobrimos lá. Não sei bem o que eu esperava, mas não era uma comunidade com o dobro do tamanho da Colônia Cinco Lagos, com dependências médicas mais avançadas do que em Tosu City, localizada na periferia da colônia. Ao contrário daqueles pavilhões, no entanto, estes continham pacientes em vários estágios de mutações quimicamente induzidas. Não tantos quantos teria pensado, considerando o número de estudantes Redirecionados enviados para cá todos os anos. Quatro em cada um dos cinco estágios que estão sendo estudados. Dois homens. Duas mulheres. Os que estão nos piores estágios arqueiam as costas e estendem as garras, enquanto os pesquisadores ficam atrás de paredes de vidro, tomando notas. Quando perguntei, soube por que são tão poucos. Os outros, desenganados, foram enviados para os terrenos do Teste, para se misturarem às mutações criadas pela guerra, e não por este laboratório.

As cicatrizes no meu braço pinicam, enquanto olho nos olhos deles e me pergunto se esses pacientes conheciam os humanos mutantes em que atirei durante o quarto teste. Gostaria de saber seus nomes, mas o recentemente designado chefe de pesquisa da Colônia Decatur, Dreu Owens, não conhece a identidade daqueles que matei, ou se eram material de pesquisa ou mutações naturais, como as que os cientistas esperam finalmente tratar e curar. Dreu me contou que, depois de ter sido designado para a Colônia Decatur, quis ir embora ao saber que a maioria dos moradores e objetos de testes eram antigos candidatos do Teste e estudantes Redirecionados da universidade. No entanto, não foi, porque, agora que compreende o trabalho que vem sendo feito, não pode abandonar os que sofreram. Não se existir uma chance de curá-los. E pelas mutações humanas e animais parcialmente curados que Dreu nos mostrou, acredito que de fato possa haver uma chance.

Não, porém, se os responsáveis prosseguirem com as práticas empregadas até agora. Porque, apesar de muitos ex-candidatos e ex-estudantes estarem satisfeitos por trabalhar em laboratórios ajudando a descobrir uma cura, outros estão amargos e irritados, acreditando que os métodos usados estão errados, e vivendo com medo de que possam ser escolhidos como próximo material para experiência. Dreu já avisou que limitará a pesquisa a indivíduos que já sofreram mutações, e que aqueles que estiverem insatisfeitos com o trabalho atual poderão pedir transferência pra outro projeto.

Sob objeção da presidente, insisti em levar comigo dois residentes da Colônia Decatur: a irmã de Raffé, Emilie, e o irmão gêmeo de Will, Gil. Ambos foram designados pra trabalhar nos laboratórios e parecem incólumes. Tudo leva a crer que escaparam aos testes científicos. Depois de ver o que eles poderiam ter enfrentado com aquilo, fico feliz que estejam intactos. Ambos estão com os irmãos. O sorriso que vi no rosto de Will foi o mesmo que me lembro de ter visto assim que nos conhecemos. Ele e Gil trocaram brincadeiras e terminavam as frases um do outro como se nunca tivessem sido separados. Ao ver a felicidade dos dois, refreei as

perguntas que um dia farei. Sobre o doutor Barnes. Os buracos de bala. O crédito que Will me deu. Contudo, mesmo sem ouvir as respostas, posso ver a verdade quando o sorriso de Will se esvai e ele acha que ninguém está olhando. Ele está vivendo com as lembranças do que fez. Algo que seu irmão e Emilie não precisam fazer.

Todas as lembranças do tempo passado na Colônia Decatur foram removidas deles. A presidente e seus assessores acreditam que limitar a memória dos que voltam da colônia e a informação ao público sobre os estudos que vêm sendo feitos ali seja algo essencial para manter a paz. Outro segredo guardado pelo bem do nosso país. Quando reflito sobre a lógica da presidente, não consigo discordar. E, no entanto, em parte considero se algum dia poderemos realmente aprender com o que fizemos, se continuarmos a suprimir ou apagar o passado.

Mesmo assim, há uma esperança de que tenhamos aprendido alguma coisa. Na semana passada, assisti da galeria da Câmara de Debates quando a presidente Collindar manteve seu acordo com o doutor Barnes. Em pé na tribuna, dirigindo-se a uma câmara cheia e ao setor de observação, a presidente anunciou a dissolução do processo de seleção da universidade conhecido como o Teste. Os alunos atuais da universidade continuarão seus estudos sob a direção temporária do professor Douglas Lee — coordenador dos Estudos Preliminares e professor de História. Enquanto isso, a presidente e seu gabinete trabalharão em conjunto com o Departamento de Educação para criar um novo sistema de seleção para a universidade, que seja igual tanto para os estudantes de Tosu City quanto para os das colônias.

A cidade está vibrando em relação ao traidor que matou o doutor Barnes, a professora Holt, o oficial Jeffries e a professora Chen. Agora sei que apenas três deles deveriam estar mortos. Nos dias que se seguiram ao ataque e à morte do doutor Barnes, soube que a professora Chen estava pressionando por uma reavaliação do propósito do Teste e do método de seleção dos novos estudantes. Tomas e Stacia souberam da verdadeira intenção da professora Chen quando foram a sua casa. Depois que ela estava confinada, Tomas quis ir embora, mas Stacia se recusou. Matou a professora Chen à queima-roupa. Estava determinada a seguir as instruções da presidente. A presidente da Comunidade Unida era a líder de Stacia, não eu. Stacia morreu instantes depois. Tomas diz que foi em autodefesa. Não o pressionei. Talvez porque possa perceber a verdadeira resposta nas sombras que enchem seus olhos. Talvez um dia ele me conte por que matou Stacia, mas duvido. Pra ele, o que aconteceu ficou pra trás. É hora de seguir em frente.

Meu nome não foi mencionado em associação à morte do doutor Barnes ou à eliminação dos outros. Nem os de Tomas, Ian, Raffé, Stacia ou Will, embora nossos amigos do antigo grupo de estudos tenham nos ajudado a criar um marco com o símbolo que Raffé criou para homenagear Stacia. Foi colocado ao lado daquele que a professora Holt pendurou para Rawson. Um tributo adequado, espero, para uma menina que queria, acima de tudo, ser importante. Ela e eu podemos não ter concordado em muitas coisas no final, mas, de qualquer modo, ela ainda era minha amiga. Sinto saudade dela.

Graças à versão oficial dos acontecimentos dada pela presidente, posso prosseguir com a minha vida sem que ninguém saiba da missão que a presidente me deu e das escolhas que fiz. Tomas está agradecido. Imagino que eu também, embora já tenha contado a verdade para a minha família, ao redor da mesma mesa da cozinha em que aprendi a dividir e multiplicar. Vejo que meus irmãos já não me provocam com a mesma facilidade de antes. Minha mãe tenta fingir que nada mudou, mas eu a vejo me observando. Sei que ela quer que eu seja a mesma garota que saiu de casa, e tento ao máximo agir assim, mas nós duas sabemos que não sou. Meu pai é o único que realmente compreende. Talvez porque ele também tenha passado pelo Teste.

Levanto-me e olho para oeste. Vejo a distância os limites atuais da Colônia Cinco Lagos e a área não revitalizada além. Tem muita coisa boa que posso fazer aqui. Adoro estar em casa, ainda que, mais uma vez, esteja dormindo em frente à lareira, pra evitar os roncos dos meus irmãos. A magistrada Owens já me pediu ideias pra aumentar nossa comunicação com Tosu City e com as outras colônias, bem como para melhores maneiras de criar e gerir a energia da nossa colônia.

Tomas está contente porque lhe foi oferecido um lugar na equipe do meu pai. Se ele se mostrar capacitado, poderá criar uma equipe própria. O fato de ter voltado para casa o animou. Está mais parecido com o menino que conheci, antes de partir pra Tosu City. Cercado pela família, começou a se recuperar, embora eu saiba que ele também jamais esquecerá. Apesar de não termos nos formado na universidade, todos aqui nos consideram líderes. A oportunidade que nos foi oferecida de ajudar nossas colônias é exatamente aquela com a qual sonhávamos, quando esperávamos ser selecionados para o Teste. Tomas está ansioso pra começar a trabalhar com o meu pai e construir nossa vida aqui.

Sonho em ficar. Ser feliz.

Contudo, por mais que queira estar com Tomas e com a minha família, cada dia que passa me convence de que não posso. Cinco Lagos é tão maravilhosa quanto me lembrava. Eu a visitarei sempre que puder, e sempre encontrarei paz aqui. Gostaria de poder voltar para quem eu era, mas estou diferente. Esta é minha casa, mas já não pertenço a este lugar.

Apertando o Comunicador de Trânsito contra o peito, volto devagar para a cidade, onde Tomas me espera. Vou lhe dizer que preciso voltar. No entanto, ele saberá da minha escolha assim que vir o bracelete em volta do meu pulso. Este não é o caminho com que sonhei enquanto crescia, mas é o que preciso percorrer. Porque a única maneira de ter certeza de que o Teste a que tivemos de sobreviver nunca volte a acontecer não é confiar em nossos líderes. É ser um deles.

Subo a colina e vou até a praça. Tomas está parado junto à fonte que borriфа uma água efervescente e limpa no ar. Ao me ver, um sorriso pleno de amor se abre no seu rosto. Em suas mãos, há margaridas que deve ter colhido a caminho daqui. Enquanto vou até ele, sorrio de volta com amor no coração. Amanhã voltarei a Tosu City. Mudarei para um novo quarto na universidade e completarei meus estudos e meu estágio. Contarei a Brick, Naomi e Vic a

verdade por trás do que aconteceu. E quando Enzo e Raffè se recuperarem, pedirei que me ajudem a vigiar a presidente e nossos outros líderes para assegurar que nunca mais ocorra nada parecido com o Teste.

Se tiver de percorrer sozinha o caminho que escolhi, eu o farei, mas, quando a boca de Tomas se encontra com a minha, espero do fundo do coração que ele entenda a escolha que fiz e mais uma vez faça a viagem até Tosu City comigo. Porque, apesar do que aprendi e do que fiz, ainda sou a garota de Cinco Lagos que quer liderar e ajudar meu país. E ainda há muito por fazer.

Este livro foi impresso pela Rettec Gráfica  
em papel norbrite plus 66,6g